



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA**

**RUPTURA OU TRADIÇÃO? A CRÍTICA E A LITERATURA
PORTUGUESA EM “O ESTADO DE SÃO PAULO” NO PRÉ-
MODERNISMO BRASILEIRO: 1900- 1911**

Fernanda Suely Müller

Orientadora: Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes

**São Paulo
2007**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA**

**RUPTURA OU TRADIÇÃO? A CRÍTICA E A LITERATURA
PORTUGUESA EM “O ESTADO DE SÃO PAULO” NO PRÉ-
MODERNISMO BRASILEIRO: 1900- 1911**

Fernanda Suely Müller

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes

**São Paulo
2007**

Agradecimentos

À Deus, sempre guiando meu caminho, nem sempre fácil.

À minha querida e sábia Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes, pela oportunidade, pela paciência, pela firmeza, pelo carinho e pela orientação segura, principalmente nas horas mais difíceis.

À estimada Profa. Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa, por ter possibilitado os primeiros passos desta pesquisa, ainda na graduação.

Ao Prof. Dr. Helder Garmes, pela profícua colaboração no Exame de Qualificação e pelo apoio e incentivo incondicional desde que cheguei à USP.

À Profa. Dra. Aparecida de Fátima Bueno, pelo carinho e pelas valiosas sugestões feitas também no Exame de Qualificação deste trabalho.

À minha querida professora Tomiko, que enxergou meu potencial quando nem eu mesma sabia que o tinha. Sem ela, com certeza eu não teria chegado até aqui e certamente não teria me apaixonado pela Literatura Portuguesa.

À todos os meus amigos da Graduação em Letras pela Unesp-Assis que seguiram esse árduo caminho da pesquisa, especialmente no campo dos periódicos: Carlos, Tatiane, Rose, Mariana Garcia e Mariana Baldo, Leandro, Jacicarla, Renata, Kátia, Isaias, Juliana, Oluemi, Anderson e Lucila.

À todos os meus amigos e companheiros de Pós-Graduação da USP: Mônica, Ivanise, Eduardo, Luiz, Livinston, Cássia, Ana Célia, por tornarem essa longa caminhada menos penosa e mais humana.

Aos queridíssimos Adriana, Érika, Jair, Bete, Rafael, Márcio, Fabiana, Juliana, Sílvia, Gisele, Marluce e Letícia, pelo apoio e pelas palavras amigas nos momentos em que eu mais necessitei.

À FAPESP por ter apoiado e financiado minha pesquisa desde a Graduação.

À estimada Eliane, da Casa de Portugal, pela atenção com que sempre me recebeu e pelas valiosas indicações.

Ao querido professor e jornalista João Alves das Neves pela imensa colaboração.

À todos os funcionários do Departamento de Pós-Graduação/USP.

À Marlene e todos os funcionários do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp-Assis e do Arquivo Edgard Leurenroth (AEL) da Unicamp.

À minha mãe, apesar das nossas diferenças.

À minha querida família “adotiva”: “Seu” Jonas, Dona Iara e Jéssica, pela solidariedade e pelo carinho, desde sempre.

Ao meu amado Bruno, que me ensinou que a vida é feita de alguns momentos ruins e inumeráveis momentos felizes. Meu muito obrigado especial à você, pela dedicação, paciência, compreensão, segurança e por todas as coisas maravilhosas que você me proporciona.

Finalmente, à todos aqueles que contribuíram de uma forma ou de outra para que esse trabalho pudesse ser realizado, mas cujos nomes ficaram involuntariamente escondidos nos subterfúgios da memória.

A minha Pátria é a Língua Portuguesa.

Fernando Pessoa

*Um outro Portugal, elegíaco e guerreiro
se ergue colossalmente da treva opaca
do passado, irradiando nimbos de
claridade profética [...] Vão de novo
compôr Os Lusíadas, talhar fronteiras de
extensos impérios e gravar nos
duradouros bronzes comemorativos as
páginas épicas e imorredouras?*

João Grave, *O Estado de São Paulo*,
07/08/1911, p.2

SUMÁRIO

RESUMO
ABSTRACT
RIASSUNTO

ÍNDICE	8
ÍNDICE DAS TABELAS	9
ÍNDICE DAS FIGURAS	10

INTRODUÇÃO	15
-------------------	----

CAPÍTULO 1- UMA SÃO PAULO PRÉ-MODERNA	20
1.1- Antecedentes históricos	20
1.2- O Pré-Modernismo	31
1.3- A literatura, leitura, leitores e imprensa no primeiro quartel do século XX	34

CAPÍTULO 2- OS PORTUGUESES E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA	42
2.1- Considerações sobre o nascimento da Imprensa brasileira e a presença portuguesa	42
2.2- O caso paulistano: o jornal <i>O Estado de São Paulo</i> e as revistas <i>A Vida Moderna</i> e a <i>Ilustração Portuguesa</i>	50
2.3- O jornal <i>O Estado de São Paulo</i> entre 1900-1911	62
2.4- Perfil dos colaboradores luso-brasileiros no jornal (1900-1911)	64

CAPÍTULO 3- A RECEPÇÃO DA CRÍTICA E DA LITERATURA PORTUGUESA EM O ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 1900-1911: ANÁLISE DO CORPUS	84
3.1- Definição da metodologia	84
3.1.1- A Estética da Recepção	84
3.1.2- As teorias da comunicação e os veículos de comunicação de massa	93
3.2- Estatística e recorrência dos dados catalogados	103
3.3- Os portugueses <i>autores</i> e <i>objeto</i> da crítica literária	127

4- CONCLUSÃO: RUPTURA OU TRADIÇÃO?	173
---	-----

5- ANEXO: Tabela-índice das matérias catalogadas	176
---	-----

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1- UMA SÃO PAULO PRÉ-MODERNA	20
1.1- Antecedentes históricos	20
1.2- O Pré-Modernismo	31
1.3- A literatura, leitura, leitores e imprensa no primeiro quartel do século XX	34
CAPÍTULO 2- OS PORTUGUESES E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA	42
2.1- Considerações sobre o nascimento da Imprensa brasileira e a presença portuguesa	42
2.2- O caso paulistano: o jornal <i>O Estado de São Paulo</i> e as revistas <i>A Vida Moderna</i> e a <i>Ilustração Portuguesa</i>	50
2.3- O jornal <i>O Estado de São Paulo</i> entre 1900-1911	62
2.4- Perfil dos colaboradores luso-brasileiros no jornal (1900-1911)	64
CAPÍTULO 3- A RECEPÇÃO DA CRÍTICA E DA LITERATURA PORTUGUESA EM O ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 1900-1911: ANÁLISE DO CORPUS	84
3.1- Definição da metodologia	84
3.1.1- A Estética da Recepção	84
3.1.2- As teorias da comunicação e os veículos de comunicação de massa	93
3.2- Estatística e recorrência dos dados catalogados	103
3.3- Os portugueses <i>autores</i> e <i>objeto</i> da crítica literária	127
4- CONCLUSÃO: RUPTURA OU TRADIÇÃO?	173
5- ANEXO: Tabela-índice das matérias catalogadas	176
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	239

ÍNDICE DAS TABELAS E GRAFICOS

Tabela 1- Dados demográficos da população brasileira e paulistana entre 1900 a 1920	29
Gráfico 1- Tipo de Produção	108
Tabela 2 - Tipo de Produção	109
Tabela 3 e Gráfico 2- Assuntos referidos	113
Tabela 4 - Principal objeto da matéria	113
Tabela 5 e Gráfico 3- Principal objeto da matéria (mais citados)	114
Tabela 6 e Grafico 4- Produção por articulista	117
Tabela 7- Obras citadas	119
Tabela 8 e Grafico 5- Obras mais citadas	126

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1- Ex-libris do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	14
Figura 2- Fac-simile da 1a.edição do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	51
Figura 3- Sede dos jornais <i>O Estado de São Paulo</i> e <i>Correio Paulistano</i>	54
Figura 4- Capa da edição 218 da revista <i>A Vida Moderna</i>	60
Figura 5- Capa da edição de 11/02/1907 da revista <i>Ilustração Portuguesa</i>	61
Figura 6- Dr. Bettencourt Rodrigues	65
Figura 7- Eça de Queirós	69
Figura 8- Antero de Quental	70
Figura 9- Jaime Batalha Reis	71
Figura 10- Carlos Malheiro Dias	73
Figura 11- Coelho Neto	75
Figura 12- Monteiro Lobato	76
Figura 13- Oliveira Lima	80
Figura 14- Medeiros e Albuquerque	81
Figura 15- Alfredo Pujol	82

RESUMO

A dissertação “Ruptura ou tradição? A crítica e literatura portuguesa em *O Estado de São Paulo* no Pré-Modernismo brasileiro : 1900- 1911” investiga/analisa a presença da crítica e literatura portuguesa junto à sociedade brasileira e especialmente paulistana através da análise dos textos recolhidos dos arquivos do citado jornal nesse período de transição. A partir das 241 matérias que catalogamos, provenientes dos arquivos do jornal entre 1900 e 1911, realizamos um estudo analítico-interpretativo no intuito de descortinar as relações culturais luso-brasileiras neste momento de formação de identidade da cultura/literatura nacional. Neste trabalho destacamos ainda os mecanismos de manutenção do *status quo* desses valores lusitanos nas matérias do jornal, apoiando-nos sobretudo nas considerações feitas pela Estética da Recepção e nos estudos sobre os veículos de Comunicação de Massa. Para a maior parte dos críticos, o pré-modernismo brasileiro foi um momento de continuidade das poéticas europeias, em que se destaca a literatura portuguesa da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, procuramos também responder algumas questões concernentes às relações sócio-culturais entre ambos países neste momento tão representativo para a cultura nacional.

Palavras-chave: literatura portuguesa, relações luso-brasileiras, imprensa periódica, literatura comparada, jornal *O Estado de São Paulo*.

ABSTRACT

This Master's research entitled "Rupture or tradition? The criticism and the Portuguese literature in the Brazilian Pre-Modernism in the paper *O Estado de São Paulo*: 1900-1911" intended to investigate the Portuguese literature and culture on the Brazilian society through textual analysis collected from OESP' archives. As from 241 articles that we catalogued about the criticism and Portuguese literature between 1900 and 1911, we realized an analytical and interpretative study with the aim to reveal the real Portuguese and Brazilians cultural relations in this age of culture and literature arrangement. In this work we show still the maintenance mechanisms of the *status quo* from that Portuguese virtues in the paper's articles, especially from the Reception Aesthetics considerations and Mass Media studies. For a great Brazilian critics number's, the Pre-Modernism was moment of Europeans poetics continuity, that got important the Portuguese literature from XIX century. In this way, we search also to ask some questions about the social and cultural relations between both countries in this so representative moment for the national culture.

Key-words: Portuguese literature, periodic press, Portuguese and Brazilians relations, compared literature, paper *O Estado de São Paulo*.

RIASSUNTO

Questa dissertazione, intitolata “Rottura o tradizione? La critica e la letteratura portoghese nel giornale *O Estado de São Paulo* nel Pre-Modernismo brasiliano: 1900-1911” ha avuto come scopo investigare la presenza della letteratura e della coltura portoghese attraverso dell’analisi dei testi raccolti degli archivi del citato giornale. Il punto di partenza della nostra ricerca sono state le 241 materie sulla critica e letteratura portoghese raccolte degli archivi della gazeta tra 1900 e 1911. Con questo materiale, abbiamo rializzato uno studio analitico-interpretativo con l’obiettivo di rivelare le vere relazioni culturali luso-brasiliane in questo periodo di formazione della identità della coltura/letteratura nazionale. In questo lavoro stacchiamo ancora i meccanismi della manutenzione dello *status quo* di questi valori lusitani nelle materie del giornale soprattutto dalle considerazioni fatte per la Estetica della Recezione e gli studi e le teorie sui veicoli di Comunicazione di Massa. Per la maggioranza dei critichi, il Pre-Modernismo brasiliano è stato un momento della continuità delle poetiche europee, in cui si stacca la letteratura portoghese della seconda metà del Ottocento. In questo senso, abbiamo cercato di rispondere alcune questioni concernenti alle relazioni socio-culturale tra ambedue paesi in questo periodo così rappresentativo per la coltura nazionale.

Parole-chiavi: letterature portoghese, relazioni culturali luso-brasiliani, prensa periodica, letteratura paragonata, giornale *O Estado de São Paulo*.

EX-LIBRIS



N. BERNARD GREGOIRE F. 1876 JWR

O ESTADO DE S. PAULO

INTRODUÇÃO

Onde germinam idéias, floresce o discurso, a saber, as letras que são sua forma concreta, que se espalham e ao mesmo tempo se encarregam de registrar e conservar para o ensino da posteridade as ações que se tornam dignas disso pelo seu brilho ou que servem para tal fim pelo seu negrume. A história é, vós todos o sabeis, a mestra da vida na expressão latina. A língua é a condição primeira de uma literatura [...]. A literatura portuguesa promete aos que a estudarem agradáveis surpresas. É uma literatura tão abundante e variada quanto a língua é opulenta e harmoniosa. (...) (p. 1)

Oliveira Lima, *O Estado de São Paulo*, 14/02/1909, p.1

Esta dissertação teve início em meados de 2002 como projeto de Iniciação Científica quando cursava a graduação em Letras na Unesp-Assis. Inicialmente nossa proposta era a de verificar a presença da crítica/literatura portuguesa num jornal paulistano, – já que a maioria das pesquisas nesse sentido se ocupavam até então da imprensa periódica publicada no Rio de Janeiro – e de recuperar tais textos para que pudessem servir de material de consulta para outros pesquisadores. Desse modo, escolhemos o jornal *O Estado de São Paulo* (OESP) com veículo do nosso *corpus*, por se tratar de um jornal tradicionalíssimo desde a sua fundação em 1875, de fácil acesso e ainda em circulação nos dias de hoje. Além disso, ponderamos sobre a importância que o jornal destinava às letras, como a importante *Revista do Brasil* lançada pelo grupo OESP a partir de 1915, com a direção de Monteiro Lobato, e o formidável “Suplemento literário” mantido pelo jornal algumas décadas depois, nos anos 60, com a colaboração de intelectuais como Antônio Candido.

Ao considerarmos o período *Pré-Moderno* como fundamental na constituição/afirmação de uma genuína literatura brasileira que seria manifestada ardorosamente alguns anos mais tarde com a eclosão do movimento Modernista, decidimos concentrar nossos esforços de pesquisa nesse período (1900-1922), procurando observar principalmente como se daria esse diálogo entre “colônia” e

“metrópole” nesse período *pré-* ruptura e almejado desvinculamento entre a cultura e literatura brasileira e os portugueses dos elementos portugueses pelos intelectuais da *Semana* de 1922. Porém, como nosso tempo era curto, decidimos dividir arbitrariamente esse período Pré- Modernista pela metade (ou seja, 1900 a 1911 e 1912 a 1922), para que pudéssemos realizar a pesquisa em dois anos.

Desse modo, coube-me pesquisar esse primeiro período (1900-1911) e, como o material do *corpus* se revelou numeroso e interessantíssimo, decidi analisar criteriosamente tais matérias no Mestrado no intuito de apresentar hipóteses e ou teses a um consenso quanto ao tratamento dessa crítica/literatura lusitana no e pelo jornal *O Estado de São Paulo* e seu possível diálogo com os intelectuais da época.

Em vista de tudo isso, essa Dissertação teve como objetivo principal descortinar as relações sócio-culturais de Brasil e Portugal num contexto determinado (São Paulo em meados do século XX) através de um grande veículo de comunicação como *O Estado de São Paulo*. Nesse contexto de profundas revoluções culturais e sociais, procuramos evidenciar, a partir dos textos de crítica e literatura portuguesa que catalogamos na pesquisa de Iniciação Científica¹ provenientes do jornal OESP entre os anos de 1900-1911, como certo grupo que desejava interferir e intervir no imaginário cultural brasileiro objetivou resgatar e/ou reiterar a importância da literatura lusitana para a cultura nacional no Pré-Modernismo. Esse *corpus*, composto por cerca de 241 matérias que compreendem desde pequenas notas, resenhas, ensaios e até conferências literárias proferidas na época, foram veiculados principalmente nas colunas “A vida portuguesa” (1903-1906, assinada por G.S. e Visconde de S. Boaventura), “Divagações” (1907-1913, por Sílvio de Almeida) e “Crônicas portuguesas” (assinada

¹ Pesquisa financiada pela FAPESP (Processo n.º 02/10507-0) intitulada : "A recepção crítica e literária da literatura portuguesa em *O Estado de São Paulo*: 1900-1911", sob orientação da Profa. Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP- Assis)

por vários colaboradores, geralmente portugueses). Comentavam freqüentemente assuntos relacionados a grandes ícones portugueses, tais como Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Camões, Padre Vieira, Gil Vicente, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Teófilo Braga, entre outros. É relevante observar ainda que tais autores pertencem a um “cânone literário” comum aos dois países e, portanto, esse também constituiu um dos pontos de reflexão que procuramos contemplar em nossa pesquisa.

A relevância da Dissertação se justificou principalmente pelo fato de ser o referido material pesquisado inédito, até agora objeto de poucos estudos de pesquisadores brasileiros e portugueses e, sobretudo, por ser veiculado num outro tipo de produção que não é necessariamente literário o qual, justamente por isso, atingiria um maior número de leitores.

Sendo o jornal OESP um importante meio de comunicação em massa, de grande circulação e um “espelho” da sociedade, na medida em que discute os seus elementos de formação cultural (teatro, festas, literaturas), é interessante discutir a pertinência da presença da literatura e da cultura lusitanas em suas páginas quando observamos que os intelectuais brasileiros aspiravam outra coisa. Assim se impõe o questionamento: até que ponto houve a ruptura ou se manteve a tradição? À essas e outras perguntas procuramos responder com a análise crítica e minuciosa dos textos catalogados.

Investigando mais de perto a fortuna crítica do período, o que observamos é praticamente a inexistência de estudos científicos que tratem das relações literárias de Brasil e Portugal, especialmente nos periódicos paulistanos. Embora tenhamos alguns estudos esparsos centrados na presença de autores portugueses na imprensa brasileira – como é o caso, por exemplo, da pesquisa da Profa. Dra. Elza Miné, da Universidade de

São Paulo, sobre Eça de Queirós e o jornal *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro² –, na imprensa paulistana é praticamente incipiente esse tipo de estudo.

Dada a importância do jornal *O Estado de São Paulo* e o papel fundamental que a cidade de São Paulo teve no período pesquisado – seja enquanto pólo industrial, seja enquanto contexto da formação do (Pré) Modernismo – e ainda tem no país, esta Dissertação de pesquisa pretendeu preencher essa lacuna, procurando responder às questões que giram em torno da construção da identidade nacional e das reais relações luso-brasileiras no período.

No primeiro capítulo, “Uma São Paulo Pré-Moderna”, comentamos como se constituiu a vida intelectual no Brasil, a partir da vinda da Família Real em 1808, e como se deu a instauração oficial da Imprensa que colaborou significativamente para esse processo de “letramento” da população. A seguir, discorremos como se deu a transição da concentração da vida intelectual do Rio de Janeiro para São Paulo no início do século XX, palco de uma industrialização acelerada, de uma imigração intensa e de uma efervescência cultural que se torna o cenário ideal para a realização de uma *Semana da Arte Moderna* em 1922. Nesse capítulo também dissertamos sobre a definição da literatura e da sociedade *Pré-Moderna*, pano de fundo histórico do nosso *corpus*.

No segundo capítulo, tecemos importantes considerações sobre a presença portuguesa na Imprensa brasileira e paulistana, analisando sobretudo a figura portuguesa no jornal OESP, veículo do *corpus* da nossa pesquisa. No último tópico deste capítulo, elaboramos uma lista com a biografia de todos os jornalistas luso-brasileiros que escreveram sobre a crítica/literatura portuguesa no jornal e no período em questão.

² c.f. Elza Miné, *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo do século XIX*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

A justificativa sobre a metodologia utilizada, bem como a definição de cada uma delas – a Estética da Recepção e as teorias sobre os veículos de comunicação de massa – iniciam o terceiro capítulo. A seguir, explicamos os critérios que utilizamos para realizar as tabelas e os gráficos que verticalizam as informações catalogadas das 241 matérias e finalmente analisamos detalhadamente os textos mais relevantes encontrados no *corpus*, principalmente aqueles que nos esclarecem a relação que o jornal estabeleceu com a cultura, literatura e a crítica portuguesas veiculadas nele e por ele.

Após a conclusão, anexamos uma tabela-índice, na qual constam todas as principais informações sobre as matérias pesquisadas. Consta ainda deste volume um CD-Rom contendo todas as matérias digitalizadas a partir dos originais microfilmados, caso o consulente se interesse em ler na íntegra o conteúdo dos textos comentados, bem como verificar como era o jornal OESP na época pesquisada.

Capítulo 1– UMA SÃO PAULO PRÉ-MODERNA

1.1 - Antecedentes sócio-históricos

É a perda da memória, e não o culto à memória,
que nos fará prisioneiro do passado.
Paolo Portoghesi

No Brasil do início do século XX observamos que a preocupação pela definição do caráter nacional tinha ligação com as especulações estéticas e ou/ poéticas. Com a aproximação do Centenário da Independência (1922), marco histórico em que a sociedade intelectual possivelmente realizaria um balanço da nacionalidade, cresce a discussão e a publicação de obras e estudos sobre a história do Brasil, educação, sociologia, literatura e língua nacional.

No caso desses dois últimos elementos, vale notar que segundo Herder (1744-1803), em *Idéias para a filosofia da história da humanidade*, a linguagem de um povo é o traço mais genuíno do coletivo, de uma comunidade e é o elemento que melhor pode caracterizá-lo enquanto nação. Isso porque através da linguagem – produto social – os homens transmitem, justificam, explicam ou contestam o mundo e a imagem que dele fazem. Tais fundamentos, indispensáveis ao que concerne à idéia de Pátria – já que a língua é o substrato vivo de uma cultura –, foram incorporados pela poética Romântica e, não por acaso, são retomados cerca de um século depois com a polêmica sobre a relação entre língua e nação que marcou a geração modernista brasileira e a luta para a construção da nossa identidade.

Ainda se apropriando das concepções herderianas da história de que “nenhum processo acontece por acaso” e de que todo acontecimento histórico só o é na medida em que é precedido por uma série de outros fatos igualmente relevantes durante todo o curso da história, vale ressaltar que essa busca pela nacionalidade e de uma expressão

lingüística autenticamente brasileira já podia ser constatada desde meados do século XIX, conforme aponta Coutinho

A busca da nacionalidade literária; o esforço de definir o caráter brasileiro que teria a literatura no país; o encontro da ou das fórmulas para exprimir o colorido peculiar que ele assumiu; eis o centro das preocupações dos críticos, teóricos e historiadores literários a partir de 1830.³

Movidos por uma espécie de *zeitgeist* – espírito unificador do tempo – que se faz sentir nas manifestações da intelectualidade mundial em determinados espaços temporais, Gonçalves Dias e José de Alencar, por exemplo, expressaram suas teses nacionalistas (retratando a figura do índio na impossibilidade de narrar um passado medieval europeu), como fizeram Walter Scott, Heine, Musset e Garrett na Europa.

Os primeiros românticos nacionais, na tentativa de desvincular a literatura brasileira da portuguesa, utilizavam-se dessa vertente indianista do Romantismo brasileiro que exaltava o índio como legítimo representante da cor local. Apresentado como íntegro e herói em oposição à figura estrangeira do português colonizador, o nativo brasileiro é um dos principais elementos recuperados pelos Modernistas brasileiros como símbolo da almejada independência cultural em 1922. Vejamos, por exemplo, o personagem Macunaíma do livro homônimo de Mário de Andrade – síntese do que seria o verdadeiro homem brasileiro segundo a perspectiva da época.

Também no que diz respeito à outra “independência” – a política, em 1822 – é relevante recuperar os fatos que, desde o início desse século XIX, propiciaram as transformações sócio-culturais que culminaram com a Semana da Arte Moderna.

O século XIX brasileiro inaugura-se com um fato histórico que se revelará decisivo para a própria existência do país enquanto nação e como uma comunidade cultural portadora de uma literatura autônoma: a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, decorrente da iminente tomada de Lisboa pelas tropas napoleônicas.

³ Afrânio Coutinho, *A tradição afortunada*, Rio de Janeiro, J.Olympio, Edusp, 1968, p.159.

Como nova sede do governo monárquico, a cidade se beneficia das inúmeras benfeitorias promovidas pela Coroa, principalmente no âmbito cultural: surgem as academias científicas e literárias, museus, livrarias e há o fortalecimento da imprensa.

Em contrapartida, a referida transferência impõe ainda mais ao Rio de Janeiro, os valores culturais do além-mar, no intuito de reproduzir naquela localidade os costumes do Paço Real lisboeta. Tal fato suscita no povo brasileiro uma manifestação unívoca: num primeiro momento, fortalece o orgulho nacional por ter sido repentinamente transformada em sede real e, posteriormente, desperta as “consciências” críticas para o perigo que o controle político e cultural desse acontecimento poderia acarretar.

Nesse sentido, as primeiras manifestações de alerta viriam da imprensa brasileira. Instaurada sob a égide do trono português, a imprensa brasileira toma para si a tarefa de “europeizar” o Brasil (culturalmente) contribuindo de modo determinante para a formação da inteligência nacional. No sentido em que todo periódico torna-se, a partir daquele momento, centro de convergências de uma atividade – até então desenvolvida individualmente – que contribuiu para a difusão da cultura em todo o país. Em 1808, o órgão porta-voz da corte real portuguesa, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, circula pela primeira vez abrindo as sendas para que outros periódicos nacionais disseminassem a informação e a cultura – segundo o modelo europeu, lembremos – em todo o território brasileiro.

Segundo Antonio Candido,

Do ponto de vista da cultura, a presença do governo português no Brasil foi um marco histórico transformador, a partir do Rio de Janeiro, que se tornou definitivamente centro cultural do país e foco da irradiação intelectual e artística. Depois de 1808, foram permitidas as tipografias e imprimiram-se os primeiros livros, criou-se uma importante biblioteca pública, foi possível importar obras estrangeiras, abriram-se cursos e foram fundadas algumas escolas superiores.⁴

⁴ Antonio Candido, *O Romantismo no Brasil*, São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 2002, p.11.

Deste modo, com o incentivo e as condições favoráveis criadas pelo governo português desde então, nota-se um relevante desenvolvimento da intelectualidade brasileira e um “adensamento do meio cultural”⁵ corroborados pela chegada de muitos homens instruídos – brasileiros com formação no exterior, portugueses e estrangeiros em geral – vindos devidos à migração da Família Real .

Um outro aspecto importante desse período foi o sentimento de civismo, visto como uma “atualização ao apreço ilustrado pelo novo governo”. A transferência da corte para o Rio era visto com bons olhos pelos intelectuais nacionais do século XIX porque, de certa forma, atribuía ao país um certo status elevado perante o cenário mundial e, por conseqüência, dava indícios de que um almejado processo de desenvolvimento aconteceria no país a partir de então.

Esse entendimento pode ser explicado principalmente pelo crescente desejo de autonomia, que culminando no processo de Independência e toda a atmosfera de desvincilhamento que perdurou durante esse período, se refletiu nos atos e escritos desses mesmos intelectuais que pretendiam promover as reformas necessárias para civilizar e modernizar a nação, de acordo com as idéias vigentes, através da liberdade de expressão e de comércio, da educação e instrução, do fim do regime escravista, etc.

Apesar das boas intenções, muitas mudanças ainda tardariam a acontecer, como o direito à liberdade da imprensa. Ainda que tenha contribuído para a sua instauração, durante um bom tempo a imprensa apenas se restringira a publicar o que era de interesse (e autorizado) pelo governo português. Coubera então à Hipólito da Costa⁶ e ao seu

⁵ Idem, *Ibidem*, p.12

⁶ Hipólito da Costa (H. José da C. Pereira Furtado de Mendonça), jornalista nasceu na Colônia do Sacramento, atual República do Uruguai, em 13 de agosto de 1774, e faleceu em Londres, Inglaterra, em 11 de setembro de 1823. É o patrono da Cadeira n. 17 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Sílvio Romero. Fez os preparatórios em Porto Alegre e formou-se em Direito e Filosofia na Universidade de Coimbra, em 1798. No mesmo ano foi encarregado pelo ministro português, D. Rodrigo

Correio Brasiliense (1808-1822) reivindicar o direito à crítica e do exercício de uma “(...)espécie de fiscalização lúcida em relação aos atos do governo, preconizando também as medidas necessárias ao nosso desenvolvimento, inclusive o fim da escravidão e o deslocamento da capital para o interior, a fim de expandir a civilização”⁷. Costa também soubera destacar, de maneira brilhante, a importância da mudança da Corte para o Rio, que proporcionara ao Brasil uma posição de destaque e defendeu essa *união* até que país pudesse amadurecer e uma *ruptura* fosse conveniente, como de fato aconteceu em 1822.

Com a proclamação da Independência, avulta o desejo de uma autonomia literária, e a busca de uma literatura nacional e ideal para a afirmação e o fortalecimento da nação recém-fundada que permitisse reforçar o particular e o local em oposição à metrópole. Surgia, assim, a noção de que “no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação da autonomia espiritual”⁸ e nascia a estética Romântica, que encontrou na exaltação do índio, por exemplo, uma das soluções para a representação do nacional.

Contudo, a literatura estrangeirada e os *feuilleton* franceses faziam muito sucesso nas publicações periódicas da época. Ao lado dessa vertente indianista, muitos

de Sousa Coutinho, de estudar questões econômicas nos Estados Unidos, onde ficou até 1800, daí resultando o *Diário de minha viagem para Filadélfia*, só publicado em 1955. Nomeado para a Imprensa Real em 1801, fez nova viagem oficial, à Inglaterra e à França, sendo preso na volta, em 1802, passando então cerca de três anos nos cárceres da Inquisição, acusado de disseminação da maçonaria em Portugal. Fugiu em 1805, disfarçado de criado de serviços, tomando o rumo de Espanha, Gibraltar e finalmente Londres, onde se estabeleceu definitivamente. Ali, pondo-se sob a proteção do Duque de Sussex, filho do rei e maçon ele próprio, funda o *Correio Brasiliense* em 1808, o mesmo ano da criação da imprensa no Brasil. Esse jornal, pelo fato de ser editado fora do país, não passava pelo crivo da censura e circulava de forma clandestina no Brasil. A maioria dos pesquisadores que estudam a imprensa no período o consideram como o primeiro jornal brasileiro, antecedendo mesmo ao outro periódico que se imprimiu em território nacional, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de setembro de 1808). Foi a mais completa tribuna de análise e crítica da situação portuguesa e brasileira, formando uma estante de 29 grossos tomos, os quais se estendem desde 1802 a 1822, ano em que, verificando que o seu apostolado em favor da independência do Brasil estava transformado numa radiosa vitória, o jornalista julgou cumprido o seu dever, e encerrou a publicação do jornal. Faleceu pouco depois, em 1823, sem chegar a saber que fora nomeado cônsul do Império do Brasil em Londres. É o patrono da imprensa e dos estudiosos da realidade brasileira.

⁷ CANDIDO, *Op. Cit.*, p.15

⁸ *Idem, Op. Cit.*, p.20

romancistas também desenvolveram uma temática urbanista, que retratava especialmente a vida social na Corte do Rio de Janeiro da época (inspirada claramente nos modelos europeus), quase sempre em tons folhetinescos.

Com a sofisticação da sociedade e conseqüentemente da literatura, o processo de consolidação da Independência se finaliza, acarretando conflitos entre as tendências nacionalistas dos “súditos” do Imperador e a forma do governo em si. Alguns anos mais tarde, com a morte de D. João VI, o país mergulha numa crise política e D. Pedro abdica o trono brasileiro a favor de seu filho de cinco anos na tentativa de resolvê-la, em vão. Porém, é somente a partir de 1850 que o país adquire alguma estabilidade política e paulatinamente começa a libertar-se de estigmas arcaicos, como a extinção do tráfico de escravos e com investimentos modernos de várias ordens, como a construção de estradas de ferro.

Em meados de 1860, o Brasil participa da Guerra contra o Paraguai, num período que assinala o ápice e o início do declínio do regime imperial, quando o conflito termina após cinco anos. Findo esse incidente sul-americano, avultam no horizonte político e social do país duas questões decisivas para o futuro da nação: o debate sobre a abolição dos escravos e a crescente propaganda republicana que desfecharia em 1889 no destronamento do imperador e no fim da Monarquia.

De fato, a questão do negro avulta com toda a força nessa fase e provoca no meio literário uma tomada de posição na luta contra a escravidão, que repercute em toda a sociedade. Logo após o fim da Guerra do Paraguai, o governo começa a libertar gradualmente os escravos, sendo o primeiro decreto referente à libertação dos recém-nascidos (1871), seguido da libertação dos Sexagenários (1885) e finalmente da abolição do regime servil, em 1888, com a Lei Áurea.

Segundo Sodré:

A questão do elemento servil será a questão política por excelência no fim do império. Ela anunciava muito do que era novo na estrutura nacional e mostrava que o novo ganhava faixas cada vez mais amplas de opiniões e interesses.⁹

Portanto, a abolição dos escravos reflete em toda a coletividade nacional, não só porque destrói a base da oligarquia que dominava o país e era o suporte da Monarquia (que é substituída pela República em 1889), mas também pelo forte impacto que tal medida gera na economia acarretando uma enorme massa de negros desempregados que são substituídos pela mão-de-obra imigrante que começava a desembarcar no país. Alguns anos mais tarde, se verifica a ascensão crescente de uma burguesia ligada à indústria e o fortalecimento temporário do setor cafeeiro e pecuário que passa a sustentar o país, agora através desses trabalhadores assalariados estrangeiros.

Podemos notar, deste modo, que as transformações decorrentes da abolição passam a nortear os caminhos que a nação seguiria no plano político, econômico e social nesse fim de século.

Neste período de transição e de profundas transformações sociais observamos, sobretudo na última década do século XIX e os anos iniciais do século XX, divergências que, de um lado, buscavam a *Modernidade*, a renovação e a industrialização e, por outro lado, forças que primavam pela permanência de valores tradicionais como a Monarquia (talvez ainda resquício da passagem da Corte portuguesa pela cidade carioca), o cultivo da cultura e literatura européia, principalmente portuguesa e francesa, e o sustento de uma economia rural baseada em latifúndios e oligarquias.

A cidade do Rio de Janeiro, desta forma, perde sua posição de “capital” cultural do país e cede o lugar para São Paulo que passa a ser então o cenário ideal das novas transformações políticas, econômicas e sociais que delineiam o país rumo à modernidade.

⁹ Nelson Werneck Sodré, *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Graphia, 2002, p.475

Sobre as razões dessa transição, é muito interessante o que nos diz Carvalho¹⁰ sobre os perfis das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, baseado nos modelos de cidade do sociólogo Max Weber. O pesquisador faz a distinção entre as cidades *ortogenéticas* (marcadas pela função política e administrativa, tipo de cidade fundadora de nações e impérios, assinalada pela presença de um grande mercado consumidor e pela presença marcante da escravidão, onde os cidadãos constituem minoria ao lado da enorme massa de escravos) e as cidades *heterogenéticas* (caracterizada como cidade de produtores, fora do centro do poder político, com baixa ou nenhuma presença de escravos e, por não estar presa à tradição cultural das cidades políticas teria maior liberdade de criação e maior iniciativa cultural). Segundo estes perfis citadinos, o Rio seria uma cidade ortogenética, com características fortemente administrativas e, conseqüentemente, muito ligada ao poder público, com sua economia baseada no comércio e na escravidão, e São Paulo, uma cidade heterogenética, pois cresceu rapidamente com a expansão do café e com a imigração estrangeira que, acentuando o caráter burguês da cidade, financia a elite intelectual paulistana, dotada de pensamento mais *moderno* do que a *intelligentsia* carioca justamente por não estar vinculada ao governo e, tendo assim, maior liberdade de criação e expressão.

No plano político, a denominada República Velha (1894 – 1930) estabelecia-se na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, baseada na política de governadores conhecida por "café com leite". Juntamente a essa "nobreza fundiária", até então classe dominante e responsável pelas decisões políticas e econômicas no país, emergia num segundo plano matizado, atuante e válido em termos de opinião, uma burguesia industrial e incipiente no Rio e, sobretudo, em São Paulo que começava a

¹⁰ Cf. CARVALHO, José Murilo. Aspectos históricos do Pré-Modernismo. In: CARVALHO, José Murilo et alii. *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p.13 a 21 e WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

desenvolver-se. E são estes mesmos filhos da nobreza fundiária e da burguesia industrial, representantes da intelectualidade brasileira e paulistana, que produzem e publicam a literatura realizada no período (principalmente em jornais e revistas, já que os livros ainda eram pouco acessíveis ao restante da população) e, não por acaso, são também os promotores da famosa *Semana de Arte Moderna*.

Podemos dizer também que esse embate social, aliado à processos de urbanização e à vinda de imigrantes europeus em levadas cada vez maiores para o centro-sul, transforma de maneira significativa o quadro geral da sociedade brasileira e especialmente paulista. Em 1910

A cidade é outra. É um importante centro ferroviário, comercial, político, onde a indústria se esboça. A população mudou radicalmente. Não há mais escravos, os caipiras vão sumindo, chegam magotes de italianos, espanhóis, portugueses, alemães. Há uma diferenciação social muito mais acentuada, quer no sentido horizontal do aparecimento de novos grupos, e alargamento dos que já havia, quer na vertical, em que as camadas se superpõem de modo diverso, recompostas quanto ao número, a composição, os padrões de comportamento.¹¹

De acordo com dados do IBGE¹², esse era o quadro demográfico da população brasileira entre 1900-1920:

Tabela 1

ANOS	POPULAÇÃO	
	Brasileira	Paulistana
1900	17.438.434	240.000
1905	não consta	300.000
1910	23.000.000	375.000
1920	30.635.605	580.000

Ainda de acordo com os dados do IBGE, um número considerável desse contingente paulista era constituído por imigrantes, sobretudo italianos e

¹¹ Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Editora Nacional, 1976, p.75

¹² Dados Estatísticos do IBGE (corrigidos) do Anuário Estatístico do IBGE, 1990. *Apud*: GLEIZER, Raquel. As transformações da cidade de São Paulo na virada dos séculos XIX e XX. *Cadernos de História de São Paulo*. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, out.dez.1994/ago.out.1995, n. 3 e4, p.18.

portugueses. Dos 4,8 milhões de pessoas que vieram para o Brasil entre 1820 e 1949, cerca de 2,5 milhões permaneceram no estado de São Paulo. Em 1893, por exemplo, os estrangeiros representavam 54,6% da população da Capital.

Vejamos qual foi o contingente lusitano no período, por exemplo, para que possamos mensurar o impacto dessa população estrangeira na cidade. De acordo com Hall¹³

Os portugueses eram o segundo contingente de imigrantes em São Paulo (14.437 em 1893, 64.687 em 1920), até que ultrapassaram os italianos em 1940, quando seus 78.949 cidadãos formavam 6% da população da cidade. A língua comum e as semelhanças culturais parecem ter tornado os portugueses praticamente invisíveis aos historiadores. Sempre houve uma imigração significativa de portugueses para o Estado de São Paulo, por volta de 9% das entradas, mesmo durante os anos de maior predominância italiana nas duas últimas décadas do século XIX. Os portugueses entraram em maior número entre 1910 e 1914 (111.491) [...]

Mas, apesar dessas profundas transformações sociais, o conservadorismo ainda permanece forte, manifestado mormente pelos saraus bem comportados nas casas de família e pelas antigas conferências literárias, que pouco acrescentavam culturalmente.

Como já dissemos anteriormente, a literatura dessa fase pré-modernista é disseminada principalmente nas revistas e nos jornais. Na sociedade paulistana, aqui eleita como legítima representante da sociedade intelectual brasileira, emerge o jornal *O Estado de São Paulo* como um dos principais intermediadores dessa produção literária e da realidade sócio-política.

Fundamentado em bases sólidas e conservadoras, tal veículo representa perfeitamente os ideais e o pensamento da elite cultural paulistana, que sempre encontrou ecos em todo país. Desde sua fundação, o jornal foi, como já demonstra este enxerto do Editorial da própria redação do jornal, escrito em 1939 em comemoração ao

¹³ HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.132,133.

seu 64º aniversário, "(...) um centro de atividade literária. Ali se reuniam escritores e poetas. Com o passar do tempo essa feição ainda mais se acentuou" (grafia atualizada)¹⁴

1.2- O Pré-Modernismo

Os historiadores e críticos literários costumam designar como *Pré-Modernismo* todo o período literário de *intermezzo* entre as estéticas realista/naturalista/parnasianista (1890) até meados de 1920/1930, com a eclosão do Movimento Modernista.

Segundo Miceli¹⁵

A história literária adotou tal expressão com vistas a englobar um conjunto de letrados que, segundo os princípios impostos pela “ruptura” levada a cabo pelos modernistas, se colocariam fora da linhagem estética que a vitória política do modernismo entronizou como dominante.

Tal expressão, ainda hoje utilizada para nomear esse período de “intervalo”, foi utilizada pela primeira vez por Alceu Amoroso Lima¹⁶ e ainda hoje suscita entre os estudiosos dessa época reflexões que buscam traduzir qual foi o verdadeiro valor dessa literatura *pré-moderna* no contexto brasileiro.

Nesse sentido, Alfredo Bosi em *O Pré-Modernismo*¹⁷, nos diz que poderíamos tentar entender essa literatura produzida no período sob dois pontos de vista diferentes: 1) a convenção do prefixo *pré* como significante temporal de anterioridade, ou 2) atribuindo a esse mesmo prefixo um sentido forte de precedência temática e formal em relação ao Modernismo, uma espécie de anunciador das novas tendências. Para nós, importa salientar que esse segundo ponto de vista é o que nos parece mais adequado para considerar o período em questão.

¹⁴ A HISTÓRIA DE UM JORNAL . *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 de janeiro de 1939, p.1.

¹⁵ Sérgio Miceli, *Intelectuais à brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p.15

¹⁶ Alceu Amoroso Lima, *Contribuição a história do Modernismo: O Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

¹⁷ Alfredo Bosi, *O Pré-Modernismo*, São Paulo, Cultrix, s/d, p.11

Existindo, portanto, duas linhas de força tão antagônicas no mesmo momento – uma que ainda reverbera a literatura epígona do século anterior e outra que “anuncia novas tendências”, – observemos que nos diz Candido¹⁸, na primeira fase do *Pré-Modernismo* (que corresponde à primeira década do século XX): "Os escritores que aparecem entre os primeiros anos do século e o modernismo são, quase todos, epígonos"¹⁹. Já para Bosi, crítico que adota uma visão menos radical da época literária, na segunda etapa desse período (1911 - 1922), além da forte influência desse tipo de literatura epígona, ainda de raiz Realista-Naturalista e Parnasiana, observa também a influência das vanguardas européias que se manifestariam mais intensamente na Semana de 22 e o impacto da Primeira Guerra Mundial nas idéias do intelectual de início de século XX:

(...) só depois da guerra, essa literatura, que recebia estímulo de um recente passado, iria ceder aos golpes de uma radical revisão de valores. Antes do grande conflito, é sabido que vivíamos (e não só nós) ainda no século XIX, moralmente tranqüilos e assentados em convicções sociais e morais, cuja fragilidade e progressiva deterioração já na velha Europa haviam demonstrado algumas inteligências mais lúcidas ou mais agônicas

²⁰

No seu estudo em que discute a ligação entre produção literária e vida social, Antonio Candido volta-se para São Paulo e focaliza o papel das formas de sociabilidade intelectual e sua relação com a sociedade como forma de caracterizar a literatura brasileira. Dentre os momentos literários citados pelo crítico no referido estudo, destacamos o momento quatro - 1890 - 1910/1920 – em que a literatura vai caracterizar-se como manifestação "(...) de uma classe - a nova burguesia, recém formada, que

¹⁸ Antonio Candido, *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo, Editora Nacional, 1976.

¹⁹ CANDIDO, A. *Op.Cit.*, p.107

²⁰ BOSI, A. *Op Cit.*, p.14

refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizado de academicismo, decadentismo e art-nouveau." (1976, p.158). Ainda para Antonio Candido:

(...) a literatura brasileira no século XX se divide em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira em 1945 (...) sob esse ponto de vista o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é, da fase 1900 - 1922" (1976, p. 112).

Apesar de ser considerado um período epígono, que ainda conservava muitos traços da literatura até então produzida, conforme aponta Leite²¹ "(...) uma espécie de extensão dos preceitos estéticos vigentes entre 1880 e 1900" (p.168), a maioria dos críticos que pesquisam o assunto sempre o analisam sob a perspectiva de mediador ou antecipador da estética Modernista, embora haja também um consenso entre os mesmos em reconhecer a complexidade e a heterogeneidade dessa produção cultural, que requer ainda muitos estudos e contribuições.

De fato, nesse relativamente curto período *pré-moderno* concorre um leque extenso e variado de possibilidades, que abrange desde a literatura mundana e artificial, conhecida também como o *sorriso da sociedade*²², e toda estética de retomada de parnasianismo, simbolismo e romantismo até uma vertente "nacional", bem representada pela ficção e pela poesia regionalista, de razoável expressão no período. Sendo portanto um momento tão contraditório em si mesmo e pouco debatido profundamente, fica difícil entendê-lo em sua complexidade e urge, desse modo, novos estudos que se proponham a montar o "quebra-cabeças" e abranger novos aspectos relevantes para a compreensão do período, como a presente dissertação que pretende

²¹ Sylvia H.T.A Leite, *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900 - 1920)*, São Paulo, Editora Unesp, 1996.

²² Segundo Afrânio Peixoto, a literatura produzida neste período pré-moderno, sobretudo pelos membros das Academias Literárias de todo o país, poderia ser designada como "sorriso da sociedade" por expressar uma literatura fútil. De acordo com Maurício Silva, "em nenhuma outra época da história cultural brasileira, a literatura desempenhava melhor esse papel (...) Essa definição do fenômeno literário remete-nos diretamente à idéia de literatura como algo extremamente superficial, como um fato mundano destinado apenas a espelhar a vida de uma sociedade sem grandes preocupações ou desafios" (p.238). Cf. também PEIXOTO, Afrânio. *Panorama da Literatura Brasileira*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1940 e SILVA, Maurício. *O Sorriso da Sociedade: Literatura e Academicismo no Brasil na virada do século (1890-1920)*. São Paulo: FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 2001.

discutir essa mesma literatura sob a ótica da crítica e recepção literária na imprensa em um jornal importante como *O Estado de S.Paulo*.

1.3- A literatura, leitura, leitores e Imprensa no primeiro quartel do século XX

Como toda a literatura que, direta ou indiretamente, traz indelével as marcas do seu tempo, a produção literária do período exprimiu simbolicamente suas tensões.

Mais do que nunca, é nessa virada e começo de século que notamos maior popularização da leitura devido principalmente às novas formas de produção e disseminação das artes através da imprensa, revistas ilustradas, cinemas e reclames. Associadas à formação de leitores e à necessária conquista de uma parcela mais abrangente do ainda parco público leitor (através de temas e assunto de seu interesses), profissionais desse novo mercado literário que surgia, como Monteiro Lobato, viram a necessidade de reordenação na concepção e na realização do fazer literário que apenas tornou viável e possível um mercado das letras “de fato” na década de 20.

Quanto ao índice de leitores, nos informa Antonio Candido:

Os analfabetos eram no Brasil, em 1890, cerca de 84%; em 1920 passaram a 75%; em 1940 eram 57% da população. A possibilidade de leitura aumentou pois, consideravelmente (...), e com ela, o número relativo de leitores, gerando novos laços entre escritor e público, com uma tendência crescente para a redução dos laços que antes o prendiam (o escritor) aos grupos restritos de diletantes e conhecedores.²³

No que diz respeito à situação paulista acrescenta Del Fiorentino:

(...) no Estado de São Paulo, o índice (de iletrados) era de 70%, enquanto sua capital ostentava 42% de iletrados. Contava-se, portanto, no interior do Estado com uma população letrada de

²³ Antonio Candido, *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo, Editora Nacional, 1976, p.137.

apenas 30% e na cidade de São Paulo com uma potencialidade de leitores avaliada em 58% dos seus habitantes.²⁴

Deste modo, como podemos notar, o índice de analfabetismo no Brasil e especialmente em São Paulo era muito grande e constituía um verdadeiro obstáculo para a constituição de um contingente de leitores e conseqüentemente consumidores de uma produção literária.

Muito importante, nesse sentido, o estudo de Cruz, que em sua Tese de Doutorado²⁵ se propôs a desvendar a formação desse público leitor na cidade de São Paulo entre 1890 a 1915 e sobretudo o papel que teve a imprensa periódica nesse processo, uma vez que os livros eram quase sempre “artigos de luxo” até mesmo para as classes mais abastadas.

Segundo a pesquisadora

Sufocado pelas altas taxas sobre a importação de papel, restrito a um pequeno público de gosto e traquejo letrado, (...) até o pós-guerra, o livro permaneceria entre nós como artigo de importação. Na mesma época, diferentemente do livro, a imprensa periódica experimenta um verdadeiro *boom*. A cidade intromete-se na imprensa. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporadas às formas e conteúdos das publicações; o processo social que transforma a cidade passa também a configurar as suas publicações. De financiamento relativamente barato e feitura simples, essas publicações democratizaram o acesso à cultura impressa. (p.65)²⁶

Assim, no processo da redefinição da cultura letrada, a imprensa periódica assume papel fundamental, funcionando como suporte aglutinador e veículo de construção da visibilidade pública de inúmeras práticas culturais. A imprensa

²⁴ Terezinha Del Fiorentino, *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900 – 1920)*, São Paulo, Hucitec, Secretaria do Estado da Cultura, 1982, p. 3 e 4

²⁵ CRUZ, Heloísa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: Cultura letrada, Periodismo e Vida Urbana (São Paulo – 1890-1915)*. São Paulo: FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 1994. A pesquisadora ainda realizou um outro estudo muito interessante sobre o período, que organiza em um catálogo toda a produção periódica que circulou em São Paulo entre 1870 a 1930. Cf. _____. (org) *São Paulo em Revista: Catálogo de publicações de Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana (1870-1930)*. São Paulo: CEDIC-PUC-SP; Arquivo do Estado, 1997.

²⁶ CRUZ, Heloísa de Faria. *Idem*, p.65

tipográfica, representada principalmente por pequenas folhas e revistas, seria adotada como veículo de parte significativa das associações culturais informais que proliferaram no período.

Alguns intelectuais e escritores contemporâneos a esse processo, ao reconhecer a supremacia do jornalismo, tendem a destacar o menor preço dos jornais e revistas como elemento explicativo fundamental do sucesso do periodismo na época.²⁷

Acompanhar esse processo de constituição da imprensa como momento cultural da vida urbana da cidade de São Paulo desperta, no entanto, outras perspectivas. A agilidade da imprensa, seu caráter mais aberto e popular a transformaram em um campo muito mais propício à renovação da cultura letrada do que a produção ficcional. No espaço da imprensa, com a intromissão de “escritas” e olhares de setores e grupos sociais anteriormente alheios aos seus códigos, a cultura letrada tradicional teve que enfrentar, no seio da imprensa, inúmeros desafios, tais como a perda do *status quo* da disseminação do conhecimento, uma vez que os jornais e revistas passam a desempenhar esse papel porque eram infinitamente mais baratos e acessíveis que os livros.

Nesse espaço democrático, onde figuravam desde folhas políticas, anarquistas, literárias, estrangeiras (realizadas por e para imigrantes que aqui chegavam e que acompanhavam esse processo) até publicações femininas que começavam ganhar algum destaque, desenhava-se o esboço da metrópole já com vocação para a diversidade.

Os materiais pioneiros da difusão da palavra impressa do periodismo em São Paulo, a partir de 1875, foram: folhinhas de toda a sorte, opúsculos, almanaques, revistas e jornais de todo o tipo (diários, *domingueiros*, semanais, literários, políticos), fundamentais para a difusão da cultura impressa no período, como já citamos. Essas

²⁷ Cf. DEL FIORENTINO, *Op. Cit.*, p. 9 a 42

publicações, na maioria das vezes, apareciam e desapareciam com a mesma velocidade, como aponta Cruz: “nas duas últimas décadas do século XIX, vieram a público mais de 600 publicações paulistanas, o quántuplo das quatro décadas anteriores”²⁸ e apenas algumas empresas conseguiam arcar com os altos custos de sua produção e manter a continuidade, a qualidade e a tiragem, pois o mercado periódico, ainda que fosse mais popular e promissor do que o livro, também dependia de materiais importados que encareciam sua produção e dificultavam a manutenção das publicações. Apenas alguns jornais de grande porte, como o *Correio Paulistano* (fundado em 1854), o *Diário de São Paulo* (1865), o *Diário Popular* (1884) e *A Província de São Paulo* (1875, mais tarde *O Estado de S.Paulo*), conseguiram manter por anos a fio suas edições diárias e, destes, apenas *O Estado de S.Paulo*²⁹ subsiste até hoje.

A imprensa diversifica-se chegando ao público através de um grande número de publicações das mais variadas modalidades. A imprensa diária vivencia um momento importante de seu processo de afirmação. Tendo como exemplo mais bem sucedido *O Estado de S.Paulo* que, de 4 mil exemplares em 1888, passa a uma tiragem diária de 35 mil exemplares por volta de 1913, os jornais diários, através da expansão de suas tiragens, acompanham o salto populacional da cidade.³⁰

Poucos grupos editoriais passam, portanto, a ser responsáveis pela grande maioria dos periódicos lidos na cidade. Submetendo o jornalismo a novas formas de controle, diminuindo a presença dos gráficos na definição das formas e conteúdos dos novos veículos, obedecendo cada vez mais aos ditames de uma linha editorial e ao poder dos anunciantes (que fomentavam de forma significativa esse processo em

²⁸ CRUZ, *Op. Cit.*, 1994, p.78.

²⁹ No capítulo seguinte esmiuçaremos todo o processo de formação do jornal e, principalmente, o papel dos redatores portugueses que fundaram e trabalharam na referida gazeta.

³⁰ CRUZ, *Op.Cit.*, 1994, p.78. Sobre esse assunto, confira também: FREITAS, Affonso de A. *A imprensa periódica de São Paulo: dos seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1915 e o artigo de DUARTE, Paulo. 127 anos de imprensa paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 jan.1954. Suplemento do IV centenário, p.84), que também discutem os processos de formação da imprensa paulistana e apontam os principais jornais e revistas que surgiram na época.

expansão), roubando o público das folhas domingueiras, dos pequenos jornais de bairro e associações, incorporando e rearticulando interesses e tradições por eles formulados, algumas poucas empresas jornalísticas agora projetam sobre a cidade a *sua* própria leitura de vida urbana.

A partir do final da segunda década de sua fundação, o grupo d'*O Estado de S.Paulo* consolida-se: além de publicar o diário matutino de maior vendagem no Estado, assume uma edição da tarde, *O Estadinho*, e lança as revistas *A Vida Moderna* (1909-1924) e a *Revista do Brasil* (1916, com a direção de Monteiro Lobato). Sua seção de obras assume importância editorial, tornando-se responsável pela confecção de muitas publicações dos mais variados gêneros que vêm à público no período.

Todavia, quem eram os jornalistas e os responsáveis pelas publicações de tantos periódicos? E qual a relação da literatura e escritores com essas revistas, jornais, e almanaques que surgiram no período?

Como já vimos, o mercado editorial brasileiro até a década de 20 era praticamente inexistente. Assim, muitos escritores da época, para complementarem a renda familiar, passam a colaborar diariamente em tais periódicos, contribuindo também para a difusão de uma literatura que dificilmente seria lida se fosse publicada apenas em livros. Conforme aponta Miceli

No início do século XX, o jornalismo tornara-se um ofício compatível com o status de escritor. *O Jornal do Comércio* pagava trinta, cinquenta e até sessenta mil-réis pela colaboração literária, o mesmo fazia o *Correio da Manhã*; em 1907, Bilac e Medeiros e Albuquerque recebiam salários mensais “decentes” pelas crônicas que publicavam, respectivamente, na *Gazeta de Notícias* e em *O País*. O que fora para alguns autores românticos (por exemplo, Alencar e Macedo) uma atividade e uma prática “tolerada”, tornando-se depois para certos escritores da geração de 1870 (por exemplo, Machado de Assis) uma atividade regular, que lhes proporcionava uma renda suplementar cada vez mais indispensável [...] De fato, o aparecimento de diversos jornais na capital e na província, as inovações técnicas que transformavam os métodos de impressão, o crescimento das tiragens, a rapidez da distribuição, o

surgimento de uma nova categoria de jornalistas profissionais – em especial, os caricaturistas e ilustradores –, a introdução de novas seções de “entretenimento” e de novas fórmulas no tratamento da informação [...] ³¹

A prática dessa dupla função de escritor-jornalista era observada já há algum tempo na imprensa brasileira, mas é somente nesse período *Pré-Moderno* que essa atividade se oficializa e institui a profissionalização do escritor. A contribuição regular aos jornais e revistas proporcionavam ao profissional uma certa segurança financeira e contribuía também para o (re) conhecimento do autor perante a sociedade.³²

Segundo Silva,

Era todo um aparato editorial, composto principalmente por grandes jornais e revista que publicava romances, poemas, crônicas, contos e novelas, por meio dos quais o autor se tornava mais conhecido do público, adquirindo assim maior prestígio social, o que, não raramente, se traduzia numa mais larga recepção de sua produção artística. A imprensa, evidentemente, também ganhava com esse processo, já que a incorporação de nomes bem aceitos pelo público leitor ao seu corpo de redatores significava expressamente maior vendagem, logo o alargamento da margem de lucro. Por isso, não se importava em servir de palanque artístico ou político para muitos acadêmicos, desde que isso pudesse reverter em benefícios específicos para ambos os lados (p.91)

A absorção desses homens de letras pelos *media* da época, sobretudo pelo jornalismo, refletiu-se tanto na produção artística quanto nas formas de recepção do texto literário, de acordo com Passiani³³. Os novos textos produzidos passam a incorporar elementos coloquiais da língua, tornando-se mais facilmente inteligíveis; o ritmo do texto literário torna-se mais rápido e mais curto; a crônica, por exemplo,

³¹ Sérgio Miceli, *Intelectuais à brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p.54.

³² Em sua tese de Doutorado, Mauricio Silva (*Op. Cit.*, 2001) nos informa que, no âmbito do Academicismo, ou seja, da literatura praticada por e para os escritores pertencentes à alguma Academia Literária da época - que conferia um certo *status* refinado aos seus membros -, esse tipo de jornalismo, praticado na maioria das vezes por eles mesmos, lhes conferia outro *status* de mão-dupla: “ao mesmo tempo em que consagra o escritor acadêmico, o que seria imprescindível para a própria vigência estética do período, atua no sentido inverso, desvalorizando esteticamente esse escritor e, conseqüentemente, assinalando uma vindoura época de decadência do academicismo literário”(p.91), sobretudo no Rio de Janeiro.

³³ Ênio Passiani, *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*, Bauru: EDUSC, 2002, p.47.

peculiar a linguagem jornalística, passa a ser utilizada como forma literária, como fez freqüentemente Lima Barreto. Notamos, assim, nesse contexto que é também o do Pré-Modernismo, algumas inovações que marcam os textos da imprensa nessa época e que, sabemos, serão retomadas e expandidas pelos autores da Semana de 22. Ainda para Passiani:

Os literatos que quisessem manter ou aumentar seu público leitor, teriam de acompanhar as mudanças técnicas incorporando-as em seus próprios textos. O leitor, pois, está virtualmente presente no texto literário; é diretamente com ele que boa parte dos escritores da época dialogam: a proximidade entre escritor e leitor é, a partir de então, bem maior. (*Op. Cit*, 2002, p.47)

Paralela à publicação de poemas, crônicas, contos, romances e novelas (esses dois últimos geralmente sob a forma de folhetim), a imprensa também disponibilizava um certo espaço à crítica literária e teatral que abrangia, principalmente, literaturas estrangeiras (como a portuguesa e francesa, por exemplo) como foi o caso do jornal *O Estado de São Paulo*, gazeta que sempre dedicara um espaço considerável de divulgação da vida cultural da cidade em suas páginas, especialmente através da divulgação de espetáculos teatrais e saraus literários.

Consoante ao momento heterogêneo por qual passava nossa sociedade e literatura, o jornal tanto publicava textos/e ou crítica relacionada à literatura epígona ainda vigente, conforme dissemos, quanto abria espaços para a divulgação da nova tendência regionalista, por exemplo, e publicava regularmente textos de Valdomiro Silveira, um autor brasileiro que se destacou na época pela sua literatura regionalista, e de Euclides da Cunha, que integrou por um bom tempo a redação do jornal para cobrir a Revolta de Canudos no sertão da Bahia. Mais tarde Euclides, ao escrever *Os Sertões*, baseado nas suas experiências como correspondente do jornal, consagra-se escritor e alça seu nome aos grandes expoentes brasileiros do período.

Ainda que fosse infinitamente maior a presença da literatura epígona (sobretudo portuguesa) nas páginas do OESP, como veremos melhor adiante, é relevante estudar a abordagem, a crítica e a literatura publicada ao longo dos anos nesse periódico, que reflete de sobremaneira a vida cultural da cidade e, porque não, o pensamento dessa elite letrada que consumia o jornal e a produção periódica da época. De acordo com Cruz: “No âmbito da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e difusão de seus projetos e produtos.”³⁴

Vemos, portanto, que desde que a imprensa surgiu no Brasil, ainda século XIX, com a vinda da família real, ela sempre cumpriu um importante papel como foco de reflexão e de transformação cultural – entendida no seu sentido mais amplo, isto é, desde formação de leitores e da democratização do acesso à cultura letrada até a sua constituição como centro de discussão e difusão de novos ideais políticos, sociais e econômicos.

Capítulo 2 – OS PORTUGUESES E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA

2.1 – Considerações sobre o nascimento da Imprensa brasileira e a presença portuguesa

A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que sonegam ou roubam, percebe onde lhe alvejam ou nodoam, mede o que lhe cerceiam ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que lhe ameaça.
Rui Barbosa (1849-1923), *A Imprensa e o Dever da Verdade*

O nascimento de uma “imprensa periódica” no Brasil está ligada sobremaneira à existência de uma cultura dominante e à vinda da corte portuguesa em 1808, como já é

³⁴ CRUZ, *Op. Cit.*, 1994, p.71

de conhecimento dos pesquisadores que se ocupam da produção periódica brasileira produzida a partir de então. No entanto, é ainda pouco divulgada a importância desses portugueses nas gazetas do Brasil, uma vez que o assunto é precariamente estudado.

Oficialmente, o primeiro jornal do Brasil (isto é, produzido no país) é a *Gazeta do Rio de Janeiro*, dirigido por Frei Tibúrcio José da Rocha e lançado em 10 de setembro de 1808. O jornal, que a princípio saía duas vezes por semana, tinha quatro páginas e não era dividido em colunas. Limitava-se a informar ao público o estado de saúde dos príncipes da Europa, publicando, às vezes, alguns documentos de ofício, odes, panegíricos e aniversários da família reinante. Só em 1811 passou a ser impresso em duas colunas e, em 1821, a sair três vezes por semana com oito páginas. Depois de passar por várias direções e denominações, sempre com caráter oficial, tornou-se, em 1º de janeiro de 1892, o *Diário Oficial* que conhecemos até hoje.

Extra-oficialmente, já circulava no país um outro jornal que, apesar de produzido em Londres, era feito por e para brasileiros, o que torna seu pioneirismo na imprensa brasileira discutível. Tal jornal, intitulado *O Correio Brasiliense*, foi fundado, dirigido e redigido por Hipólito José da Costa, da Inglaterra, onde se encontrava fugido dos cárceres da Inquisição Portuguesa. O *Correio* era uma brochura de 140 páginas; mensal e doutrinário, tinha a “finalidade de preparar o Brasil para as instituições liberais”. Desde o primeiro dia de junho de 1808 até 1820, foi apreendido muitas vezes, pois não se submetia a nenhuma censura do governo português. De 1820 a 1822, ainda sem muita censura, circulou livremente, até encerrar suas atividades com o advento da Independência.

O segundo jornal editado no Brasil surgiu na Bahia, em 1811: era o *Idade d'Ouro do Brasil*³⁵, também com quatro páginas e periodicidade bissetimanal. Sua

³⁵ Cf. Maria Beatriz Nizza da Silva, *A primeira gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil*, São Paulo, Cultrix, 1978.

primeira impressão data de 14 de maio de 1811 e sua circulação perdurou até 1823, pelo menos. O jornal foi uma iniciativa de Conde dos Arcos e do comerciante português Manoel Antônio da Silva; era redigido inicialmente por Gonçalo Vicente Portela (1812) e depois pelo padre Ignácio José de Macedo (1816) e, apesar de pretender-se isento, durante os seus 12 anos de vida, defendeu abertamente o domínio português. Em 1812 surge também aquela que foi considerada a primeira revista literária do país, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, cuja direção é atribuída ao bacharel emigrado Diogo Soares da Silva Bivar ³⁶ que, além de Magistrado, fora jornalista, crítico e escritor.

A cidade do Rio de Janeiro, tendo sido escolhida pelo governo português para sediar a nova capital do Reino, começa a desenvolver uma significativa vida cultural a partir de 1808. Portanto, é natural o fato de ter sido a cidade onde mais a imprensa periódica se destacou com o fomento de muitos homens ilustres da época, dentre os quais um grande número de portugueses.

Entre junho de 1821 e dezembro de 1822, cerca de 20 periódicos surgiram no Rio de Janeiro, dos quais um dos mais importantes foi o *Diário do Rio de Janeiro*, fundado pelo português Zeferino Vitor de Meireles e já apresentando algumas características do jornal moderno de informações. Publicava anúncios e notícias sobre furtos, assassinios, espetáculos, compra, venda, achado, aluguéis, etc; em contrapartida,

³⁶ Diogo Soares da Silva Bivar, nascido em Abrantes (Portugal) em 6 de fevereiro de 1785 e falecido no Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1865, foi formado em Direito em Coimbra e foi inspetor da Plantação das Amoreiras, diretor da Fiação e Tecidos dos Bichos da Seda de Abrantes e administrador dos Tabacos na Comarca. Por ter colaborado com o invasor francês Junot (que o comprou com o cargo de Juiz De Fora de Abrantes), Diogo fora condenado ao degredo em Moçambique, mas conseguiu fixar-se na Bahia por intermédio do governador da capitania, D. Marcos de Noronha e Brito, 8 ° conde de Arcos. Também participara da redação de *A Idade d'Ouro do Brasil*. Casou-se com a brasileira Violante de Lima e mais tarde mudou-se para o Rio de Janeiro. Maçônico, defendeu a independência do Brasil. Advogado, foi ainda um dos juízes do “Conselho de Jurados por excessos da liberdade da imprensa” (1825/26) tendo exercido outros importantes cargos oficiais, além de lente de Direito Mercantil e de inspetor de Aula do Comércio. Um de seus filhos foi diretor do jornal *A Regeneração* e a filha Violante é apontada como a primeira jornalista brasileira por ter dirigido o *Jornal das Senhoras* (1852-1855). Cf. Hélio Vianna, *Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869)*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, em que o historiador elenca meticulosamente os trabalhos de várias ordens publicados por esse jornalista pioneiro.

distanciava-se tanto da notícia que não noticiou nem a proclamação da Independência. O *Diário* circulou até 1878. O jornal de maior importância política deste período foi o *Revérbero Constitucional Fluminense*, dirigido e escrito por Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa. Durou de 15 de setembro de 1821 a 8 de outubro de 1822, com 48 números regulares e três extras. Além dos artigos doutrinários, publicava notícias dos jornais de Londres, Paris, Lisboa e transcrevia artigos do *Correio Brasiliense*. Grande defensor das idéias de emancipação, o *Reverbero* foi porta-voz da facção democrática das lojas maçônicas.³⁷

Ainda neste contexto, poderíamos citar a participação de peso que tiveram outros portugueses na Imprensa, incluindo o próprio D. Pedro I³⁸. A ampla e irrefutável

³⁷ Para mais informações, cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

³⁸ Dom Pedro I - Imperador do Brasil e Rei de Portugal - nasceu em Lisboa no dia 12 de Outubro de 1798. Herdeiro da coroa portuguesa em 1801, era filho de D. João VI e de D. Carlota Joaquina. Veio para o Brasil quando contava apenas com 9 anos de idade. Em março de 1816, com a elevação de seu pai a rei de Portugal, recebeu o título de príncipe real e herdeiro do trono em virtude da morte do irmão mais velho, Antônio. No mesmo ano casou-se com Carolina Josefa Leopoldina, arquiduquesa da Áustria. A família real retornou à Europa em 26 de abril de 1821, ficando D. Pedro como Príncipe Regente do Brasil. A corte de Lisboa despachou então um decreto exigindo que o Príncipe retornasse a Portugal. Essa decisão provocou um grande desagrado popular e D. Pedro resolveu permanecer no Brasil. Isso desagradou às Cortes Portuguesas que, em vingança, suspenderam o pagamento de seus rendimentos. Mesmo assim resistiu, naquele que ficou conhecido como o "Dia do Fico" (09/01/1822). Com a popularidade cada vez mais em alta, quando ia de Santos para a capital paulista, recebeu uma correspondência de Portugal, comunicando que fora rebaixado da condição de regente a mero delegado das cortes de Lisboa. Revoltado, ali mesmo, em 7 de setembro de 1822, junto ao riacho do Ipiranga, o herdeiro de D. João VI resolveu romper definitivamente contra a autoridade paterna e declarou a independência do Império do Brasil, pondo fim aos últimos vínculos políticos entre Brasil e Portugal. De volta ao Rio de Janeiro, foi proclamado, sagrado e coroado imperador e defensor perpétuo do Brasil. Impulsivo e contraditório, logo abandonou as próprias idéias liberais, dissolveu a Assembléia Constituinte, demitiu José Bonifácio e criou o Conselho de Estado que elaborou a Constituição (1824). Em meio a dificuldades financeiras e várias e desgastantes rebeliões localizadas, instalou a Câmara e o Senado vitalício (1826). Porém, um fato provocou desconforto geral e o seu declínio político no Brasil. Com a morte de D. João VI, decidiu contrariar as restrições da constituição brasileira, que ele próprio aprovara, e assumir como herdeiro do trono português, o poder em Lisboa como Pedro IV, 27º rei de Portugal. Foi a Portugal e, constitucionalmente não podendo ficar com as duas coroas, instalou no trono a filha primogênita, Maria da Glória - então com sete anos - como Maria II, e nomeou regente seu irmão, Dom Miguel. Contudo, sua indecisão entre o Brasil e Portugal contribuiu para minar a popularidade e, somando-se a isto o fracasso militar na Guerra da Cisplatina (1825-1827), os constantes atritos com a Assembléia, o seu relacionamento extraconjugal (1822-1829) com Domitila de Castro Canto e Melo - a quem fez viscondessa e depois marquesa de Santos -, o constante declínio de seu prestígio e a crise provocada pela dissolução do gabinete, após quase nove anos como Imperador do Brasil, abdicou do trono em favor de seu filho Pedro (1830) então com cinco anos de idade. Voltando a Portugal, com o título de duque de Bragança, assumiu a liderança da luta para restituir à filha Maria da Glória o trono português, que havia sido usurpado pelo irmão, Dom Miguel, travando uma guerra civil que durou mais de dois anos. Inicialmente criou uma força expedicionária nos Açores (1832), invadiu Portugal, derrotou o irmão

documentação reunida por Hélio Vianna³⁹ reforça a idéia de que o futuro imperador e rei fora um inveterado jornalista planfetério, de acordo com os manuscritos hoje guardados no Arquivo da Família Imperial Brasileira, que ficou por largos anos no Castelo d'Eu (França) para onde foram levados após a implantação da República Brasileira em 1889. Mais tarde, tais documentos voltaram ao Brasil onde se encontram atualmente, no Museu Imperial de Petrópolis, podendo finalmente ser estudados e analisados pelos pesquisadores. Segundo Vianna, o real jornalista redigia desde folhetos isolados até artigos panfletários no jornal. Seu primeiro pseudônimo teria sido “Simplício Maria das Necessidades, sacristão da Freguesia de São João do Itaboraí”, com o qual assinou o folheto de 21/01/1822, a propósito dos incidentes relacionados com o “Fico”, quando a corte de Lisboa o mandou regressar a Portugal. Além de “Sacristão”, D. Pedro valera-se de outros pseudônimos, como “O inimigo dos marotos” (os portugueses seriam esses marotos), “Piolho viajante”, “O anglo-maníaco e, por isso, constitucional puro”, “O Espreita”, “o Ultra-brasileiro”, “O Filantropo”, “O Derrete chumbo a cacete”, etc. Esclarece ainda Hélio Vianna que D. Pedro utilizava a pena como o instrumento para flagelar os adversários: “sem dó nem piedade, cáustico, irreverente, escrevendo as verdades abertamente, citando nomes e fatos, doesse a quem doesse”⁴⁰.

Por muito tempo, foi atribuído a Francisco Gomes da Silva, vulgo Chalaça e secretário de D. Pedro I, a verdadeira autoria dos artigos. Hélio Vianna⁴¹ nos informa que, na verdade, ambos foram jornalistas e, acima de tudo, panfletários. De fato,

usurpador e propôs um governo intermediário entre o Absolutismo e o Constitucionalismo. No entanto, voltara tuberculoso da campanha e morreu no palácio de Queluz, na mesma sala onde nascera, com apenas 36 anos de idade, em 24 de setembro de 1834. Foi sepultado no panteão de São Vicente de Fora como simples general, e não como rei. No sesquicentenário da Independência do Brasil (1972), seus restos mortais foram trazidos para a cripta do monumento do Ipiranga, em São Paulo.

³⁹ Hélio Vianna, *D. Pedro I, jornalista*, São Paulo, Melhoramentos, 1967.

⁴⁰ Hélio Vianna, *D. Pedro I, jornalista*, São Paulo, Melhoramentos, 1967.

⁴¹ *Op. Citata*, 1967.

Chalça escrevera nos jornais *O Espelho*, *Diário Fluminense*, *Diário do Governo* e *Gazeta do Brasil*. Porém, como ressalta Vianna, o príncipe regente e o imperador D. Pedro I, ao contrário dos governantes que chamam outros para divulgar as suas idéias, “quando eles as têm”, e “preferiu ser, ele próprio, seu panfletário e periodista, neste caso como encoberto colaborador missivista de jornais cariocas do seu tempo”, (p.49) sempre contando com o constante auxílio do dedicado secretário particular e oficial do gabinete, conselheiro Francisco Gomes da Silva.

A atividade jornalística do Imperador às vezes, porém, se tornava tão importuna para a política vigente que, em certa ocasião, o principal ministro da Monarquia Brasileira, o marquês de Barbacena, obteve de D. Pedro a promessa de que ele não escreveria mais para as gazetas brasileiras. Contudo, não podemos afirmar que o Imperador tenha de fato se silenciado, uma vez que as informações sigilosas do Palácio Real não tardavam nunca em aparecer em letra impressa, como no jornal *Moderador*, cujo redator, o francês Henri Plasson, era amigo pessoal daquele. Desse modo, conclui Vianna:

D. Pedro, como se vê, jornalista veterano, apesar de sempre encoberto por pseudônimos, sabia o que valia a Imprensa para a formação da opinião pública e, assim, aqui o deixamos, esperando ter demonstrado que foi publicista dos mais ativos, conquanto até agora dos menos conhecidos da nossa história (p.53)

Nesse período agitado que precedeu a Independência é difícil aos historiadores traçar um quadro preciso da imprensa brasileira, já que os jornais apareciam e desapareciam rapidamente. De 1823 até 1889, surgiram no Brasil cerca de 340 jornais e já em 1831, o *Beija-flor*, numa análise dos progressos da imprensa da época, calculava que mais de 200 diretores, compositores, impressores e distribuidores eram empregados e sustentados pelas 54 publicações existentes.

De grande importância foi também o ano de 1827, quando apareceram o *Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga; o *Jornal do Comércio*, que circula até hoje, e o *Farol Paulistano*, primeiro jornal impresso em São Paulo. Evaristo da Veiga defendeu a Constituição e manteve uma posição de equilíbrio em meio ao jornalismo panfletário da época; *O Farol* foi fundado por José da Costa Carvalho, que levou para São Paulo o médico italiano Líbero Badaró, tornado célebre pela luta pela liberdade, travada no *Observador Constitucional*, jornal que lançou algum tempo depois. O tipógrafo Pierre Plancher fez do *Jornal do Comércio*, que fundou, um jornal de informações sobre utilidades e anúncios, além de integrado aos episódios políticos da época.

Com o advento do império, cessado o quadro de turbulência política, o jornalismo entra numa fase predominantemente cultural, abrigando homens de letras em centenas de publicações literárias e acadêmicas. A 3 de dezembro de 1870 começa a circular na corte *A República*, órgão do Partido Republicano Brasileiro, tendo como principais redatores Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Luís Barbosa da Silva. Em 1871 passou a diário, com uma tiragem de 10 mil exemplares; fazia sorteios com prêmios, promoveu campanha para um monumento a Tiradentes e pregava a separação entre o Estado e a Igreja. Nos anos seguintes multiplicaram-se os jornais republicanos e abolicionistas. Em 1874, era instalada no Rio a primeira agência telegráfica, a *Reuter-Havas*, cujos telegramas foram pela primeira vez reproduzidos pelo *Jornal do Comércio*, em 1877. Durante 71 anos essa agência funcionou no Brasil, até ser transformada na *France Presse*.

Ao lermos, porém, *A história da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré⁴², obra de referência e considerada como uma das mais completas no âmbito dos estudos da história jornalística brasileira, pouco saberemos da participação dos

⁴² Nelson Werneck Sodré, *A história da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

portugueses na nossa imprensa. No capítulo sobre “Imprensa e literatura”, por exemplo, Sodré nos informa que, no final do século XIX, “entre os principais jornais que dão destaques às letras alinham-se, principalmente, o *Diário Mercantil de São Paulo*” (p.542), mas não esclarece que o jornal era dirigido pelo português Gaspar da Silva, que foi também uma figura atuante no jornal *O Estado de S. Paulo*, conforme constatamos em nossa pesquisa. E, ao se referir ao *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, menciona a importante participação de jornalistas como João Luso, Cândido de Figueiredo, Justino de Montalvão, José Maria de Alpoim, visconde de Santo Tirso sem, no entanto, nada aludir, à nacionalidade dos jornalistas, e ainda, não faz qualquer menção à participação dos portugueses na *Gazeta de Notícias*⁴³ que constitui um outro episódio à parte.

Proclamada a República, continuaram a circular os principais jornais anteriores: *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias*, o *Correio Paulistano*, *O País*, a *Gazeta da Tarde*, o *Diário de Notícias* e a *Tribuna Liberal*. O movimento pela República e pela abolição propiciou o surgimento de grandes jornalistas, dentre os quais Quintino Bocaiúva, a figura mais importante do jornalismo republicano, Joaquim Serra, precursor da imprensa política moderna, além de Luís Gama, Rangel Pestana e Júlio Mesquita em São Paulo. Estes dois últimos, primeiros redatores do jornal *O Estado de São Paulo*, também tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da imprensa periódica paulistana e para o fortalecimento dos ideais republicanos na capital paulistana. Outra grande característica do jornalismo desse fim de século é a presença de escritores e poetas na imprensa, que tende a se confundir com a literatura. Quase todos os homens de letras da época começaram nos jornais ou passaram por eles: Machado de Assis,

⁴³ Cf. NEVES, João Alves das. Os portugueses na Imprensa brasileira. In: _____. *As relações literárias de Portugal com o Brasil*. Lisboa: Icalp, 1992, p.26-35, onde o pesquisador discorre detalhadamente sobre o assunto e nos informa, ainda, todos os principais jornais que tiveram a participação de lusitanos desde o advento da Imprensa em solo brasileiro.

Coelho Neto, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Alphonsus Guimarães, Rui Barbosa. Ao lado de brasileiros, grandes nomes franceses e portugueses, principalmente, publicaram textos críticos, folhetins e correspondências nas folhas brasileiras.

Ainda em relação aos portugueses, nesse período de transição para o século XX, temos referências às atividades jornalísticas de Carlos Malheiro Dias, Julião Machado, Corrêa Dias, Filinto de Almeida, José Maria Lisboa, Faustino Xavier de Novaes, padre Sena de Freitas, Gaspar da Silva e Augusto Emílio Zaluar, profissionais que tiveram grande projeção nos meios em que trabalharam, mas cuja nacionalidade portuguesa é omitida outra vez por Sodré, contribuindo assim para uma perda significativa de informações relevantes nesse momento de consolidação da imprensa brasileira. Urge, desse modo, estudos que se proponham a desvendar o verdadeiro impacto dessa influência lusitana na imprensa brasileira⁴⁴ e, sobretudo, na paulistana, e investigar se tal influência foi maléfica ou benéfica e frutífera, como é o caso do jornal *O Estado de S. Paulo*.

2.2- O caso paulistano: o jornal *O Estado de São Paulo* e as revistas *A Vida*

Moderna e a Ilustração Portuguesa

O jornal *O Estado de São Paulo*⁴⁵, fruto da articulação de um grupo de republicanos (a maioria deles de Campinas), teve sua primeira edição em 4 de janeiro de 1875 e, desde cedo, despontou no cenário nacional como uma das empresas jornalísticas

⁴⁴ O pesquisador João Alves das Neves, em sua já citada *As relações literárias de Portugal com o Brasil*, reforça, a todo momento, a importância do estudo sobre o estreitamento das relações luso-brasileiras num sentido amplo, mas sobretudo no âmbito jornalístico e da literatura portuguesa publicada nos periódicos brasileiros e vice-versa, uma vez que tal assunto ainda não foi devidamente estudado pela crítica especializada. O referido livro, teve sua primeira edição em 1992, mas, mesmo assim, muito pouco sobre o objeto em questão fora estudado.

⁴⁵ Por convenção, utilizaremos freqüentemente a sigla OESP para nos referirmos ao jornal.

mais sólidas do país, tanto que conta hoje com mais de 130 anos de tradição. A então “Província de São Paulo” circulava em uma cidade de 25 mil habitantes e sua tiragem diária não ultrapassava os quatro mil exemplares.

Sempre inovador, já em 1876 introduz uma grande novidade na vida jornalística com a venda avulsa dos exemplares, que antes eram vendidos somente por assinaturas. O francês Bernard Gregoire, que trabalhara no *Le Petit Journal*, de Paris, e na *Gazeta de Notícias*, do Rio, assume o cargo de auxiliar de impressão no jornal paulista e se torna fundamental neste processo. Montado num velho cavalo, com um maço da “A Província...” debaixo do braço, saiu à rua, a 23 de janeiro de 1876, com a cabeça coberta de um barrete branco, munido de uma buzina para atrair os possíveis compradores do jornal, tornando-se assim patriarca dos jornais paulistas.



Fac-simile da 1ª edição do jornal em 04 de janeiro de 1875

Em 1880 já era o jornal de maior tiragem de São Paulo, passando dois anos depois à propriedade exclusiva de Rangel Pestana. Oito anos mais tarde, a contratação do jovem jornalista Júlio Mesquita para gerente do jornal desencadearia o processo vertiginoso de crescimento da empresa e o seu esboço como ela é nos dias atuais.

Proclamada a República, o jornal passa a ser chamado de *O Estado de São Paulo* e Rangel Pestana afasta-se definitivamente da direção do jornal, deixando então Júlio Mesquita assumir o posto que conservaria até sua morte, em 1927. Sob o comando de Mesquita, passa de órgão destinado a um grupo relativamente limitado de leitores com interesses políticos a um outro que representava e falava à uma sociedade complexa.

O jornal em que Mesquita foi trabalhar tinha quase tudo do jornalismo partidário: defendia as idéias republicanas, era feito por jornalistas que militavam no partido e circulava na área de influência do partido. Mas tinha já algumas diferenças fundamentais. Desde o momento de sua fundação, em 1875, todos os envolvidos no projeto sabiam que não poderiam alimentar qualquer esperança próxima de receber dinheiro público — e esta era a fonte financeira mais importante para o jornalismo partidário, sua principal razão econômica. Por isso, montaram uma empresa com certa solidez e trataram de matizar o partidarismo do jornal — tentaram desde cedo conquistar leitores não pela concordância política, mas pela qualidade do noticiário que ofereceriam. Tinha de ser assim, porque só podiam sobreviver com leitores e anunciantes. A partir do instante em que se tornou gerente, o nome de Júlio Mesquita praticamente desapareceu das páginas do jornal. Nem mesmo no expediente aparecia — e esta ausência vinha a ser, justamente, a marca mais visível de uma imensa mudança. Para ele, um texto sem assinatura valia muito mais que outro assinado; enquanto este último trazia sempre uma opinião pessoal, o anonimato permitia construir textos que fossem de uma instituição e, por isso mesmo, mais valiosos. Representariam o jornal todo, não apenas um de seus membros. Este argumento, de difícil aceitação para a imensa maioria dos jornalistas e articulistas da época, acabou sendo aceito, seguindo o exemplo de seu diretor, com todas as importantes implicações que trazia consigo.

Uma dessas implicações seria a de que todos os textos do jornal deveriam se submeter a uma norma única de gramática e estilo, imposta por profissionais especializados. Nem mesmo os textos dele escapavam desta regra, sendo sempre submetidos à revisão antes da publicação. Mesmo quando eventualmente discordava de alguma norma, ele a seguia. A imposição desta situação levou a uma outra: a definição do texto jornalístico como algo próprio, que não se confundia nem com artigos nem com o material que deveria merecer publicação em livro. Eram textos especificamente montados para serem lidos no dia, não deveriam merecer qualquer preocupação com a posteridade e destinavam-se apenas a informar pessoas.

Todo este conjunto de elementos indicava, na verdade, uma outra missão para o ofício jornalístico. O espaço central da cobertura deixava de ser a relação entre o universo da direção dos negócios públicos e a sociedade, para se concentrar naquela entre o jornal e seus leitores. No lugar da luta eleitoral – uma vez que os jornais da época quase sempre atendiam e proclamavam as idéias partidárias a que estavam ligados – o mercado passava a ser a instância mediadora mais importante. Começava, no Brasil, a revolução que já acontecera trinta anos antes nos Estados Unidos e na Inglaterra.

O novo regime provocou uma revoada de jornalistas na direção do funcionalismo público, a começar pelo diretor de redação, Francisco Rangel Pestana. Segundo Caldeira,

Ocupando seu lugar, Julio Mesquita tratou de preencher as vagas contratando jornalistas que tivessem um engajamento pessoal com a profissão, sem ambições políticas próprias. Acabou recrutando emigrados portugueses (sobretudo para os fundamentais cargos de revisores e normatizadores da produção) e italianos (especialmente para a edição de material internacional); e ainda, contratou uma série de pessoas que pensavam como ele: mais importante que o talento individual era a obra coletiva. A mudança se estendeu até mesmo para o preenchimento de sua vaga, ocupada por José Filinto da Silva, um dos primeiros a encarar a administração de um jornal sob o prisma empresarial. (2003)

Em 1901, e a tiragem andava por volta dos 12 mil exemplares diários, o triplo do momento em que fora criado. Desde então, Mesquita se empenha para eliminar todos os resquícios de partidarismo na cobertura política e para ampliar o noticiário, para buscar todos os leitores e anunciantes que estivessem dispostos a pagar pelo serviço, e para entregar-lhes um jornal de qualidade melhor do que o da concorrência.

Ao longo da década seguinte a tiragem dobrou novamente, o noticiário se tornou o mais isento da cidade, a credibilidade trouxe leitores de todos os matizes políticos e, com isso, os anunciantes tiveram confiança para pagar pela inserção de mensagens. Esses elementos deram a Julio Mesquita segurança e confiança suficientes para pensar no crescimento do jornal como uma resultante unicamente de sua posição no mercado.



Sede dos jornais paulistas *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo*, na praça Antônio Prado.

O papel do jornalista na cobertura da I Guerra também foi notável, não só quanto à ampla cobertura que proporcionou a seus leitores, mas também quanto à expansão da empresa mesmo em tempos de crise. Durante a guerra, passa a circular ainda a edição vespertina do jornal, conhecida como "Estadinho", dirigida pelo então jornalista.

Em 1924, o *Estado* é impedido de circular pela primeira vez, após a derrota do levante tenentista que sacudiu a cidade. Julio Mesquita, que tentara intermediar um diálogo entre os revoltosos e o governo, é preso e enviado ao Rio de Janeiro, sendo libertado pouco depois. Com a morte do velho diretor em 1927, seu filho Julio de Mesquita Filho assume a redação com o irmão Francisco, este à frente da parte financeira do jornal.

Em 1930 o OESP, ligado ao Partido Democrático, apóia a candidatura de Getúlio Vargas pela Aliança Liberal. Derrotado Vargas pela costumeira fraude da República Velha, o jornal saúda a Revolução de 1930 como um marco do fim de um sistema oligárquico. O chamado *Grupo do Estado* assume em 1932 a liderança da revolução constitucionalista e, com sua derrota, boa parte da diretoria é enviada ao exílio.

Anos depois, com a eclosão do Estado Novo, o jornal mantém a oposição ao regime e, em março de 1940, é invadido pelo Dops e, numa farsa, armas são "apreendidas" na redação. O jornal é inicialmente fechado e logo depois é confiscado pela ditadura, sendo administrado pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) até 1945, quando o OESP é devolvido pelo STF (Supremo Tribunal Federal) a seus legítimos proprietários. Os números publicados a partir da intervenção são desconsiderados da história do diário.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial o *Estado* conhece enorme progresso, com o aumento da tiragem e de seu prestígio nacional. Na década de 1950 é

construída uma nova sede, o edifício da rua Major Quedinho, que ainda abrigaria o famoso Hotel Jaraguá. É a fase em que a editoria de Internacional, comandada pelo jornalista Giannino Carta e por Ruy Mesquita, passa a ser considerada a mais completa do jornalismo brasileiro. O jornal OESP, desse período até a década de 1970, ostenta em sua primeira página, quase que exclusivamente o noticiário internacional.

Durante a República Nova (1946-64) o OESP perfila-se à União Democrática Nacional de Carlos Lacerda e faz oposição a todos os governos, em especial o de João Goulart. Em 1962, o diretor Júlio de Mesquita Filho chega a escrever o "Roteiro da Revolução", procurando unir a oposição civil aos militares, o chamado "partido fardado", que desde o início da República costumava intervir na política brasileira. Em 1964, o jornal apóia o golpe militar e a eleição indireta de Castelo Branco. Logo após o Ato Institucional nº 2, que dissolve os partidos políticos, o periódico rompe com o regime.

Em 13 de dezembro de 1968, a edição do *Estado* é apreendida em razão da recusa de Mesquita Filho de excluir da seção "Notas e Informações" o editorial "Instituições em Frangalhos", no qual denunciava o fim de qualquer aparência de normalidade democrática. A partir de então, o jornal passa a contar com censores da Polícia Federal em sua redação, ao contrário dos outros grandes jornais brasileiros que aceitaram se censurar.

Com a morte de Mesquita Filho, o *Estado* passa a ser dirigido em 1969 por Julio de Mesquita Neto. Nesse período o jornal ganha visibilidade mundial ao denunciar a censura prévia com a publicação de trechos de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões no lugar de matérias proibidas pelos censores. Em 1974, recebe o *Prêmio Pena de Ouro da Liberdade*, conferido pela Federação Internacional de Editores de Jornais.

A partir da década de 1970 o jornal endivida-se para a construção de sua nova sede na Marginal Tietê e passa por severa crise econômica, disputando o mercado com o novo padrão de jornalismo representado pela *Folha de S. Paulo*.

Em 1986, o jornal contrata o renomado jornalista Augusto Nunes para assumir o posto de diretor de redação. Ele renova o noticiário do jornal e empreende uma série de reformas gráficas, que redundará na adoção, em 1991, de cores no jornal e de edições diárias - até então o OESP não circulava às segundas e após feriados.

Em 1996 morre Júlio de Mesquita Neto e o jornal passa a ser dirigido por seu irmão, Ruy Mesquita, até então diretor do *Jornal da Tarde*, pertencente ao *Grupo Estado*.

Após uma fracassada experiência no campo das telecomunicações, o *Grupo Estado* passa por uma reestruturação em 2003 e a maior parte da família Mesquita deixa os cargos de direção. Após o saneamento financeiro, o *Estado* empreende inovadora reformulação gráfica em outubro de 2004, com a criação de novos cadernos e recebe sucessivos prêmios de excelência gráfica.

A mais antiga de todas as seções, conhecida como "Notas e Informações", sempre localizada na página 3, manteve a tradicional postura do jornal de unir, em seus editoriais, conservadorismo político e liberalismo econômico, sendo uma das colunas mais emblemáticas de *O Estado de S. Paulo*, identificado com o pensamento de direita no Brasil.

Portanto, como podemos notar, o jornal *O Estado de São Paulo*, alicerçado desde cedo pela seriedade e responsabilidade da família Mesquita, constitui hoje um dos jornais mais importantes do país, de grande prestígio e influência cultural.

A presença estrangeira, sobretudo portuguesa, no jornal OESP sempre foi muito forte, desde o seu início. Quando estudamos a fundo a história do jornal,

percebemos uma influência muito grande da cultura lusitana, pois figuram entre seus fundadores o português José Maria Lisboa e também são muitos os registros de portugueses trabalhando na redação desde a sua fundação. Conforme aponta Neves

Outro caso impressionante que não pode deixar de ser referido é o do *O Estado de São Paulo*, por se tratar do jornal brasileiro por onde devem ter passado mais portugueses, desde a sua fundação, em 1875. Foram mais de 20, entre jornalistas de profissão, sem falar dos colaboradores portugueses. Em primeiro lugar, não pode esquecer-se que entre os fundadores deste jornal republicano esteve um português – o jornalista José Maria Lisboa, que teve lugar e realce em outros órgãos da imprensa brasileira e acabou sendo o principal fundador e diretor de outro jornal, o *Diário de São Paulo*, lançado em primórdios de 1885 e ainda em circulação em São Paulo.

Nos primórdios de *A Província de São Paulo* (...) entre os principais redatores destacava-se Gaspar da Silva (Boaventura Gaspar da Silva Barbosa)(...) Esteve não só na *Província*, mas também no *Jornal do Comércio* e no *Diário Mercantil* de São Paulo, além de ter sido um dos fundadores de *A República das Letras* (1876), que foi um dos primeiros jornais brasileiros a divulgar Eça de Queirós. (1992, p.28)

De fato, no já citado *As relações literárias de Portugal com Brasil*, João Alves das Neves nos traça um panorama interessante sobre esse assunto e nos revela alguns dados interessantíssimos sobre uma colaboração efetiva dos portugueses nesse periódico: o citado Gaspar da Silva, além de ter colaborado na fundação do jornal, atuou por muito tempo como correspondente do OESP (entre 1900 a 1908, pelo menos) em Portugal; outro esclarecimento importante foi a contribuição de Eça na gazeta paulista, por exemplo, assunto pouco explorado pela crítica. Segundo o crítico

O romancista de *A Cidade e as Serras* desejou ardentemente esta colaboração na imprensa brasileira, tendo em vista, sobretudo, o equilíbrio do seu orçamento, permanentemente deficitário, e admitiu a hipótese de escrever para a *Gazeta da Bahia* e para o *Jornal do Comércio* (do Rio). Nenhum biógrafo ou crítico falou, porém, das crônicas e de *Os Maias* que vieram a lume nas páginas de *A Província de São Paulo*,

conforme pudemos documentar em “O colaborador de *A Província de São Paulo*” (1992, p.30)

Fidelino de Figueiredo⁴⁶, outro grande estudioso do assunto, também assinala a extraordinária repercussão que teve nos jornais brasileiros a colaboração direta e indireta dos escritores e jornalistas portugueses, como o próprio Eça de Queirós, Maria Amália Vaz de Carvalho, Ramalho Ortigão, visconde de Santo Thyrso, Pinheiro Chagas, Mariano Pina, Guilherme de Azevedo, conde de Sabugosa... Em nossa pesquisa, constatamos ainda outros nomes de igual peso e valor, no período de 1900-1911: Camilo Castelo Branco, Gaspar da Silva (visconde de S. Boaventura), Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Carlos Malheiros Dias, Filinto de Almeida, Carolina Michaelis, João Luso, Antônio Maria Bettencourt, Ricardo Severo e Fialho de Almeida, entre outros. Ao todo, localizamos cerca de 241 matérias entre artigos, resenhas, críticas, poesias sobre a cultura e a literatura portuguesa elaboradas pelos jornalistas lusitanos ou luso-brasileiros que se empenhavam em enaltecer a cultura além-mar no Brasil.

Ainda de acordo com Neves,

(...) Bastaria pesquisar na coleção de *A Província/O Estado de S. Paulo* para se verificar como foi profunda e altamente benéfica para a nossa cultura a colaboração de portugueses. E de brasileiros também, é claro, nos artigos sobre as questões portuguesas. O grupo dos portugueses, n' *O Estado*, daria não um capítulo, mas um livro, se abrissemos em 1875 e o folheássemos até os tempos contemporâneos. (1992, p32)

Além dessa participação direta e indireta dos portugueses como colaboradores, correspondentes no exterior e como objetos de crítica nas páginas do OESP, que será esmiuçada melhor nos próximos itens deste capítulo, o grupo OESP, responsável pelo jornal homônimo, também veiculou, a partir de 1906, uma revista com grande presença

⁴⁶ Cf. FIGUEIREDO, Fidelino de. *Um século de relações luso-brasileiras (1825-1928)*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925. (Separata da Revista de História, vol.14, 1925)

de jornalistas portugueses e matérias acerca da literatura e cultura lusitana, chamada *A Vida Moderna*.



Capa do número 218 da revista *A Vida Moderna* (21/04/1914)

A Vida Moderna é uma revista de variedades, bem impressa e com estrutura editorial consolidada. Durante o período em que foi publicada, entre 1907 e 1925, *A Vida Moderna* se caracterizaria como uma das revistas de variedades mais bem sucedidas do periodismo paulistano, chegando, por volta de 1915, a disputar com *A Cigarra*, título de revista de maior vendagem em São Paulo. Mantendo laços editoriais com o grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, paulatinamente moderniza-se, mantendo-se como um empreendimento comercial de sucesso. A revista começou em 1906, com o nome de *Sportman*, e depois mudou para *A Vida Moderna*. Os conteúdos da revista são variados: há muitas biografias de figuras relacionadas à Política, Artes e Ciências; há históricos e comentários sobre empreendimentos industriais e comerciais de São Paulo; há muitos comentários sobre produtos novos, geralmente de higiene e beleza; há coberturas de festas, muitas notas sobre a vida social

em São Paulo (personalidades, fatos, comentários sobre bares, salões e teatros), eventos, guerra e esportes. Dedicava, também, espaço considerável à Literatura, com poemas, contos e críticas.

O referido jornal também divulgou com afinco uma outra revista lusitana de cunho fortemente literário, a *Ilustração Portuguesa*, cujo diretor Carlos Malheiro Dias também possuía presença constante no próprio jornal OESP. Embora não seja objeto de nossa pesquisa, é interessante ressaltar a relevância dessa revista no contexto da época e, sobretudo, ao destaque dado pela redação do jornal ao periódico e ao jornalista-editor Carlos Malheiro Dias, que incluía até “planos” para a ampliação do público. Tal empreendimento consistia na realização de uma *Ilustração* que servisse e divulgasse a literatura brasileira e portuguesa em ambos os países, para que fossem intensificadas ainda mais as relações literárias, como veremos melhor adiante na análise dos artigos.



Capa da revista *Ilustração Portuguesa* de 11 de fevereiro de 1907

A revista *Ilustração Portuguesa* é, segundo o próprio subtítulo, uma “revista semanal dos acontecimentos da vida portuguesa, vida social, vida política, vida artística, vida literária, vida mundana, vida esportiva e doméstica”. Publicada em Lisboa, foi propriedade do jornal português *O Século* e circulou entre 1903 a 1930, dividida em duas séries. A 1ª. série, luxuosamente impressa, veio a lume de 9 de novembro de 1903 a 12 de novembro de 1906, totalizando 119 números, sob a direção de José Joubert Chaves. Nesta primeira fase apresentou fotografias de personalidades de vulto da cultura portuguesa, como Eça de Queirós e Oliveira Martins e crônicas regulares de Rocha Martins. A 2ª. série foi publicada entre final de 1906 a 6 de março de 1930, agora sob a direção de Carlos Malheiro Dias, num total de 959 edições. Constituindo um relevante acervo do quotidiano do primeiro quartel do século XX, veiculou, por exemplo, poemas de Fernando Pessoa (“Canção de Outono” e “Canção”) e um profundo dossiê dedicado a Teófilo Braga no primeiro número da segunda série. Teve como colaboradores literários: Alberto Teles, Albino Forjaz de Sampaio, António Sardinha, Aquilino Ribeiro, Bulhão Pato, Câmara Reis, Carlos Malheiros Dias, Eugênio de Castro, Fernando Pessoa (revistas números 832,834), Gago Coutinho, Jaime Cortesão (números 198, 378, 422, 828, 843), João de Barros, Júlio Dantas, Manuel da Silva Gaio, Rocha Martins, Stuart Carvalhaes, entre outros.

2.3- O jornal *O Estado de São Paulo* entre 1900-1911

Em 1900, o jornal continha de 5 a 6 páginas e veiculava, com algumas variações, as seguintes colunas: “Jornais do Rio” (resumo das principais notícias publicadas nos jornais cariocas); “Notas e informações” (geralmente na página 1); “Telegramas” (notícias resumidas de algumas cidades do interior paulista); coluna

“Publicações” (geralmente na página 2, com a divulgação de obras recém-lançadas); “Revistas Portuguesas” (panorama da política e cultura portuguesa); “Folhetim”; informes do “Congresso Legislativo” (ambos ora na página 1 ou 2) e classificados e propagandas nas páginas subseqüentes.

Em 1905/1910 o periódico tem de 8 a 12 páginas e, a partir de 1914, com a conflagração da I Guerra Mundial, chegava a ter até 30 páginas. Nesse período temos as seguintes colunas: “Jornais do Rio”; “Notas e informações”; “Notícias diversas”, sobre o cotidiano e crimes ocorridos na cidade; “Notícias do interior e litoral” ou “Telegramas”, abordando notícias sobre as cidades paulistas interioranas; “Notícias de Minas”; “Notícias do Paraná”; seção “Exterior”, divulgação de pequenas notas sobre vários países da Europa; “Notícias da Europa”, publicação de reportagens maiores sobre diversos países da Europa, enviadas por correspondentes europeus através de navios; “Falecimentos”, informações sobre os óbitos em São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa; “Fora da pátria”, comentários sobre política estrangeira; “Movimento associativo”, notícias sobre as agremiações e associações beneficentes, teatrais; “Palcos e circos”, informações sobre teatros, peças em cartaz e autores de São Paulo, Rio de Janeiro e Portugal; “Do meu e do alheio”, sobre política e assuntos gerais; “O que há de novo”, sobre política brasileira; “Tribunais”, sobre processos jurídicos; “Sport”, sobre turf, futebol e esportes em geral; “Omnibus”, informações cotidianas; “A vida portuguesa” (até 1906), informações cotidianas de Portugal enviadas pelo correspondente do OESP em Portugal; “Divagações”, de Sílvio de Almeida; “Folhetim”; classificados e propagandas.

Ainda a partir de 1905 observamos uma contínua inserção de figuras no jornal (gravuras/logotipos de propagandas) que, com a passar dos anos, com a aquisição de

novas tecnologias por parte da direção, possibilitou um aumento significativo da qualidade das mesmas, como a reprodução nítida de fotos, que se tornou freqüente.

Ao que tange a literatura, temos, como já foi mencionado anteriormente, a publicação de um grande número de folhetins, sobretudo estrangeiros, traduzido de obras de autores como Alexandre Dumas, Poison du Terrail, Perez Gáldez, Henrique Perez Esrich, Ludovico Halevy, etc⁴⁷. De autoria portuguesa, temos somente o folhetim “Selvagem”, de A.Carlos Ferreira, publicado no começo do ano de 1900 e “As duas fiandeiras”, de Francisco Gomes de Amorim, publicado no mesmo ano.

2.4- O perfil dos colaboradores luso-brasileiros no jornal (1900-1911)

Consoante ao que já foi dito antes, o número de portugueses que colaboraram no jornal OESP no período de nossa pesquisa, ainda que direta ou indiretamente, foi muito grande. Entre os principais do período podemos citar: José Maria Lisboa, Filinto de Almeida, Gaspar da Silva (visconde de S. Boaventura), Eça de Queirós, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Jaime Batalha Reis, Carlos Malheiro Dias, Antônio Maria Bettencourt Rodrigues, João Grave, entre outros, sendo tais personalidades sempre citadas na condição de autores/jornalistas ou como assunto dos artigos.

Um dos primeiros de nossa lista, José Maria Lisboa nasceu em 18 de março de 1838 em Lisboa – Portugal e faleceu em 18 novembro de 1918 em São Paulo – SP. José Maria Lisboa foi um jornalista pioneiro da capital paulistana e um dos fundadores de *A Província de São Paulo*, o atual *O Estado de São Paulo* e em 1884 desligou-se daquela empresa para fundar o *Diário Popular*. Já Filinto de Almeida (Francisco Filinto de

⁴⁷Para um estudo mais detalhado a esse respeito, consultar: DEL FIORENTINO, T. A. *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900 - 1920)*. São Paulo: Hucitec; Secretaria do Estado da Cultura, 1982. Neste volume a autora lista todos os folhetins publicados entre 1900-1920, inclusive os publicados no jornal OESP.

Almeida, nascido em Porto em 04 de dezembro de 1857 e falecido no Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1945), além de ser um dos fundadores do jornal, fora poeta, jornalista, romancista e teatrólogo. Casado com Júlia de Almeida, escritora que também assinalara a sua importância no meio literário da época, colaborou em vários periódicos, além do OESP. Apesar de português, pertenceu à Academia Brasileira de Letras e, no período da nossa pesquisa, ao que tudo indica, assinara a coluna *Revistas Portuguesas* com o pseudônimo A. até 1902. Tendo sido esse pseudônimo A.⁴⁸ muito comum e relativamente simples, mas, por isso mesmo, freqüentemente utilizado, é difícil afirmar que tal A. seja realmente o referido jornalista. Contudo, segundo informações constantes na *Enciclopédia de Literatura Brasileira* mencionada na última nota, nos leva a crer que seja ele mesmo o autor dos artigos publicados sob o pseudônimo A. nas mencionadas *Revistas*, sobretudo porque ele é apresentado como o principal nome, quando se explica o pseudônimo em questão, e porque ele era um dos principais redatores do jornal. Na referida coluna, Almeida discorria sobre a política e os acontecimentos da sociedade portuguesa em geral.



Dr. Bettencourt Rodrigues

Também no período colaborara o Dr. Antonio Maria Bettencourt Rodrigues (Cabo Verde, 6 de março de 1854 – Lisboa, 04 de outubro de 1933), médico e escritor,

⁴⁸ Cf. COUTINHO, Afrânio; SOUZA, José Galante (dir) *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, Oficina Literária Afrânio Coutinho, 1989, sobre mais informações sobre o pseudônimo A. e Filinto de Almeida.

que veio para o Brasil por volta de 1890 como exilado voluntário por ter sido republicano. Proferidor de muitas conferências literárias na época que eram com frequência publicadas na íntegra no jornal, veio a ser Ministro dos Negócios Estrangeiros, ofício que exerceu concomitantemente com a sua colaboração no jornal paulistano, verificada com nada menos de 350 artigos sobre questões políticas e culturais.

Muito importante e também um dos responsáveis pelo grande número de artigos sobre cultura e literatura portuguesas entre 1903-1906 foi Boaventura Gaspar da Silva Barbosa (visconde de S. Boaventura), figura hoje praticamente esquecida, mas de valia fundamental para o estreitamento das relações luso-brasileiras no jornal OESP e na imprensa da época. O jornalista foi tão esquecido que hoje é até difícil traçar um perfil completo de sua vida, de sua colaboração nos jornais brasileiros e as informações que aqui relatamos são, na maior parte delas, pistas que o próprio autor deixara escapar na sua correspondência periódica para o jornal OESP. Nascido em Lamego, Portugal (1855-?), completa seus estudos finais em Coimbra, onde conheceu Antonio Candido, Gonçalves Crespo, Antonio Feijó, João Penha, entre outros. Vem para o Brasil ainda jovem e, desde então, inicia a sua brilhante carreira jornalística, ora como colaborador, ora como fundador.⁴⁹

Após este período de intensas atividades no Brasil, retorna a Portugal sem esquecer, todavia, da pátria que tão carinhosamente o acolhera. Engajado politicamente, foi abolicionista e na sua “A vida portuguesa” não deixou jamais de denunciar as mazelas de seu país natal chegando inclusive a ser denunciado como “difamador de Portugal” pela imprensa portuguesa. Sobre essa questão, escreveu:

⁴⁹ Sobre a sua colaboração na imprensa brasileira, afirma Duarte, em edição comemorativa publicada na ocasião do VI Centenário da cidade de São Paulo, que veio a lume em 1954: “Um jornal muito bem feito vinha à luz em 1884 pelas mãos de Gaspar da Silva e Leo da Afonseca, com o nome de *Diário Mercantil*, um dos melhores diários paulistas pela correção da linguagem e boa escolha de colaboração.” (DUARTE, 1954, p. 83)

Não sei quem me fez o favor de me remeter de São Paulo um exemplar do número 246 do periódico *A Pátria*, que se diz órgão da colônia portuguesa (...) Acusa-me tal jornaleco de deprimir minha terra nas minhas correspondências para o *Estado de São Paulo*, dizendo mal de tudo e de todos (...) Parece-me que a honra de Portugal está nos seus homens políticos, que eu fustigo com todo o vigor de um pulso e toda a indignação de minha alma. Das nossas legítimas glórias, dos Herculanos, dos Garrett, dos Teófilo Braga, dos Junqueiros, dos Eça de Queirós (...), destes, fala-se aqui constantemente, exultando-os (...) Falam-se mal dos intrujões políticos e pregam-se beliscos em quem faz a vida regia uma pândega eterna, a custa do suor de um povo... (G.S., 1904b, p.2)

Integrante da redação do OESP desde a sua fundação e correspondente em Lisboa entre os anos de 1900 a 1907, pelo menos, as informações que temos a seu respeito são esparsas e foram coletadas de fontes diversas e, principalmente, da própria coluna que escrevia, quando falava de si mesmo. Segundo o próprio, desde 1876, já colaborava na “Província...”: “Retrato-me do que escrevi na *Província de São Paulo*, no ano de 1876, em polêmica com Lúcio de Mendonça: ‘O lirismo morreu, morreu, morreu.’. Não morreu, nem morrerá”.(G.S., 1904, p.2)

Para nós, a sua colaboração mais importante foi as suas correspondências periódicas de Lisboa para o OESP entre 1903-1906, na coluna “A vida portuguesa”, que era veiculada, de modo geral, duas ou três vezes por semana, mas sem dias definidos. Em tal coluna o jornalista difundiu textos, poemas, resenhas de obras literárias portuguesas, panoramas sobre as peças teatrais, reflexões sobre a política e sociedade portuguesa em geral. Quando regressara à Portugal fora agraciado com o título de visconde de São Boaventura pelo rei D. Carlos I e no OESP o jornalista assinara algumas matérias ora com seu título de nobreza, ora com o pseudônimo G.S. Além de ter participado ativamente da fundação do OESP, *Jornal do Comércio*, *Diário Mercantil* e *A República das Letras*, também escrevera para os jornais de Campinas e Sorocaba. No jornal OESP publicara inúmeros artigos sobre temas diversos com ênfase nas artes e letras destacando-se como *modernista* de seu tempo. Violento polemista, foi atacado

com ferocidade por Camilo Castelo Branco (embora tivesse sido um fervoroso camilianista, como podemos notar em alguns artigos) no *Cancioneiro Alegre*:

É um talento português emigrado. Não quer que a Pátria lhe possua os ossos e a cascara. Que pena se este Gaspar se estraga com a cachaça brasileira! Ó nosso irmão de além-mar, Gaspar! Venha, repatrie-se, recolha-se ao lar. Se aqui lhe não derem a posição que as suas letras reclamam, entretenha-se a cavar, no torrão natal, pés de burro: não precisa sair de sua pessoa; cave-se nos pés como o pelicano no peito, e escusa incomodar o Pina para escavações. Quanto á indigestão que lhe fez o *Cancioneiro*, Sr. Gaspar, tome um vomitório daquilo que Jeová mandou comer a Ezequiel. Consulte a Bíblia e depois misture e beba.(p.164/165)

Do ano de 1908 constam as últimas informações que temos sobre ele, com a nomeação para o cargo de Secretário do Conservatório Real de Lisboa. O último artigo seu para o jornal *O Estado de S.Paulo* de que temos notícia data de 1907 e traz importantes considerações sobre a “carreira literária”:

Do nosso correspondente em Lisboa: “A carreira literária é a mais terrível profissão a que, neste jardim da Europa, à beira-mar plantado, alguém se possa consagrar, não há nela nem promoções nem esperanças. Ninguém aprecia o que se consome de coragem e de esforços para resistir às lutas que assaltam qualquer vocação literária... (BOAVENTURA, 1907, p.2)

Um autor muito importante do realismo português também teve publicado seus artigos no OESP. Refiro-me ao consagrado Eça de Queirós, cujo nome dispensa delongadas apresentações. Como sabemos, a atividade de Eça não se limitou ao domínio da criação literária; pressionado não raro por carências econômicas, foi um intenso colaborador de jornais portugueses e brasileiros, nos quais estampou as suas reações e impressões de observador arguto, colocado no coração da Europa, perante fenômenos e personalidades do seu tempo, a par de esclarecidas reflexões programáticas e doutrinárias, visando pertinentes temas artísticos (o conceito de realismo, as funções da literatura, questões de técnica narrativa, etc.). Fundador e diretor da prestigiosa *Revista de Portugal*, Eça tentou fazer desta publicação um fórum de debate sobre a sua pátria e os problemas que a afrontavam, porque, ainda que por vezes acusado de antipatriotismo,

a verdade é que Eça teve sempre, como motivo primeiro da sua ironia crítica, uma profunda e autêntica preocupação com os destinos de Portugal.



Eça de Queirós

Notamos, portanto, que desde cedo Eça de Queirós já desenvolvia suas aptidões jornalísticas (com apenas 21 anos, no *Distrito de Évora*). Em maio de 1870 inicia a sua colaboração para o jornal *A República*, mas só irá realmente aprimorar seu espírito crítico em periódicos a partir de 1874 quando, transferido para o consulado de Newcastle-on-Tyne, inicia seu trabalho como correspondente da imprensa portuguesa brasileira e portuguesa. De abril de 1877 a maio de 1878 colaborou com o jornal português *A Actualidade*; ainda neste mesmo ano, transfere-se para Bristol e dois anos mais tarde inicia a sua colaboração na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Sobre a colaboração de Eça de Queirós na *Gazeta de Notícias*, temos excelentes estudos realizados pela professora Dra. Elza Miné⁵⁰, sobre a regularidade das correspondências, bem como a análise e transcrições do conteúdo das mesmas. Porém, o que é pouco conhecido pela crítica é que no jornal OESP houve publicações ecianas,

⁵⁰ Cf. MINÉ, Elza. *Eça de Queirós jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986, 2. ed.; _____. *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo do século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000; _____. Eça de Queirós e a imprensa brasileira. In : *Revista da Biblioteca Mário de Andrade n.53*, São Paulo, jan-dez 1995, p.173-184.

como a publicação de *Os Maias* em folhetim em 1888 e cinco publicações esparsas que foram publicadas antes e após a sua morte ⁵¹.



Antero de Quental

Antero de Quental, grande poeta e companheiro de Eça, aparece igualmente nas páginas do OESP. Antero Tarquínio de Quental nasceu em Ponta Delgada, nos Açores, em 1842. Estudou Direito em Coimbra, onde foi líder estudantil. Sua participação na Questão Coimbrã transformou-o em um dos principais mentores da nova geração literária. Viveu em Paris como operário, procurando pôr em prática seus ideais socialistas e, quando voltou à Portugal, integrou-se em Lisboa ao grupo do Cenáculo e teve papel fundamental na organização das famosas *Conferências Democráticas do Casino Lisbonense*. Depois disso, foi acometido de forte doença nervosa, recolhendo-se às propriedades da família nos Açores, de onde só saiu em 1890, para uma breve participação num grupo patriótico na cidade do Porto. Sua produção poética encontra-se nos livros *Raios de extinta luz*, *Primaveras românticas*, *Odes modernas e Sonetos completos* e em outros opúsculos publicados pelo autor ou postumamente. Antero escreveu também prosa polêmica e filosófica. Entre 1870 e 1872, Antero entra para a redação de jornais de orientação socialista, tais como *A República* e o *Pensamento Social*. O seu pensamento de tendência social e intervencionista levou-o contribuir para

⁵¹ Cf. NEVES, João Alves das. Leitores e estudiosos ecianos. In: _____. *As relações literárias de Portugal com o Brasil*. Lisboa: Icalp, 1992, p.183-214 e também MULLER, Fernanda S. A presença portuguesa nas gazetas paulistanas: Eça de Queirós e a sua correspondência para o jornal O Estado de S. Paulo. In: *Anais do I Encontro Paulista de Professores de Literatura Portuguesa* [no prelo]- CD- Rom.

a fundação da *Associação Fraternidade Operária*. Alguns anos depois encontra, no Palácio de Cristal, no Porto, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão onde lhes é tirada a famosa fotografia intitulada *o grupo dos cinco*. Antero, que sempre desenvolvera uma certa tendência para a depressão crônica, suicidase em 1891, talvez motivado pela decadência em que se encontrava em Portugal.



Jaime Batalha Reis

Jaime Batalha Reis, renomado intelectual e crítico português, também teve uma série de artigos publicados ao longo de cinco dias, em 1904, sob o título de “Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós”, vindos à lume com os números I, II, III, IV e V (tais textos já tinham sido publicados um ano antes, como prefácio da primeira edição das *Prosas Bárbaras*, pela Lello & Irmão, em Portugal). Foi escritor, crítico, jornalista, economista e diplomata português. Natural de Lisboa, esteve ligado à Geração de 70, tal como Antero de Quental, Eça de Queirós e Oliveira Martins. Com os dois primeiros, criou, em 1869, a personagem Carlos Fradique Mendes, poeta satânico, amigo de Baudelaire, destinada a abalar o panorama da literatura portuguesa da época.

No quarto em que habitava na Travessa do Guarda-Mor começou a se reunir o grupo do Cenáculo, que viria a constituir a Geração de 70. Entre os freqüentadores dessas animadas tertúlias, em que se discutia política, literatura e filosofia, contavam-se, além de Antero e Eça, Ramalho Ortigão, Salomão Saragga, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Manuel Arriaga, entre outros. Um dos idealizadores das *Conferências do*

Casino (1871), Jaime Batalha Reis tinha programado uma intervenção subordinada ao tema “O Socialismo”, que não pôde levar a cabo devido à proibição das conferências.

Formado em engenharia florestal, foi nomeado, em 1872, chefe do Serviço Agrícola do Instituto Geral de Agricultura, onde deu aulas de Agronomia. Iniciou, em 1883, a carreira diplomática, ocupando o cargo de cônsul de Portugal em Newcastle. Em 1897, foi nomeado cônsul de Portugal em Londres e, posteriormente, adido comercial. A partir de 1910, trabalhou no Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa. Abandonou a diplomacia em 1921, aos setenta e quatro anos de idade. Colaborou em diversos periódicos nacionais e estrangeiros, versando sobre os mais diversos assuntos (história, geografia, política internacional...). Apesar de a sua obra não ter o interesse da de alguns dos seus companheiros de geração, Jaime Batalha Reis desempenhou um importante papel junto das gerações de 70 e 90, quer como interveniente nas suas atividades, quer como memorialista das suas mais importantes figuras, sobretudo Antero e Eça, cuja casa frequentou até à morte deste, em 1900. O seu texto mais importante é o artigo que escreveu para o *In Memoriam* de Antero (1895), intitulado *Anos de Lisboa, Algumas Lembranças*, em que destaca as qualidades do grande poeta e recorda o tempo que com ele passou. No interessante prefácio às *Prosas Bárbaras*, de Eça, esclarece-nos sobre a gênese das primeiras obras do romancista. Nunca tendo produzido trabalho literário de grande fôlego, acalentou, no entanto, o desejo de produzir uma grandiosa obra sobre filosofia e estética, que não chegou a concretizar.

Muito importante e atuante neste período foi o escritor, jornalista, político e historiador português Carlos Malheiro Dias (1875 - 1941). Estudou Direito na Universidade de Coimbra, curso que não terminou. Foi eleito deputado em 1897, cargo renovado posteriormente abandonado em 1910, devido à implantação da República. Foi

também sócio da Academia das Ciências, da Academia Brasileira de Letras, membro fundador da Academia Portuguesa de História e diretor da revista *Ilustração Portuguesa*, a partir de 1906.



Carlos Malheiro Dias

Monárquico, a implantação da República em 1910 levou-o a exilar-se, em 1913, no Brasil, onde já anteriormente vivera e publicara o seu romance de estréia, *A Mulata* (1896). Da atividade que então desenvolveu, destacam-se a *História da Colonização Portuguesa no Brasil* (1921-1924), de que saíram três volumes, e a fundação da revista *O Cruzeiro*, em 1917.

Em 1935, tendo já regressado a Portugal, foi nomeado embaixador português em Espanha, cargo de que não chegou a tomar posse.

Como escritor, Malheiro Dias está ligado ao naturalismo, sendo considerado, na sua época, o continuador de Eça de Queirós. Escreveu romances históricos, dramas, contos e ensaios políticos. As suas crônicas jornalísticas, valiosas para o conhecimento da vida da capital na época, encontram-se reunidas nos três volumes de *Cartas de Lisboa* (1905-1907), que contêm igualmente textos de crítica política e histórica ao regime republicano. Escreveu *Filhos das Ervas* (1900), *Os Teles de Albergaria* (1901), *Paixão de Maria do Céu* (1902), *O Grande Cagliostro* (1905) e *A Vencida* (1907), para

além de volumes sobre política e textos de conferências. Como dramaturgo, escreveu *As Inimigas* (1913).

Também nessa época colaborou no jornal *O Estado de S. Paulo* o escritor e jornalista português João Grave. Um pouco esquecido atualmente, João José Grave (1872-1934) nasceu em Vagos e faleceu no Porto. Concluiu seus estudos do liceu em Aveiro, formando-se em Farmácia no Porto. Nesta cidade exerceu o cargo de diretor da Biblioteca Pública Municipal. Do ponto de vista literário, esteve inicialmente próximo dos naturalistas, notando-se influências de Emílio Zola. Depois enveredou pelo romance de costumes.

Por outro lado, tivemos ainda a colaboração de um importante grupo de brasileiros, que também se destacou por se preocupar constantemente em divulgar a literatura e a cultura portuguesa em geral através de artigos, críticas e editoriais. Tais intelectuais, a quem chamamos luso-brasileiros, freqüentemente versavam sobre os assuntos lusitanos, enaltecendo a cultura além-mar e concorriam para o reforço das discrepâncias ideológicas que observamos no período Pré-Modernista brasileiro. Foram eles: Coelho Neto (Anselmo Ribas), Oliveira Lima, Sílvio de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Raul Soares, Alfredo Pujol, Monteiro Lobato, além de muitos outros jornalistas que, fazendo parte da redação do jornal, publicavam comumente editoriais sobre o tema.

As colaborações de Coelho Neto sob o pseudônimo de Anselmo Ribas foram, por exemplo, resenhas bibliográficas de obras contemporâneas portuguesas.



Coelho Neto

Coelho Neto (Henrique Maximiano C. N.), professor, político, romancista, contista, crítico, teatrólogo, memorialista e poeta, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. Foi ainda o fundador da Cadeira n. 2 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono Álvares de Azevedo. Foram seus pais Antônio da Fonseca Coelho, português, e Ana Silvestre Coelho, índia. Tinha ele seis anos quando seus pais se transferiram para o Rio. Estudou os preparatórios no Externato do Colégio Pedro II. Depois tentou os estudos de Medicina, mas logo desistiu do curso. Em 1883 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Seu espírito revoltado encontrou ali ótimo ambiente para destemidas expansões e ele se viu envolvido num movimento dos estudantes contra um professor. Prevendo represálias, transferiu-se para Recife, onde fez o 1º ano de Direito, tendo Tobias Barreto como o principal mestre.

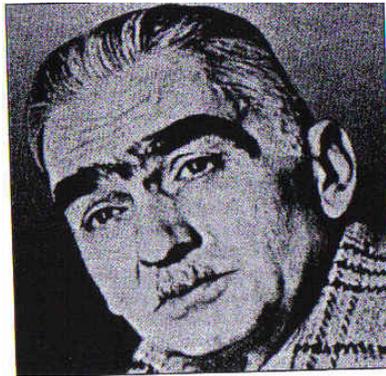
Regressando a São Paulo, entregou-se ardentemente às idéias abolicionistas e republicanas, numa atitude que o incompatibilizou com certos mestres conservadores. Deu por concluídos os estudos jurídicos, em 1885, e transferiu-se para o Rio. Fez parte do grupo de Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney. A história dessa geração apareceria depois no seu romance *A Conquista* (1899). Tornou-se companheiro assíduo de José do Patrocínio, na campanha abolicionista. Ingressou na *Gazeta da*

Tarde, passando depois para o jornal *A Cidade do Rio*, onde chegou a exercer o cargo de secretário. Por essa época começou a publicar seus trabalhos literários.

Além de exercer os cargos para os quais era chamado, Coelho Neto multiplicava a sua atividade em revistas e jornais de todos os feitios, no Rio e em outras cidades.

Também

escreveu sob inúmeros pseudônimos: Anselmo Ribas, Caliban, Ariel, Amador Santelmo, Blanco Canabarro, Charles Rouget, Democ, N. Puck, Tartarin, Fur-Fur, Manés, entre outros.



Monteiro Lobato

Outro ilustre escritor que se escondeu atrás de um pseudônimo nas páginas do OESP foi Monteiro Lobato. Sob a rubrica N. que, segundo COUTINHO e GALANTE (1989, p.1127), foi um dos inúmeros pseudônimos utilizados pelo autor, Lobato escreveu, por exemplo, as resenhas bibliográficas dos livros *Carícias*, de Garcia Redondo e *Os Doze da Inglaterra*, de Teófilo Braga em 07/04/1902.

Nascido em 18/04/1882 na cidade de Taubaté, José Bento Monteiro Lobato completa os estudos primários e secundários em sua cidade natal e mais tarde muda-se para São Paulo, diplomando-se bacharel pela Faculdade de Direito em 1904. Ingressou no ministério público, vivendo como promotor em Areias, durante sete anos. Em seguida, abandona a promotoria, torna-se fazendeiro em Buquira e começa a publicar os

primeiros contos, publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*. Lançou a Revista do Brasil (1916) em parceria com o citado jornal paulistano com um programa nacionalista e, a partir do terceiro número, começa a publicar seus contos que mais tarde seriam reunidos no volume *Urupês*. Criou a Editora Monteiro Lobato, que publicou muitos escritores novos, mas que não obteve tanto êxito comercial. Dedicou-se então à literatura infantil, criando o gênero no Brasil com valor artístico e construindo uma verdadeira biblioteca para a criança brasileira. De 1926 a 1931 viveu nos Estados Unidos como adido comercial, publicando ao seu regresso um livro de impressões intitulado *América* (1932). Por desavenças com o governo ditatorial a respeito da questão com o petróleo, é condenado à prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional. Foi um dos fundadores da Companhia Editora Nacional e por sua contribuição revolucionária à indústria e comércio de livros no Brasil, ocupa a qualidade de patrono e o Dia do Livro é ligado à sua memória. É, por outro lado, um dos escritores brasileiros que mais venderam livros no Brasil, ultrapassando a marca de um milhão de exemplares.

A coluna “Divagações”, de Sílvio de Almeida, igualmente difundiu muitos artigos de literatura portuguesa, conforme discorre Leite:

Seguiram-se nessa vida rara e bela de Sílvio, descrita tão carinhosamente por Afonso Celso, vários anos, dez, talvez, de colaboração ininterrupta, todas as segundas-feiras, em rodapés, em “O Estado de São Paulo” sob o título – “Divagações”. Que esplêndido repositório de altos assuntos! Com que proveito a gente as lia semanalmente! Filosofia, glotologia, sociologia, filologia, literatura, etnografia – tudo tratado com maestria, num vernáculo agradável, de pureza imaculada! Sílvio Romero, delas ledor habitual, dizia que em tudo quanto Sílvio de Almeida escrevia havia sempre o que aprender. Mas não era só Sílvio Romero. Todos os leitores de Sílvio de Almeida diziam a mesma coisa. (1968, p.69)

O professor, jornalista, crítico e filólogo Sílvio de Almeida, nasceu na cidade de Pouso Alegre - MG em 1867. Ainda muito jovem muda-se para São Paulo, no intuito de bacharelar-se em Direito na Faculdade de São Paulo mas, paralela à carreira acadêmica,

já começa a desenvolver sua veia jornalística e os estudos sobre filologia e literatura, que predominarão na sua carreira profissional posteriormente. Foi casado ainda com a escritora, poetisa e jornalista Presciliana Duarte de Almeida, que conseguiu destacar-se extraordinariamente no meio literário da época (apesar da precária situação da literatura no início do século XX, sobretudo para as mulheres) e que hoje chega a ser até mais estudada e conhecida que o próprio Almeida.

Como jornalista, Sílvio de Almeida colaborou em diversos órgãos da imprensa paulistana, como nos jornais *Diário Popular*, *A República*, *O Comércio*, *O Estado de São Paulo* e ainda no jornal *A Cidade*, de Campinas. Também se destacou como escritor, publicando as seguintes obras: *Efêmeras* (poesia, 1893), *Antigo Vernáculo* (estudos lingüísticos, 1898), *A máscara de um poeta* (ensaio, 1913) e *Estudos Camonianos* (póstumo, 1926).

No jornal *O Estado de São Paulo*, objeto de nossa pesquisa, Sílvio de Almeida colaborou entre 1902 e 1905, de forma esporádica e a partir de 1906 até 1913 de forma regular, publicando semanalmente suas “Divagações”. Em tal coluna, como já foi mencionado, o jornalista discorria sobre a sociedade, sobre os acontecimentos políticos da época e, sobretudo, acerca da literatura portuguesa através de seus estudos pormenorizados sobre Camões, Bernadim Ribeiro, Cristóvão Falcão, Sá de Miranda, por exemplo, seja no âmbito lingüístico ou literário. Os estudos acerca de Bernadim Ribeiro, Cristóvão Falcão e Camões, por exemplo, foram publicados postumamente em Portugal e no Brasil (*Máscara de um poeta* e *Estudos Camonianos*) e tiveram uma ótima repercussão além-mar, conforme aponta Arroyo⁵², mas não foram tão reconhecidos aqui no Brasil.

Segundo Arroyo,

⁵² ARROYO, Leonardo. Introdução. In: ALMEIDA, Sílvio de. *Estudos* (Introdução, seleção e notas de Leonardo Arroyo). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Conselho Estadual de Cultura, 1967, p.10.

Parece-nos uma pena que isso aconteça, embora, na verdade, seja uma contingência da vida intelectual o esquecimento de muito autor importante. Sílvio de Almeida teve sua época, distinguindo-se como professor e escritor, homem a quem Carolina Michaelis e J. Leite de Vasconcelos, Fidelino de Figueiredo, Delfim Guimarães, em Portugal, João Ribeiro, José Veríssimo, Sílvio Romero, Heráclito Graça, Alberto Faria, Washington Luís, Mário de Sousa Lima, Afonso de E. Taunay e tantos outros, no Brasil, prestavam a melhor homenagem, talvez menos por sua obra impressa, que foi pequena, mas por sua atividade de estudioso e pesquisador de coisas da língua e da literatura, com toda uma imensa colaboração dispersa em jornais, revistas e órgãos especializados. (1967, p.9)

Co-fundador da Academia Paulista de Letras, Sílvio de Almeida falece em 1924.

Um importante diplomata também colaborou nas páginas do OESP, dissertando sobre vários assuntos, inclusive literatura portuguesa. Sob o título de “Coisas estrangeiras”, Oliveira Lima remetia com freqüência seus textos, proveniente das mais diversas partes do mundo, à redação do jornal. Nascido em Recife-PE, em 1867, foi professor, historiador, ensaísta e diplomata. Seu pai, um português vindo pra o Brasil desde 1834, regressa para Lisboa quando o menino tinha oito anos de idade. Lima seguiu alguns anos mais tarde pra esta mesma cidade onde completou o Curso Superior de Letras, em 1887. No referido curso de Letras encontra mestres cuja influência seria decisiva em sua formação: Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Oliveira Martins. Fez ainda o curso de diplomacia na Torre do Tombo. Ao retornar para o Brasil, inicia sua carreira de diplomata percorrendo todos os postos da carreira, servindo sucessivamente em Berlim, Washington, Londres, Japão, Venezuela, Suécia, Bruxelas até se aposentar em 1909. Na carreira diplomática teve ensejo de prestar ao seu país serviços inestimáveis, concorrendo para o conhecimento de sua história e cultura. Criou ainda cursos de estudos brasileiros nas Universidades de Liège e Lisboa.



Oliveira Lima

Em 1918 fixou residência nos Estados Unidos, ministrando cursos e conferências nas principais universidades até ser escolhido como professor da Universidade de Washington, onde passou a residir. Nesta Universidade organizou também uma notável biblioteca de assuntos brasileiros, hoje denominada Biblioteca Oliveira Lima, considerada como um dos mais importantes centros de estudos e pesquisa de assuntos luso-brasileiros fora do país. Como historiador, Oliveira Lima seguiu a linha que Varnhagen abriu, 50 anos antes, para os estudos historiográficos, tornando-se assim discípulo e seguidor do mestre, prolongando a sua concepção, método e obra. Como ele, a partir da Torre do Tombo, peregrinou pelos arquivos europeus na caça de documentos de interesse para o conhecimento brasileiro, assim enriquecendo o patrimônio historiográfico. A sua vasta obra é um monumento, levantado em prol de um ardente brasileirismo ou afirmação da nacionalidade. Na qualidade de político e jornalista se revelou um combatente audaz e polemista ardoroso, em contraste com a objetividade do historiador.

Em relação aos articulistas brasileiros, tivemos ainda textos de Raul Soares, Medeiros e Albuquerque, Bettencourt Rodrigues e Alfredo Pujol.. O primeiro, nascido em Ubá-MG, em 1877, foi bacharel em Direito, ensaísta, professor, deputado estadual, Ministro da Cultura e da Marinha, senador e, ainda, presidente de Minas Gerais. Sua

principal obra foi *O poeta Crisfal* (1909) que, não por acaso, foi também o tema de seus artigos veiculados em *O Estado de São Paulo*, fomentando, assim, a famosa polêmica entre Sílvio de Almeida e Delfim Guimarães acerca dos poetas Cristovam Falcão e Bernadim Ribeiro.



Medeiros e Albuquerque

Já Medeiros e Albuquerque teve inúmeras conferências literárias suas difundidas na referida gazeta. Pernambucano de Recife (04/09/1867) e dotado de uma cultura extremamente variada, expandiu as diversas facetas do seu talento pelo romance, conto, crítica, poesia, jornalismo, política e oratória. Coursou o Colégio Pedro II e a Escola Acadêmica, de Lisboa. Foi ainda Professor Adjunto (1885-1889), diretor da Secretaria do Ministério do Interior (1889), Deputado Federal, vice-diretor do Ginásio Nacional (1890), professor da Escola de Belas-Artes, presidente do Conservatório Dramático (1890-1892), professor das escolas de 2º. Grau (1890-1897) e diretor-geral da Instrução Pública (1897-1906). Convicto republicano, chega a compor a letra de um hino para o Partido Republicano e o Hino da República Federal Brasileira é também de sua autoria. Em 1910, por questões políticas, foi obrigado a deixar o país e a viajar para a Europa, de onde só regressou em 1916. Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.



Alfredo Pujol 1

Alfredo Gustavo Pujol, também conhecido apenas como Alfredo Pujol, foi outro bacharel em Direito que também colaborou no *O Estado de S. Paulo*. Nascido em 20/03/1865 na cidade de São João Marcos, Rio de Janeiro, e falecido em 20/05/1930 em São Paulo-Capital, foi ainda crítico, jornalista, orador, político, advogado, conferencista, cronista e membro das Academias Brasileira e Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Tivemos ainda as publicações “sem assinatura” (editorial) discorrendo sobre a literatura de Portugal. Como já vimos, o próprio Júlio Mesquita prezava esse tipo de publicação, que traduz, em outras palavras, a opinião de toda a redação de um jornal. Inferimos, portanto, que uma análise minuciosa desses “editoriais” e das matérias assinadas poderia nos fornecer dados significativos da importância da cultura e literatura portuguesa no referido diário e, conseqüentemente, para a sociedade brasileira da época. Ainda segundo Caldeira,

Mas Julio Mesquita não limitava seus interesses à política. Adorava literatura, o que, para um radical como ele, naquele momento, significava tomar posição a favor do realismo e de uma forma de narrar na qual a moral não estava no centro da construção do texto; Eça de Queirós era o modelo, e Machado de Assis — antes de se tornar um mestre realista —, seu detrator no Brasil. (2003)

Além desses, o editor (muito certamente) fazia publicar, textos em prosa e poesias de autores “clássicos”, como Camões, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão

e outros, como o poeta Cristóvão Falcão (Crisfal), discutido e analisado veementemente por Sílvio de Almeida. Além desses escritores conhecidos pelo público em geral, muitos outros praticamente desconhecidos e esquecidos pelos ruídos do tempo são citados e catalogados em nossa pesquisa, mas discorreremos melhor sobre eles conforme a necessidade nas análises dos artigos no próximo capítulo.

Capítulo 3 - A RECEPÇÃO DA CRÍTICA E DA LITERATURA PORTUGUESA EM O ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 1900-1911: ANÁLISE DO CORPUS

“... disse há dias a um portuguesote fresco que cá me apareceu (...) a fim de trabalhar na “grande obra de aproximação do Brasil e Portugal”: – Mas, meu caro, custou tanto desaproximar-nos e o sr. já quer inutilizar essa grande conquista? Não vê que se temos algum progresso em São Paulo é porque a obra de desaproximação está mais adiantada?”

Monteiro Lobato, Carta de 10 de junho de 1921 a Artur Neiva (In *Patriotismo Oficial*, de Cassiano Nunes)

Scrivere é sempre nascondere qualcosa in modo che venga poi scoperto.

Ítalo Calvino

3.1- Definição da metodologia

O *corpus* do presente trabalho, constituído essencialmente por críticas e textos literários, possui ainda uma outra característica. Tal material, ao ser veiculado no jornal, passa a ser denominado *matéria*⁵³ e por esse motivo analisaremos nossos “textos” sob duas perspectivas diferentes. Inicialmente, leremos as matérias segundo as teorias da Estética da Recepção e, num segundo momento, as analisaremos de acordo com os mecanismos de produção, difusão e impacto que os mesmos provocam no público-leitor, considerando-as como um produto da indústria cultural e ponderando sobre a influência que o jornal, veículo desse processo, pode ter no âmbito do fenômeno da comunicação de massa.

A seguir, faremos algumas considerações teóricas acerca desses pressupostos críticos.

3.1.1- A Estética da Recepção

⁵³ Segundo RABAÇA e BARBOSA (1995), matéria é “tudo o que é publicado, ou feito para ser publicado, por um jornal ou revista, incluindo textos e ilustrações. Tanto o original de qualquer artigo, notícia, crônica, nota, etc; quanto a sua forma impressa recebem, genericamente, o nome de matéria” (p.390)

A teoria de uma *Estética da Recepção* surge no cenário mundial no final da década de 60 e tem como berço a Universidade de Constança, Alemanha. A palestra “História da literatura como provocação da teoria literária”, proferida por Hans Robert Jauss na citada Universidade em 1967, é considerada o marco inicial dessa nova corrente crítica que surge inserida na ânsia por mudanças da época.

Tal palestra, além de propor uma nova metodologia para a crítica literária, reflete ao profícuo surgimento, desde o início do século XX, de novas propostas metodológicas para a Teoria Literária que abrange, além da própria *Estética da Recepção*, outras correntes anteriores a ela, como o Estruturalismo, o Formalismo russo, o Reader-Response Criticism, etc.

A *Estética da Recepção* considera a literatura como um sistema que se define por produção, recepção e comunicação, tecendo uma relação entre autor, obra e leitor e destacando que o ato de leitura tem uma perspectiva dupla na dinâmica da relação obra-leitor, sobretudo no que diz respeito ao horizonte de expectativas, isto é, a projeção que o leitor de determinada sociedade faz de uma obra antes de lê-la. A *Estética da Recepção* pode ser vista como uma nova interpretação do fazer literário e engloba a Teoria da Recepção, de Jauss, a Teoria do Efeito, de Iser e a Teoria da Ação, de Gumbrecht, analisando aspectos ligados ao leitor, ao texto e ao processo de comunicação. Ao direcionar o olhar sobre a questão do leitor, rompe com a noção de texto enquanto objeto estanque, especialmente porque parte do princípio de que o autor deixa “vazios”, no seu texto, que devem ser preenchidos pelo leitor, e apresenta a leitura como processo de (re)construção do texto. O que interessa à essa *Estética* é, sobretudo, o confronto entre a obra produzida pelo autor e as (re)construções que o leitor faz dela.

Na palestra inicial que Jauss pronunciou acerca da Estética da Recepção, o crítico apresentou sete teses, que viriam a se tornar os fundamentos dessa nova teoria crítica.

Primeiramente, Jauss realça o caráter de historicidade da literatura. Para tanto, parte do princípio da renovação da estética tradicional pela adoção de uma *práxis* que considere o efeito, referente à acolhida de uma obra à época de seu aparecimento e ao longo da história. Ao considerar esses dois fatores, admitimos o potencial dialógico da literatura que, segundo Jauss, é o responsável pela possibilidade de atualização de uma obra. Desse modo, fazer com que uma obra literária permaneça sempre presente e relevante, independentemente do momento histórico em que foi realizado, só é possível em virtude do diálogo estabelecido pela mesma e por seus leitores de diferentes épocas.

Em sua segunda tese, Jauss afirma que os elementos fundamentais para medir a recepção de texto se encontram no próprio texto, uma vez que reconhece ser praticamente impossível verificar as conseqüências da leitura de determinada obra em cada leitor. O crítico, ao sustentar que “a obra predetermina a sua recepção, oferecendo instruções a seu leitor”, formula o conceito de “horizonte de expectativas”, ou seja, um sistema de referências e de um “esquema mental” que o leitor traria para o texto e que seria evocado pela obra, durante o ato da leitura, sendo variado, corrigido, modificado ou simplesmente reproduzido no decorrer do processo. Ainda de acordo com o crítico alemão, o horizonte de expectativas é constituído essencialmente por três elementos:

- Conhecimento das normas ou da poética pertencentes a um gênero literário;
- Estabelecimento da relação implícita com obras conhecidas no meio histórico-literário;
- Oposição entre ficção e realidade.

A terceira tese prevê que o valor artístico de uma obra de arte é determinável através do horizonte de expectativas do leitor e da obra e que uma análise literária através das premissas da estética deve considerar o “horizonte” previsto no contexto. Desse modo, quanto maior for a distância estética entre o horizonte da obra e o horizonte do leitor, maior será seu valor artístico. Tal tese é, ainda de certa forma, extensão da anterior, uma vez que a ruptura e o estranhamento só encontram as condições necessárias para ocorrer se forem muito diferentes das normas e poéticas até então vigentes. Portanto, o pleno conhecimento do sistema literário em que determinada obra aparece é indispensável para entendê-la.

A formulação do conceito de “distância estética”, ao qual nos referimos, decorre de três processos: a *poiesis*, a *aisthesis* e a *katharsis*. Nessa perspectiva, podemos definir *poiesis* como o prazer estético ligado à obra e à sensação do leitor de se sentir co-autor da obra, enquanto a *aisthesis* representa a renovação da percepção do leitor do mundo em que vive a partir da obra, do qual nasce a natureza do valor da obra literária para o público receptor. Já a *katharsis* é o ponto crucial em que o horizonte do leitor se amplifica, levando-o à uma atualização de seu repertório perceptivo e transformando-se em uma motivação para que o mesmo possa, a partir de então, relacionar-se de maneira diferente com o mundo. A *katharsis*, que reitera a função comunicativa da obra literária, em muito depende do processo de identificação do leitor com ela, para que se possa melhor verificar seu efeito. Jauss faz ainda a seguinte categorização de modalidades de identificação: 1) identificação associativa, espécie de jogo associativo que se dá entre o leitor e o texto; 2) identificação admirativa, a qual predispõe o leitor à adoção de modelos; 3) identificação simpatética, que leva o leitor a associar e sobrepor as ações das narrativas e das personagens às suas próprias; 4) identificação catártica, que induz o leitor a introjetar os processos de assimilação, levando-o a refletir sobre os fatos que

este processo desencadeia e, finalmente, 5) identificação irônica, no qual a identificação é ironizada ou refutada.

Na quarta tese o autor parte do pressuposto de que o texto só pode ser compreendido quando compreendemos a pergunta de que ele foi resposta. Para entender essa pergunta, é necessário reconstituir o diálogo do texto com seu público original o que, portanto, tornaria consciente a recepção da obra analisada e indicaria os parâmetros pelos quais a mesma deveria ser interpretada.⁵⁴

Em sua quinta tese, Jauss determina que uma obra literária deve ser abordada diacronicamente. Para o crítico, uma obra não perde seu poder de influência com o passar do tempo, mas sua importância pode crescer ou diminuir. Caberia então à historiografia literária analisar essa sucessão, que se faz de constantes reavaliações.

Porém, para que a historicidade de determinada obra possa ser dimensionada, é necessário realizar cortes sincrônicos em sua diacronia, o que permitirá ao leitor conhecer e entender melhor o efeito de uma obra em determinada época, entendendo melhor sua evolução. Esse é o conteúdo da sexta tese.

Finalmente, na sétima tese, Jauss examina a relação entre a literatura e a vida prática. Segundo o crítico alemão,

A função sociológica da literatura em sua possibilidade genuína já é manifesta onde a experiência literária do leitor entra no horizonte de expectativas de sua vida prática, *pré*-forma sua compreensão do mundo e, por isso, também coopera com seu comportamento social (p. 199).

Portanto, ao afirmar que a literatura tem, entre outras, a função de modificar as normas sociais, Jauss reitera a importância da literatura na vida do indivíduo-leitor que teria renovada sua visão de mundo após a experiência da leitura.

Outros grandes pesquisadores da escola de Constança como Hans George Gadamer, Hans Ulrich Gumbrecht, Karlheinz Stierle e Wolfgang Iser por exemplo,

⁵⁴ JAUSS, p.183

assim como Jauss, também fundamentaram, reavaliaram e corrigiram os pressupostos teóricos da Estética, propostas na palestra inicial.

Nesse sentido, os estudos de Iser, que se ocupou principalmente dos efeitos produzidos pelo diálogo entre a obra e o leitor, também têm uma posição de destaque em nosso trabalho.

O desenvolvimento de seus pressupostos teóricos foi realizado no decorrer de alguns anos e publicado naquelas que são ainda hoje suas obras mais conhecidas e importantes: *O leitor implícito*⁵⁵, *A estrutura de apelo dos textos*⁵⁶, *O processo da leitura*⁵⁷, *O fictício e o imaginário*⁵⁸ e *O ato de ler*⁵⁹. Nestes textos o autor sustenta, principalmente, a premissa de que a obra literária é comunicativa desde a sua estrutura e que as reações do receptor-leitor são determinadas, em parte, pela estrutura do próprio texto.

Em *O leitor implícito* o crítico faz a importante distinção entre *tipos* de leitores. Ele identifica um tipo de leitor que ele nomeia de *explícito*, cuja existência é depreensível além dos limites da obra literária e, por isso, real e que corresponde ao público receptor da obra, definível social e historicamente em oposição a um leitor *implícito*, cuja existência é inserida na esfera narrativa. O conceito de leitor implícito, na estética do efeito de Iser, designa uma função da leitura, que é por ela desencadeada e que prevê um diálogo do texto com o leitor. Tal função de leitura, segundo o autor, abrange as operações do pensamento exigido por um texto para uma recepção adequada. Dessa forma, o conceito define-se no entrecruzamento das operações cognitivas

⁵⁵ ISER, Wolfgang. *Der implizite Leser: Kommunikationsformen des Romans von Bunyan bis Beckett*. München: 1972. Versão mais popular no Brasil: _____. *The implied reader*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, s/d.

⁵⁶ _____. "Die Appellstruktur der Texte". In: Op. Cit., pp. 228-52.

⁵⁷ _____. "Der Lesevorgang". In: Op. Cit., pp. 253-76.

⁵⁸ _____. *Das Fiktive und das Imaginäre: Perspektiven literarischer Anthropologie*. Frankfurt: Suhrkamp, 1991. No Brasil: _____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

⁵⁹ _____. *Der Akt des Lesens: Theorie ästhetischer Wirkung*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1976. No Brasil: _____. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, 2 v.

necessárias para a realização da leitura e dos fundamentos textuais provocadores de tais operações.

Nesse processo, a leitura é vista como interação entre o texto e o imaginário do leitor. O campo do imaginário, definido como o do domínio do onírico, do “divagar” e da alucinação – e, portanto das atividades criativas do homem – é essencial para a concretização de um texto –, assume nova importância e surge principalmente do conceito de vazios textuais (*Leerstellen*), que Iser formula a partir dos pontos de indeterminação de Ingarden.

Para Ingarden, os pontos de indeterminação resultam do aspecto esquemático da obra literária e de sua conseqüente indefinição. Por conseqüência, apresenta ao leitor uma necessidade de complementação a que ele nomeia concretização. No entanto, para Iser, a leitura existe na tensão dialética entre a necessidade de fantasia do leitor (isto é, o apelo à sua imaginação), bem como de identificação com a obra por parte do leitor (o que implica na satisfação do horizonte de expectativas) e a quebra dessa ilusão quando, então, ocorre a ruptura do horizonte de expectativas do leitor.

Assim, os vazios textuais sobre os quais discorre Iser são, como o próprio define, relações não-formuladas que organizam as estratégias do texto e apontam ao leitor as necessidades de integração exigidas pelo texto. Os vazios podem ser entendidos também como lacunas entre os elementos do texto que devem ser esclarecidos através de conexões e hipóteses realizadas pelo leitor. A leitura de um texto literário transforma-se então num processo, pois o leitor preenche os vazios do texto com a sua imaginação e, sob essa perspectiva, a literariedade de um texto funciona como um espelho a refletir as experiências do leitor. É evidente ainda que, nesse processo, há a possibilidade do autor influenciar a imaginação do leitor, mas esse fato por si só não

pode condicionar o processo como um todo. Sendo assim, é na conjuntura dos procedimentos de dedução e indução que emerge para o leitor o significado do texto.

De maneira geral, é possível identificar os procedimentos metodológicos concernentes à discussão teórica acima no que se refere ao estudo de um conjunto de obras literárias, como é o nosso caso. Primeiramente é necessário caracterizar o seu sistema literário e as articulações sincrônicas e diacrônicas da obra no contexto desse sistema. Também é importante investigar qual é a participação do leitor nos processos de concretização da obra literária, demonstrar quais estruturas textuais funcionam como provocadoras, reconstituir dialeticamente os horizontes das obras e do leitor, mostrando de que maneira se integram recepção, sistema literário, contexto histórico-social e a proposta estética da obra.

Dado o caráter interdisciplinar dos estudos da Estética da Recepção, o que propomos neste trabalho é a aplicação de alguns conceitos dessa metodologia nos textos literários-jornalísticos que compõem nosso corpus. A escolha da *Estética* nos parece adequada para o contexto em questão não só pela grande quantidade de textos literários que encontramos no jornal mas também pelos conceitos metodológicos como o horizonte de expectativas, por exemplo, que nos possibilita fazer uma excelente leitura desses textos que ultrapassam os limites literários e nos permite empreender uma verdadeira leitura da sociedade da época contemplada.

Nosso ponto de partida é o conceito de “perguntas e respostas”, já apontado por Jauss como fundamental para que saibamos mensurar verdadeiramente o valor artístico de determinada obra em determinado contexto. Ora, se considerarmos a literatura portuguesa veiculada no jornal *O Estado de São Paulo* (resposta) como um todo, isto é, sem a distinção de autores, épocas ou gêneros, somente os valores nela incutidos, e ainda, o constante reforço dos valores dessa literatura “estrangeira” repetido ao longo

dos textos, logo encontraremos a pergunta, também constatada por outros pesquisadores que se ocupam da literatura e ou sociedade brasileira no período. Nesse momento de *ruptura* e de *tradição*, a sociedade dileitante busca um modelo, ou seja, um paradigma de cultura e ou literatura que o Brasil deveria seguir, para atingir um almejado nível de cultura e sofisticação, pergunta que o jornal através de seus textos prontamente se dispõe a responder. Ao entendermos, portanto, a “pergunta” para a qual o jornal incessantemente fornecia respostas, podemos depreender o horizonte de expectativas das obras veiculadas no jornal e o seu reflexo na sociedade.

Ainda que não disponhamos de uma “seção de cartas” no jornal no período da nossa pesquisa (01/01/1900 a 31/11/1911) para que pudéssemos eventualmente checar a recepção de tal conteúdo pela opinião dos leitores, podemos inferir que o teor contido nas matérias era muito prezado e possuía boa repercussão, uma vez que o jornal, sendo um produto comercial, precisa necessariamente veicular assuntos que agradem aos leitores e que, pelo menos, mantenham ou aumentem o número de exemplares vendidos. Mesmo considerando que uma grande parte de redatores e fundadores do jornal era de origem lusitana, não podemos deixar de sustentar que essa cultura/literatura/valores eram buscados pelos leitores do jornal, mesmo porque se não houvesse público para consumir tais conteúdos os mesmos não seriam publicados de forma tão incisiva e por tanto tempo. Essa *identificação* – segundo as categorias previstas por Jauss – seriam consideradas do tipo catártica e admirativa e podem ser observadas principalmente nos textos dos jornalistas brasileiros.

De outro modo, a sétima tese da conferência proferida por Jauss, que aponta como a literatura e a vida prática podem integrar-se no processo da leitura, também é importantíssima para o nosso trabalho, uma vez que toca em um dos pontos cruciais da nossa pesquisa: o jornal, através de seus textos-matérias, influencia todo o

juízo/padrão estético de uma sociedade, que interfere na mudança de visão do mundo de seus indivíduos e conseqüentemente influencia o seu fazer literário. Os *vazios* apontados por Iser nesse contexto também adquirem certa relevância, uma vez que os valores e as idéias inculcados nos textos de literatura portuguesa veiculados no jornal são apreendidos através do “preenchimento” das lacunas das matérias, que acabam por constituir e reforçar o juízo crítico que a sociedade leitora dos mesmos possuía do assunto.

3.1.2- As teorias da comunicação e os veículos da Comunicação de Massa

O papel do leitor, ou melhor, do *público-leitor*, no âmbito dos meios de comunicação de massa, também foi exaustivamente estudado pelos críticos da comunicação a partir da configuração de uma *Indústria Cultural*, já no início do século XX. Ao considerarmos o jornal, veículo do nosso objeto de estudo, como um meio de comunicação de massa e, principalmente, o prestígio e a influência que o jornal *O Estado de S.Paulo* tinha e ainda tem junto à sociedade paulistana e brasileira, decidimos também estudarmos esse fenômeno para que pudéssemos ter uma outra visão acerca do nosso *corpus* que, apesar de ser material literário, também é jornalístico e, portanto, manipulado pelo meio em que aparece e para o qual foi pensado e composto.

Podemos definir como *Comunicação de massa* toda a comunicação dirigida a um grande público (relativamente anônimo e heterogêneo), por intermediários técnicos sustentados pela economia de mercado e a partir de uma fonte organizada. A caracterização dessa fonte é importante para delimitar as fronteiras que separam a comunicação que é de massa da que não é de massa. Aos meios de comunicação de massa, são atribuídas quatro funções: informar, divertir, persuadir e ensinar. Esta

classificação, porém, pode falhar, pois ignora os possíveis propósitos e necessidades inconsciente, que certamente existem tanto na fonte como nos receptores das mensagens.

A difusão de mensagens pelos meios de comunicação de massa gera a *cultura de massa*, conceito que também inspira controvérsias. Alguns teóricos, como Adorno e Horkheimer, chegam a discordar do próprio uso da expressão cultura de massa e propõem, em seu lugar, a expressão *indústria cultural*, para desmascarar, neste conceito, as concepções ideológicas que proliferam no campo dos meios de comunicação de massa.

Convém esclarecer, neste ponto, que os veículos de comunicação de massa foram estudados por pelo menos 3 pontos de vista diferentes (e, por isso mesmo, complementares): o da chamada *Escola* de Frankfurt, o da *Escola* norte-americana de Chicago e ainda o da *escola* européia formada principalmente por pesquisadores italianos e franceses.

Os primeiros estudos sobre os veículos de comunicação de massa já podem ser observados a partir do século XVIII⁶⁰, mas somente são intensificados e delineados tal como conhecemos hoje a partir do século XX, com a constatação de uma sociedade de massa e com o reconhecimento da importância dos meios de comunicação na sociedade que estava se desenvolvendo.

Desde a década de 1910, a Comunicação nos EUA já se encontrava ligada ao projeto de construção de uma ciência social sobre bases empíricas, que teve como sede inicial a Universidade de Chicago. A supremacia desses primeiros estudos dura por cerca de trinta anos, quando na década de 40 surge a *Mass Communication Research*,

⁶⁰ Cf. Armand e Michele Mattelart, *História das teorias da comunicação*, São Paulo, Loyola, 1999, p.14.

cujo esquema de análise funcional deslocava-se para a pesquisa quantitativa, mais apta a responder às exigências provenientes dos administradores da mídia.

Um dos precursores da Escola de Chicago foi Robert Ezra Park (1864-1944), que transformara a prática jornalística realizada até então e concebera como forma superior de reportagem as pesquisas sociológicas realizadas nos bairros da periferia.

A cidade como “laboratório social”, com seus signos de desorganização, marginalidade, de aculturação, de assimilação e como lugar da “mobilidade” é o terreno da observação privilegiada pelos pesquisadores norte-americanos. Entre 1915 e 1935, as contribuições mais importantes desses cientistas são consagradas à questão da imigração e da integração dos imigrantes na sociedade americana. É a partir dessas comunidades étnicas que Park se interroga sobre a função assimiladora dos jornais e, em particular, das inúmeras publicações em língua estrangeira sobre a natureza da informação e o profissionalismo do jornalismo.

Em 1948, outro grande nome da escola de Chicago, Harold D. Lasswell (1902-1978), inaugura a sociologia funcionalista da mídia com a fórmula “Quem diz o que, por qual canal e com que efeito?”. Essa premissa logo é traduzida em fórmulas e dados quantitativos, recebendo também outros nomes, como *análise do controle*, *análise do conteúdo*, *análise das mídias* ou *dos suportes*, *análise da audiência* e *análise dos efeitos*. Nesse contexto, dois pontos desse programa foram privilegiados: a análise dos efeitos e, em estreita correlação com essa, a análise do conteúdo, que fornecem ao pesquisador elementos-chave para orientar a abordagem do público. Essa técnica de pesquisa visa a “descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações”⁶¹, através de mapeamentos e recenseamentos sistemáticos de assuntos, temas, operadores discursivos e palavras. A atenção aos efeitos da mídia sobre

⁶¹ *Op. Cit.*, p. 40

os receptores, a constante avaliação, com fins práticos, das transformações que se operam em seus conhecimentos, comportamentos, emoções e opiniões são submetidas à exigência de resultados formulada por acionistas preocupados em pôr em números a eficácia de uma campanha de informação governamental, publicitária ou de uma operação de relações públicas de uma empresa, por exemplo.

Segundo Lasswell, o processo de comunicação cumpre três funções principais na sociedade: a) a vigilância do meio, revelando tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade ou das partes que a compõem; b) o estabelecimento de relações entre os componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio; c) a transmissão da herança social.⁶² Os sociólogos e também pesquisadores da comunicação, Paul F. Lazarsfeld e Robert K. Merton, acrescentaram a essas funções uma quarta, o *entertainment* ou diversão, tornando o sistema mais complexo com o discernimento da possibilidade de disfunções, bem como de funções latentes e manifestas.

De um modo geral, a sociologia funcionalista concebia as mídias, novas ferramentas da democracia moderna, como mecanismos decisivos de regulação da sociedade e, nesse contexto, só podia advogar uma teoria voltada para a reprodução dos valores do sistema social e do estado de coisas existente. A partir de então, escolas de pensamento crítico irão se interrogar sobre as conseqüências do desenvolvimento desses novos meios de produção e transmissão cultural, recusando-se a tomar como evidente a idéia de que, dessas inovações técnicas, a democracia sairia necessariamente fortalecida. Descritos e aceitos pela análise funcional como mecanismos de ajuste, os meios de comunicação tornaram-se suspeitos de violência simbólica e passaram a ser encarados como meios de poder e de dominação.

⁶² *Op. Cit.*, p. 41

Inspirados num marxismo em ruptura com a ortodoxia, os filósofos da escola de Frankfurt, exilados nos EUA, inquietam-se com a transformação da cultura desde os anos 40. Na época da República de Weimar, alguns intelectuais como o filósofo Max Horkheimer e o economista Friedrich Pollock, fundam o Instituto de Pesquisa Social, afiliado à Universidade de Frankfurt. Os estudos iniciais do Instituto tinham por objeto a economia capitalista e a história do movimento operário. Em 1930, porém, quando Horkheimer assume a direção do Instituto, os estudos passam a ser direcionados para a crítica da prática política dos dois partidos operários alemães, na tentativa de junção das teorias de Marx e Freud.

Com a tomada do poder por Hitler, Max Horkheimer é destituído, e com ele todos os membros fundadores judeus do Instituto. Financiado desde a sua origem por empresários da comunidade judaica, os fundos do Instituto são transferidos e anexos são criados em Genebra, Londres e Paris, mas o único lugar seguro para estes pesquisadores exilados é a Universidade de Columbia, que lhes cede um de seus prédios.

O musicólogo e filósofo Theodor Adorno, um dos pesquisadores exilados, responde ao convite de Paul Lazarsfeld, que lhe oferece colaboração em um programa de pesquisas sobre os efeitos culturais dos programas musicais no rádio no âmbito da Princeton Office of Radio Research, uma das primeiras instituições permanentes de análise dos meios de comunicação. Lazarsfeld, por meio dessa colaboração, esperava “desenvolver uma convergência entre a teoria europeia e o empirismo americano”, ou seja, que a “pesquisa crítica” alemã revitalizasse a “pesquisa administrativa” americana⁶³. Tais planos, no entanto, não se concretizaram e a colaboração termina em 1939, quando a oposição entre as duas mentalidades revela-se intransponível. Adorno recusara-se a se dobrar a lista de questões proposta pelo financiador que, em sua

⁶³ *Op. Cit.*, p. 75

opinião, encerrava o objeto de pesquisa nos limites de rádio comercial em vigor nos EUA e impedia a “análise desse sistemas, suas conseqüências culturais e sociológicas e seus pressupostos sociais e econômicos”⁶⁴. Em outras palavras, Adorno deixara em segundo plano a famosa lista “quem”, “como” e o “porquê”.

Em meados dos nos 40, Adorno e Horkheimer criam o conceito de industria cultural, ao analisarem a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, os jornais, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos empresariais. Cada setor da produção é uniformizado e todos o são em relação aos outros. A civilização contemporânea confere a tudo um ar de semelhança e a industria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões da produção devem responder.

Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho. Essa situação não é o resultado de uma lei da evolução da tecnologia enquanto tal, mas de sua função na economia atual. Segundo Adorno e Horkheimer, “em nossos dias, a racionalidade técnica é a racionalidade da dominação propriamente dita. O terreno em que a técnica adquire seu poder sobre a sociedade é o terreno dos que a dominam economicamente”⁶⁵. A racionalidade técnica é o “caráter coercitivo” da sociedade alienada.

A industria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria. A transformação do ato cultural em valor suprime sua função crítica e

⁶⁴ *Op. Cit.*, p. 76

⁶⁵ ADORNO, T; HORKHEIMER, M. La production industrielle des biens culturels. In: _____. *La Dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 1974.

nele dissolve os traços de uma experiência autêntica. A produção industrial sela a degradação do papel filosófico-existencial da cultura.

Porém, por maior que tenha sido a clarividência de Adorno e Horkheimer na análise dos fenômenos culturais, eles parecem ter percebido apenas um aspecto – fundamental, sem dúvida – da conjunção entre a arte e tecnologia, mas uma superestimação da arte como fermento revolucionário impediu-os de perceber muitos aspectos bastante diferentes dessa conjunção. Basta lembrarmos de ler o texto de outro importante membro da escola de Frankfurt, Walter Benjamin, intitulado *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, escrito em 1933, cerca de dez anos antes das análises de seus colegas Adorno e Horkheimer. Nesta obra está indicado como o próprio princípio da reprodução torna obsoleta uma velha concepção da arte que ele chama de *aurática*. Ora, a partir daí podemos nos perguntar em que medida a cultura de massa não é estigmatizada por Adorno e Horkheimer também porque seu processo de fabricação atenta contra certa sacralização da arte. Na verdade, é difícil não perceber em seu texto o eco de um vigoroso protesto erudito contra a intrusão da técnica no mundo da cultura. Sua pedra angular parece ser exatamente essa reprodutibilidade de um dado cultural por meios técnicos a que se referia Benjamin. Com certeza, o modo industrial de produção da cultura corre o risco de padronização com fins econômicos e de controle social, mas nem por isso a crítica legítima da indústria cultural deixa de estar estreitamente ligada à nostalgia de uma experiência cultural independente da técnica.

Em 1960, o Centro de Estudos das Comunicações de Massa (CECMAS) é criado no interior da Escola Prática de Altos Estudos. Fundado por iniciativa do sociólogo Georges Friedmann, esse centro representou a primeira tentativa séria de constituir na França um círculo e uma problemática de pesquisa em comunicação. Seu programa consistia na análise das “relações entre a sociedade global e as comunicações de massa,

que se integram funcionalmente a ela”. Seu objetivo era o de remediar o atraso da pesquisa francesa em uma área em grande parte dominada pela análise funcional americana e a carência de uma perspectiva transdisciplinar.

Em torno de Georges Friedmann se reuniram Edgar Morin e Roland Barthes, cada um deles representando campos e orientações próprios. Barthes foi o único a se situar na órbita do estruturalismo, conduzindo pesquisas sobre o estatuto simbólico dos fenômenos culturais ao perseguir o projeto de desenvolver uma verdadeira ciência da cultura de inspiração metodológica. Já os estudos de Friedmann sobre o trabalho e a técnica levaram-no a dedicar-se aos problemas da civilização tecnicista e seus “fenômenos de massa”: produção e consumo de massa; audiência de massa, surgimento do tempo do não-trabalho e generalização do lazer, enquanto Edgar Morin foi um dos primeiros a refletir sobre a importância que assume a mídia ao questionar os valores dessa nova cultura e ainda introduziu nas referências francesas o conceito de indústria cultural. Tais pesquisas no CECMAS definiram-se como uma “sociologia do presente”, que se interessava pelo acontecimento como revelador sociológico. Nesse centro gravitaram ainda personalidades tão diversas quanto Julia Kristeva, Abraham Moles, Violette Morin, Jules Gritti, A. J. Greimas, mas também pesquisadores ligados à indústria publicitária, como Jacques Durand e Georges Peninou, que se dedicaram a estudar como a máquina retórica poderia ser posta a serviço da criação.

Na mesma época, fora criado em Milão um centro similar, o Instituto A. Gemelli, fundação independente da Universidade e também fruto da reação à supremacia da sociologia da mídia americana. Os italianos empenharam-se de maneira mais constante do que os semiologistas franceses nas pesquisas sistemáticas sobre os fenômenos da comunicação e da cultura de massa, como demonstraram os excelentes trabalhos de Umberto Eco, de Paolo Fabri e Francesco Casetti, por exemplo.

Em 1967, em *Le Système de la mode*, Barthes aplicara às revistas de moda, de maneira bastante rígida, seu esquema de análise semiológica. Seu interesse pelas expressões da cultura de massa revelou-se, porém, menos intenso do que seu desejo de renovar os métodos de crítica literária. Já Edgar Morin, a partir da década de 70, direcionou seus estudos cada vez mais para a cibernética, a teoria dos sistemas e as ciências cognitivas.

Como observamos, apesar do termo *indústria cultural*, bem como os estudos concernentes à teoria e aos meios de comunicação de massa serem relativamente recentes, na Europa já podemos verificar as características que as constituem (industrialização e sociedade de consumo) partir da Revolução Industrial e no Brasil a partir de 1890, ainda que de forma incipiente.

Segundo MEDINA (1978),

Por essa época, observam-se duas tendências no sentido de transformar a atividade jornalística em exploração comercial e industrial: [...] tradicionais folhas que vêm do tempo do Império modernizam-se adquirindo equipamento e passando a faturar, principalmente, pela venda do espaço publicitário e surgem novos órgãos [...] já inteiramente estruturados como empresa e voltados, como qualquer negócio, para o lucro como objetivo. Objetivando a maior circulação possível (em função do qual gira, grosso modo, o valor do espaço vendido), o jornal empresa passa a considerar preferencialmente o gosto do leitor. (p.55)

Conforme pudemos constatar no capítulo 2, o jornal *O Estado de S. Paulo* acompanhou de perto todas as mudanças da sociedade brasileira e paulistana, seja na modernização dos equipamentos tipográficos, seja na forma de gerenciamento da empresa e de captação de um crescente público-leitor e de conteúdos que atendessem o interesse da população. Perfeitamente integrada à lógica de produção cultural como já apontara os filósofos alemães, tomamos aqui o jornal e as matérias que constituem o *corpus* do nosso trabalho como produtos de uma indústria cultural ainda que presente de forma incipiente no início do século XX. Ainda nessa perspectiva, da sociologia norte-

americana, nos valem de alguns modelos para a realização de gráficos e tabelas para uma visualização geral dos conteúdos das matérias, relacionados à análise de conteúdo.

Desde seus primórdios, a análise de conteúdo aplicada aos *mass media* serviu como técnica de diagnóstico social. As mensagens da comunicação de massa permitiram formular inferências sobre a cultura que as produz. Por intermédio dos veículos de comunicação de massa, a análise de conteúdo converte-se em radioscopia social, uma espécie de “culturanálise”, como já definira A. Moles.

Se as mensagens dos media permitem uma culturanálise, é porque elas são, simultaneamente, o espelho onde se reflete a cultura de um país e de uma época, e o cadinho, a matriz em que essa mesma cultura se forma e transforma. Com efeito, toda a mensagem é um reflexo do estado daquele que a emite e um meio que permite atuar sobre aquele que a recebe, influenciá-lo. As mensagens dos meios de comunicação de massa são, simultaneamente, a expressão de uma cultura e o instrumento que a modela.

A cultura de massa é o fruto do permanente, desordenado e aleatório caudal de mensagens que nos chega pelos meios de comunicação de massa. Enquanto a cultura tradicional era coerente, organizada e constituída por um saber cujos elementos estavam fortemente ligados entre si, a cultura de massa é, segundo a fórmula de A. Moles, uma “cultura de mosaico”. Se examinarmos de perto, verificaremos que o conteúdo de mosaico dos *media* está sub-estruturalmente organizado. Esse conteúdo gravita em torno de alguns grandes eixos que refletem as aspirações, angústias e a sociedade do homem que ela representa. Pela análise do conteúdo pode-se depreender informações valiosas da sociedade em geral e o meio mais cômodo para esse tipo de pesquisa é sem dúvida a análise da imprensa porque as mensagens impressas, fixadas no papel, são de fácil acesso e ao mesmo tempo, mais fáceis de manipular. No nosso caso, constituem objetos preciosos e autênticos de pesquisa, retrato fiel e vivo da sociedade paulistana e

brasileira do início do século XX , de fácil acesso e sem intermediários. A seguir, veremos a aplicação de tais conceitos da teoria da comunicação nos textos constituintes do nosso *corpus*.

4.2- ESTATÍSTICAS E RECORRÊNCIA DOS DADOS CATALOGADOS

Devido à variedade da natureza e dos dados contidos em nosso corpus, realizamos previamente uma tabela-resumo (em anexo) contendo os principais aspectos de cada matéria em geral e uma outra classificação de acordo com categorias por nós pré-estabelecidas levando em conta as características mais significativas de cada texto, antes da leitura pormenorizada de cada texto individualmente.

Nesse sentido, as citadas categorias pré-estabelecidas, assim como seus sub-itens são:

1) Tipo de produção:

- Artigo;
- Conferência literária;
- Conto;
- Crônica;
- Ensaio;
- Nota;
- Notícia;
- Poema;
- Prosa;
- Resenha.

2) Assuntos referidos:

- Aniversário de morte/nascimento;
- Comentários sobre a sociedade portuguesa;
- Comentários/análise sobre obras de autores portugueses;
- Homenagens;
- Informações de óbito/funeral;
- Informações sobre periódicos portugueses;
- Informações sobre recepção de obras;
- Lançamento de livros;
- Notícias sobre a vida de autores portugueses;
- Prosa;
- Publicação de Poesia;
- Recepção crítica de livros;
- Súmula de conferência literária;
- Transcrição de artigo inédito.

3) Principal objeto da matéria;

4) Produção por articulista:

- A;
- Alfredo Pujol;
- Anselmo Ribas;
- Cedef;
- Dr. Bettencourt Rodrigues;
- G.S./Visconde de S. Boaventura;
- Jayme Batalha Reis;
- João Grave;
- José Feliciano;

- N;
- Não Consta (editorial);
- Oliveira Lima;
- Raul Soares;
- Sílvio de Almeida.

5) Obras citadas.

Em *Tipo de Produção* procuramos classificar as matérias de acordo com suas características textuais mais marcantes e uniformizar a definição de cada uma das suas sub-categorias (artigo, conferência literária, conto, crônica, etc) baseadas na bibliografia especializada e nas características globais que observamos realizando a leitura dos textos, uma vez que nem sempre é fácil uma sistematização do texto jornalístico dado à sua natureza híbrida, sobretudo no início do século XX. Deste modo, as matérias foram sub-classificadas segundo o seguinte conceito:

- Artigo:

“Texto jornalístico interpretativo e opinativo, mais ou menos extenso, que desenvolve uma idéia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação. Geralmente assinado, o artigo difere do editorial por não apresentar enfaticamente, como este, uma “receita” para a questão em pauta, nem representar necessariamente a opinião da empresa jornalística. “O tom dogmático do editorial dá lugar a uma composição analítica, que deve-se pautar pela naturalidade, densidade e concisão.(...) O projeto de todo o artigo é a explicação de um fato, segundo propósitos variados (informativos, interpretativos, persuasivos ou indutivos).” (RABAÇA; BARBOSA, 1995, p.51)

- Conferência literária:

Texto integral ou parcial de conferência literária proferida nos salões literários da época que foi publicado no jornal.

- Conto:

Narrativa pouco extensa, concisa, que contém unidade dramática e cuja ação é concentrada num único ponto de interesse.

- Crônica:

“Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, artístico, etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. (RABAÇA; BARBOSA, 1995, p.187) O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “passa sobre os fatos”, fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (momento que aparecem os juízos implícitos e explícitos) do autor. Na crônica, porém, o juízo de valor confunde-se com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

- Ensaio:

Contribuição que trata, geralmente em profundidade, de determinada faceta de um assunto.

- Nota:

Pequena notícia destinada à informação rápida. Caracteriza-se por extrema brevidade e concisão.

- Notícia:

Relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido pelo público. Os manuais de jornalismo propõem diversas classificações para a notícia: *previstas ou imprevistas, espontâneas ou provocadas, locais, estaduais ou internacionais*, etc. Como fenômeno essencialmente jornalístico, a notícia requer tratamento apropriado – que envolve apuração, pesquisa, comparação, interpretação, seleção – e redação adequada, de acordo com as peculiaridades do veículo. Mas para que, com toda a técnica jornalística, se produza uma boa notícia, é essencial que o fato reúna determinados atributos, como: atualidade, veracidade, oportunidade, interesse humano, raridade, curiosidade, importância e conseqüências para a comunidade, proximidade, etc.

- Poema:

Transcrição de obra poética, inédita ou não, no jornal.

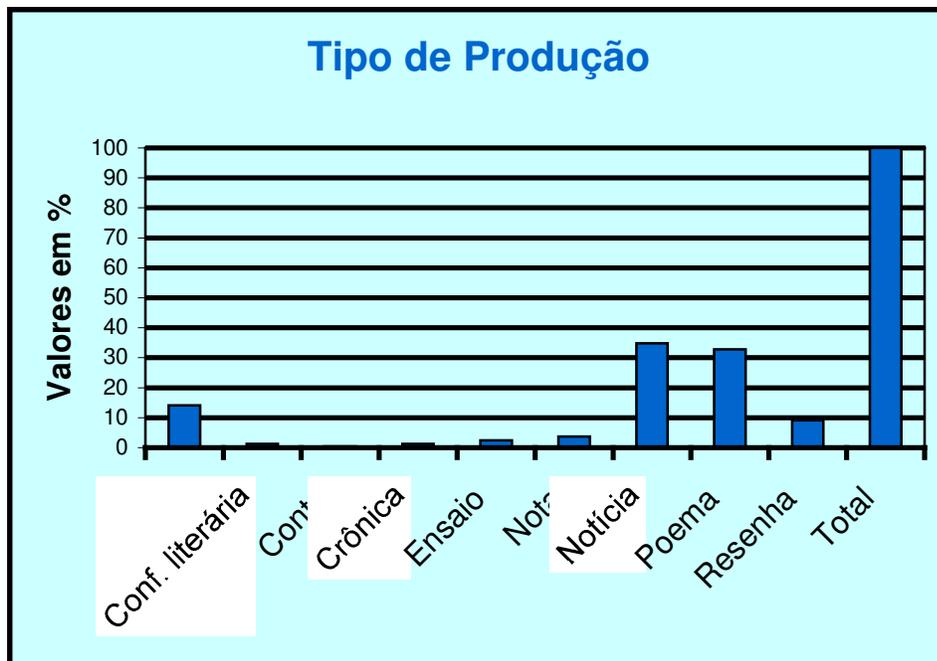
- Prosa:

Publicação de excerto de obra em prosa.

- Resenha:

Descrição pormenorizada acerca de algum lançamento editorial inédito ou não.

Desse modo, obtivemos a seguinte tabela:



Tipo de Produção	Quantidade	Valores em %
Artigo	34	14,11
Conf. literária	3	1,24
Conto	1	0,41
Crônica	3	1,24
Ensaio	6	2,48
Nota	9	3,73
Notícia	84	34,85
Poema	79	32,78
Resenha	22	9,12
Total	241	100

Como podemos ver, a *notícia* se destaca dentre as 241 matérias do nosso *corpus*, com 84 ocorrências, seguida de perto pela divulgação/transcrição de poemas (79 vezes). Se por um lado já esperávamos que a *notícia* se destacasse nesse contexto por se tratar de um jornal, o grande número de poemas não deixa de chamar a atenção pelo destaque elevado que possuiu nas páginas do OESP durante o período pesquisado.

Quanto ao teor dos poemas, podemos dividi-los em categorias: satíricos, laudatórios (homenagens), populares, “íntimos” e paradigmáticos.

Na categoria dos satíricos, dirigidos sobretudo aos membros da sociedade portuguesa em geral, temos os poemas de Acácio de Paiva, por exemplo, que criticava duramente alguns hábitos da alta sociedade lusitana como podemos notar em “O Chapéu da Moda” (09/08/1903), em “Mulher-homem” (04/09/1903), assim como os alguns poemas de João Saraiva (11/08/1903). Os versos laudatórios, ou seja, aqueles destinados a homenagear e enaltecer alguma personalidade foram sem dúvida os mais recorrentes, mesmo porque essa “prática” era muito comum aos “críticos” da época. Tais homenagens foram dirigidas à autores já consagrados pela crítica, como Almeida Garrett (28/02/1904) ou às figuras políticas, como em “Saudação à Rainha” (23/10/1904) ou em Pró-pátria (versos em homenagens a D. Carlos I, em 10/02/1906).

Houve ainda forte presença da “poesia popular”, ou seja, aquela poesia predominantemente oral, de domínio público, que o jornalista vez ou outra transcrevia, como nos artigos de 09/03/1903, 16/09/1903, 18/05/1905, etc. Em contrapartida, os ditos “versos íntimos”, de acordo com o próprio G.S. em 20/07/1905, seguindo uma tendência intimista/simbolista de certa forma presente na época, tratavam de assuntos cotidianos, voltados para a família e o diálogo interior, enquanto os “paradigmáticos” ilustravam um modelo de poesia a ser seguido (mesmo que não explicitamente) pelos portugueses e porque não, pelos brasileiros, como podemos ver em “Jóia antiga” (09/12/1903) e “Almeida Garrett” (03/01/1906). É interessante notar ainda que essa idéia de “literatura/cultura portuguesa” como modelo aparece com freqüência em praticamente todos os textos pesquisados, promovendo de fato a manutenção de um *status quo* desse padrão de cultura que deveria ser seguido.

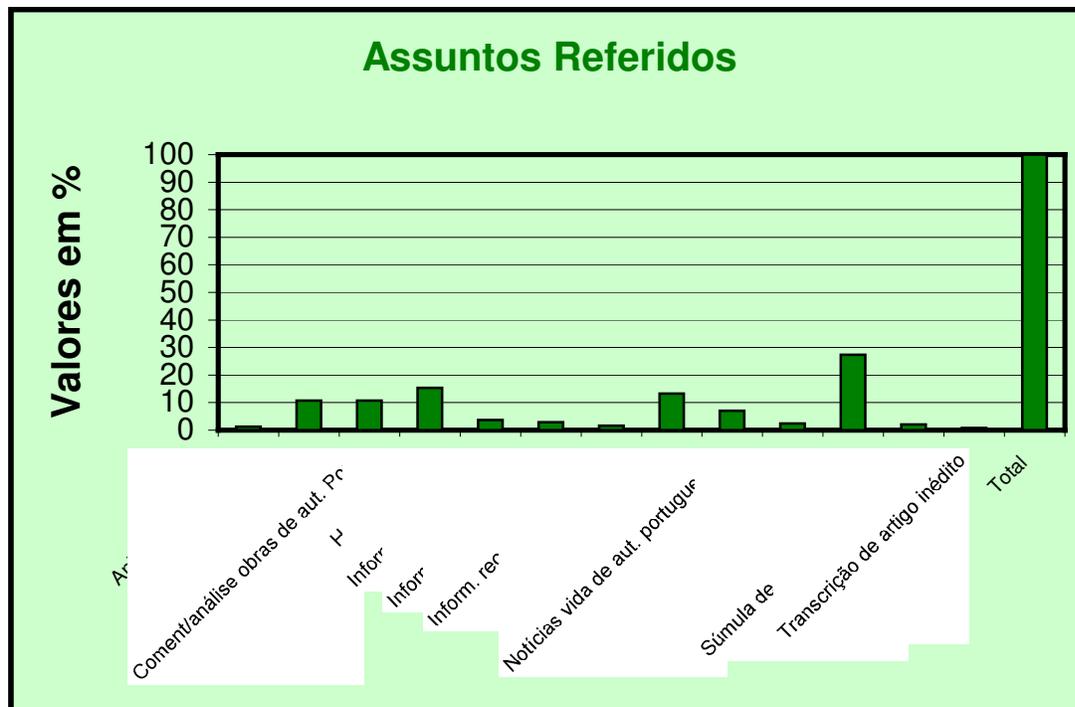
As *notícias*, como já foi dito, abordaram assuntos relacionados à literatura portuguesa em geral, enquanto a veiculação dos poemas geralmente divulgava desde autores da época (alguns inclusive desconhecidos hoje em dia) até “clássicos”, como o

excerto de Camões em 29/08/1910 (nas *Divagações*, p.3 e 4) e o soneto inédito de Antero de Quental em 28/10/1910. Já os *artigos* versavam com profundidade sobre algum aspecto da vida/autores/cultura portuguesa, como *Brasil-Portugal*, datado de 09/07/1907 e as resenhas destinavam-se a inteirar o público brasileiro sobre os novos lançamentos literários de além-mar. Nós classificamos ainda as matérias em *notas* e *ensaios*, cada um com 6 ocorrências cada. Com três publicações tivemos ainda a *crônica* e a *conferencia literária*, e o único conto de literatura portuguesa publicado no período foi “O suave Milagre”, de Eça de Queirós, em 10 de abril de 1903.

Ainda nessa perspectiva classificatória, em *Assuntos referidos* tentamos sintetizar os temas mais recorrentes das matérias integrantes do corpus. O resultado final foi a classificação das mesmas em 13 sub-categorias, definidas da seguinte maneira:

- Aniversário de morte/nascimento: matérias que versassem sobre o aniversário de morte ou nascimento de algum autor português;
- Comentários sobre a sociedade portuguesa: matérias que discorressem sobre algum fato relevante na sociedade portuguesa em geral (política, festas, teatros, etc.);
- Comentários/análise sobre obras de autores portugueses: matérias que comentassem algum aspecto acerca de obras literárias portuguesas;
- Homenagens: matérias que tratassem acerca de homenagens á vários autores portugueses, bem como a construção de estátuas, monumentos e pequenos discursos proferidos apenas ocasiões para homenagear determinado autor;

- Informações de óbito/funeral: matérias que informassem sobre a ocorrência de óbito ou acontecimentos do funeral relacionado à autores portugueses;
- Informações sobre periódicos portugueses: matérias que discutissem algo sobre periódicos portugueses (revistas ou jornais) e a sua ligação com a literatura /autores portugueses;
- Informações sobre recepção de obras: matérias que tratassem especificamente sobre recepção crítica de obras literárias portuguesas recém-lançadas em Portugal;
- Lançamento de livros: matérias que nos fornecessem pequenas apreciações ou resenhas críticas sobre livros de autores portugueses lançados no Brasil e em Portugal;
- Notícias sobre a vida de autores portugueses: matérias que noticiassem algum fato importante ocorrido na vida pessoal dos autores portugueses citados;
- Prosa: matérias que divulgassem excertos ou comentários críticos acerca de obras de autores portugueses;
- Publicação de Poesia: matérias que transcrevessem obra poética no jornal, de autoria portuguesa, inédita ou não;
- Súmula de conferência literária: matérias que transcrevessem integralmente o programa e o conteúdo das conferências literárias comentadas no jornal;
- Transcrição de artigo inédito: matérias que divulgassem material inédito sobre literatura portuguesa no Brasil.



Assuntos referidos	Quantidade	Valores em %
Aniver. morte/nasc.	3	1,24
Coment. Soc. Port.	26	10,78
Coment/análise obras de aut. Port.	26	10,78
Homenagens	37	15,35
Inform. óbito/funeral	9	3,73
Inform. periódicos Port.	7	2,9
Inform. recepção de obras	4	1,65
Lançamento de livros	32	13,27
Notícias vida de aut. portugueses	17	7,05
Prosa	6	2,48
Publicação de Poesia	66	27,38
Súmula de conferência literária	5	2,07
Transcrição de artigo inédito	2	0,82
Total	241	100

A categoria *Publicação de poesia* ocupou a primeira posição entre as 13 categorias que pré-estabelecemos. As *homenagens*, como a publicada em 14/07/1905 na seção *A Vida Portuguesa* (p.2), ocuparam a segunda posição, com cerca de 37 ocorrências. Pelos menos 32 vezes nos 241 matérias foram mencionadas informações sobre lançamentos de livros (incluídos aí resenhas e notas), enquanto foram realizados

comentários sobre a sociedade portuguesa e análise sobre obras de autores portugueses aproximadamente 26 vezes cada uma. A vida particular dos escritores lusitanos também teve destaque na imprensa em questão, com cerca de 17 ocorrências. Com menos de 10 ocorrências tivemos *informação de óbito/funeral, informação sobre periódicos portugueses, informação sobre a recepção de obras*, publicação de pequenos excertos em *prosa, sumula de conferência literária* (como a proferida pelo Dr. Bettencourt Rodrigues em 16 de setembro de 1908) e *transcrição de artigo inédito* como o de Camilo Castelo Branco sobre medicina em 25/11/1903.

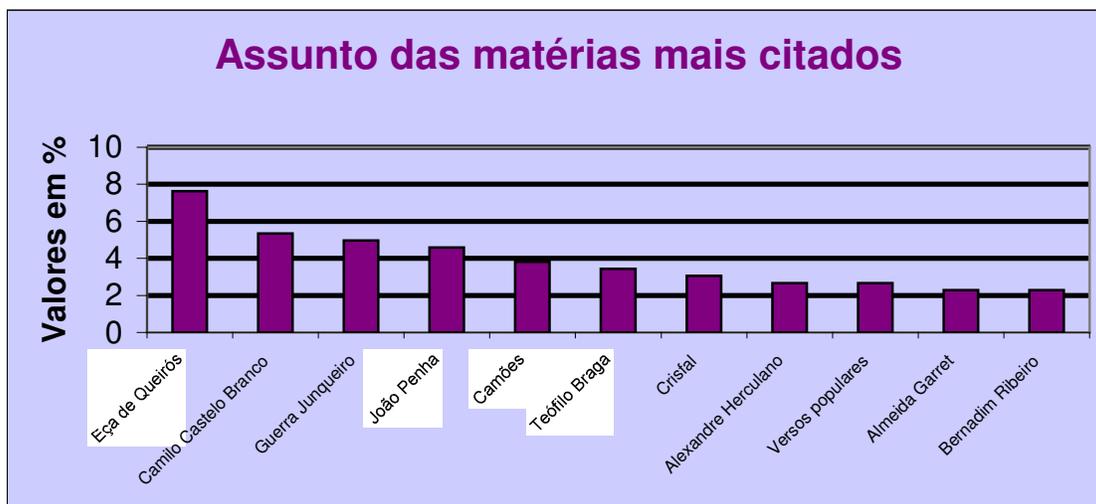
Já em *Principal objeto da matéria*, listamos os principais autores/objetos citados nas 241 matérias por número de ocorrências, conforme observaremos melhor no gráfico.

Principal objeto da matéria	No. de vezes que foi citado	Valores em %
Acácio de Paiva	3	1,14
Afonso Henriques	1	0,38
Alberto de Oliveira	1	0,38
Alberto Marques Pereira	1	0,38
Alexandre Herculano	7	2,67
Alfredo da Cunha	1	0,38
Alfredo Pujol	1	0,38
Alice Moderno	1	0,38
Almeida Garret	6	2,29
Amparo de Taberner	1	0,38
Angelina Vidal	1	0,38
Antero de Quental	2	0,76
Antônio Correia de Oliveira	2	0,76
Antônio Feijó	1	0,38
Antônio Ferreira	1	0,38
Antônio José da Silva (O Judeu)	2	0,76
Antônio Maria Eusébio	1	0,38
Antônio Nobre	1	0,38
Bandarra	1	0,38
Belmiro Braga	1	0,38
Bernadim Ribeiro	6	2,29
Bocage	3	1,14
Bordallo Pinheiro	2	0,76
Bulhão Pato	1	0,38
Camilo Castelo Branco	14	5,34
Camões	10	3,81
Carlos Malheiro Dias	1	0,38

Carolina Michaelis de Vasconcelos	1	0,38
Cesário Verde	2	0,76
Cipriano da Costa Goodolphim	1	0,38
Conde de Arnoso	1	0,38
Conde de Ficalho	1	0,38
Conde de Mensarez	1	0,38
Conde de Sabugosa	2	0,76
Crisfal	8	3,05
D. Carlos	2	0,76
D.Pedro I	1	0,38
Dr. Bettencourt Rodrigues	1	0,38
Eça de Queirós	20	7,63
Eduardo Galhardo	1	0,38
Emydio Navarro	1	0,38
Espinho	1	0,38
Eugênio de Castro	3	1,14
Fausto Guedes de Teixeira	1	0,38
Fernando Caldeira	1	0,38
Festa religiosa	2	0,76
Fialho de Almeida	2	0,76
G. Azevedo	1	0,38
G.S.	4	1,52
Garcia Redondo	3	1,14
general Galhardo	1	0,38
Gomes Leal	3	1,14
Guedes Teixeira	2	0,76
Guerra Junqueiro	13	4,96
Guilherme Braga	4	1,52
Jayme de Séguier	1	0,38
João Burnay	1	0,38
João Câmara	3	1,14
João de Barros	1	0,38
João de Deus	3	1,14
João de Freitas Branco	1	0,38
João Gouvêa	1	0,38
João Grave	2	0,76
João Jacinto Correa	1	0,38
João Lemos	1	0,38
João Penha	12	4,58
João Saraiva	2	0,76
José de Augusto de Castro	1	0,38
José Luciano de Castro	4	1,52
José Pereira Sampaio (Bruno)	2	0,76
Júlio Brandão	2	0,76
Júlio Dantas	2	0,76
Júlio Moreira	1	0,38
Lopes de Mendonça	3	1,14
Macedo Papança	2	0,76
Manuel de Arriaga	1	0,38
Manuel Duarte de Oliveira	2	0,76
Maria Amália Vaz de Carvalho	1	0,38
Maria da Cunha	1	0,38

Maria Galvany	1	0,38
Marquês de Soveral	1	0,38
Pato Moniz	1	0,38
pe. Antônio Vieira	3	1,14
Pinheiro Chagas	2	0,76
Ramalho Ortigão	4	1,52
Sá de Miranda	1	0,38
Sebastião de Carvalho	1	0,38
Severino de Moraes	1	0,38
Silva Pinto	1	0,38
Teatro	2	0,76
Teixeira de Paschoaes	2	0,76
Teófilo Braga	9	3,43
Thomás Antônio Gonzaga	1	0,38
Thomaz de Noronha	1	0,38
Urbano de Castro	1	0,38
Vários	12	4,58
Versos Populares	7	2,67
Vilaça	1	0,38
Virginia	1	0,38

Desta lista, refinamos as ocorrências mais citadas:

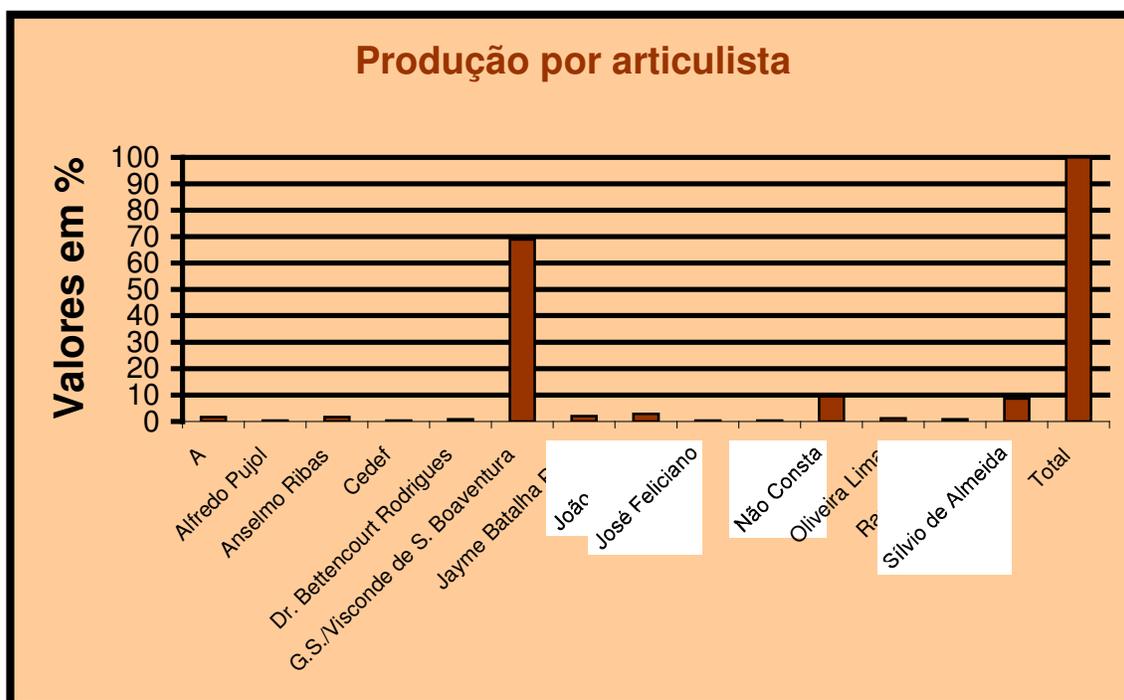


Assunto das matérias mais citados	No. de vezes que foi citado	Valores em %
Eça de Queirós	20	7,63
Camilo Castelo Branco	14	5,34
Guerra Junqueiro	13	4,96
João Penha	12	4,58
Camões	10	3,81
Teófilo Braga	9	3,43
Crisfal	8	3,05
Alexandre Herculano	7	2,67

Versos populares	7	2,67
Almeida Garret	6	2,29
Bernadim Ribeiro	6	2,29

Para esta categoria, elaboramos duas listas. Na primeira constam todos os *objetos*, isto é, todos os principais personagens das matérias acerca da literatura portuguesa enquanto na segunda lista refinamos as ocorrências mais citadas da lista primária. Apesar da divulgação de um grande número de autores portugueses no decorrer das 241 matérias, os mais citados, não por acaso, foram aqueles que ainda hoje gozam de prestígio junto aos admiradores e pesquisadores da literatura portuguesa, como Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, por exemplo. De um modo geral, entre os mais citados figuram aqueles que pertenceram à Geração de 70, seguidos de perto por *ícones* do Romantismo português, como o próprio Camilo Castelo Branco e Alexandre Herculano, ou seja, também personagens de um recente passado literário português que estava sendo reverberado no jornal. Da lista dos mais citados, a única surpresa foi, sem dúvida, a presença constante dos poetas bucólicos Cristóvão Falcão e Bernadim Ribeiro. No entanto, tal fato pode ser justificado pelas publicações recorrentes das análises de Sílvio de Almeida nas *Divagações* sobre a obra poética de ambos e seu esforço em decifrar a origem dos versos de Crisfal, especialmente.

Em *Produção por articulista*, listamos e contabilizamos a produção de cada jornalista mencionado no capítulo anterior (A., G.S/ Visconde de S. Boaventura, Sílvio de Almeida, etc.) e colaboradores do OESP no período, responsáveis pelo corpus da pesquisa.



Produção por articulista		
Articulista	Número de artigos	Valores em %
A	4	1,65
Alfredo Pujol	1	0,41
Anselmo Ribas	4	1,65
Cedef	1	0,41
Dr. Bettencourt Rodrigues	2	0,82
G.S./Visconde de S. Boaventura	166	68,87
Jayme Batalha Reis	5	2,07
João Grave	7	2,91
José Feliciano	1	0,41
N	1	0,41
Não Consta (Editoriais)	23	9,54
Oliveira Lima	3	1,24
Raul Soares	2	0,82
Sílvio de Almeida	21	8,71
Total	241	100

Conforme já tínhamos apontado anteriormente, ao jornalista português Gaspar da Silva (G.S./Visconde de S. Boaventura), correspondente do OESP em Portugal, é

atribuída a autoria de cerca de 68,87% das matérias sobre literatura portuguesa, com cerca de 166 vezes. Aos *editoriais* (não consta), isto é, às matérias publicadas no jornal sem alguma referencia de autoria, ou ainda, àquelas cuja autoria pertenciam à algum escritor consagrado mas cuja a publicação se deu após a sua morte (como foi o caso dos já citados artigos inéditos de Antero de Quental e Camilo Castelo Branco) foram atribuídos 23 ocorrências. Logo em seguida tivemos as Divagações de Silvio de Almeida, com 21 ocorrências, bem como as colaborações de Anselmo Ribas (Coelho Neto), João Grave, Raul Soares e Alfredo Pujol, por exemplo, que não ultrapassaram o número de 7 matérias cada um.

Finalmente, em *Obras Citadas* também listamos e contabilizamos as obras literárias portuguesas citadas ao longo dos 12 anos por nós pesquisados, com ênfase nas 10 primeiras ocorrências.

Obras Citadas	No. de vezes que foi citado	Valores em %
A brasileira de Prazins	1	0,26
A caveira da martir	1	0,26
A chave do enigma	1	0,26
A Cidade e as Serras	2	0,52
A correspondência de Fradique Mendes	2	0,52
A Ermida de Castromino	1	0,26
A esquina	1	0,26
A estátua de Pombal	1	0,26
A eterna mentira	1	0,26
A Floresta	1	0,26
A Holanda	1	0,26
A Ilustre casa de Ramires	2	0,52
A inteligência dos animais e das plantas	1	0,26
A maior dor humana	1	0,26
A morgadinha de Val-Flor	2	0,52
A neta de Arcediágo	1	0,26
A nova geração	1	0,26
A poesia ao amor em Portugal	1	0,26
A previdência	1	0,26
A Relíquia	6	1,56
A restauração de Portugal	1	0,26
A triste viuvinha	1	0,26
Alegria	1	0,26
Alfageme de Santarem	1	0,26
Algas	1	0,26

Alma Minha gentil...	1	0,26
Alma Portuguesa	2	0,52
Alma triste	1	0,26
Amanhã	1	0,26
América Latina	1	0,26
Amor de Perdição	4	1,04
Angelus	1	0,26
Anti-cristo	1	0,26
Ao correr do tempo	1	0,26
Ar livre	1	0,26
Aranha de Ouro	1	0,26
Arco de Santana	2	0,52
As caixas econômicas escolares	1	0,26
As capelas imperfeitas e a lenda das divisas gregas	1	0,26
As Farpas	6	1,56
Atenas do sul	1	0,26
Atlante	1	0,26
Através da Europa	2	0,52
Auto de Gil Vicente	1	0,26
Azulejos	1	0,26
Barão de Lavos	1	0,26
Belkiss	1	0,26
Bem-vinda	1	0,26
Bernadim Ribeiro	1	0,26
Bismarck et la caricature	1	0,26
Bom Humor	1	0,26
Caminhos do amor	1	0,26
Camões	1	0,26
Canção das Flores	2	0,52
Cancioneiro d'Ajuda	1	0,26
cancioneiro de Resende	2	0,52
Cancioneiro geral	1	0,26
Cântico do Calvário	1	0,26
Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade	1	0,26
Carícias	1	0,26
Cartas da Inglaterra	1	0,26
Cartas de Fradique Mendes	3	0,78
Cartas de Lisboa	1	0,26
Cartilha Maternal	1	0,26
Casa de Boneca	1	0,26
Castelo de Arade	1	0,26
Catão	1	0,26
Catarina de Athaíde	2	0,52
Ceia dos cardeais	1	0,26
Cem melhores poesias líricas de Portugal	1	0,26
Child Harold	1	0,26
Cidade do vício	1	0,26
Cidades	1	0,26
Claridades do Sul	2	0,52
Claudina	1	0,26
Com os mortos	1	0,26
Consolação das tribulações de Israel	1	0,26

Contos	1	0,26
Contos fantásticos	1	0,26
Corja	1	0,26
Corpo diplomático português	1	0,26
Crepusculares	1	0,26
Criminosos e degenerados em Camilo	1	0,26
Cromo	1	0,26
Culto da arte em Portugal	1	0,26
D. Anna	1	0,26
D. Branca	3	0,78
D. João	1	0,26
D. Pedro, o justiceiro	1	0,26
D. Sebastião	1	0,26
Da concorrência desleal	1	0,26
Dama das camélias	1	0,26
De braços dados	1	0,26
Decameron	1	0,26
Divina Comédia	1	0,26
Dom Juan	1	0,26
Duque de Vizeu	2	0,52
Eclesiastes	1	0,26
Ecogla	1	0,26
Ecos de Aljubarrota	1	0,26
Ecos de Paris	1	0,26
Educação Sentimental	1	0,26
Esqueleto	1	0,26
Estudos da língua portuguesa	1	0,26
Estudos sobre o casamento civil	1	0,26
Estudos sobre o romanceiro popular	1	0,26
Eterno feminino	1	0,26
Eurico, o presbítero	2	0,52
Eusébio Macário	1	0,26
Fabordãos	1	0,26
Fatal dilema	1	0,26
Fausto	2	0,52
Ferroadas	1	0,26
Festa de imaginação	1	0,26
Filipena de Vilhena	1	0,26
Flores do mal	1	0,26
Flores várias de diversos autores lusitanos	1	0,26
Foi-se me pouco a pouco amortecendo	1	0,26
Frei Gil	1	0,26
Frei Luiz de Sousa	5	1,31
Fruta do tempo	1	0,26
Garret e os dramas românticos	1	0,26
Germano	1	0,26
Germinal	1	0,26
Gomes Freire	1	0,26
Grinalda Cristã	1	0,26
Guerra da Gália	1	0,26
Guerras do alecrim e do manjerona	1	0,26
Harpa Eolia	1	0,26

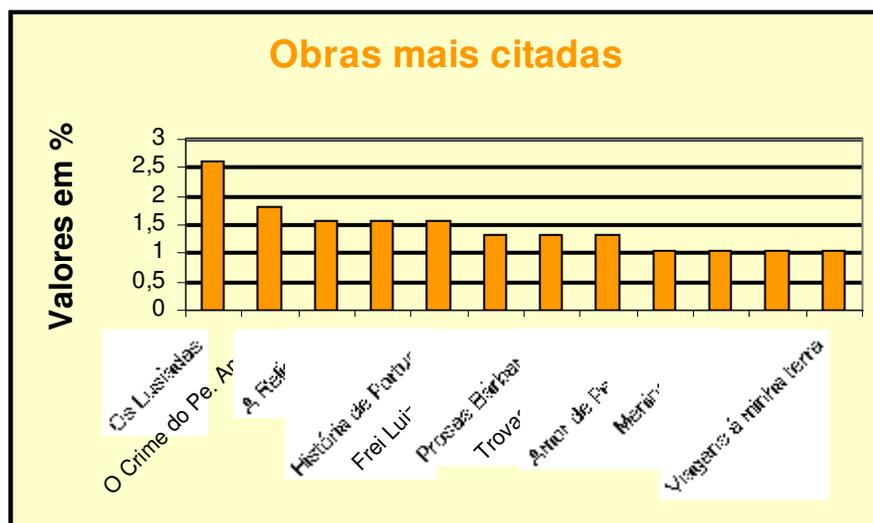
Hino ao Sol	1	0,26
História da França na idade Média	1	0,26
História da Literatura	1	0,26
História da literatura portuguesa	1	0,26
História da poesia portuguesa	1	0,26
História de Paulo e Virgínia	1	0,26
História de Portugal	6	1,56
História do Diabo	1	0,26
História e desenvolvimento das associações portuguesas	1	0,26
História popular de Portugal	1	0,26
História trágico-marítima	1	0,26
Holanda	1	0,26
Homem primitivo	1	0,26
Horizontes	1	0,26
Imaculável	1	0,26
Intermezzo	2	0,52
Isotecnia social	1	0,26
Jardim da Morte	1	0,26
Jornadas no Minho	1	0,26
Jornadas pelo Mundo	1	0,26
Jucunda	1	0,26
La formation du stile	1	0,26
Lira insubmissa	1	0,26
Lira meridional	1	0,26
Lisboa elegante	1	0,26
Livro de Lázaro	1	0,26
Lua de Londres	1	0,26
Madame Bovary	1	0,26
Madona de campo Santo	1	0,26
Mardoche	1	0,26
Margarida da Escócia	1	0,26
Maria do Céu	3	0,78
Mefistófoles	1	0,26
Melancolia	1	0,26
Melhor	1	0,26
Memento do Cancioneiro Geral	1	0,26
Memórias de Bulhão Pato	1	0,26
Memórias póstumas de Brás Cubas	1	0,26
Menina Moça	4	1,04
Mil trovas	1	0,26
Mistério da estrada de Cintra	2	0,52
Mistérios de Lisboa	1	0,26
Mocidade	1	0,26
Monge de Cister	1	0,26
Morte de d. João	2	0,52
Mulheres da beira	1	0,26
Musa em férias	1	0,26
Na Rússia	1	0,26
Nau Catrineta	1	0,26
Navegação Aérea	1	0,26
No parnaso	1	0,26

Notas marginais	2	0,52
Novas Rimas	3	0,78
Novelas do Minho	1	0,26
O caminho do céu	1	0,26
O caso do abade	1	0,26
O conde de Castel	1	0,26
O coração de Bocage	1	0,26
O Crime do Padre Amaro	7	1,82
O diamante do comendador	1	0,26
O Divino Poeta	1	0,26
O encoberto	1	0,26
O Filho das Hervas	1	0,26
O fim de Sodoma	1	0,26
O gatuno	1	0,26
O Germinal	2	0,52
O grande Cagliostro	2	0,52
O homen das mangas	1	0,26
O livro de Alda	1	0,26
O Mandarin	2	0,52
O modelo	1	0,26
O Primo Basílio	3	0,78
O que há de morrer de amor	1	0,26
O regicida	1	0,26
O suave Milagre	1	0,26
O trovador	1	0,26
O último Fauno	2	0,52
Opalas	1	0,26
Oração ao pão	2	0,52
Orações a luz	1	0,26
Orações e discursos	1	0,26
Oriente	1	0,26
Os burros	1	0,26
Os ceifeiros	1	0,26
Os dois Plínios	1	0,26
Os Doze da Inglaterra	2	0,52
Os famintos	1	0,26
Os gatos	2	0,52
Os inocentes	1	0,26
Os Lázarus	1	0,26
Os Lusíadas	10	2,61
Os Maias	4	1,04
Os mártires	1	0,26
Os modernos publicistas portugueses	2	0,52
Os opusculos	1	0,26
Os parentes	1	0,26
Os penedos do inferno	1	0,26
Os pobres	1	0,26
Os simples	1	0,26
Os Teles da Albergaria	1	0,26
Ouvir estrelas	1	0,26
País das uvas	1	0,26
Palavras sãs	1	0,26

Pasquinadas	1	0,26
Pátria	1	0,26
Perfis Suaves	1	0,26
Poema do ideal	1	0,26
Poesias	1	0,26
Pomar dos sonhos	1	0,26
Portugal antigo e moderno	1	0,26
Portugal e a guerra das nações	1	0,26
Portugalia	1	0,26
Portugaliae monumenta historia	1	0,26
Prosas bárbaras	5	1,31
Próspero fortuna	1	0,26
Prostituta	1	0,26
Rabugice	1	0,26
Reino dos céus	1	0,26
Relicário	1	0,26
Renascença	1	0,26
Revolução	1	0,26
Romanceiro	2	0,52
Rosa, rosa de amor	1	0,26
Salada de Frutas	1	0,26
São Paulo	1	0,26
Sátira ao padre Macedo	1	0,26
Saudades	1	0,26
Sem remédio	1	0,26
Serões	1	0,26
Serra da estrela	1	0,26
Simples	1	0,26
Só	1	0,26
Telas românticas	1	0,26
Tentação de Santo Antão	1	0,26
Terra Florida	1	0,26
Theatro	1	0,26
Transfiguração	1	0,26
Trindades	1	0,26
Trovas de Crisfal	5	1,31
Trovas de dois pastores	1	0,26
Ultimas páginas	1	0,26
Um auto de Gil Vicente	1	0,26
Uma falência	1	0,26
Velhice do padre Eterno	2	0,52
Velhos	1	0,26
Vencidos da Vida	1	0,26
Verrinas	1	0,26
Versos do cantador de Setúbal	1	0,26
Versos Dourados	1	0,26
Viagem ao país da ternura	1	0,26
Viagens à minha terra	4	1,04
Vida de agricultor	1	0,26
Vida de D. Quixote	1	0,26
Vida de Jesus	1	0,26
Vida do Duque de Palmella	1	0,26

Vida e Obras de Luís de Camões	1	0,26
Vida irônica	1	0,26
Vinho e fel	1	0,26
Viriatho	1	0,26
Zambezia	1	0,26
Total	383	100

Do mesmo modo, também destacamos as 10 obras mais citadas:



Obras Citadas	Valores em %
Os Lusíadas	2,61
O Crime do Pe. Amaro	1,82
A Relíquia	1,56
As Farpas	1,56
História de Portugal	1,56
Frei Luiz de Souza	1,31
Prosas Bárbaras	1,31
Trovas de Crisfal	1,31
Amor de Perdição	1,04
Menina Moça	1,04
Os Maias	1,04
Viagens à minha terra	1,04

No item *Obras citadas* também realizamos duas tabelas, uma contendo todas as 383 obras de literatura citadas nas 241 matérias e outra contendo as 12 obras portuguesas mais citadas.

Mais uma vez, no quadro *Obras mais citadas*, os livros que mais se destacaram foram àqueles de autoria dos escritores que foram os mais recorrentes em “assuntos referidos”, tais como *Os Lusíadas*, *O Crime do Padre Amaro* e *Amor de Perdição*, por exemplo. Embora *Os Lusíadas* de Camões ocupe o primeiro lugar em número de ocorrências (2,61% no total), é o conjunto das obras de Eça de Queirós (*O Crime do Padre Amaro*, *A Relíquia*, *As Farpas*, *Prosas Bárbaras* e *Os Maias*) que se destaca neste contexto, coincidindo assim com a primeira posição ocupada pelo autor na tabela “Assunto das matérias mais citados”.

Portanto, as obras mais citadas são aquelas pertencentes à estética Realista/Naturalista (geração de 70), seguidas pelos clássicos como *Os Lusíadas*, *Frei Luiz de Souza*, *Amor de Perdição* e *Viagens à Minha Terra*.

3.3- Os portugueses autores e objeto da crítica literária

A seguir, comentaremos e citaremos alguns trechos das matérias⁶⁶ integrantes do nosso *corpus* que se destacaram quanto ao tema, conteúdo abordado e, especialmente, aquelas que reforçam e/ou reiteram o plano de aproximação cultural entre Brasil e Portugal promovido pelo jornal *O Estado de São Paulo*.

A notícia “Eça de Queirós”, por exemplo, que informava o falecimento do ilustre autor português publicada em 18 de agosto de 1900, foi a *estréia* das matérias sobre literatura portuguesa em nosso *corpus*. Desde esse início e assim como em todos os outros editoriais que lhe seguirão sobre a literatura portuguesa, já temos enumerado

⁶⁶ Todas as matérias analisadas e integrantes do nosso *corpus* encontram-se em seu formato completo no CD-ROM anexado à dissertação. Tal material foi digitalizado a partir do acervo microfilmado do jornal *O Estado de S. Paulo* no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da UNICAMP, ao qual tivemos acesso para realizar a pesquisa. Nós atualizamos a grafia em todas as matérias citadas.

as qualidades e virtudes incontestes dessa forma de arte, aqui representada pela genialidade de Eça de Queirós:

[...] Nenhum outro escritor de língua portuguesa foi até hoje estimado como Eça de Queirós. É incontestável que, apesar de ter feito um trabalho de revolucionário, Eça de Queirós nunca teve as resistências que, em tais condições, costumam cercar os que trilham o mesmo caminho. Por uma estranha sedução, indefinida e inexplicável, vinha-lhe dos alvos dos próprios golpes a mais franca estima. A sociedade portuguesa, a qual arremessava às *Farpas* cujas caricaturas, das grandezas do trono à pobreza das oficinas, deixada nos seus romances, só lhe retribuía em amor as censuras e os ridículos desvendados. É que Eça de Queirós sangrava também pelas feridas que abria na gente de sua terra [...]. Revoltado desde os seus primeiros escritos contra o modo de ser social e artístico de Portugal, nunca se excluiu disso mesmo que o tinha por inimigo. (...) (EÇA DE QUEIRÓS, *O Estado de S. Paulo*, 18/08/1900, p.1)

Alguns meses depois o jornal dedica ainda outra matéria sobre o escritor, com ênfase nos funerais que lhe foram dedicados em Paris e no Havre⁶⁷. Mesmo com um certo atraso, já que as notícias da Europa via de regra chegavam ao Brasil por navio, A. descreveu minuciosamente todas as medidas tomadas pela sociedade para homenagear o notável escritor, bem como listou todos os participantes das cerimônias. A edição deste dia do jornal *O Estado de S. Paulo* contava com cerca de 4 páginas (sendo 2 de classificados) e só essa notícia ocupou cerca de metade da segunda página, o que demonstra a grande necessidade que o jornal tinha de divulgar tal fato e a grande importância a que lhe atribuía.

No dia 15 de outubro do mesmo ano⁶⁸, A. noticiou como foram os funerais do romancista em Lisboa e ainda comentou demoradamente a triste situação de um dos filhos de Camilo Castelo Branco, espécie de “continuação” dos martírios e dificuldades vividos pelo próprio autor de *Amor de Perdição*.

No ano de 1901 curiosamente não consta nenhuma publicação sobre crítica/literatura portuguesa e a matéria “Uma tradução espanhola de *A Relíquia*”,

⁶⁷ A. Revistas Portuguesas: Os funerais de Eça de Queirós em Paris e no Havre. *O Estado de S. Paulo*, 08/10/1900, p.2.

⁶⁸ A. Revistas Portuguesas: Os netos de Camilo Castelo Branco - Funerais de Eça de Queirós em Lisboa. *O Estado de S. Paulo*, 15/10/1900, p.2.

veiculada na seção *Revistas Portuguesas* de 19/02/1902 (p.2) foi a última colaboração de A. sobre o assunto no periódico.

Em tal artigo, A. descreve a repercussão da tradução de *A Relíquia* na Espanha, bem como a recepção de outras obras do romancista no país.

Acerca da *Relíquia*, que acaba de ser publicada em Barcelona, numa tradução brilhante dos srs. Villaespesa e Bargiela, o distinto cronista Gómez de Baquero escreve no *El imparcial* as seguintes palavras que mostram bem a alta conta em que é tida a obra gloriosa do grande escritor português e não só o primeiro romancista de Portugal nestes últimos tempos, mas um dos primeiros da Europa. ‘*A Relíquia* é uma novela primorosa [...]’ Além dos romances *O Primo Basílio*, *O Crime do Padre Amaro* e *A Relíquia*, todos três já traduzidos em espanhol, o distinto cronista refere-se ainda aos *Maias*, que denomina ‘a mais completa das suas obras’, e à *Correspondência de Fradique Mendes*, que diz ‘poder colocar-se a par dos livros deliciosos com que Anatole France nos conta as aventuras e os estados da alma de Mr. Bergerat’. E termina por estas palavras de justiça, tão gratas para os admiradores de Eça de Queirós: ‘Se o autor de *A Relíquia* fosse francês, inglês, alemão ou mesmo russo, a sua glória seria universal e o seu nome figuraria ao lado dos grandes mestres da literatura contemporânea.’ (p.2)

Em 18 de abril de 1902, os livros *Carícias*, de Garcia Redondo, *Os Doze da Inglaterra*, de Teófilo Braga e *Maria do Céu*, de Júlio Brandão, são comentados em *Resenha Bibliográfica*, assinado por N. (provável pseudônimo de Monteiro Lobato).

Enquanto à obra *Carícias* do escritor luso-brasileiro Garcia Redondo⁶⁹ são dedicados alguns parágrafos para enaltecer suas qualidades, N. dispensa duras palavras para comentar *Os Doze da Inglaterra*. Apesar de reconhecer a importância da figura de Teófilo Braga nas letras da época, N. critica duramente a incursão do notável literato no campo poético.

Do erudito professor sr. Teófilo Braga acaba de aparecer mais um volume *Os Doze da Inglaterra* [...]. Como crítico e investigador o distinto filósofo ocupa um alto posto – e nele está, a bem dizer, isolado – na literatura dos dois países que se acham estreitamente ligados pelos laços indissolúveis da língua e das tradições, começando a história de um com o declínio da grandeza histórica do outro. O sr. Teófilo Braga não é somente uma glória da intelectualidade portuguesa, é também um nobre exemplo de atividade [...] O sr. Teófilo Braga, que tantas vezes tem subido ao Parnaso, não tem fôlego para ascensões à montanha divina – é um homem de ciência, faltam-lhe as asas fortes da

⁶⁹ Embora tenha nascido no Brasil, Garcia Redondo é considerado português por muitos compêndios de literatura portuguesa por ter vivido grande parte de sua vida em Portugal.

imaginação: como crítico é notável, como poeta é medíocre e pesa-nos ver um escritor de seu porte amesquinhar-se tanto querendo tanger a Lyra formidável dos épicos que na sua mão soa desafinada. Fique o grande mestre no terreno plano e não se arrisque pelos alcandores [sic] para que não lhe suceda, e seria um desgosto para todos que o prezam magoar-se em queda desastrada. (p.1)

Menos ferina e muito mais laudatória foi a resenha da obra *Oração ao Pão* de Guerra Junqueiro por Anselmo Ribas, publicada em 16/10/1902.

Eis um opúsculo que deve ser lido com “occhio chiaro e con affetto puro” a *Oração ao Pão*, de Guerra Junqueiro. [...] Das figuras literárias do Portugal contemporâneo é o poeta da Morte de D. João uma das preeminentes, senão a que mais avulta. Desde que surgiu ao lado de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, como um dos molossos da famosa matilha que dilacerou todas as formulas antigas, impôs-se solidamente criando, em Portugal e no Brasil, uma verdadeira legião de imitadores que, à falta de originalidade, entulhou jornais e livros com alexandrinos abracadabrantes que retumbavam como odres dentro dos quais não havia uma idéia. [...] Neste poemeto de agora, que parece um hino destacado [...] a alma do poeta começa a cantar as coisas, vendo em cada uma delas uma bondade divina (...) (p.1)

A partir de 1903, com a inserção periódica das correspondências do jornalista Gaspar da Silva enviadas de Portugal para a coluna *A Vida Portuguesa*, o número de matérias acerca da crítica/literatura portuguesa aumenta consideravelmente, chegando a ter frequência quase diária. A referida coluna sempre era publicada com alguns “dias de atraso”, isto é, sempre trazia no seu subtítulo a informação de quando tinha sido escrita em Lisboa. Destarte, *A Vida Portuguesa* publicada pelo OESP em 09 de dezembro de 1903, por exemplo, vem com o seguinte subtítulo: “Lisboa, 16 de novembro.”

Interessante é notar ainda que o título da referida coluna – *A Vida Portuguesa* – já nos dava indícios de como seria o tom das correspondências, uma vez que G.S. tinha o objetivo de narrar e descrever pormenorizadamente a “vida” em Portugal, incluindo desde notícias sobre a política e acontecimentos banais da vida cotidiana lusitana até comentários sobre as sinopses das peças representadas no país e a divulgação de escritores, obras e crítica literária propriamente dita, que mais interessa ao nosso trabalho. Atentemos desde já à grande importância que a redação do OESP como um

todo dava ao que se passava além-mar e sobretudo em Portugal, a ponto de contratar um jornalista exclusivamente para tal questão (e manter um escritório em Lisboa) enquanto as notícias sobre os outros países europeus eram veiculadas esporadicamente e geralmente retiradas dos informes das agências de notícias internacionais, como a Heuter Press, que serviam a todos os jornais brasileiros. Assim como, por exemplo, as revistas das modistas francesas popularíssimas na época (e ainda hoje, por que não) apresentavam às damas brasileiras o que deveria ser vestido, como símbolo de refinamento e elegância, a coluna *A Vida Portuguesa* ditava aos leitores do jornal um estilo de sociedade e paradigma que poderia ser seguido pelos brasileiros, através da repetição e reforço constante dos valores de Portugal e dos homens portugueses. Tal reforço, conforme veremos melhor neste capítulo, se dava sobretudo através da “feliz coincidência” do uso comum da língua portuguesa como oficial e ainda pelo uso do poderoso veículo de comunicação de massa desses modelos – o próprio jornal – que atingia um grande e influente público paulistano e brasileiro, formadores de opinião e leitores de muita influência na sociedade.

Em sua primeira matéria sobre literatura portuguesa na coluna, datada de 16 de março de 1903, G.S. transcreveu alguns versos satíricos de autores como Fialho de Almeida e Julio Dantas, por exemplo, publicados anteriormente nas páginas do jornal português *O Popular* em ocasião do Carnaval. Já em 04 de abril do mesmo ano divulgara um pequeno trecho do livro *Bem-vinda*, do poeta Conde de Mensarez, recém-lançado em Portugal.

No artigo de 09 de maio de 1903 são as qualidades do recém-falecido escritor Conde de Ficalho que o jornalista enumera, bem como a importância que tivera o grupo “Vencidos da Vida”, na sociedade portuguesa:

[...] Figura de extraordinário relevo no nosso meio, simultaneamente homem de ciência, homem de letras e homem do mundo, o nobre titular marcará seu lugar

indelevelmente entre os seus contemporâneos. Alto, corpulento [...] ele era, intelectualmente um talento brilhantíssimo; mas se os seus vagares de homem rico lhe deram uma supremacia de inteligência, não é tanto pelos seus escritos e pelos seus discursos que ele se tornou conhecido, e sim pelo seu mundanismo apurado [...] Assim o chamavam, pitorescamente e veridicamente: *sábio entre os condes, conde entre os sábios*. Do grupo do Vencidos da Vida, ao lado de Eça, de Oliveira Martins, de Junqueiro, de Carlos Lobo d'Ávila, do morto Antero, de Ramalho, o conde de Ficalho destacava-se pelo aprimorado gosto dos seus fatos irrepreensíveis, pelas linhas nobres da sua fisionomia varonil e enérgica, pelo ar de grande senhor que nas mais ínfimas particularidades deixava assinalada a sua eminente individualidade, pelo seu espírito cheio de uma acerada agudeza. Pode dizer-se que morreu, com esta figura da velha nobreza portuguesa, o porta-estandarte de todas as elegâncias mundanas, a graça e o espírito, o máximo orgulho da raça, o representante da mais alta fidalguia intelectual. (p.2)

Nesta mesma data, G.S. também publicou alguns versos de Antonio Ferreira de Lemos e Espinho, a qual prosseguiu o seguinte comentário, sobre a situação da qualidade dos versos produzidos na época: “O Junqueiro teve razão quando disse que todo português traz a este mundo um livro de versos... no intestino” (p.2)

Em 22 de maio de 1903. G.S. transcreve alguns versos satíricos de João Saraiva, publicados anteriormente na folha portuguesa *Jornal da Noite*. Já os versos de 24 de maio de João Câmara são uma homenagem à Almeida Garrett proferidos em ocasião de discursos realizados em memória do autor. As matérias do mês de junho (01, 08, 13 e 26 de junho de 1903) também foram destinadas à divulgação de poemas Mario Monteiro, João Penha e Guerra Junqueiro.

A publicação de *A Vida Portuguesa* de 09 de julho de 1903 foi reservada às resenhas dos livros *Mocidade*, de Fernando Caldeira, *Atlante*, de João Gouveia e *Arquivo Histórico Português*, de João Pessanha e B. Freire. Sobre João Gouveia e sua obra, “uma das maiores esperanças da poesia portuguesa” segundo G.S., disserta o autor:

João Gouveia, que apareceu há três ou quatro anos na literatura portuguesa, revelando alta inspiração e perfeito senso estético, publicou agora um verdadeiro poema, intitulado *Atlante*. Compõe-se esta obra de 21 poemets, alguns dos quais são modelares e resplandecem a graça virginal através de uma clara [...] sensibilidade e de ilusão com que o poeta se compraz em adoçar os

contornos mais ásperos. Um deles, sobretudo, denominado *Por Muito Amar*, é de uma inefável beleza irradiante. São caracteristicamente portugueses os versos de João Gouveia, vibrando neles uma infinita e amorosa nota de saudade, que lhes dá formosura, relevo e sonho. O autor de *Atlante* é uma das maiores esperanças da nossa poesia. (p. 2)

No dia 19 de julho de 1903 o mote de *A Vida Portuguesa* foi o poema “Sanjoaneiras”, de Ramalho Ortigão. Nesta ocasião, o articulista aproveita para reforçar a importância do intelectual português na sociedade lusitana e ainda a qualidade de tais versos transcritos.

[...]Para muita gente estes versos foram uma revelação. Ignorava-se geralmente que o revolucionário das *Farpas*, o incomparável estilista e penetrante observador de *A Holanda*, o crítico eminente do *Culto da Arte* em Portugal, tivesse versificado algum dia, apesar de possuir as poderosas faculdades poéticas que transparecem da sua pujante prosa artística. Causaram, por isso, geral surpresa as quadrinhas *Sanjoaneiras* (...) (p. 3).

Muito interessantes foram as “Notas Bibliográficas” publicadas em *A Vida Portuguesa* de 26/07/1903. A respeito do livro *Zambezia*, de Souza Faro Junior, por exemplo, G.S. tece o seguinte comentário sobre a “supremacia” portuguesa nos territórios africanos e asiáticos:

Oferecem cada vez mais interesse todos os estudos sérios acerca das nossas possessões ultramarinas. Um dos mais sólidos elementos da nacionalidade portuguesa ainda é o poderio que nos é dado exercer na África e na Ásia, mas sobretudo na África. É tão vasto o nosso poderio africano, tão relacionado ele está com o poderio das demais nações coloniais, que são sempre bem vindos todos os estudos conscienciosos, que as nossas colônias inspirem. Está nesse caso um volume agora publicado, sobre o título de *Zambezia*. (p. 2).

Tal comentário, de cunho deveras colonialista, já expressa, mesmo que escamoteada, a opinião dos portugueses em geral em relação às suas *colônias* – dentre as quais podemos incluir o Brasil porque, embora politicamente independente, é “subordinado” à *metrópole* pela questão lingüística. É interessante como Portugal se interessa pelos estudos e obras acerca das colônias, desde que tais sejam narradas pela

perspectiva do colonizador e contribuam para fomentar o “poderio” e o ego nacional, mesmo se relacionado à eras passadísticas.

O aniversário de falecimento de Cesário Verde foi o assunto da correspondência do dia 09 de agosto de 1903, assim como a opinião de Fialho de Almeida sobre o poeta:

Fez ontem 17 anos que se finou o enternecido bucolista Cesário Verde, de quem Fialho de Almeida escrevia há pouco: “Oh! Meu loiro e divino e irregular Cesário Verde! [...]. Assim há nas oitenta e tantas páginas que deixaste uma sensibilidade que recolhe os rumores de todas as vidas, e lança no mundo uma da poesia portuguesa os alicerces de uma cidade nova: uma sensibilidade que tem os rigores de estenografo e frescuras de aquarelista (...)” (p. 3).

Em 04 de setembro de 1903 G.S. publica uma pequena apreciação das obras de Eça de Queirós na Alemanha.

O talento de Eça de Queirós acaba de ter uma consagração na Alemanha. A ilustre escritora Luiza Ey, que conheça profundamente a língua portuguesa, traduziu para o alemão o livro *A Cidade e as Serras*, fazendo publicar em volume a tradução. A obra do romancista português teve um êxito extraordinário. A fina observação, a graça, o relevo que tornam os escritos de Queirós tão originais e interessantes, encontraram nos críticos da Alemanha o mais lisonjeiro apreço. Eis a apreciação que apareceu na revista *Romanbibliothek*: “Eça de Queirós, que tendo introduzido o naturalismo na literatura de Portugal foi denominado *Zola português*, tem sobre o grande romancista francês uma superioridade tão rara como deliciosa: o condão do humor. (...)”. (p. 3)

O jornalista, que se mostra extremamente crítico ante os desmandos políticos e com o comportamento da sociedade portuguesa em geral, arremata essa matéria afirmando que “no meio da sua decadência política e financeira, Portugal mantém com lustre os créditos da sua literatura” (p.3)

No dia 16 de setembro de 1903, além de algumas quadras inéditas de João Penha, Pato Moniz e Paulino Sobral, o correspondente do OESP divulga pequenas “Notas Bibliográficas” das obras *Vida do Duque de Palmella*, de Maria Amália Vaz de Carvalho e da reedição de *Chave do enigma*, de Visconde de Castilho. Eis o comentário sobre Maria Amália Vaz de Carvalho e sua obra:

Está publicado o terceiro e último volume da *Vida do Duque de Palmella*, trabalho histórico da senhora Maria Amália Vaz de Carvalho, que há muito conquistou um lugar primacial entre as escritoras portuguesas de todos os tempos. [...] A sra. Maria Amália Vaz de Carvalho, que teve à sua disposição os arquivos da casa Palmela, aproveitou a maravilha desses subsídios, elevando-se à mais exata compreensão da filosofia da história. [...] Um trabalho deste valor e deste alcance marca época em uma literatura. (p. 3)

Em 20 de setembro de 1903, o jornalista-visconde noticia o lançamento por vir do romance histórico *D. Pedro I*, sem nos informar, no entanto, o nome do autor.

O lançamento do livro *Orações a Luz*, de Guerra Junqueiro e um soneto inédito de João Penha foram os assuntos de 19 de outubro de 1903, enquanto no dia 25 do mesmo mês foram publicados versos do poeta Julio Brandão e Marques de Soveral.

No primeiro dia de novembro de 1903, na parte dedicada ao folhetim (rodapé da primeira página), temos publicado a resenha do livro *Os famintos*, de João Grave por Anselmo Ribas. Tal obra, realizada nos moldes realistas e naturalistas, é muito enaltecida durante todo o discurso. Sobre o autor, também colaborador do OESP e hoje figura praticamente desconhecida, e em relação à obra, nos informa Ribas:

[...] O poema da greve já foi escrito e formosamente, com estupenda grandeza, como convinha ao assunto – é o *Germinal*. O livro de João Grave, um dos escritores mais tersos do Portugal contemporâneo, artista de muita nobreza, possuidor de uma técnica soberba, trata do assunto, apresentando-o em toda a largura nas primeiras páginas para depois condensá-lo em um grupo que é como uma triste alegoria do sofrimento da grei. (p. 1)

A situação da imprensa portuguesa no início do século XX nós é dada através das palavras de Antero de Quental, em carta transcrita na coluna *A Vida Portuguesa* de 13 de novembro de 1903. Ainda nessa mesma coluna constam a notícia do falecimento de João Burnay, um dos integrantes do famoso *Cenáculo*, e alguns versos de Júlio Brandão.

A narrativa “epo-histórica” *Viriatho*, de Teófilo Braga, é o tema da resenha de Anselmo Ribas de 23 de novembro de 1903. Sendo mais um volume-integrante da série

Alma Portuguesa planejada por Teófilo, estão presentes em suas páginas “o culto antigo, as tradições da veneranda pátria ainda dividida em contrébias, a sua arte inicial, os seus costumes singelo [...] algumas vezes sacudidas por um sopro épico” (p.1)

Diferentemente de *Os Doze da Inglaterra*, tal obra foi muito elogiada, sendo considerada ainda uma “obra de patriotismo e de incontestável valor literário essa a que se dedica o notável escritor português” (p.1). Curioso ainda é o modo como a “raça” portuguesa – isto é, os portugueses e todos os povos que dele originaram– é descrita na obra e comentada por Ribas, bem ao gosto das teorias positivistas e naturalistas de raça e meio, muito populares no século XIX e ainda presente nesse início de século:

[...] Um dos fins da Arte Moderna é a representação da vida dos povos e dos aspectos da natureza dos países longínquos e também a evocação das idades passadas, vencendo por este exotismo o apagamento das impressões de tudo quanto nos cerca [...] Pela evocação da raça penetra-se o sentir da fibra nacional e por esta o drama das lutas das Instituições que se fundaram, o vínculo das Tradições que foram germes e impulsos da missão histórica e das criações artísticas que refletiram à consciência da coletividade [...] O senhor Teófilo Braga aproveitou todos os elementos da Tradição e fez com eles um livro que agrada e que tem o superior merecimento de evocar um passado magnífico. Penso com o autor que a nova corrente literária deve vir do passado – o que era a terra para Anthêo são as tradições para o povo. (p. 1)

Ora, que “passado” magnífico seria esse, constantemente evocado e cantado por Ribas, Teófilo e seus compatriotas? Não sendo, evidentemente, brasileiro, tais *tradições* narradas e glosadas na obra em questão, a pertinência sobre esse conteúdo se torna latente e, no mínimo intrigante, sobretudo se considerarmos que nesse período já se escutavam algumas vozes no país que reivindicavam o distanciamento desse esplendoroso e tradicional passado, especialmente literário, para louvar uma não tão ortodoxa, nem tão perfeita ou genuína história, mas condizente com a realidade nacional.

Teófilo Braga também foi assunto na matéria de *A Vida Portuguesa* de 25 de novembro de 1903, mas dessa vez na qualidade de conferente. Nesse mesmo dia, sob a

forma de editorial, foi publicado um artigo de Camilo Castelo Branco, até então inédito na imprensa brasileira. Na preleção do artigo nos informou a redação do jornal:

O jornal português *O Dia* acaba de publicar um artigo de Camilo Castelo Branco, o mestre dos mestres da língua portuguesa, acerca da medicina em Portugal, no século XVII. Esse artigo, que é interessantíssimo pelo assunto e primorosamente escrito, estava esquecido numa antiga revista literária, que não circulou. Foi desenterrado agora. Por nossa vez o vamos reproduzir. Para os nossos leitores, como foi para nós, será uma completa novidade, com todo o sabor de um inédito. (p. 2)

Cinco dias depois, temos mais uma colaboração de Anselmo Ribas. Desta vez a obra resenhada foi *Perfis Suaves*, de Julio Brandão, espécie de seleção de contos maravilhosos de domínio público do povo português.

Ainda no ano de 1903 tivemos mais 3 colaborações, nos dias, 09, 22 e 25 de dezembro. No dia 09 de dezembro G.S. destina cerca de 5 colunas (de um total de 10) da primeira página para falar da inauguração de uma estátua em homenagem à Eça de Queirós e para discorrer longamente sobre a importância do escritor nas letras portuguesas.

(...) Queirós foi para a segunda metade do século XIX o que Almeida Garret havia sido para outra metade da mesma centúria; o escritor de seu tempo, desprendido de todas as superstições, exercendo livremente sobre a palpitante realidade do mundo vivo as suas pessoais faculdades de analisar e sentir. Com a diferença: que Eça de Queirós, especializando-se naturalista da decadente e complicada sociedade contemporânea, tinha de manejar um instrumento de observação e de notação gráfica sumamente mais complexo, de uma impressionabilidade, e de uma agudeza incomparável, mais minudente e mais sutil que o que empregara Garret na idealização poética das nossas lendas [...] (...). (p. 1)

A matéria do dia 22 de dezembro também foi dedicada às homenagens prestadas ao autor, mas dessa vez os protagonistas foram os estudantes de Lisboa e Coimbra. A matéria derradeira de 1903 (25/12) transcreveu um soneto inédito de Camilo Castelo Branco.

A primeira *A Vida Portuguesa* de 1904 (02/01/1904) é inaugurada com a seguinte nota: “Novidade literária - Está à venda um novo livro de Eça de Queirós.

Intitula-se *Prosas Bárbaras* e é prefaciado por Jayme Batalha Reis, amigo íntimo do autor” (p.1). Valendo-se de tal fato, em algumas linhas abaixo, no espaço dedicado ao folhetim, temos o artigo “Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós”- parte I, transcrição do prefácio do citado livro. Dessa forma, o jornal *O Estado de S. Paulo*, de forma pioneira e praticamente simultânea ao seu lançamento em Portugal⁷⁰, – se considerarmos que a comunicação entre os países se dava por navios que demoravam a atravessar o Atlântico – dedica-se a divulgar a obra e a trajetória do autor Eça de Queirós através da publicação do prefácio de *Prosas Bárbaras* em artigos contínuos nos dias 02, 03, 04, 05 e 06 de janeiro de 1904.

Por cinco dias consecutivos, o jornal publicou o prefácio da obra em questão na primeira página. Porém, o que não conseguimos descobrir é se tal colaboração foi extraída do livro e publicada pelo jornal com o consentimento do autor ou se foi o próprio Reis que enviara diretamente esse texto pra a redação do jornal para que pudesse ser divulgado. De qualquer forma, em “Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós” (partes I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII E IX) temos uma excelente trajetória de toda a vida profissional do autor de *Os Maias* que constituiu certamente um deleite para os que já o conheciam e um excelente panorama para aqueles que ainda o ignoravam.

As outras edições do mês de janeiro de *A Vida Portuguesa* (07, 17, 21 e 29 de janeiro de 1904) divulgaram versos de Antonio Corrêa, Manuel Duarte de Almeida e Guerra Junqueiro.

As comemorações do 105º. aniversário de nascimento de Visconde de Almeida Garrett foram o tema de *A Vida Portuguesa* na única matéria do mês de fevereiro (28/02/1904).

⁷⁰ *Prosas bárbaras*, obra póstuma publicada pela Chadron (propriedade de Lello & Irmão) foi lançada em setembro de 1903 com a introdução de Jaime Batalha Reis, amigo íntimo do autor.

No mês de março, destacamos a matéria de 28/03/1904 sobre Antonio José da Silva, o Judeu, e as homenagens que lhe foram prestadas em Portugal. Sendo outro autêntico escritor luso-brasileiro, acrescenta ainda G.S.

Antônio José da Silva nasceu e viveu por algum tempo no Brasil: é brasileiro embora ocupe lugar saliente na literatura portuguesa.[...] Cumpra ao Brasil promover homenagens ao genial autor das *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, da *Vida de Dom Quixote* e de outras obras de grande valor. O *Judeu* é uma glória dos dois países. Porque não põem o seu nome no novo teatro de São Paulo? É uma idéia. (p. 2)

Notemos nesta passagem outro recurso freqüentemente utilizado pelos jornalistas luso-brasileiros para promover e efetuar o “plano” de aproximação cultural entre ambos os países. Comumente a idéia da “dupla-nacionalidade” era posta em questão, como mais um argumento à favor da única comunidade literária que o jornal pretendia fomentar. Destarte, autores como o citado Antônio José da Silva (o Judeu) e Tomas Antônio Gonzaga, por exemplo, que viveram parte de suas vidas entre Portugal e Brasil, eram rotineiramente apontados como “jóias” pertencentes a ambos os países, “irmãos” na língua e também na cultura.

Em “O movimento literário”, no primeiro dia de abril de 1904, Gaspar da Silva nos faz importantes avaliações das obras literárias lançadas em Portugal, bem como de seus autores, na qualidade de crítico. De Teófilo Braga, por exemplo, “cérebro prodigioso” (p.2), reforça as qualidades superiores do intelectual já constantemente divulgadas no decorrer das matérias sobre ele. Sobre Henrique de Mendonça e Cândido Guerreiro, emite juízos de valor que certamente influenciariam a recepção de tais autores no Brasil, quando essas obras aqui chegassem, já que a coluna funcionava como propaganda e “guia” das obras que se publicavam além-mar.

Sobre Cândido Guerreiro, por exemplo, escreveu:

O senhor Cândido Guerreiro, poeta coimbrão, que já não era inteiramente desconhecido nas letras portuguesas, acaba de publicar um livro de sonetos, onde se afirmam definitivamente a sua inspiração elevada e o seu valor estético.

Liberto do mórbido lirismo das suas primeiras composições, o senhor Cândido Guerreiro passou a erguer o seu hino comovido aos augustos ideais humanos da verdade, da bondade e da justiça. Há profundidade de concepção e beleza de forma em quase todos os sonetos, que constituem este volume. (...) (p. 2)

A difícil vida de Camilo Castelo Branco e algumas vicissitudes pela quais passou o autor foram narradas em *A Vida Portuguesa* de 12 de junho de 1904 (p.2). Gaspar da Silva transcreveu uma carta de Camilo Castelo Branco, na qual o mesmo procurava um comprador para um presente que recebera para suprir suas necessidades:

O genial e fecundíssimo autor de mais de cem livros preciosos, o grande mestre moderno da língua portuguesa, Camilo Castelo Branco, se não sofreu fome, como Luís de Camões, esteve, por vezes nas vizinhanças da miséria. A seguinte carta, publicada recentemente veio revelar uma dessas situações angustiosas: “Ilmo. Exmo. Sr.: Classificam-se confidenciais umas cartas da natureza desta; eu porém deixo a V. Exa. determinar o que nela deve haver de reservado. Recebi, há anos uma taça de prata, brinde da colônia portuguesa em Hong Kong [...]. Tem o meu nome e uma dedicatória em caracteres chineses. Isso que monta? Vendo-a, porque taças de prata em casa de escritores portugueses são como taças de amargura, quando o vácuo delas é como o vácuo da glória em Portugal” (...). (p. 2)

Sobre o fato, G.S. acrescenta: “Que tristeza ressalta destas palavras traçadas pela pena de ouro puro, que escreveu grande tragédia do *Amor de Perdição*, que é a mais alta expressão do sentimento português!” (p. 2)

Ainda sobre Camilo Castelo Branco, Gaspar publicara um soneto do autor em 23/07/1904, ocasião em que noticiara ainda longamente o “*Regresso de Guerra Junqueiro a Portugal*”. Em todas as outras edições restantes do ano de 1904 (agosto, setembro, outubro e novembro de 1904), transcreveu pequenos trechos poéticos de autores contemporâneos.

Garrett é o homenageado logo no primeiro dia de janeiro do ano seguinte (01/01/1905, p. 2) e os versos de Guedes Teixeira foram publicados em nove de fevereiro de 1905.

Teófilo Braga, que completara 63 anos no dia 24 de fevereiro de 1905, foi homenageado pelo Grêmio Federal Republicano, com as seguintes palavras, de acordo com *A Vida Portuguesa* de 22 de março de 1905.

Completo 63 anos de idade no dia 24 o maior trabalhador intelectual deste país. [...] Teófilo Braga, além do seu profundo e variadíssimo saber, tem uma virtude rara: a fé no ressurgimento da nacionalidade portuguesa, pelo despertar dos sentimentos étnicos, que revigoram as pessoas [...]. Aquele que mais contribuiu, pela sua obra emancipadora e intensamente humana, para levantar a alma portuguesa à compreensão dos seus direitos e da sua dignidade cívica, à Teófilo Braga, o educador, o sábio, o mestre querido e amado, um legítimo orgulho da sua raça e uma glória autêntica da humanidade, encarnação viva de um Portugal novo e redimido, enviam os seus admiradores e afeiçoados as felicitações pelo seu aniversário. (p. 2)

No primeiro dia de junho de 1905, temos um exemplo da “antipatia” que o jornalista nutria pelo escritor Júlio Dantas e já expressa em muitas oportunidades. Em “Cantares Portugueses”, nos escreve G. S.:

[...] Estas quadras valem mais e são mais sinceras do que toda a versalhada que tem produzido a dessorada mioleira juliodontesca [...] Isto é mais engraçado e tem mais sentimento do que a *Ceia dos Cardeais*, cujo verso final é um desastre cacofônico, dos mais horríveis.(p.2)

Júlio Dantas, frequentemente criticado por G.S. e alguns de seus contemporâneos, (Lagos,19/5/1876 – Lisboa, 25/5/1962) foi dramaturgo, poeta, jornalista, médico, diplomata e acadêmico de prestígio, autor de uma obra que percorre os mais variados gêneros e ainda uma figura multifacetada e das mais controversas da cultura portuguesa. Aclamado por uns e alvo da crítica mordaz de outros (de que é exemplo o ataque que lhe foi movido por Almada Negreiros no célebre *Manifesto Anti-Dantas*, de 1916), Júlio Dantas licenciou-se em Medicina com a tese *Poetas e pintores de Rilhafoles*, tendo desempenhado numerosos e importantes cargos oficiais. A sua estréia nas letras faz-se em 1896 com o livro de versos *Nada*, no qual são visíveis o emprego do soneto e vilancete clássicos, as influências de Baudelaire e Schopenhauer – na utilização de temas – e também quadros naturalistas que lembram Cesário Verde; em 1916 escreverá *Sonetos*. A carreira dramática

inicia-se em 1899 com a peça *O Que Morreu de Amor* e prosseguirá com comédias de capa e espada, comédias de costumes e dramas históricos, dos quais será um dos mais importantes cultores, ilustrando o neo-romantismo de 1890 que se começara a fazer sentir no teatro português. De referir *A Ceia dos Cardeais*, 1902, “a obra de Teatro português mais traduzida e mais representada no Mundo” (segundo informação do próprio autor na ocasião das comemorações do cinquentenário da peça), *Soror Mariana*, 1915, e outras peças marcadamente naturalistas como *O Reposteiro Verde*, 1912, e *Paço de Veiros*, 1903. A concepção naturalista, a exaltação decadentista da degenerescência hereditária e o determinismo fatalista aparecem na obra de Júlio Dantas, revelando o seu interesse pela hereditariedade patológica, já presente na conferência feita em 1912 sobre a “Consangüinidade e Degenerescência das Famílias Reais”. Não devemos também esquecer o cunho acentuadamente mundano de grande parte da sua obra: é a importância dada ao cosmopolitismo, ao viver galante, a fascinação pelo suntuosismo, o culto da elegância, a descrição da vida palaciana da antiga aristocracia de salão, através de ingredientes fáceis como os temas das grandes paixões amorosas e o uso de diálogos simples, revelando mestria na movimentação de personagens e dirigindo-se esteticamente a um público que procura na literatura o divertimento, a frivolidade, a galanteria – veja-se *Um Serão nas Laranjeiras*, 1903, ou os estudos de costumes como *O Amor em Portugal no Século XVIII*, 1915. Como conferencista, saliente-se *O Heroísmo. A Elegância. O Amor*, 1923, que sucintamente define os temas característicos da sua obra, ou, ainda, o opúsculo *Estática e Dinâmica da Fisionomia*, orientado para o ensino da arte dramática a fim de que, como aí se pode ler, “o nosso Conservatório produza não só atores que declamem, mas atores que representem” . Júlio Dantas foi também prefaciador e tradutor, de que destacaremos as traduções *Rei-Lear*, de Shakespeare, e *Cyrano de Bergerac*, de Rostand. Muitas das suas obras foram também traduzidas para diversas línguas. Ainda colaborador de jornais e autor

de discursos acadêmicos e públicos, o destaque de Júlio Dantas na cultura portuguesa pode ser discutível, mas nunca menosprezada a sua importância. Saibamos apreciar, no dizer de Henrique Lopes de Mendonça, a “virtuosidade incomparável do seu estilo” e a “universalidade dos seus conhecimentos”.⁷¹

No dia 22 do mesmo mês, Visconde de S. Boaventura, ao discorrer sobre a obra *Novas Rimas* de João Penha na sua corriqueira coluna, faz um interessante panorama da crítica portuguesa realizada no período.

Entre as publicações portuguesas mais notáveis destaca-se o último livro de João Penha – *Novas Rimas*. É uma preciosa coleção de poesias, como só as pode e sabe escrever aquele extraordinário poeta, cujo grande nome enche de glória a nossa literatura contemporânea. As *Novas Rimas* – como é triste dizê-lo! – estão sendo mais conhecidas e justamente apreciadas no estrangeiro, do que, em geral, o são entre nós. [...] A crítica portuguesa, porém, só costuma dar apreço as maravilhas insossas, onde o bom gosto, o senso comum e a própria gramática rudimentar apanham lambada de criar bicho branco. O muito amor que tenho à minha pátria não me cega a ponto de esconder estas verdades. Hoje em dia, não há entre nós incentivo algum para quem escreve, – mas sabendo o que faz. O que nos vinga a nós, os da velha guarda, é que de toda essa papelada que, de quando em quando aparecem nas vitrines dos livreiros, pouquíssimo ficará. E esse mesmo pouquíssimo pode afirmar-se, há de ser ainda joeirado, quando passe à história o predomínio das coisas frívolas e dos figurinos literários de importação francesa. O apreço que os estrangeiros dão ao livro de João Penha, grande poeta e grande jurisconsulto, darão aos nacionais, quando a literatura portuguesa voltar ao seu antigo esplendor. E quem conhecerá então os nefelibatas do atual momento histórico ? (p.2)

Nesta crítica, ainda que de forma incipiente, G.S. comenta o grande apreço dado à literatura francesa em Portugal em detrimento da literatura nacional, já constatado em muitos estudos sobre o assunto e afirmado pelos próprios escritores, que não raro revelavam o grande apreço nutrido pela literatura e pelos intelectuais franceses. Nesse dia inspirado, G. S. comentou ainda o lançamento do livro da poetisa açoriana Alice Moderno, fato raríssimo na imprensa brasileira de então por se tratar de uma obra escrita por uma mulher. Da obra comentou Gaspar:

⁷¹ Cf. MACHADO, Álvaro Manuel. (org. e dir.) *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença, 1996, p. 161.

Uma poetisa açoriana, a sra. D. Alice Moderno, cujo nome já tem exortado outros volumes em prosa e em verso, brinda-nos com um poema *Os Mártires*, última demonstração do seu incontestado talento literário. O livro é constituído por sonetos, cada um dos quais celebra uma das inumeráveis formas do martirologio humano. Assim perpassam aos nossos olhos, como num fulgurante cinematógrafo, os mártires da ciência, os do amor, etc, etc. (p. 2)

Uma homenagem anônima à Fialho de Almeida ressaltando as qualidades do escritor, foi veiculada em *A Vida Portuguesa* de 6 de setembro de 1905 e na edição subsequente da mesma coluna (11/09/1905), o perfil divulgado é o de Ramalho Ortigão.

O “genial cantor de Marília” foi assunto de *A Vida Portuguesa* de 28 de setembro de 1905, assim como um excerto da obra *Os Burros* do “incomparável” Ramalho Ortigão. Sobre Tomaz Antonio Gonzaga dissertou Gaspar:

Interessa ao Brasil tudo quanto diz respeito ao genial cantor de Marília; assim, pois, vou transladar para este lugar o que se me deparou no *Comércio do Porto*: “Do talentoso publicista e nosso amigo José Pereira Sampaio (Bruno), que nosso prezado colega *A voz Pública*, tem publicado notáveis artigos acerca de portuenses ilustres, recebemos a seguinte carta, com informações interessantes a respeito de Tomaz Antônio Gonzaga ...” (...). (p. 3)

Neste trecho, além de mais vez discutir a nacionalidade de um autor tido como “lusobrasileiro”, não podemos deixar de considerar que Tomaz Antônio Gonzaga, embora nascido em Portugal e tendo vivido boa parte de sua vida no Brasil, participou ativamente do processo de constituição da literatura brasileira e além disso, no processo de tentativa de independência sendo, inclusive, acusado, julgado e condenado ao degredo devido suas idéias políticas que iam contra o interesse da “metrópole” portuguesa. Nesse discurso fica também evidente o “olhar cândido” com o qual os colonistas tratavam os assuntos brasileiros, considerando ainda o país imaturo e ignorando totalmente todos os empenhos de desvinculação “mental” de Portugal observado principalmente desde o Romantismo e retomado pelos Pré-Modernos.

Antero de Quental foi um dos ilustres autores portugueses citados e comentados na conferência literária proferida por Alfredo Pujol e integralmente reproduzida no

exemplar de 24 de novembro de 1905 e cujo tema era “A saudade”. Outra súmula de conferência literária foi publicada em 20 de dezembro de 1905, versando sobre “O medo”. Proferida dessa vez pelo doutor Bettencourt Rodrigues, abordou grandes trechos de *Os Lusíadas* e da obra poética de Guerra Junqueiro.

O mês de janeiro de 1906 fora dedicado às transcrições poéticas das obras de Guerra Junqueiro, Alfredo da Cunha, Gomes Leal e Bocage (edições de 3, 8, 18, 20 e 31 de janeiro de 1906).

Na edição inaugural de fevereiro (04/02/1906) de *A Vida Portuguesa*, Gaspar da Silva traça um interessante perfil do homem e da obra poética de João de Deus.

João de Deus foi o maior poeta do amor, da crença, da ternura. As suas estrofes correntes não têm a visão perturbadora das almas modernas; são límpidas, transparentes como um veio de água que cai das serranias. [...] Foi, como Camões, um poeta português. O amor, tal como ele o sentiu e exprimiu, ingênuo e simples, ideal comunhão de duas almas: é bem o nosso amor, português e brasileiro, com todo um travo de um fatalismo resignado. Amamos e cantamos. *O Campo das Flores* não é apenas o livro de um poeta, o sentimentalismo restrito a um temperamento; é uma verdadeira bíblia do amor, o livro de orações de um povo, que vive de sonhos. (p. 2)

Ainda nesta edição se destaca a notícia pormenorizada da inauguração da livraria Chadron. Sempre que havia oportunidade, Gaspar da Silva, fervoroso *camiliano* como já mencionamos, discorria sobre as qualidades de seu compatriota, como em 07/03/1906:

[...] A página de Camilo, onde quer que o sopro do seu gênio desça a todo o vigor, é a página de deslumbramentos: a prosa portuguesa aquece ao rubro e dali ressalta simultâneas, em turbilhão, ou alternadas, ou contidas pelo artista, a ironia, a cólera, a amargura, a troça, a invectiva, o desprezo, a dor, o desespero e, há espaços como protestos da fé, um hino de paz e de perdão. [...] Deve-lhe a pátria, com o povo português e com a literatura nacional, os mais grandiosos serviços. Em toda a história das nossas letras, nos remotos e modernos períodos, não há outro forjador da nossa prosa, que assim vastamente a vulgarizasse como Camilo, com honra e glória para os do seu torrão. (p. 2)

No dia 12 de março de 1906, os grandes destaques de *A Vida Portuguesa* foram as “Novidades literárias”. Como era de praxe, G.S. dedicou grande parte de sua coluna

para dissertar sobre os lançamentos dos livros: *Os modernos publicista portugueses*, de Bruno (José Pereira Sampaio); *Garrett e os dramas românticos*, de Teófilo Braga; *Orações e discursos*, de Alves Mendes; *Poesias*, de Raimundo Correa; *Ar livre*, de Affonso Lopes Vieira e *As capelas imperfeitas e a lenda das divisas gregas*, de Carolina Michaelis de Vasconcelos. Além de divulgar o poeta brasileiro Raimundo Correa, informou também o lançamento da obra de Coelho Neto *Romanceiro*, que ocorreria nos próximos dias. Sobre a obra de Teófilo Braga, comenta Boaventura:

Garrett e os dramas românticos, por Teófilo Braga, mente prodigiosa, glória da humanidade. [...] É interessantíssima a parte histórica. Teófilo Braga sabe tudo. Garrett não era um literato, era uma literatura e foi muito mais: o ressuscitador de uma nacionalidade. A sua iniciativa literária partiu de um grande pensamento: abraçar todos os gêneros para os retemperar nas águas do moderno Jordão, para os batizar nas verdades do novo dogma, sem os contrafazer na imitação servil do estrangeiro. Esta influência é que Teófilo Braga assinala. (p.2)

Já sobre a “ilustradíssima e erudita” Carolina Michaelis, discorre:

[...] A estudiosíssima escritora trata, com efeito o assunto com um notável senso crítico dando conta do resultado das suas investigações pessoais, tirando ilações justíssimas, pondo em suma, em evidência o fulgor da sua inteligência e o poder da sua observação. (p. 2)

A importante intelectual portuguesa Carolina Michaëlis de Vasconcelos, freqüentemente citada nos artigos, nasceu em Berlim em 1851 e morreu na cidade do Porto em 1925. Fez a sua formação no importante centro cultural de Berlim. Frequentavam a casa da família Jacob Grimm, Alexander von Humboldt e Varnhagen von Ense, entre outros. Estudou árabe, sânscrito, as línguas eslavas e germânicas, o provençal, o francês antigo e, ainda, algumas línguas peninsulares, o catalão, o castelhano e o português. A sua aproximação às línguas e culturas ibéricas começa, provavelmente, com a organização de uma edição escolar do *Cid* de Herder por incumbência da editora Brockhaus, de Lúpsia. Mas só em 1873 se refere explicitamente à cultura portuguesa, ao publicar “Neues aus Spanien und Portugal” na revista *Magazin für die Literatur des Auslandes* (XLII, pp. 387-389, 400-402 c 411 -

413). Mostrava, neste artigo, interesse pela renovação que Adolfo Coelho, Joaquim de Vasconcelos e Teófilo Braga promoviam em Portugal. Em 1876, em Berlim, casa-se com Joaquim de Vasconcelos que havia estudado em Hamburgo. Fixa residência no Porto e em 1911 é convidada pela Faculdade de Letras de Lisboa, será em Coimbra que exercerá seu Magistério. Pela primeira vez uma mulher ensina numa Universidade Portuguesa e torna-se, de igual modo, a primeira mulher a pertencer à Academia de Ciências de Lisboa. Na Alemanha, o reconhecimento do seu mérito de investigadora já lhe tinha dado o título de Doutora em Filosofia, na Universidade de Friburgo, e de Doutora *honoris causa* na Universidade de Hamburgo. Em Portugal, também D. Carlos a distingue com a Ordem de Santiago. Depois de se fixar em terras lusitanas, vai desenvolver uma extensa obra. O seu primeiro trabalho é uma série de artigos publicados n' *O Ensino* sobre “A cartilha portuguesa e em especial a do Sr. João de Deus” (n.ºs 2, 3 e 5, 1877). A maior parte dos seus títulos incide sobre a Idade Média e sobre o século XVI. A lírica medieval, o Romanceiro, os autores quinhentistas, a etnografia e a filologia constituem os seus temas preferenciais. É notável a sua edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, resultado de uma longa investigação bibliográfica, paleográfica, na área da história cultural e literária. A cabo de vinte e cinco anos, em 1904, apresenta em Halle a história do códice, a sua relação com o Cancioneiro da Vaticana, de Collocci e os apógrafos italianos. A biografia dos poetas, as relações culturais entre Portugal e a Provença, o domínio lírico galego, a persistência de certas composições nos cantares modernos são aspectos que desenvolve concomitantemente ao estudo e organização dos textos. Este aspecto da sobrevivência poética através da tradição vai ser objeto de estudos particularmente importantes. “Estudos sobre o Romanceiro Peninsular” (*Revista Lusitana*, II, 1890-1892, pp. 156-179 e 193-240) e *Romances Velhos em Portugal* constituem investigações quase pioneiras comparáveis às que Ramón Menéndez Pidal fazia em Espanha. Nos *Romances Velhos*, toma criticamente as classificações estabelecidas por Wolf, Milá y Fontanals e pelo próprio

Menéndez Pidal, e estuda cada um dos textos romancísticos. Em seguida, percorrendo um *corpus* de cinquenta autores identifica mais de oitenta em citações, alusões, etc. Se a interessa a origem e a vida do Romanceiro Velho, não deixa de se debruçar sobre a tradição oral moderna e de frisar a necessidade da recolha e compilação dos romances. As suas lições continuam a ser, em vários aspectos, atuais. Sobre Gil Vicente escreve *Autos Portugueses de Gil Vicente y de Ia Escuda Vicentina*. Constam de notas para uma edição crítica acompanhada de uma introdução. Trata da biografia, bibliografia, formação intelectual do dramaturgo e estuda a obra e suas fontes. Edita *Poesias de Sá de Miranda* em Halle, em 1885 e em 1911 realiza “Novos estudos sobre Sá de Miranda”, que publica no *Boletim da Segunda Classe, Atas e Pareceres, Estudos e Documentos e Notícias*, V, pp. 9-230. Dedicase, ainda, às obras de Cristóvão Falcão e Bernardim Ribeiro. De Camões, havia já dado à estampa *Os Lusíadas*, em Lúpsia, em 1873. Para além de outros trabalhos, comenta a tradução das *Rimas* de Stock na *Zeitschrift für romanische Philologie* nos anos compreendidos entre 1880 e 1884. Nesta área de estudos, edita, ainda, *O Cancioneiro Fernandes Tomás*, em Coimbra, em 1922 e, dois anos mais tarde, na mesma cidade, *O Cancioneiro do Pe. Pedro Ribeiro*. Faz, ainda, incursões na história literária portuguesa, na filologia, na etnografia (*Algumas palavras sobre os Púcaros de Portugal*), e reflexões sobre o tema da saudade como dominante na psicologia e na literatura nacionais.

Os lançamentos literários portugueses foram novamente assunto de *A Vida Portuguesa* em 11 de agosto de 1906. Desta vez, as obras comentadas foram: *Jornadas no Minho*, de João de Castro; *Bom humor*, de João Chagas; *O último Fauno*, de João Grave; *Os dois Plínios*, de Júlio de Castilho; *Ao correr do tempo*, de Maria Amália Vaz de Carvalho; *Na Rússia*, de Eduardo de Noronha e *História de Paulo e Virginia*, traduzido por Bocage.

Ao analisar a obra de João Grave, G.S. aproveita e reforça a “aversão” que mantinha por Júlio Dantas e, curiosamente, também por Carlos Malheiro Dias.

Esgotou-se a primeira edição de *O Último Fauno*, em que João Grave atinge a suprema arte de Flaubert. Tem páginas deslumbrantes como as de *Salambo*. João Grave é uma das personalidades mais altas da atual literatura portuguesa. Júlio Dantas e Carlos Malheiro Dias não lhe chegam aos joelhos. (p. 2)

Das críticas publicadas nesse dia, outra que se destacou foi a da obra de Maria Amália Vaz de Carvalho, pelo fato de mais uma vez divulgar a obra escrita por uma mulher e também porque a escritora citada possuía um elo de ligação com o Brasil, que o colunista não deixa de mencionar:

A ilustre escritora sra. D. Maria Amália, viúva do grande poeta brasileiro Gonçalves Crespo, acaba de publicar mais um primoroso livro com o título *Ao Correr do Tempo*. Seguindo o curso dos estudos sociais, a autora reúne neste trabalho 24 artigos de fácil e amena leitura, sobre variados assuntos, que se prendem mais ou menos com a educação infantil. O livro abre com gentileza e fecha com chave de ouro: começa pelo problema atual do casamento e termina pelo melhor processo de educação, dedicado às mães. (...) (p. 2)

Teófilo Braga, em 16 de agosto de 1906 foi objeto de mais uma matéria laudatória no jornal. O responsável de tal publicação porém foi Oliveira Lima, que escrevia regularmente para o periódico. O diplomata inseria seus artigos na coluna *Coisas estrangeiras*, título apropriadíssimo para tal já que Lima enviava suas correspondências do exterior, onde residiu a maior parte de sua vida.

Nesse longo artigo que ocupou boa parte da primeira página da edição de número 10.115 da gazeta paulistana, Oliveira Lima discorreu longamente sobre a figura de Teófilo Braga e a importância que o notável literato tivera na sua formação, bem como na “mentalidade brasileira” (p.1) da época. Segundo Lima:

Quase deveria subordinar este artigo à epigrafe – Coisas nacionais – tão sensível tem sido e tão importante a influencia do grande trabalhador português sobre a mentalidade brasileira. Pelo menos o foi, e poucas a excederam nos decênios de 1870 a 1890. Quanto a mim individualmente, creio que jamais exerceu alguém sobre o meu espírito sedução maior, mas na verdade é que fui seu discípulo em Lisboa e discípulo penso que estimado. A fascinação exercida por Teófilo era

de uma natureza diferente da que produzia, por exemplo, Pinheiro Chagas, outro dos meus mestres em Portugal (...) (p.1)

Em tal matéria, o diplomata também enaltece a teoria positivista, da qual Teófilo

Braga era simpatizante e enumera as suas características:

Em Teófilo o que arrasta é, a par da assombrosa massa de conhecimentos, do seu aspecto de enciclopédia viva, a coordenação em que no seu cérebro esses conhecimentos se encontram, o rigoroso encadeamento que os prende, originando as deduções lógicas que entre eles se estabelecem, a tudo fornecendo resposta e aplicação. É um formidável aparelho científico o que tal disposição representa e deu ao eminente professor a sua conhecida orientação filosófica. Teófilo Braga é positivista, não ortodoxo [...] Ora, não conheço sistema que mais discipline o espírito do que o dessa filosofia, [...]. Um positivista tem seguro a cabeça em ordem, as aquisições arrumadas e catalogadas e uma chave para abrir todas as portas da dúvida e solver todos os problemas do universo, já se sabe dentro dos limites que a citada filosofia e aí voluntariamente se traçou.[...] A filosofia positivista prestava-me uma explicação racional de tudo, uma sistematização completa do mundo: era só referir cada coisa ao departamento competente e decifrar cada problema segundo as regras e fórmulas estabelecidas (...) (p.1)

Sobre a produção de Teófilo Braga, comentou:

Setenta é porventura exagerado, mas não muito. São, com efeito, numerosíssimos, uns quarenta a cinquenta, os volumes de Teófilo que estuda a poesia lusitana desde os trovadores galego-portugueses e os poetas palacianos até o romântico Garrett, o ultra-romântico Castilho e o lírico moderno João de Deus: a prosa desde a novela de cavalaria do Amadis de Gaula e a novela bucólica de Bernadim Ribeiro até a novela histórica de Herculano; o teatro desde Gil Vicente até Garrett, passando pelas comédias e tragédias clássicas, pelas tragicomédias, pela baixa comedia e pela ópera; a Universidade através dos séculos desde os seus inícios até a sua atual organização; os grandes cultores da língua como Sá de Miranda, Camões, Bocage, Filinto Elisio, cada um deles em especial. Numa tão vasta obra, de conjunto e de detalhes (...) (p.1)

Oliveira Lima encerra seu artigo falando da relação entre o intelectual português

e os “eruditos brasileiros”:

Ao Brasil tanto se estendeu a sua influência, que é lícito filiar no crítico português e sem desconhecer o que possa haver de diretamente bebido nas fontes maiores, portando de relativamente mais original, o esforço reformador de Silvio Romero e dos que a este se prendem. [...] Ele é um democrata irreconciliável, que tanto menos facilmente poderia ser engajado pelo regime político dominante em seu país quanto desconhece os apetites de luxo e despreza as ambições de posição e de mando, contentando-se com o prestígio imenso que lhe dão sobre a sociedade e em particular sobre a mentalidade de

Portugal e Brasil, a sua vastíssima capacidade intelectual e a dignidade incomparável da sua vida moralmente sã, modesta, retraída, laboriosa e virtuosa. (p.1)

Este artigo de Oliveira Lima nos demonstra claramente que a intenção de aproximar culturalmente e de exaltar a cultura portuguesa promovido pelo OESP não era só fomentado pelos jornalistas portugueses, como já vimos diversas vezes. Os brasileiros integrantes da redação da gazeta paulistana representados por Oliveira Lima, Sílvio de Almeida e Anselmo Ribas (Coelho Neto) principalmente, também se empenhavam em cultivar essa presença portuguesa entre os intelectuais da época e admitiam que tais personalidades lusitanas eram tidas como exemplo para eles, tal qual pudemos observar neste último artigo citado. Espécie de “Fradique Mendes” personificado, o Teófilo Braga exaltado neste e nos demais artigos que pesquisamos sobre ele é pintado como uma espécie de *protótipo* de homem culto que poderia muito bem ser seguido pelos brasileiros. Interessante é ainda como é descrita a “influência do grande trabalhador português”, representada pelo próprio Oliveira Lima, sobretudo se considerarmos que Teófilo Braga nunca esteve no Brasil ou sequer se preocupava com as coisas que aqui se passava. Enquanto ignorava o Brasil, bem como a sua política, literatura, sociedade e outras formas de expressão cultural, esse mesmo país e sua “mentalidade” se desdobrava para conhecê-lo, consumir suas obras e adequar-se às idéias do grande intelectual lusitano. Mais adiante, ao comentar sua “vastíssima obra”, Lima discorre sobre o conteúdo dos “40 a 50 volumes” de Teófilo sobre a literatura portuguesa (cujas quais nada menciona da literatura produzida no Brasil) e que portanto, teoricamente, nada pertinente para ser publicado num jornal nacional.

Data de 03 de novembro de 1906 (p.2) a última colaboração de G.S./Visconde de S. Boaventura para a coluna *A Vida Portuguesa*. Nesta ocasião, dissertou sobre Eça de Queirós e sobre as homenagens que lhe foram prestadas em Povoá do Varzim, cidade

natal do ilustre romancista. Embora tenha fechado a matéria com o gancho “continua”, como sempre costumava fazer para indicar aos seus leitores que haveria ainda uma outra publicação em breve, a referida coluna deixou de existir a partir de então e infelizmente não conseguimos descobrir o motivo.

Apenas em 08 de abril temos o primeiro artigo sobre literatura portuguesa do ano de 1907, de autoria de CEDEF, um dos únicos jornalistas cujo qual não conseguimos descobrir a identidade. A matéria intitulava-se “Os siameses literários” e comentava rapidamente algumas célebres parcerias literárias, como a de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

Muito mais interessante, sem dúvida, foi o editorial de 09/07/1907, intitulado “Brasil-Portugal” (p.1). Ao noticiar a vinda de Carlos Malheiro Dias ao Brasil e dissertar sobre a revista *Ilustração Portuguesa* cuja qual o referido era diretor, o redator deixa transparecer um dos objetivos e a pertinência da constante aproximação literária luso-brasileira promovida pelo jornal:

Como tivemos ocasião de noticiar, a vinda ao Brasil, do talentoso escritor português Sr. Carlos Malheiros Dias, tem como principal objetivo transformar a sua excelente revista “Ilustração Portuguesa”, um grande magazine literário brasileiro e português. Essa transformação obedeceria a dois intuitos principais: primeiro – o de aproximar e quase unificar as duas literaturas (...) reatando assim a comunidade literária que perdurou até aos primeiros anos do século XIX, e definitivamente integrando na literatura brasileira toda a tradição clássica portuguesa, pois que em nenhuma esfera da atividade intelectual, mais do que na literatura, a despeito de todas as modalidades e diferenciações provocadas pelas condições naturais e sociais do meio, essa unidade se impõe, tratando-se de uma atividade mental exercida na mesma ‘matéria-prima’: o idioma. Para concorrer proficuamente para essa hegemonia literária, a *Ilustração Portuguesa* alteraria seu título, passando a chamar-se *Ilustração Brasileira e Portuguesa*; estabeleceria no Rio de Janeiro uma grande sucursal (...) Cada número semanal da grande revista seria o orgulhoso atestado intelectual da raça que se agita nos cinco continentes e que se pode corresponder na mesma linguagem de Macau para o Amazonas, de Lisboa para o Rio de Janeiro, de Gôa para Bahia, de Timor para o Paraná, de Coimbra para São Paulo [...] E esta permuta incessante de imaginação e erudição, provocando a intimidade entre as maiores mentalidades dos dois povos e concorrendo poderosamente para a manutenção da susserania mental da raça no seu constante convívio com raças díspares, prodigiosamente concorreria, como surpreendente estímulo, para o desenvolvimento das ciências e das artes. A produção literária atingiria pela primeira vez nos dois países uma difusão

enorme. Cada romancista, cada poeta, cada economista, cada sociólogo teria enfim, alcançado um público imenso. Quase simultaneamente, as suas obras seriam assimiladas nos cinco continentes.
(BRASIL – Portugal, 1907, p. 01)

Neste excelente editorial, alguns termos como “quase unificar”, “reatar uma comunidade literária”, “integrar na literatura brasileira a tradição clássica portuguesa”, “hegemonia literária” e “susserania mental da raça” emergem gritantes como demonstração de uma *supremacia* da cultura portuguesa a qual o Brasil deveria se subordinar para atingir um certo nível de reconhecimento literário ao incorporar a tradição e o modelo na busca de uma utópica unidade. O editor, ao promover a revista *Ilustração Portuguesa* reforça com toda a clareza a manutenção do *status quo* dos valores portugueses através da língua e da literatura e consoante à alguns indícios desse propósito que já tínhamos apontado anteriormente. Notemos que as particularidades brasileiras, bem como a sua comunidade literária e lingüística – já que o português brasileiro recebera importantes influências de outros povos que constituíram o país, como o negro e o índio – foram completamente ignoradas. Imediatamente recordamos de Herder, mencionado no primeiro capítulo da presente Dissertação, principalmente quando o filósofo, no início do século XIX e no momento crucial para a formação das identidades das nações, acrescenta ser a linguagem o traço mais genuíno de uma sociedade e o elemento que melhor pode caracterizar e diferenciar um país dos outros, além da unidade territorial e das características comuns que determinam um povo. Neste contexto, toda a individualidade brasileira é brutalmente suprimida em prol de uma almejada comunidade cultural luso-brasileira preocupada em cultivar e manter aceso os valores do colonizador, tidos como superiores, nas ex-colônias através da linguagem.

Na sua primeira da série de *Divagações* de 1907 (15/07/1907), Silvio de Almeida disserta sobre o lirismo das literaturas portuguesa e brasileira aqui no Brasil. Em *Coisas estrangeiras* de 02 de setembro de 1907, Oliveira Lima disserta sobre Carlos

Malheiro Dias e o reforço do projeto *lusu-brasileiro* para os laços culturais entre ambos os países:

Regressou há pouco para Portugal o Sr. Carlos Malheiro Dias e se não logrou converter numa realidade o seu formoso e grandioso plano de solidariedade das duas literaturas de língua portuguesa, desenvolvendo-se cada uma na esfera particular que lhe constituem suas condições e aspirações, mas tornando-se bem conhecidas e amigas como cumpre ao seu próximo parentesco, deve pelo menos ter levado, além da sensação das simpatias pessoais que deixou, a impressão de que a sua viagem não foi em todo o caso improfícua ao nobre fito que aqui o trouxe.

O seu plano, aos leitores do “Estado” o conhecem bem, porque ele o explicou nestas colunas com muita clareza, muita eloquência e a mesma vivacidade que costuma pôr na conversa e que estabelece uma perfeita correspondência entre o seu estilo ágil e a sua fisionomia expressiva, na qual a doçura do olhar corrige a ironia do sorriso e ambas completam as linhas de uma curiosidade inteligente. O escritor, que hoje é um dos primeiros de sua terra, devaneará reatar a comunidade literária de outrora em benefício recíproco das duas nacionalidades, cujos laços econômicos são presentemente mais fortes do que os intelectuais, e que por todos os momentos ganhariam em assentar a sua aproximação moral sobre a base que lhes pertence igualmente, pois que lhes é fornecida pela identidade do idioma.

Se ao Brasil literário convém não deixar perder a tradição clássica portuguesa, que lhe empresta um passado, uma história e um modelo, ao Portugal literário cabe não permanecer indiferente àquela expressão da antiga colônia, que ao mesmo tempo e as circunstâncias têm vindo diferenciando, mas lhe é devedora da sua primeira educação e mesmo, nos tempos modernos, de poderosas sugestões. Seria, além de falso, pueril pretender negar a enorme influência de Garrett, Herculano e Castilho sobre os nossos românticos, mesmo indianistas, de Eça de Queirós sobre os nossos naturalistas, de Guerra Junqueiro sobre os nossos satânicos, até de Eugênio de Castro sobre os nossos simbolistas.

O plano do sr. Malheiro Dias, que era o de transformar a “Ilustração Portuguesa”, que dirige, no instrumento dessa união, abrangia na prática uma variedade de aplicações, de trocas de visitas literárias, de exposições de arte, de conferências, de exibições musicais e oratórias, que podem ser irrealizáveis de momento, isto é, de um momento para o outro, mas que no futuro se hão de realizar, quando a cultura aqui for mais disseminada e lá mais proselitica. A vastidão dos domínios em que se fala o português e que se estendem às cinco partes do mundo, permite acreditarmos que, com o crescimento da população e o aumento das riquezas, tudo isso virá a acontecer, como está acontecendo entre a Inglaterra e os Estados Unidos, e emprestará um extraordinário impulso às manifestações de cultura dos dois povos irmãos, de origem lusitana e civilização européia.

Se ainda está distante o espetáculo, é contudo necessário que se o vá anunciando, para que o público por ele se interesse e a mentalidade luso-brasileira não perca a noção e a esperança de um tão levantado ideal. Neste sentido é que creio não haver sido inútil para a realidade, no porvir, de semelhante objetivo, a estada entre nós do romancista português. Pondo em jogo seus muitos predicados de sedução, não é exagero dizer que ele adiantou a hora daquele espetáculo.

Falar nalguma coisa como possível é torna-la possível: o esforço não fica perdido pela convicção que se incute de que deve ser seguido de outro esforço na mesma direção. No “Jornal do Comércio”, por exemplo, publicou o

sr. Magalhães de Azeredo, nesta ordem de pensamentos, uma excelente contribuição sobre o projeto da “Ilustração” e as idéias a respeito do sr. Malheiro Dias, as quais incontestavelmente calaram no espírito dos que se podem perder por tais assuntos.

Também o emissário estava à altura da missão que aqui o conduziu. Um emissário banal não lograria impor-se. Pelos seus romances – *O Filho das Hervas, Os Teles de Albergaria, A Paixão de Maria do Céu, O Grande Cagliostro* – ele adquirira entre nós, entre os que lêem já se sabe, favor e admiração. O seu grande conhecimento da língua, a sua habilidade técnica, o seu discreto realismo – por isso mesmo mais impressivo – a sua compreensão social, o seu senso histórico, a sua natural emoção, comunicativa porque é sincera, eram qualidades reconhecidas e apreciadas no escritor pelos seus numerosos leitores. Mas popular se vai ainda tornar o sr. Malheiro Dias no nosso meio, agora que o “Brasil”, a folha que brevemente começará a aparecer teve a feliz idéia de contratar a sua colaboração semanal.

Quem conhece as belíssimas “Cartas de Lisboa”, de que há três volumes publicados, poderá imaginar o que serão essas crônicas da vida portuguesa, em que as notas de paisagem se entrelaçam com as reminiscências históricas, produzindo uma combinação de singular atrativo. Só de agora conheço eu próprio

As referidas “Cartas”, cuja leitura me tem encantados muitos dias. Falo portanto sob uma impressão toda recente quando assim me refiro ao seu valor mais do que passageiro.

O nobre amor do passado, que creio ser um dos característicos morais e literários do escritor português, com o qual vão os leitores brasileiros agora travar um novo diário mais íntimo conhecimento, foi, quer-me parecer, responsável por uma sua predileção, já muito atenuada, pelos termos arcaicos da língua. Da mesma forma, o seu carinho pela vida provinciana, da qual nos dá nas referidas “Cartas” quadros de um sóbrio realismo, reproduções de uma naturalidade e sabor pronunciados, originou o emprego de um vocabulário local e de uma terminologia rara e em parte até obsoleta, que sobretudo aparecem na “Maria do Céu”, onde mais claramente se começa a denunciar o intenso portuguesismo do sr. Malheiro Dias.

Este portuguesismo só tem feito crescer com a aplicação e o estudo, ainda que jamais se tornando enfadonho ou irritante. É um nacionalismo por assim dizer intelectual, feito da consciência do passado pela sua aquisição mental e da confiança do futuro pelo seu instinto agudo. Simultaneamente tenho o escritor ido apurando sua forma na singeleza que julgo constituir a qualidade máxima a que pode aspirar uma forma, renunciando a afetação mesmo esmerada e abominando a pretensão, que é o rastaquerismo do estilo.

A singeleza pede e tem que ser um traço adquirido. Os fidalgos distinguem-se dos rastaqueres pela educação ainda mais do que pelo nascimento, o fidalgo tem que ser no escrever quem lida a cada instante com a sentimentalidade de outrora, quem tanto admira as glórias, as virtudes e tanto atenua os crimes, as vergonhas das eras donde decorre a tradição, que é o sistema nervoso de um organismo social. Penso que a minha imediata simpatia pelo sr. Malheiro Dias despertou-a mais que tudo – mais do que a sua extrema cortesia, mais do que a seu entranhado afeto à profissão literária, tão nobre – essa sua ternura da qual compartilho pelo que praticaram de bom e de útil, de interessante e de grande as gerações mortas, os nossos antepassados, porque todos os temos. (p.1)

Mais uma vez, é o brasileiro Oliveira Lima que endossa o “plano” dos portugueses e ainda o discurso do redator do OESP no artigo sobre a revista *Ilustração Portuguesa*, sobre a qual já discorremos. Lima, além de discorrer longamente sobre as qualidades do escritor, ao afirmar que

(...) devaneará reatar a comunidade literária de outrora em benefício recíproco das duas nacionalidades, cujos laços econômicos são presentemente mais fortes do que os intelectuais, e que por todos os momentos ganhariam em assentar a sua aproximação moral sobre a base que lhes pertence igualmente, pois que lhes é fornecida pela identidade do idioma,

justifica ainda tal propósito de “interação” argumentando que para o Brasil é necessário a presença e o modelo português:

Se ao Brasil literário convém não deixar perder a tradição clássica portuguesa, que lhe empresta um passado, uma história e um modelo, ao Portugal literário cabe não permanecer indiferente àquela expressão da antiga colônia, que ao mesmo tempo e as circunstâncias têm vindo diferenciando, mas lhe é devedora da sua primeira educação e mesmo, nos tempos modernos, de poderosas sugestões.

Convencido realmente desse escopo, Lima comenta ainda que a revista citada,

(...) instrumento dessa união, abrangia na prática uma variedade de aplicações, de trocas de visitas literárias, de exposições de arte, de conferências, de exibições musicais e oratórias, que podem ser irrealizáveis de momento, isto é, de um momento para o outro, mas que no futuro se hão de realizar, quando a cultura aqui for mais disseminada e lá mais proselitica.

Ou seja, através de uma falsa relação dialética, intelectuais luso-brasileiros como Dias pretendiam utilizar mais um instrumento de divulgação da cultura portuguesa, isto é, a revista, além, é claro, do próprio jornal OESP engajadíssimo nesse propósito, como já pudemos perceber.

No final do citado artigo, Lima explica os motivos que movem Dias e seus compatriotas neste plano de aproximação cultural e ainda disserta sobre a importância da *tradição*, a mesma que eles insistentemente tentaram amalgamar com a realidade brasileira, na constituição de uma sociedade:

(...) Este portuguesismo só tem feito crescer com a aplicação e o estudo, ainda que jamais se tornando enfadonho ou irritante. É um nacionalismo por assim

dizer intelectual, feito da consciência do passado pela sua aquisição mental e da confiança do futuro pelo seu instinto agudo. [...] Os fidalgos distinguem-se dos rastaqueres pela educação ainda mais do que pelo nascimento, o fidalgo tem que ser no escrever quem lida a cada instante com a sentimentalidade de outrora, quem tanto admira as glórias, as virtudes e tanto atenua os crimes, as vergonhas das eras donde decorre a tradição, que é o sistema nervoso de um organismo social. Penso que a minha imediata simpatia pelo sr. Malheiro Dias despertou-a mais que tudo – mais do que a sua extrema cortesia, mais do que a seu enranhado afeto à profissão literária, tão nobre – essa sua ternura da qual compartilho pelo que praticaram de bom e de útil, de interessante e de grande as gerações mortas, os nossos antepassados, porque todos os temos. (p.1)

Paradoxalmente, em 30 de setembro de 1907 tivemos o editorial *Bibliografia*, que foi unicamente reservado à divulgação da obra *Salada de Frutas*, de Garcia Redondo e com um conteúdo bem diferente, portanto dos discursos com teores ideológicos que o jornal publicara dias antes. Sobre a obra, informou o editor:

Realmente, é difícil tarefa analisar os trabalhos de quem, como o sr. Garcia Redondo, passou de há muito para a classe dos consagrados; escrevendo há mais de 30 anos, e escrevendo bem, tendo sido convidado para a organização da academia brasileira, é uma das individualidades literárias que já não se devem discutir. *Salada de Frutas* chamou a esta brochura, e com felicidade porque nela quase de tudo: contos, crônicas, páginas íntimas, artigos de polêmica (...). (p. 1)

Em sua última colaboração para o jornal *O Estado de S. Paulo*, Gaspar da Silva (Visconde de S. Boaventura) descreve a triste situação dos homens de letras em Portugal e de certa forma resume toda a indignação e o descaso da então atual sociedade portuguesa para com os literatos, a que ele tanto já se referira anos antes em *A Vida Portuguesa*:

Do nosso correspondente em Lisboa: ‘A carreira literária é a mais terrível profissão a que, neste jardim da Europa, a beira-mar plantado, alguém se possa consagrar. Não há nela nem promoções nem esperanças. Ninguém aprecia o que se consome de coragem e de esforços para resistir às lutas que assaltam qualquer vocação literária [...]. Desde Camões, morrendo no hospital, até Garção encerrado dentro de uma masmorra, há mais de um exemplo eloqüente para acusar a sociedade, madrasta, que não acolhe por talento se não quando ele brilha com sua própria glória [...]. Em Portugal existe uma crise terrível e constante no mercado literário. O desventurado autor, o mais infeliz de todos os produtores de trabalho, luta com um meio dos mais hostis. Em primeiro lugar, neste país não se sabe ler [...]. Em Portugal, o homem de talento é preterido pelo homem prático.’ (p. 2)

A trajetória de padre Antonio Vieira no Brasil e a reivindicação de um monumento digno da memória do grande orador português foi o tema do editorial inaugural de 1908 (06/02/1908, p.1). Antonio Vieira é novamente assunto na matéria de 10 de fevereiro de 1908 (p.2), na qual o articulista José Feliciano disserta sobre a nacionalidade de Vieira, mais uma vez retomando o mote da dupla nacionalidade e comenta sobre as principais obras até então escritas sobre esse assunto.

O artigo de Silvio de Almeida, nas *Divagações* de 04 de maio de 1908 (p.1) exemplifica perfeitamente a opinião dos jornalistas-intelectuais brasileiros a respeito da literatura e a “receita” a ser seguida pelos escritores locais:

No entanto, passam-se os tempos, fazem-se novas publicações e, afinal a obra imperecedora, a obra que fica é geralmente a dos autores que já receberam a solene consagração dos séculos; porque da literatura se pode dizer o mesmo dos vinhos e dos amigos: a literatura velha é sempre a melhor, e nela aprenderão os novos que hajam de ser eternos. [...] As hodiernas escolas literárias nada nos trouxeram de inaudito; e de extraordinário só podem alegar os seus exageros. Os simbolistas propendem para um misticismo do empréstimo, e que já se não coaduna com a seca positividade moderna, contra a qual eles procuram reagir. Os parnasianos, que elevaram a dogma a perfeição da forma impecável, talvez não saibam que Virgílio também passava oito dias a brunir um simples hexâmetro (...). (p. 1)

Em 10 de agosto de 1908, o ilustre professor inicia uma série de *Divagações* a respeito de alguns cantos de *Os Lusíadas*, com ênfase na perspectiva filológica. Tais estudos seguiram-se publicados nas páginas do OESP por pelo menos três anos. Em 22 de agosto de 1910, Sílvio de Almeida assinala, por exemplo:

(...) Observei, contudo, que Camões só fazia as elipses usuais de *co* e *c'um* muito de conformidade, aliás, com a pronuncia vulgar, sem que, para isso, houvesse de forçar o gênio de nossa língua; porquanto a fácil combinação das preposições com os artigos aí está demonstrada pelos exemplos de *ac*, *a*, *do*, *da*, etc. mas, ao fazê-las, nunca deixou de as indicar na escrita, e quando não as queria, usava grafar, por extenso *com os*, *com um*. De tais formas separadas contei no poema [canto II] só vinte e três casos, contra duzentos e trinta e cinco exemplos de outras formas contraídas (...).(p. 1)

Oliveira Lima, na sua colaboração de 14 de fevereiro de 1909 ressalta novamente a sua admiração e o seu fascínio pela língua portuguesa e da sua literatura:

Portugal, possuindo uma tão bela história, não podia deixar de ter uma literatura notável, dada a extrema dependência que existe entre os fatos históricos e as manifestações do gênio literário, relação não menos íntima nem menos necessária do que aquela que liga naturalmente a expressão ao pensamento. Onde germinam idéias, floresce o discurso, a saber, as letras que são sua forma concreta, que se espalham e ao mesmo tempo se encarregam de registrar e conservar para o ensino da posteridade as ações que se tornam dignas disso pelo seu brilho ou que servem para tal fim pelo seu negrume. A história é, vós todos o sabeis, a mestra da vida na expressão latina. A língua é a condição primeira de uma literatura [...]. A literatura portuguesa promete aos que a estudarem agradáveis surpresas. É uma literatura tão abundante e variada quanto a língua é opulenta e harmoniosa. (...) (p. 1)

Outra interessante série de artigos de Sílvio de Almeida publicada nas *Divagações* foi aquela que, a partir de 29 de março de 1909 discutiu e fomentou a polêmica autoria de *Menina Moça* e os poetas bucólicos Bernadim Ribeiro e Cristóvão Falcão. Assim, temos no artigo desta data:

Só agora – ainda que não me creiam –, só agora acaba de morrer, neste ano da graça de 1909, um dos grandes bucólicos da época de ouro dos escritores quinhentistas! Esse macróbio das letras, matusalém português, de nome e de nação, era, sem mais nem menos, Cristóvão Falcão de Souza, que embora quatro vezes secular, me parece, indefinidamente vivo e assim continuaria se não o tivessem acaso assassinado... Companheiro, amigo e confidente de Bernadim Ribeiro, houvera entre os dois, segundo Teófilo Braga, a infeliz conformidade de uma sorte infeliz; pois ao passo que aquele se despedaçava por amores, também este por amores se perdia [...]. Tão notável se afigurava a individualidade literária de *Crisfal* que, para a ilustre romanista d. Carolina Michaelis, ele tinha sido o criador do gênero bucólico em Portugal, e Bernadim, apenas o seu imediato imitador; mas também, a semelhança entre eles era tal que, conforme a judiciosa observação do professor Simões Dias, ‘as obras de um podiam passar como feitas pelo outro’. (...) (p. 1)

Mais adiante, no artigo de 19 de abril de 1909, temos:

Entre o Guadiana e o Tejo, houve outrora um “pastor”, que não era dos bens do mundo abastado e, quando a barba lhe começou a pungir, demandando a região das areias que bordam o mar, sentiu por uma “menina e moça” o seu primeiro êxtase de amor.[...] Que poeta foi esse? A sua caracterização, que traz o pseudônimo do “Crisfal”, perfeitamente se ajusta ao nome e a existência de Bernadim Ribeiro.

Mas o que pretendem que “Crisfal” seja Cristóvão Falcão, precisam explicar, além das citadas coincidências, mais os seguintes pontos: 1- Porque é que do Cristóvão Falcão não há, comprovadamente, outra nenhuma poesia conhecida e antes, o que dele se alcança é só de um homem de muitas poucas letras; 2- Porque é que a écogla atribuída a Falcão vem, nas antigas edições, de par com as obras de Bernadim, entre cujos manuscritos se supõe ter sido achada; 3- E porque, sobre meia dúzia de versos que ela contém, literalmente tirados de Bernadim, apresenta o mesmo assunto, a mesma frescura de bucolismo, a

mesma arte no desenho das coisas e das pessoas e o mesmo estilo das composições deste último, que até poderia assinar, como seu verdadeiro autor? (p.1)

Sobre a polêmica, nos esclarece ainda Arroyo⁷²:

O problema de autoria das peças de Cristóvão Falcão, ao que parece, situa-se ainda numa zona de conjecturas, não obstante as certezas manifestadas por Augusto Epifânio da Silva Dias (1893) na edição crítica eu fez das obras do poeta [...] O mesmo crítico português, ainda recentemente, insistiu na permanência da tese de autor desconhecido para as *Trovas* ou *Écoglas de Crisfal*, sem conhecer o trabalho de Sílvio de Almeida, que, se não resolve o problema em favor de Bernadim Ribeiro de modo irrefutável, representa ao menos uma séria contribuição à ecdótica da lírica referida. (1967, p.11)

Uma vez que até hoje essa discussão não foi esclarecida, destaca-se o pioneirismo e perspicácia do jornalista que tanto insistiu para o reconhecimento e divulgação de suas pesquisas mas, sobretudo, para o esclarecimento de uma lacuna importante da literatura portuguesa: “Sílvio de Almeida tinha noção exata da importância das *Écoglas* e poderia repetir, como Teófilo Braga (1898), que elas são o último eco de alaúde provençal [...] conforme sua justa observação. (ARROYO, 1967, p.11)”.

Sobre a questão, ainda foram publicados os artigos *O Poeta Crisfal*, de 29 de março de 1909 e *Confronto de Poetas: Ainda o Crisfal*, de 15 de abril de 1909 e de autoria de Raul Soares. Em tais artigos, Soares critica o livro de Delfim Guimarães que suscitara a polêmica.

Apesar de tanta atividade intelectual e tanta dedicação à produção poética quinhentista portuguesa, o jornalista também interessava-se e discutia com propriedade a literatura contemporânea, como demonstrado nas resenhas que teceu sobre os lançamentos dos livros das escritoras portuguesas Maria da Cunha e Carolina Michaelis de Vasconcelos. Vejamos, mais uma vez, o que escrevera sobre a Maria da Cunha:

⁷² ARROYO, Leonardo. Introdução. In: ALMEIDA, Sílvio de. *Estudos* (Introdução, seleção e notas de Leonardo Arroyo). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Conselho Estadual de Cultura, 1967

Acabo de receber, por intermédio de Candido de Figueiredo um mimoso volume de versos, de D. Maria da Cunha [...] Resumi a autora a feição melancólica do seu livro com o lhe dar o título de *Trindades*, que nos evoca um “brando cair de noite, hora de mágoas! Penumbras que se estendem lentamente, vozes tristes das plantas e das águas, sonhos dispersos pelo ar dormente”... [...] A opinião dos entendidos já sagrou a D. Maria da Cunha como “a mais completa e admirável poetisa portuguesa da atualidade” (21/03/1910,p.1)

Ardoroso pesquisador de literatura portuguesa, como pudemos notar, Almeida foi sobretudo um grande intelectual e também defensor das letras brasileiras, conforme constatamos na polêmica do artigo de 12 de dezembro de 1910 contra a famosa e renomada estudiosa portuguesa, Carolina Michäelis de Vasconcelos.

Acabo de relancear a vista sobre a coleção (publicada em 1909 pela sra. Dra. Carolina Michaelis), das “Cem melhores poesias líricas da língua portuguesa”. Não figura aí, porém, um só dos nossos poetas brasileiros; porque estes, na opinião mesma da coletora, estão a pedir uma representação independente. Consignada, assim, a lamentável lacuna, convém seja ela preenchida por quem reúna saber filológico e bom gosto literário – predicados que, por infelicidade, nem sempre andam de par. (...) (p.3)

A partir de 1910 podemos observar uma constante inserção de figuras nas páginas do jornal. Um típico exemplo disso foram as duas fotos publicadas no editorial *Alexandre Herculano*, de 28 de março de 1910 (p.3). Em tal editorial consta toda a trajetória de Herculano e os acontecimentos em Portugal que marcaram a sua vida. Para ilustrar, a redação do jornal publicou uma foto do ilustre escritor e uma outra do túmulo de Alexandre Herculano no mosteiro dos Jerônimos.

A vasta produção da intelectual portuguesa Carolina Michaelis de Vasconcelos e especialmente sua obra então recém lançada *Estudos Sobre o Romancero Popular* foi o mote de *Divagações* em 11 de abril de 1910.

Grandes editoriais em 28 e 29 de abril de 1910 foram destinados aos relatos das homenagens para Alexandre Herculano na sociedade paulistana principalmente os realizados pela Faculdade de Direito, em ocasião do centenário de seu nascimento.

Assim como o editorial homônimo de 9 de julho de 1907, a matéria *Brasil-Portugal* de 29 de agosto de 1910, tinha o intuito de “estreitar as nossas relações com o

velho reino português” (p.3), em sentido lato, incluindo a literatura. Na introdução de tal editorial, o redator do jornal nos informa detalhadamente o projeto idealizado pelo ilustre professor do Curso de Letras Consiglieri Pedroso.

A iniciativa do ilustre publicista português, sr. Consiglieri Pedroso, para um acordo luso-brasileiro destinado a estreitar as nossas relações com o velho reino português, tem despertado vivo interesse e provocado em Portugal, polémicas acesas. A palavra acordo é talvez exagerada e imprópria; não há necessidade de um acordo onde duas vontades se encontram e dois corações batem isócronos. Tal é o caso de Brasil e Portugal. Em ambos os países a idéia primordial da proposta de Consiglieri está aceita em princípio. Restam dúvidas sobre a maneira de executá-lo, sobretudo em relação à parte econômica [...]. Quanto a aproximação intelectual não se pode haver a menor divergência relativamente à sua utilidade e oportunidade. É mesmo um fato curioso e singular; o afastamento atual dos dois países. Porque a verdade é que Portugal nos ignora e nós ignoramos Portugal. A não ser um ou outro estudioso, ninguém possui no Brasil uma noção exata do forte, intenso movimento intelectual que se opera em Lisboa, [...]. Nesta situação, não há senão louvar os que, Consiglieri Pedroso, procuram aproximar dois povos, da mesma língua um dos quais está destinado a prolongar e aprimorar a civilização que do outro recebeu e conservar e difundir, pelos séculos afora, as belezas da língua que falaram os seus heróis e que registrou os feitos gloriosos de ambos (...). (p. 3)

Assim como outros artigos já anteriormente analisados, o editorial *Brasil-Portugal* reitera o já famoso plano de aproximação cultural entre ambos os países. Já nas primeiras linhas, ao evocar “o velho reino português” o editor deixa transparecer as marcas da colonização ao remeter a idéia de Portugal-metrópole X Brasil-colônia. Curioso ainda é o fato de comentar as “polêmicas acesas” que suscitava tal plano de aproximação em Portugal porque, se de um lado eram muitos os que trabalhavam nesse sentido, do outro lado é sabido que havia a parte portuguesa que, “ressentida” pelo desejo de autonomia expressado desde cedo pelo Brasil, efetivado na Independência e consolidado na Proclamação da República, defendia a tese de que o país deveria realmente também ser ignorado e renegado ao próprio destino.

Tal aproximação, que seria agora promovida por Consiglieri Pedroso, objetivava um profícuo diálogo econômico e cultural, embora o editor tenha ressaltado que tal “acordo” apenas formalizaria “as vontades de dois corações isócronos”.

Ao afirmar que o escopo maior de tal acordo seria o de “prolongar e aprimorar a civilização que do outro recebeu e conservar e difundir, pelos séculos afora, as belezas da língua que falaram os seus heróis e que registrou os feitos gloriosos de ambos” (p.1), atropela outra vez tudo o que tinha sido e discutido no Brasil do século XIX, desconsiderando todo o plano romântico de retratar uma realidade brasileira mediante uma linguagem que melhor pudesse expressar a cor local.

Relevante ainda se mostra como o jornal considera a idéia de que a mestiçagem e a miscigenação cultural, mesmo que implicitamente, são elementos que deterioram a cultura e os povos, a exemplo do que pensa Paulo Prado⁷³ e tão condizente com o discurso positivista ainda vigente.

Apesar de não estar assinado, não podemos nos esquecer de que o editorial é a própria voz do jornal como um todo, que responde integralmente pelo conteúdo nele inserido. Nesse sentido, o jornal OESP, como temos a oportunidade de notar novamente, é participante ativo e consciente nesse procedimento de aproximação através de suas páginas que, já na época, constituíam um excelente veículo de comunicação de massa, de grande difusão e impacto na sociedade brasileira e paulistana. Portanto, fica clara a intenção do jornal em apoiar a permanência da cultura e da literatura portuguesa nos moldes tradicionais, na contramão da ruptura que a geração que se formava agora – na esteira do ideário romântico – e que se expressariam mais veementemente e de forma mais incisiva a partir da década de 20.

Um “soneto inédito” de Antero de Quental foi transcrito do jornal português *Diário da Tarde* na edição de 28 de outubro de 1910 e a famosa poesia popular *Nau Catrineta*, bem como algumas de suas análises feitas por personalidades como Teófilo Braga, foi assunto das *Divagações* de 31 de outubro de 1910 (p. 3).

⁷³ Paulo Prado, *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, 8ª. edição.

No ano de 1911 tivemos artigos interessantíssimos de João Grave sobre a literatura portuguesa que enriqueceram muito o nosso trabalho. Nesse sentido, uma das primeiras matérias foi *Guerra Junqueiro, poeta e diplomata*, de 19 de fevereiro (p. 3). Ao noticiar o fato de que Junqueiro estava indo morar em Berne a serviço da recém proclamada república portuguesa, Grave disserta sobre o relevo de tal figura no cenário português.

(...) O autor admirável da *Pátria*, com efeito, pousa a sua lira maravilhosa como a de Orfeu, (...). A obra de Junqueiro surge aos meus olhos ansiosos como uma cidade gigantesca e movimentada, em que aparecem as abnegações, as virtudes, as virgindades, os pecados, a piedade, as aspirações da existência atual em lentos cortejos desenrolando-se por entre as densas obscuridades, as angústias, as aflições (...) (p. 3)

A personalidade homenageada por João Grave 13 de abril de 1911 foi Fialho de Almeida. Sobre o escritor, do qual revelou ser amigo íntimo, discorreu:

(...)Era aquele Fialho de Almeida, o maravilhoso poeta da *Madona do Campo Santo*, o panfletário terrível de *Os Gatos!* Conhecia-o dos seus livros, em que havia páginas incomparáveis de profundidade, de intensidade lírica ou dramática, de ritmo, de colorido, de harmonia plástica, páginas reveladoras em que o gênio batia as asas [...]. A influência deste homem e gênio na literatura dos últimos 20 anos é clara e enorme. Houve uma época em que os que incitavam a sua carreira começavam *fazendo Fialho*, como os de outras gerações anteriores tinham *feito Camilo ou Eça*. No entanto, falta à obra por ele soberbamente realizada alguma fé, para ser perfeita (...). (p. 3)

A segunda edição de *Belkiss* e seu autor Eugênio de Castro foram o tema das *Evocações Literárias* em 9 de maio de 1911.

(...)A segunda edição recente de *Belkiss*, que o poeta Eugênio de Castro acaba de publicar, avivou-me na fantasia a luminosidade e a beleza de um passado de que já tenho fundas saudades [...]. No poema em prosa do poeta português – e grande poeta e artista que Eugênio de Castro é – *Belkiss* alucinada, ansiosamente procurava o homem que a amasse, o homem que a sua imaginação tinha idealizado e que possuía o máximo saber e a máxima perfeição plástica, a máxima formosura (...). (p. 2)

João Grave discorreu sobre “Os Vencidos da Vida” e a morte de Conde de Arnos em 12 de julho de 1911 (p. 1) e ainda sobre a presença do mar e do litoral em

obras da literatura portuguesa no artigo *As Praias em Portugal* em 7 de agosto de 1911

(p. 2). A respeito dos “Os Vencidos da Vida” comentou:

Não posso historiar com nitidez e verdade o que foi o grupo literário, artístico e mundano que outrora floresceu em Lisboa – há muitos anos da sua extinção. Dele não ficaram crônicas e memórias que o perpetuassem na admiração ou na curiosidade das gerações futuras. Apenas subsiste uma vaga lembrança – e bem saudosa! – desses homens de espírito, de fantasia, de *verve*, para quem a existência era benéfica e pródiga, oferecendo-lhes as frescas rosas para darem perfumes a sua volta, e os beijos de amor nas bocas cândidas e vermelhas para comunicarem sonho e alegria às suas almas – e que apesar de tudo isto bom Deus um dia decidira fotografar-se e intitular-se os *Vencidos da Vida* (...). Ora, foi ao grupo dos *Vencidos da Vida*, que pertenceram Eça de Queirós, Oliveira Martins, Antônio Cândido, o Conde de Ficalho, Guerra Junqueiro, o Conde de Arnos e outros. Constituíam a fina flor da literatura e da arte: eram já notáveis na eloquência, no romance, na poesia, nas ciências naturais (...). (p. 4)

Em 2 de dezembro de 1911, Grave escrevera sobre “O herói moderno na literatura”, com atenção especial à obra narrativa de Eça de Queirós. No tocante à Eça, emendou:

Evidentemente, uma nação apenas se afirma esplendida, forte e viva pela elevação e pela beleza moral do seu pensamento. Os povos que deixam de pensar, entram no seu crepúsculo melancólico [...]. Em Portugal, com a agitação política que trouxe a república, o romance e a poesia tinham emudecido. Há épocas absolutamente esterilizadoras e funestas ao refluir das emoções estéticas, e essas épocas são sempre aquelas em que correntes sociais inesperadas rompem o equilíbrio, a unidade coletiva [...]. As *Últimas Páginas*, de Eça de Queirós, contendo as derradeiras composições desse espírito gentil que foi, durante tantos anos, o pontífice da literatura portuguesa e que tão profunda influência exerceu nos escritores que depois dele vieram. Aproveitarei este livro para tecer algumas considerações que me parecem úteis (...). (p. 6)

O artigo derradeiro de 1911 e também do *corpus* da nossa pesquisa foi publicado em 17 de dezembro de 1911 ainda por João Grave que dissertou sobre a morte do escritor Silva Pinto. Especialmente sobre a trajetória do escritor, informou:

(...) Silva Pinto, o escritor português há poucos dias extinto, foi um dos que muito confiou, em anos em que o universo surge para as emoções todo cor de rosa – e acaba de morrer com fome, na velhice desabrigada! Pertenceu a uma geração de românticos, no tempo em que o romantismo começara já a declinar e quando nos processos artísticos se iniciara a renovação. Por este tempo, Cesário Verde, companheiro de Silva Pinto no Curso Superior de Letras, rasgava espaços inéditos à poesia, com seu lirismo estranho e perturbador como um vinho novo, em que havia muita cor, muito som, muita observação das formas e dos meios ambientes, em que ardia, no entanto, um sentimento fundo de

meridional elegíaco, cristalizando em nítidas e sugestivas imagens e em idéias sutis. O romantismo agonizava em Portugal, certamente: mas Silva Pinto ficou a amá-lo para sempre, como um cavaleiro andante desafiando para combate singular, em campo cerrado, os que ousassem duvidar da sua formosura e da sua grandeza (...). (p. 1)

Fazendo um balanço geral sobre o conteúdo de todos esses artigos de crítica e de literatura portuguesa no período percebemos que, além dos claros esforços em aproximar ambos países e sobretudo estreitar os laços culturais que os uniam – exemplificado em diversas ocasiões, no discurso de brasileiros e portugueses – constatamos ainda uma forte presença dos discursos cientificistas aplicados às matérias para justificar uma pretensa “supremacia” da raça e da literatura lusitanas. Assim, nas *Divagações* de 04 de maio de 1908 (p.1) tivemos, por exemplo:

Porque o merecimento dos homens pouco depende da instrução, porém muito da sua força intelectual. Apesar dos sofismos do igualitarismo, incapaz de veneração, todos não são iguais, ainda na igualdade das *condições de meio, lugar e tempo*: assim, o século dezesseis [...] fez surgir apenas um Camões” (grifo nosso)

Mais adiante é o português João Grave que nos esclarece a situação da *raça portuguesa*: “A *raça* ainda não se degenerou, conserva-se intacta, prodigiosa, robusta em toda a costa de Portugal”⁷⁴, enquanto a *raça brasileira* é definida pelo seguinte modo por Silvio de Almeida⁷⁵:

Apesar da mobilidade de caráter peculiar aos mestiços, o brasileiro é um povo de macambúzios: nem lhe disfarça esta ingênita disposição o ridente quadro de um céu tão lindo, de uns ares tão benignos, de uma terra tão liberal que responde ao menor esforço com juros capitalizados. De maneira que, para explicar nossa estúpida tristeza, só podem valer as razões de ordem etnológica.

Como objeto de crítica, os escritores de literatura portuguesa, promovidos pelos colaboradores luso-brasileiros nesses doze anos pesquisados, podem ser divididos em dois grupos, pela maneira que foram retratados nas matérias. Enquanto os escritores da geração de 70 (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga...) eram exaltados

⁷⁴ GRAVE, João. As praias em Portugal. *O Estado de S. Paulo*, 07 ago. 1911, p.2.

⁷⁵ ALMEIDA, Silvio de. *Divagações*. *O Estado de S. Paulo*, 15 jul. 1907, p.2.

principalmente como modelos *ideológicos*, isto é, modelos de comportamento e de extrema erudição para os homens da época, os escritores ditos *clássicos*, como Camões, eram admirados pelo caráter estético de suas obras, paradigmas supremos de perfeição da literatura e expressão de um povo, que deveriam ser seguidos pelos literatos e sociedade do país em formação.

Relevante ainda é descortinar como se deu esse processo, embutido no discurso presente nos artigos analisados. Se, pelo lado dos brasileiros, notamos a “adoção” de tais modelos no intuito de modernizar e aculturar o país nesse processo de construção de identidade, pelo lado dos portugueses tal manutenção do *status quo* cultural almejava uma espécie de “consolo” ante a Nação portuguesa politicamente desmoralizada e sem auto-estima, abalada principalmente pelos episódios do *Ultimatum*.⁷⁶

⁷⁶ O *Ultimatum britânico* de 1890 foi um ultimato do governo britânico – entregue a 11 de Janeiro de 1890 por um "Memorando" – a Portugal, para a retirada das forças militares existentes no território compreendido entre as colônias de Moçambique e Angola, no atual Zimbabwe, a pretexto de um incidente ocorrido entre portugueses e Maculos. A zona era reclamada por Portugal, que a havia incluído no famoso Mapa cor-de-rosa, reclamando a partir da Conferência de Berlim uma faixa de território que ia de Angola à *contra-costa*, ou seja, a Moçambique. A impossibilidade de resistência leva à imediata queda do governo, sendo nomeado a 14 de Janeiro um novo ministério presidido por António de Serpa Pimentel. Inicia-se um profundo movimento de descontentamento social, implicando diretamente a família reinante, vista como demasiado próxima dos interesses britânicos, na decadência nacional patente no ultimato. Os republicanos capitalizam este descontentamento, iniciando um crescimento e alargamento da sua base social de apoio que levará à implantação da república em 5 de Outubro de 1910. Alimentando esse ambiente de quase insurreição, a 23 de Março, António José de Almeida, estudante universitário em Coimbra e futuro presidente da república, publica um artigo com o título *Bragança, o último*, que será considerado calunioso para o rei e o levará à prisão, e a 11 de Abril é posto à venda o *Finis Patriae* de Guerra Junqueiro ridicularizando a figura do rei. Formalizando a concessão portuguesa, a 20 de Agosto é assinado o Tratado de Londres entre Portugal e a Grã-Bretanha, definindo os limites territoriais de Angola e Moçambique. O tratado foi publicado no *Diário do Governo* de 30 de Agosto e apresentado ao parlamento na sessão de 30 de Agosto, o que desencadeia novos protestos e nova queda do governo. Em consequência da concessão aos interesses britânicos, aparece em Lisboa a Liga Liberal, movimento de protesto presidido por Augusto Fuschini com a participação de João Crisóstomo contra o Tratado de Londres. A Liga promoveu uma reunião, no Teatro de São Luís, em que participaram cerca de 400 oficiais fardados. Após 28 dias de crise política é nomeado a 14 de Outubro um governo extra-partidário, presidido por João Crisóstomo. O governo é apoiado pela Liga Liberal, retomando-se progressivamente a calma. Estes acontecimentos desencadeados pelo ultimato britânico de 11 de Janeiro de 1890 marcaram de forma indelével a evolução política portuguesa, desencadeando uma cadeia de acontecimentos que desemboca no fim da monarquia constitucional e no reforço na consciência coletiva portuguesa do apego ao império colonial, que depois teve pesadas conseqüências ao longo do século XX.

Tal como já apontara VIEIRA⁷⁷, ao analisar a figura do já conhecido Carlos Malheiro Dias nesse contexto:

Inspirado pela era colonial portuguesa no Brasil, Dias, tão exageradamente quanto se pode imaginar, acreditava sinceramente que aquela era a missão de cada português: fomentar uma certa afeição pela nova terra, tal qual o antigo colonizador português Diogo Álvares [...] Com seu zelo patriótico, Dias começou a investigação histórica com o propósito de glorificar Portugal aos olhos dos brasileiros. Embora Dias tenha expressado a sua admiração pelo Brasil, é bem claro que ele estava imaginando o Brasil como uma plataforma, a partir da qual poderia relançar o Portugal do século XVI, sempre a conquistar novos horizontes” (p.149/150)

Outro português que compartilhava de tais idéias foi Gaspar de Silva, autor das matérias veiculadas em *A Vida Portuguesa*. Em diversas vezes, G.S. expressou a sua indignação com a política portuguesa em oposição aos “redentores” da literatura nacional, dignos de orgulho e legítimos perpetuadores da cultura da *raça* lusitana. No artigo de 23 de abril de 1905 (p.2), por exemplo, declarou a respeito da chegada da Primavera em Portugal:

Como para a natureza, o povo português entrou numa primavera, com a esperança de que ela fará germinar no futuro da nação prosperidades abundantes. Não se repetem na vida dos povos, infelizmente, com a mesma freqüência com que na natureza, essas estações propícias e fecundas. Antes é só de séculos a séculos que sobrevivera, descrevendo em volta da glória e do triunfo órbitas extensas e erráticas, que tem seu prégio e apogeu em eras incertas.

Numa série de correspondências no ano de 1906 tal situação fica ainda mais evidente. No dia 04 de fevereiro de 1906, G.S. transcreve a opinião do renomado intelectual Abel Botelho e a enquete acerca do “Futuro da Nacionalidade Portuguesa”, promovida pelo jornal português *O Dia*:

Eis a resposta de Abel Botelho, oficial superior do exército, romancista, dramaturgo, vogal do Conselho dos Monumentos Nacionais: ‘Certamente, Portugal dispõe ainda da porção de energias ancestrais bastante para garantir-lhe um futuro de vida autônoma e próspera. Essa *parda fisionomia coletiva*, de que falou o insigne pessimista extinto, não é tanto o irremediável sintoma do

⁷⁷ VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca – o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

esfacelamento mórbido de uma nacionalidade que atingiu o termo da sua evolução mundial, como o indefinido plasma em cuja misteriosa dinâmica latejam aspirações inéditas, como a vaga evolução latente do nosso atavismo potencial, fermentando em caracteres e modalidades novas. O fundamento íntimo para uma evolução normal é progressiva, temo-lo nós. Simplesmente, e perante o implacável critério da civilização atual, os elementos de êxito falhamos. Porque? Porque temos vivido demasiado, e vivemos ainda, pela imaginação, quando o mundo todo corre desapoderadamente empós [sic] da realidade. Teimamos em deixar-nos embalar na voluptuosa asa do sonho, quando para triunfar se tornou indispensável o apoio na brutalidade material dos fatos. O espírito alheio a disciplinar-se na geometria espiritual da razão, e o nosso a baloiçar-se atoadamente nas nuvens. Vivemos num cômodo regime de hipocrisia e de acaso, ao passo que os povos que vitoriosos seguem na vanguarda, há muito se submeteram ao mais admirável sistema de previsão e de lógica. O abuso da vida contemplativa e a correspondente divorciação com o mundo exterior, povoaram-nos a alma de ficções que são embaraços, de supertições que oxidam o espírito: fizeram-nos tomar em predileção a ignorância, alheando-nos do conhecimento claro e substancial das coisas. Gulosos da doce passividade dos conventos, tomamos em horror a emulação ativa das escolas. E assim vamos vivendo dos favores do céu, enquanto lá fora tudo se pede, e se consegue, do fecundo poder da terra. Desta viciada orientação, fatalista e inerte, se ressentem todo o nosso modo de ser coletivo, desde as leis políticas e sociais até o desenvolvimento científico, literário e artístico, até ao mesmo código dos costumes. Entre nós, a economia, tanto social como do indivíduo, abandona-se a providencial confiança no *Deus dará*; e a moral, particular e pública, revira-se no temor sorna do “que dirão?...” Urge sacudir e sair deste marasmo para uma vida nova, num arranco impiedoso, iluminando os espíritos e libertando as consciências. E então, quando consigamos virilmente furtar-nos a este insalubre letargo, quatro vezes secular, Portugal retomará uma situação, não direi preponderante, mas bem caracterizada e bem aparte, na futura grande confederação dos povos latinos. Mas para isso é indispensável que, resoluta e amplíssimamente, nós resolvamos o seguinte: aprender a ler.’(p.2)

Mais adiante na ocasião da homenagem ao 63^o. aniversário de Teófilo Braga, emendou Gaspar da Silva:

A homenagem que se prestou a 24 do mês de fevereiro ao grande pensador, que imortalizou esse nome, foi como um hino de glória desferido pela mentalidade portuguesa. Sentiu-se que na comemoração desta data a do seu 63^o aniversário, existia a afirmação eloqüente de que, entre tantas misérias que nos rodeiam, a pátria portuguesa não esquece um só cérebro poderoso, que distingue superiormente a literatura nacional [...]. Ninguém contesta que Teófilo Braga, vivendo numa época de desânimo e descrença, num país mal governado, trabalhando como trabalha, numa atualidade pouco propícia à atividade literária, rebrilha tão fortemente que o manancial da sua aplicação basta por si só a dar aos olhos do mundo a impressão mais segura de que somos um povo culto, amante das belas letras, possuindo quem as trate com esmero e perfeição, dignos da atenção universal. (p. 2)⁷⁸

⁷⁸ G.S. A Vida Portuguesa: Teófilo Braga. *O Estado de S. Paulo*, 24 mar.1906, p.2.

Por trás de toda essa praxe, como podemos notar, há um sistema simbólico de forças culturais que operam como instrumentos de conhecimento, bem como assinala BOURDIEU (2005):

Uma vez que os sistemas simbólicos derivam suas estruturas da aplicação sistemática de um simples *principium divisionis* e podem assim organizar a representação do mundo natural e social dividindo-o em termos e classes antagônicas; uma vez que fornecem tanto o significado quanto um consenso em relação ao significado através da lógica inclusão/exclusão, encontram-se predispostos por sua própria estrutura a preencher funções simultâneas de inclusão e exclusão, associação e dissociação, integração e distinção. Somente na medida em que tem como sua função lógica e gnosiológica a ordenação do mundo e da fixação de um consenso a seu respeito, é que a cultura dominante preenche sua função ideológica – isto é, política –, de legitimar uma ordem arbitrária; [...] a cultura produz uma representação do mundo social imediatamente ajustado à estrutura das relações sócio-econômicas que, doravante, passam a ser percebidas como naturais e, destarte, passam a contribuir para a conservação simbólica das relações de força vigentes.⁷⁹

Desse modo, para o crítico, a organização do mundo e afixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite a cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função político-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação. Na citada *Economia das trocas simbólicas* Bourdieu discute exemplarmente tal problemática pelas perspectivas do campo religioso e intelectual. Especificamente sobre o mercado de bens simbólicos e o papel da imprensa na configuração de uma verdadeira indústria cultural e legitimação desse processo, ao qual já tínhamos nos referido, afirmou:

O sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instancias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos. O campo de produção propriamente dito deriva sua estrutura específica da oposição [...] que se estabelece entre, de um lado, o *campo da produção erudita* enquanto sistema que produz bens culturais [...] objetivamente destinados a um público de produtores de bens culturais e, de outro, o *campo da indústria cultural* especificamente organizado com vistas à produção de bens culturais destinados ao grande público. [...] Na verdade, o desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural e, em particular, a relação que se instaura entre a imprensa cotidiana e a literatura, favorecendo a produção em série de obras elaboradas segundo métodos semi-industriais coincide com a

⁷⁹ BOURDIEU, Pierre. The thinkable and the unthinkable. In: _____. (trad. Sergio Miceli). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. XII.

extensão do público [...]. O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (em particular, do jornalismo, área de atração para os intelectuais), é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face – mercadoria e significações – , cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural.⁸⁰

Outro ponto saliente que avulta na pesquisa é a divulgação de um grande número de autores e críticos portugueses como Carlos Malheiro Dias, João Grave, Júlio Dantas e o próprio jornalista Gaspar da Silva, por exemplo, tidos como importantíssimos no período por nós pesquisado mas, no entanto, completamente ignorados nos dias de hoje, principalmente no Brasil. A “tradição”, isto é, os autores tradicionais também prevaleceram nesse sentido, já que aqueles que se destacaram e que ainda hoje constituem o cânone foram aqueles que desde cedo foram prestigiados pela crítica, seja ela brasileira ou portuguesa, na perpetuação de um passado literário para as futuras gerações.

4- CONCLUSÃO: RUPTURA OU TRADIÇÃO?

Recapitulando, neste trabalho procuramos traçar um panorama completo da pertinência da cultura/literatura portuguesa no jornal *O Estado de S. Paulo*, num primeiro momento do período a que se convencionou denominar *Pré-Modernismo* (1900-1911) e tão representativo na constituição e fortalecimento das convicções que norteariam o fazer literário local.

Para tanto, inicialmente fizemos uma pequena reconstrução dos antecedentes históricos que se refletiriam mais acentuadamente na *Semana Pré-Modernista de 1922*,

⁸⁰ BOURDIEU, *Op. Cit*, 2005, p.102-105

desde a vinda da família Real para o Brasil cerca de um século antes e as conseqüências de tal acontecimento, como a instauração oficial da Imprensa no Brasil e o desenvolvimento e o incentivo para o desenvolvimento intelectual da nação.

Apesar do grande número de analfabetos do Brasil do século XIX, a Imprensa se desenvolve velozmente e se torna responsável pela divulgação da cultura letrada, uma vez que os livros permaneciam praticamente inacessíveis para a população em geral, mesmo para os mais abastados, por ser caro e considerado objeto de luxo. Valendo-se de tal fato, a imprensa brasileira tenta suprir tal carência, incluindo no jornal ou revista seções regulares destinadas à divulgação de folhetins e literatura em geral, onde podemos incluir a sua eventual crítica. Essa prática, adotada pelos jornais de todo país e principalmente pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, veículo do objeto de nossa pesquisa, configurava já uma incipiente *Industria cultural*, fenômeno estudado e apontado pelos críticos da escola de Frankfurt e por intelectuais como Pierre Bourdieu, como instrumento de manipulação, fabricação e imposição de bens culturais.

As letras e os modelos divulgados pela Imprensa dessa virada de século eram necessariamente aqueles importados da Europa da *belle époque*. No caso do jornal *O Estado de S Paulo* emergem a cultura e o modelo português, como apontado por nós, por diversos motivos, dentre os quais podemos destacar o grande surto migratório de portugueses na cidade paulistana, a presença de muitos lusitanos e/ou descendentes que se encarregavam de divulgar e cultivar tal permanência nas páginas do jornal e a ótima repercussão/consumo de tal conteúdo pelos leitores da gazeta.

Como podemos notar, a manutenção desse *status quo* pelos jornalistas luso-brasileiros colaboradores do jornal OESP atendiam a dois objetivos principais: enquanto os brasileiros buscavam tais arquétipos como paradigmas para uma civilização ainda em formação, os portugueses almejavam suprir uma carência do orgulho nacional ferido

pela situação política com a conservação da supremacia cultural através da língua e da literatura portuguesas. Ainda reverberando os acontecimentos do *Ultimatum*, a literatura funcionava aí como elemento redentor, prenunciador de novas eras e proclamador de um glorioso passado que poderia ainda se tornar realidade.

Nesse contexto, a *tradição* proclamada nas páginas do OESP não significaria necessariamente a obsessão no cultivo de algo passado em si, mas poderia ser traduzido como valores legítimos e dignos que deveriam estar presentes numa *Nação* que ainda dava seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento e a modernidade.

Embora seja ainda um campo de *incertezas*, tal como afirma Chartier⁸¹, onde muitos aspectos de tal delicada relação carecem ser descortinados, como por exemplo analisar o outro lado da moeda, isto é, verificar como a literatura e a cultura brasileira eram retratadas nesse mesmo período em Portugal para que possamos, quem sabe um dia, ter uma opinião definitiva sobre o assunto, esperamos ter conseguido demonstrar com clareza como se deu essa problemática em São Paulo, manifestado pelo seu legítimo porta voz *O Estado de S. Paulo* e além disso, ter fornecido alguns subsídios para que outros pesquisadores do período possam depreender o verdadeiro papel e a importância dessa presença estrangeira na construção e fortalecimento de uma cultura e literatura nacional.

⁸¹ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002

Ficha	Ano	Mês	Dia	Pág	Coluna	Título	Articulista	Palavra-chave	Assuntos Referidos	Nomes Mencionados	Obras Citadas
-------	-----	-----	-----	-----	--------	--------	-------------	---------------	--------------------	-------------------	---------------

1	1900	Agosto	18	1	-----	Eça de Queirós	-----	Eça de Queirós, nota de Falecimento, obras do autor	Falecimento de Eça de Queirós	Eça de Queirós	“A Ilustre Casa de Ramires”, “As Farpas”, “O Crime do Padre Amaro”, “O Primo Basílio”, “Os Maias”, “O Mandarim”, “A Relíquia”, “Correspondência de Fradique Mendes”, “D. Sebastião”.
2	1900	Agosto	21	1	Notas e informações	-----	-----	Eça de Queirós, notas e informações, homenagens	Homenagens a Eça de Queirós	Eça de Queirós, Couto de Magalhães, Neves Júnior, Júlio Ramos, Campos Porto, Melchiades Pereira, B. Prego, Aristóteles de Oliveira, Arduino Bolivar, Mario Pahim, Alberto de Souza, Raul Soares de Moura, Armando	-----

									Prado, Alfredo Camarate, Henrique Lopes, Batista Pereira, Oliveira Ramos, João Vampré, Artur Molarinho, Carlos Bolivar, Eurico de Góes, Raul do Vale, Cyro Costa, Clóvis de Barros, Quintino Macedo, Eduardo Prado.		
3	1900	Outubro	08	2	Revistas portuguesas	Os funerais de Eça de Queirós em Paris e Havre	A.	“Revistas Portuguesas”, notícia, “Os funerais de Eça de Queirós em Paris e Havre”.	Sepultamento do corpo e homenagens a Eça de Queirós	Eça de Queirós, Thomas de Souza Rosa, Ressano Garcia, Maria Eça de Queirós, José Luciano de Castro, Bartolomeu Ferreira, Cristovão Ayres, conde de Restelo, dr. Pedroso de Lima, Lima Mayer, Paiva de Andrade, Jayme de Seguiet, condessa de	-----

										Macedo, Sophia Prado, madame de Mello, C.Domingues, Proença Vieira, Thomaz Costa, Antonio da Praia e Monforte, dr. Vellado, Bernanrdo Lucas, Roberto de Mesquita, Júlio Rosado, José Alexandre Soares, Francisco de Lacerda, Mello Viana, dr.Bensaude, conde de Penha Longa, Mendez e Mollina, conde de Azevedo e Silva, Souza Pinto, Adolpho Rodrigues, Antonio Arroio, Carlos Pires, viscone de Faro e Oliveira,	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	--

										madame Prado, Reuil Souza Pinto, Xavier de Carvalho.	
4	1900	Outubro	15	2	Revistas portuguesas	Os netos de Camilo Castelo Branco	A.	Revistas portuguesas, notícia, os netos de Camilo C. Branco	Situação precária dos familiares do autor	Camilo Castelo Branco, Jorge de Castelo Branco, Ana Corrêa	-----
5	1900	Outubro	15	1	Revistas portuguesas	Funerais de Eça de Queirós em Lisboa	A.	Revistas portuguesas, notícia, os funerais de Eça de Queirós em Lisboa	Funeral de Eça de Queirós em Lisboa	Eça de Queirós, Luiz Estrella, marquez de Pombal, conde de Ribeira, Magalhães Lima, Brito Aranha, Eduardo Coelho, Baptista Borges, José Sarmento, Alberto Bessa, Vieira da Silva, João Salgado, Rafael Bordallo Pinheiro, Guerra Junqueiro, Alberto de Oliveira, Domingos Guimarães, conde de Sabugosa, conde de Arnoso, Luiz Soveral, , Rodrigues Lima, Campelo Lampreia, Moreira de Almeida, Castanheira de	-----

										Almeida, Lambertini Pinto, Jerônimo da Camara Manoel, Brito Aranha, Moura Cabral, D. João da Camara, visconde de S. Boaventura, Urbano de Castro, Henrique de Vasconcelos, Carlos Ponce, Augusto Pina, Alfredo da Cunha, Ernesto Bartolomeu, Afonso Vargas, Alexandre de Castro.	
6	1902	Fevereiro	19	2	Revistas portuguesas	Uma tradução espanhola de <i>A Relíquia</i>	A.	Revistas portuguesas, notícia, uma tradução espanhola de <i>A Relíquia</i>	Recepção da obra <i>A Relíquia</i> na Espanha	Eça de Queirós Villaespera, Bargiela, Gomes de Baquero, Anatole France	“A Relíquia”, “O Crime do Padre Amaro”, “O Primo Basílio”, “Os Maias”, “A Correspondência de Fradique Mendes”
7	1902	Abril	18	1	Resenha bibliográfica	<i>Carícias</i> de Garcia Redondo e <i>Os doze da Inglaterra</i> , de Teófilo Braga	N.	“Resenha Bibliográfica”, resenha, ““Carícias”, de Garcia Redondo e “Os Doze da		Garcia Redondo, Teófilo Braga, Horácio de Carv	“Carícias”, “Os Doze da Inglaterra”, “Navegação Aérea”, “Rosa, rosa de amor”,

								Inglaterra”, de Teófilo Braga”			“Maria do Céu”, “Os Lusíadas”, “Cromo”, “Versos Dourados”, “Relicário”, “Alma Portuguesa”.
8	1902	Outubro	16	1	-----	“Oração ao pão	Anselmo Ribas	Resenha, “Oração ao pão”, Guerra Junqueiro	resenha bibliográfica, geração de 70	Guerra Junqueiro,	“Oração ao pão”, “Velhice do padre Eterno”, “Os simples”, “O caminho do céu”, “D. João”.
	1903	Março	16	2	A Vida Portuguesa	O carnaval literário	G. S.	“A vida portuguesa”,	periódicos portugueses, publicações carnavalescas	Fialho de Almeida, Brito Aranha, Fernandes Costa, Guerra Junqueiro,	“Poema do Ideal”, “Castelo de Arade”

								portuguesa”, notícia, “O carnaval literário”		João Penha, Coelho de Carvalho, Henrique de Vasconcelos, Júlio Dantas, Abel Botelho.	
10	1903	Abril	4	2	A Vida Portuguesa	Novidad	G. S.	“A vida portuguesa”, resenha, “Novidade literária”, Conde de Mensarez	lançamento do livro “Bem Vinda”	Conde de Mensarez	“Bem Vinda”, “Catarina de Athaíde”.
11	1903	Abril	10	1	-----	O suave Milagre!	Eça de Queirós	Conto, “O suave milagre!”, Eça de Queirós	Transcrição do conto “O suave Milagre” de Eça de Queirós	Eça de Queirós	“O suave milagre”
12	1903	Maior	9	2	A Vida Portuguesa	Conde de Ficalho	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Conde de Ficalho”	funeral de Conde de Ficalho	Conde de Ficalho, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Oliveira Martins	-----

										Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Carlos Lobo d'Avila, Antero de Quental	
13	1903	Maio	9	2	A Vida Portuguesa	Poetas	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Poetas”	poemas de Antônio Ferreira e Espinho	Antônio Ferreira, Espinho, Guerra Junqueiro	-----
14	1903	Maio	22	2	A Vida Portuguesa	Jornal da Noite	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Jornal da Noite”	peródicos portugueses, versos satíricos de João Saraiva	João Saraiva, João Franco Castello Branco, Teixeira de Queirós, Hintze Ribeiro, Fontes Pereira de Mello, Fernando Martins de Carvalho, Álvaro Pinheiro Chagas.	-----
15	1903	Maio	24	3	A Vida Portuguesa	Almeida Garrett	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Almeida Garrett”	homenagens a Almeida Garrett	Almeida Garrett, João Câmara, Camões, Alexandre Herculano, Antônio Cabral, Camilo Castelo Branco, Castilho, José Estevam, Shakespeare, Rebelo da Silva, Latino Coelho, Pinheiro Chagas, Teofilo Braga, Cícero	“Frei Luiz de Souza”, “Alfageme de Santarem”, “Filipina de Vilhena”, “Arco de Santana”, “Romanceiro”, “Catão”, “Auto de Gil Vicente”.

16	1903	Junho	1	2	A Vida Portuguesa	Notas Bibliográficas	G. S.	“A vida portuguesa”, resenha, “Notas Bibliográficas”.			
17	1903	Junho	8	2	A Vida Portuguesa	Uma quadra de João Penha	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Uma quadra de João Penha”	versos satíricos de João Penha	João Penha, Gonçalves Crespo	“Vinho e Fel”
18	1903	Junho	13	2	A Vida Portuguesa	Os bacharéis de 1873	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Os bacharéis de 1873”	homenagens aos “Os bacharéis de 1873”	Guerra Junqueiro, João Penha, Sara Bernard	-----
19	1903	Junho	22	2	A Vida Portuguesa	Duelo entre Guerra Junqueiro e João Penha	G. S.	“A vida portuguesa”, crônica, “Duelo entre Guerra Junqueiro e João Penha”	Duelo literário	Guerra Junqueiro, João Penha, Gonçalves Crespo, Teixeira de Queirós, Campos de Carvalho, Bernardino Machado, Cândido Figueiredo	“Morte de D. João”
20	1903	Julho	9	2	A Vida Portuguesa	Notas bibliográficas	G. S.	“A vida portuguesa”, resenha, “Notas bibliográficas”	resenhas	João Gouvêa, Fernando Caldeira	“Mocidade”, “Atlante”
21	1903	Julho	9	2	A Vida Portuguesa	A cantora Galvany	G. S.	“A vida portuguesa”,	quadras populares	cantora Maria Galvany	-----

								poema, “A cantora Galvany”			
22	1903	Julho	19	3	A Vida Portuguesa	Ramalho Ortigão poeta	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Ramalho Ortigão poeta”	poema de Ramalho Ortigão, periódico <i>Grinalda</i>	Ramalho Ortigão, Nogueira Lima	“As Farpas”, “A Holanda”, “Culto da arte em Portugal”.
23	1903	Julho	26	2	A Vida Portuguesa	Notas bibliográficas	G. S.	“A vida portuguesa”, resenhas, “Notas bibliográficas”	resenhas bibliográficas	Alberto de Oliveira, Agostinho de Campos, Almeida Garrett, Alfredo de Pratt, Patrício do Porto, Souza de Faro Júnior	“Mil Trovas”, “O Divino Poeta”, “Telas românticas”, “Zambezia”.
24	1903	Agosto	9	3	A Vida Portuguesa	Cesário Verde	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Cesário Verde”.	aniversário de morte do poeta Cesário Verde	Cesário Verde, F	-----
25	1903	Agosto	9	3	A Vida Portuguesa	O chapéu da moda	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “O chapéu da moda”, Acácio de Paiva	versos satíricos	Acácio de Paiva	-----
26	1903	Agosto	11	2	A Vida Portuguesa	Uma sátira	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Uma sátira”, João Saraiva	versos satíricos de João Saraiva, morte do papa Leão XIII.	João Saraiva, pa	-----
27	1903	Agosto	22	2	A Vida Portuguesa	Versos de D. João Câmara	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Versos de D. João Câmara”	Versos de D. João Câmara, homenagem a José Franco	João Câmara, José Franco	“Velhos”, “A triste viuvinha”.

28	1903	Agosto	28	3	A Vida Portuguesa	A feira de Alcântara	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “A feira de Alcântara”, Lopes de Mendonça	A feira de Alcântara, política portuguesa	Lopes de Mendonça, Afonso de Albuquerque, general Pimentel Pinto.	-----
29	1903	Agosto	28	3	A Vida Portuguesa	Homenagem a um santo	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Homenagem a um santo”	homenagens ao professor João Jacinto Corrêa da Silva	João Jacinto Corrêa da Silva, Henriques da Silva	-----
30	1903	Setembro	4	2	A Vida Portuguesa	Mulher-homem	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Mulher-homem”, Acácio de Paiva	versos satíricos de Acácio de Paiva, jornal “Século”	Acácio de Paiva	-----
31	1903	Setembro	4	3	A Vida Portuguesa	Eça de Queirós	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Eça de Queirós”	recepção dos obras de Eça de Queirós na Alemanha	Eça de Queirós, Luisa Ey, Zola .	“A Cidade e as Serras”
32	1903	Setembro	16	2	A Vida Portuguesa	João Penha	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “João Penha”	duas quadras inéditas de João Penha	João Penha	-----
33	1903	Setembro	16	2	A Vida Portuguesa		G. S.	“A vida portuguesa”, resenha, “Notas bibliográficas”	resenhas bibliográficas	Maria Amália Vaz de Carvalho, Júlio de Castilho, d. Maria I, d. João VI, d. Pedro IV, d. Miguel, d. Maria II, duque de Palmella, visconde de Castilho, Camilo Castelo Branco	“Vida do duque de Palmella”(3º volume), “A chave do enigma”.

34	1903	Setembro	16	2	A Vida Portuguesa	Dois epigramas célebres	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Dois epigramas célebres”	transcrição de dois epigramas não-inéditos	Pato Moniz, Paulino Cabral, Camões	“Oriente”, “Sátira ao padre Macedo”.
35	1903	Setembro	20	1 e 2	A Vida Portuguesa	D Pedro, o justiceiro	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “D Pedro, o justiceiro”	lançamento de “D Pedro, o justiceiro”, versos de D. Pedro I	D Pedro I, Inês de Castro.	“D Pedro, o justiceiro”
36	1903	Setembro	27	3	A Vida Portuguesa	Gomes Leal	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Gomes Leal”	sonetos inéditos de Gomes Leal	Gomes Leal	“Claridades do Sul”
37	1903	Outubro	12	3	A Vida Portuguesa	Alma triste	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Alma triste”	lançamento do livro de Fausto Guedes de Teixeira		“Alma triste”
38	1903	Outubro	19	1	A Vida Portuguesa	Guerra Junqueiro	G. S.	“A vida portuguesa”, nota, “Guerra Junqueiro”	lançamento do livro “Orações a luz”, de Guerra Junqueiro	Guerra Junqueiro	“Orações a luz”, “Hino ao sol”
39	1903	Outubro	19	1	A Vida Portuguesa	Soneto de João Penha	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Soneto de João Penha”	Soneto de João Penha	João Penha	-----
40	1903	Outubro	25	3	A Vida Portuguesa	Jóia literária	G. S.	“A vida portuguesa”,	poema de Júlio Brandão	Júlio Brandão	-----

								poema, “Jóia literária”			
41	1903	Outubro	25	3	A Vida Portuguesa	Marquez de Soveral	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Marquez de Soveral”	versos satíricos sobre Marquez de Soveral	Marquez de Soveral	-----
42	1903	Novembro	1	1	-----	Os famintos	Ancelmo Ribas	Resenha, “Os famintos”, Ancelmo Ribas, João Crave	resenha do livro “Os famintos”, greve popular	Anselmo Ribas, João Crave	“Os famintos”, “Germinal”
43	1903	Novembro	9	1	A Vida Portuguesa	Um soneto de João Penha	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Um soneto de João Penha”	soneto de João Penha	João Penha, Dr. Brito	-----
44	1903	Novembro	9	1	A Vida Portuguesa	Guerra Junqueiro	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Guerra Junqueiro”	conferência literária, jornal <i>A verdade</i>	Guerra Junqueiro	“Oração ao Pão”, “Morte de D. João”, “Simples”
45	1903	Novembro	13	1	A Vida Portuguesa	Antero de Quental e o jornalismo português	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, Antero de Quental jornalismo português	Jornalismo português	Antero de Quental	-----
46	1903	Novembro	13	1	A Vida Portuguesa	João Burnay	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “João Burnay”	falecimento de João Burnay	João Burnay, Eça de Queirós, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Dom João VI, Byron, Musset, Garrett.	-----

47	1903	Novembro	13	2	A Vida Portuguesa	O mimo literário: carta	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “O mimo literário: carta”	poema de Júlio Brandão	Júlio Brandão	-----
48	1903	Novembro	23	1	-----	Viriatho	Anselmo Ribas	resenha, “Viriatho”, Teófilo Braga.	resenha do livro “Viriatho”	Teófilo Braga, Anselmo Ribas, Alexandre Herculano, Júlio César	“Alma portuguesa”, “Viriatho”, “Os doze da Inglaterra”, “História de Portugal”, “História da literatura portuguesa”, “Guerra da Gália”
49	1903	Novembro	25	2	A Vida Portuguesa	Versos de Pinheiros Chagas	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, Versos de Pinheiros Chagas	Versos de Pinheiros Chagas	Pinheiros Chagas, Emilia Adelaide, ator Tasso	-----
50	1903	Novembro	25	2	A Vida Portuguesa	Eça de Queirós	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Eça de Queirós”	Inauguração da estátua em homenagem à Eça de Queirós	Teixeira Lopes, Eça de Queirós, Conde de Sabugosa, Antônio Candido, Francisco Eduardo de Barahona, ramalho Ortigão, Luiz de Magalhães, Carlos de Lima Mayer, Conde de Arnoso, José Estevão, Aníbal Soares, Ferriera da	“As farpas”, “O crime do padre Amaro”, “A relíquia”, “Cartas de Fradique Mendes”

										Silva, Alberto de Oliveira, Dona Emília de Resende de Eça de Queirós	
51	1903	Novembro	25	2	A Vida Portuguesa	Uma conferência do Dr. Teófilo Braga	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Uma conferência do Dr. Teófilo Braga”	Súmula de uma conferência de Teófilo Braga	Teófilo Braga	-----
52	1903	Novembro	25	2	-----	Um artigo de Camilo: a medicina portuguesa no século XVII	Camilo Castelo Branco	Artigo, “medicina portuguesa no século XVII”, Camilo Castelo Branco	Artigo inédito de Camilo Castelo Branco, práticas médicas em Portugal, jornais <i>O Dia e Gazeta</i>	Camilo Castelo Branco, Isaac Eliot, Simão Félix da Cunha, Manuel da Silva Leitão, Joseph Rodrigues de Abreu, Francisco da Fonseca Henriques, Morato Roma, Antônio Nunes Ribeiro Sanches, Dom João V, Alberto Leonardo Kontag, Gerônimo Moreira de Cravalho, Manuel Correia, Balthazar Gisberti, Antonio de Castro, Luiz da Maya Pinto, Jose da Silva Fernandes, Braz Luiz de Abreu	-----
53	1903	Novembro	30	1	-----	Perfis Suaves	Anselmo Ribas	Resenha crítica, “Perfis suaves”, Júlio	Resenha do livro “Perfis Suave”	Júlio Brandão, Anselmo Ribas, La Fontaine	“Perfis Suaves”, “Maria do

							Brandão, Anselmo Ribas				Céu”, “Jardim da Morte”, “Saudades”
54	1903	Dezembro	9	1	A Vida Portuguesa	Eça de Queirós	G. S.	“A vida portuguesa”, crônica, Eça de Queiros	Personagens, homenagens e inauguração da estátua de Eça de Queirós	Eça de Queirós, conde de Arnoso, Teixeira Lopes, Conde de Ávila, Ramalho Ortigão, Almeida Garrett, Castilho, Camilo Castelo Branco, Luiz de Magalhães, José Estevam, Ferreira da Silva, Alberto de Oliveira, pe. Antonio Candido, conde de Resende, Julio Diniz, Antero de Quental e Pinheiro Chagas.	“As Farpas”, “O crime do Pe. Amaro”, “A relíquia”, “Cartas de Fradique Mendes”
55	1903	Dezembro	9	2	A Vida Portuguesa	Jóia antiga	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Jóia antiga”	Poesias dos séculos XVII ou XVIII, arquivo do paço da ajuda	Alexandre Herculano	-----
56	1903	Dezembro	22	1	A Vida Portuguesa	Eça de Queirós e os estudantes	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Eça de Queirós e os estudantes”	Homenagem dos estudantes de Lisboa e Coimbra a Eça de Queirós	Eça de Queirós, Luiz Cebola, Campos de Lima, Ramada Curo, Antônio Brilhante, Júlio Martins, José Tierno, Alfredo Pimenta,	“A relíquia”, “Cartas de Fradique Mendes”

										Aristófares, Molière, Cervantes	
57	1903	Dezembro	25	2	A Vida Portuguesa	Um soneto de Camilo	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Um soneto de Camilo Castelo Branco”	Sonetos de Camilo Castelo Branco, Camões, João de Deus	Camilo Castelo Branco, Camões, João de Deus, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro	Sonetos: “Rabugice” e “A maior dor humana”, de Camilo Castelo Branco; “Alma minha gentil”, de Camões e “Foi-se-me pouco a pouco amortecendo”, de João de Deus
58	1903	Dezembro	25	2	A Vida Portuguesa	O Padre Amaro na Imprensa	G. S.	“A vida portuguesa”, nota, Eça de Queirós, “o padre Amaro na Imprensa”	Nota parodística	Eça de Queirós, Bordallo Pinheiro	O crime do padre Amaro
59	1904	Janeiro	2	2	A Vida Portuguesa	Um ator na miséria	G. S.	“A vida portuguesa”, poema, “Um ator na miséria”, Guilherme Braga	Soneto em homenagem ao ator Gama	Guilherme Braga, ator Gama, Magalhães Lima, Visconde de S. Boaventura	-----
60	1904	Janeiro	2	2	A Vida Portuguesa	Novidade Literária	G. S.	“A vida portuguesa”, nota,	Lançamento do livro “Prosas bárbaras”	Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis	Prosas bárbaras

								“Novidade Literária”, Prosas bárbaras			
61	1904	Janeiro	2	2	A Vida Portuguesa	Garrett em Paris	G. S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Garrett em Paris”	Sarau literário realizado em Paris em homenagem a Garrett	Almeida Garret, Teófilo Braga, Eça de Queirós, Antonio de Faria, Paul Vihert, Pereira Lima, sr. Portugal de Faria, Xavier de Carvalho, Raqueni e a Reparaz	-----
62	1904	Janeiro	2	2	-----	Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós : partes I, II e III	Jayme Batalha Reis	Ensaio, Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Prosas Bárbaras	Início da carreira de Eça de Queirós	Jayme Batalha Reis, Antônio Augusto Teixeira de Vasconcelos, Rodrigues Sampaio, Antonio Feliciano de Castilho, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Júlio César Machado, Tomás Ribeiro, Zacarias d’Aça, Graça Barreto, Silveira da Mota, Cunha Rivara, Mateus de Magalhães, Pinheiro Chagas, Osório de	“Contos”, “Eterno feminino”, “A Ermida de Castromino”, “O diamante do comendador”

										Vasconcelos, Xavier da Cunha (Olimpio de Freitas) , José da Silva Mendes Leal, Almeida Garrett, Santos Nazareth, Luiz Quirino Chaves, Visconde Ponson du Terrail, Severo dos Anjos, Duque de Alba, Felipe II da Espanha, Henrique III da Espanha, Salomão Saraga, capitão João Sá de Nogueira	
63	1904	Janeiro	3	1	-----	Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós: parte IV	Jayme Batalha Reis	Ensaio, Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Prosas Bárbaras	Início da carreira de Eça de Queirós	Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Augusto Machado, Alberto de Lavignac, Bach, Mozart, Beethovem, Mendelssohn, Schamann, Chopin, Raviua, Dohler, Thalberg e Liszt	Prosas Bárbaras
64	1904	Janeiro	4	1	-----	Na primeira fase da vida literária de Eça de	Jayme Batalha Reis	Ensaio, Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Prosas	Inicio da carreira e influencias literárias	Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Henrique Heine, Gerard de Nerval, Julio	“Lira Meridional”, “Notas marginais”, “Intermezzo”,

						Queirós: parte V		Bárbaras	sofridas por Eça de Queirós, romantismos francês, alemão e fantástico	Michelet, Charles Baudelaire, Shakespeare, Goethe, Hoffmann, Amim, Poe, Victor Hugo, Musset, Gautier, Mallefile, João de Deus, Antero de Quental, Antonio Azevedo Castelo Branco, Paganini, Berlioz, Alberto Durer, Lutero Spohr Verber, Gustave Flaubert	“Livro de Lázaro”, “História da França na idade Média”, “Renascença”, “História do diabo”, “Melancolia”, “Fausto”, “Mefistófoles”, “Flores do mal”, “Prosas bárbaras”
65	1904	Janeiro	5	1	-----	Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós: parte VI	Jayme Batalha Reis	Ensaio, Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Prosas Bárbaras	Início da carreira e influências sofridas por Eça de Queirós, periódicos portugueses, ordem cronológica dos “Folhetins”	Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Bernadim Ribeiro, Heine, Alberto Durer, Homero, esquilo, Dante, Michelangelo, Rabelais, Cervantes, Shakespeare	“Prosas Bárbaras”, “Notas marginais”
66	1904	Janeiro	6	1 e 2	-----	Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós: parte VII	Jayme Batalha Reis	Ensaio, Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Prosas Bárbaras	Início da carreira e influências sofridas por Eça de Queirós	Eça de Queirós, Jayme Batalha Reis, Salomão Saraga, Lourenço Malheiro, João de Sá, Zagalo, Byron,	“Prosas Bárbaras”, “Child Harold”, “Dom Juan”, “Mardoche”, “Namouna”,

						parte VII a IX		Bárbaras		Musset, Francisco de Paula, Luiz De Resende (conde de Resende), Manoel de Resende, João de Souza Canavarro, Gustavo Flaubert, Ernesto Renan, Alexandre Dumas Filho, Proidhon, Coubert, Petrucelli della Courtina	“Intermezzo”, “Fabia”, “Tentação de Santo Antão”, “Vida de Jesus”, “São Paulo”, “Madame Bovary”, “Educação sentimental”
67	1904	Janeiro	7	3	A Vida Portuguesa	Um poeta	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Um poeta”	Soneto de Antonio Correia de Oliveira	Antonio Correia de Oliveira	-----
68	1904	Janeiro	17	3	A Vida Portuguesa	Versos de Manuel Duarte de Oliveira	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Versos de Manuel Duarte de Oliveira”	Versos de Manuel Duarte de Oliveira	Manuel Duarte de Oliveira, João Penha	-----
69	1904	Janeiro	21	1	A Vida Portuguesa	Versos de Duarte de Oliveira	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, Manuel Duarte de Oliveira	Versos de Manuel Duarte de Oliveira	Manuel Duarte de Oliveira	Poema “Os parentes”
70	1904	Janeiro	29	3	A Vida Portuguesa	Últimos versos de Guerra Junqueiro	G.S.	“A vida portuguesa”, poema	Versos de Guerra Junqueiro	Guerra Junqueiro	-----

						Guerra Junqueiro		poema, “Últimos versos de Guerra Junqueiro”	Junqueiro, jornal <i>Gazeta de Notícias</i>		
71	1904	Fevereiro	28	3	A Vida Portuguesa	Almeida Garret	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Almeida Garret”	Homenagens a Almeida Garret	Almeida Garret, Camões, Carvalho Monteiro, Candido de Figueiredo, Augusto de Castro, João Lúcio, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Leopoldo Saraiva, conde de Valença, Henrique de Mendonça, Alberto Bessa, Guedes Teixeira	“Arco de Santana”, “Viagens na minha terra”, “Frei Luiz de Souza”
72	1904	Março	2	3	A Vida Portuguesa	Mimo literário	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, Macedo Papança	Versos de Macedo Papança	Macedo Papança (conde de Monsaraz)	“Crepusculares”, “Catarina de Ataíde”
73	1904	Março	27	2	A Vida Portuguesa	Tuna de Compostela	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Tuna de Compostela”, Severino de Moraes	Tuna de Compostela em Lisboa	Severino de Moraes, Luiz Alberto de Oliveira, Álvaro Soto, Rafael Álvares Névoa	-----

74	1904	Março	27	2	A Vida Portuguesa	Ao general Galhardo	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, general Galhardo	Quadras satíricas, dramaturgia portuguesa	General Galhardo, Eduardo Garrido, Eça de Queirós	-----
75	1904	Março	28	2	A Vida Portuguesa	Musa Indiana	G.S.	“A vida portuguesa”, nota, Musa Indiana, Thomaz de Noronha	Soneto “ Ao sino d’oiro”	Thomaz de Noronha	-----
76	1904	Março	28	2	A Vida Portuguesa	Antônio José (O Judeu)	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, Antônio José (O Judeu), Inquisição	Centenário do nascimento de Antônio José da Silva (o Judeu), Inquisição	Antônio José da Silva (o Judeu), Teófilo Braga, Leonardo de Carvalho	“Guerras do alecrim e da Mangerona”, “Vida de D. Quixote”
77	1904	Março	28	2	A Vida Portuguesa	Guerra Junqueiro	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, Guerra Junqueiro	Guerra ente Rússia e Japão	Guerra Junqueiro, Isaías, Tolstoi	-----
78	1904	Abril	1	2	A Vida Portuguesa	O rei diverte-se	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “O rei diverte-se”, Guilherme Braga	Caçadas reais e notícias irônicas	Guilherme Braga, Dom Carlos	-----
79	1904	Abril	1	2	A Vida Portuguesa	Movimento Literário	G.S.	“A vida portuguesa”, resenha,	Resenhas literárias	Teófilo Braga, Almeida Garret, José Pereira Sampaio (Bruno),	“Frei Gil”, “História de Portugal”, “O encoberto”, “Os

								“Movimento literário”		Henrique de Mendonça, Candido Figueiredo, Faustino de Fonseca, Manuel de Macedo e Roque Gameiro	modernos publicistas portugueses”, “A poesia ao amor em Portugal”, “Reino dos céus”, “A restauração de Portugal”
80	1904	Abril	24	1	A Vida Portuguesa	Jóia Literária	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, João Penha	Versos inéditos de João Penha	João Penha	-----
81	1904	Abril	24	1	A Vida Portuguesa	Os estudantes de Coimbra	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Os estudantes de Coimbra”	Despedidas dos universitários de Coimbra	Álvaro Severo, condessa Proença, José Bruno Carrero	-----
82	1904	Abril	24	1	A Vida Portuguesa	Resposta mansa	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, resposta mansa, correspondente do OESP em Portugal	Imagem de Portugal no OESP, periódicos <i>A pátria e Mala da Europa</i>	Visconde de S. Boaventura (G.S.), Gomes Leal, Alexandre Herculano, Garret, Camilo Castelo Branco, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Mousinho de Albuquerque, Ramalho Ortigão, João Penha, Rafael Bordalo Pinheiro, Teixeira Lopes, José de Melo, Abel Botelho	-----

83	1904	Junho	12	2	A Vida Portuguesa	Camilo na Miséria	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Camilo na Miséria”	Dificuldades financeiras de Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco, Camões	“Amor de Perdição”
84	1904	Julho	10	2	A Vida Portuguesa	Panorama de Cascaes	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “panorama de Cascaes”	Versos de Jayme de Séguier	Jayme de Séguier	-----
85	1904	Julho	10	2	A Vida Portuguesa	A peregrinação ao Sameiro	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “A peregrinação ao sameiro”	Festas religiosas, crítica a política portuguesa	Guilherme Braga, Afonso Henriques	-----
86	1904	Julho	23	2	A Vida Portuguesa	Um soneto de Camilo	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Um soneto de Camilo”	Soneto de Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco	-----
87	1904	Julho	23	2	A Vida Portuguesa	Regresso de Guerra Junqueiro	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Regresso de Guerra Junqueiro”	Regresso de Guerra Junqueiro para Portugal	Guerra Junqueiro, Francisco Manuel Annes, Raymundo Martins, Teixeira Lopes, esequiel Vieira de Castro, Luiz Augusto Marques de Souza, Marcos Guedes, Florido	-----

										Toscano	
88	1904	Agosto	8	2	A Vida Portuguesa	Cesário Verde	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Cesário Verde”	Poesia de Cesário Verde	Cesário Verde	-----
89	1904	Agosto	15	2	A Vida Portuguesa	Idílio lisboeta	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Idílio Lisboeta”	Versos de conde de Sabugosa	Conde de Sabugosa	-----
90	1904	Agosto	22	1	A Vida Portuguesa	Um soneto de João Penha	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Um soneto de João Penha”	Versos de João Penha	João Penha	

91	1904	Agosto	25	2	A Vida Portuguesa	Um poeta bucólico	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Um poema bucólico”	versos de José Augusto de Castro	José Augusto de Castro , Lúcio de Mendonça	-----
92	1904	Setembro	12	2	A Vida Portuguesa	Soneto de um morto	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Soneto de Urbano de Castro”	versos de Urbano de Castro	Urbano de Castro	-----
93	1904	Setembro	12	2	A Vida Portuguesa	Últimos versos de Camilo Castelo Branco	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Últimos versos de Camilo Castelo Branco”	versos de Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco	-----
94	1904	Outubro	23	3	A Vida Portuguesa	Saudação à Rainha	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Saudação à Rainha”	versos de Lopes de Mendonça	Lopes de Mendonça, rainha Amélia	“Duque de Vizeu”
95	1904	Outubro	27	2	A Vida Portuguesa	Um poeta sincero	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Um poeta sincero”,	versos de Guedes Teixeira	Guedes Teixeira	-----

								Guedes Teixeira.			
96	1904	Novemb ro	7	2	A Vida Portuguesa	O que se diz	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “O que se diz”, Bandarra	versos de Bandarra	Bandarra	-----
97	1904	Novemb ro	20	2	A Vida Portuguesa	A troça alfacinha	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “A troça alfacinha”	Versos populares satíricos	Pereira de Miranda, José Maria de Alpeim, Beitão, Vilaça, Dias Costa, Manuel Afonso Espregueira, Moreirinha, Eduardo Zé Coelho, Ressano, José Luciano, Augusto José da Cunha, Oliveira Mattos.	-----
98	1904	Novemb ro	20	2	A Vida Portuguesa	Para moças lerem	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Para moças lerem”, Belmiro Braga	Versos de Belmiro Braga	Belmiro Braga	-----

99	1905	Janeiro	1	2	A Vida Portuguesa	Almeida Garrett	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Almeida Garrett”	Homenagem a Almeida Garrett	Almeida Garrett, Teófilo Braga, Xavier da Cunha	-----
100	1905	Janeiro	1	2	A Vida Portuguesa	A troça rimada	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “A troça rimada”	versos satíricos populares	Vilaça	-----
101	1905	Janeiro	1	2	A Vida Portuguesa	Novidades literárias	G.S	“A vida portuguesa”, resenha, “Novidades literárias”	Resenhas literárias	João Penha, Dias Freitas, Coelho Neto, Gonçalves Crespo, Pereira Caldas	“Novas rimas”, “Grinalda Cristã”
102	1905	Fevereiro	9	4	A Vida Portuguesa	Versos lindos	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Verso lindos”, Guedes Teixeira	Versos de Guedes Teixeira	Guedes Teixeira, Almeida Garrett	-----
103	1905	Março	14	3	A Vida Portuguesa	Almeida Garrett	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Almeida Garrett”	Homenagem a Almeida Garrett	Almeida Garrett, João Penha, José de Souza Monteiro, d. Carlos	“Novas rimas”, “Viagens a minha terra”, “Frei Luís de Souza”, “Camões”, “Dona Branca”.

104	1905	Março	14	3	A Vida Portuguesa	Novidades literárias	G.S	“A vida portuguesa”, resenha, “Novidades literárias”	Resenhas literárias	João Grave, Fontoura Xavier, João Penha	“Opalas”, “A eterna mentira”.
105	1905	Março	22	2	A Vida Portuguesa	Homenagem ao grande sábio Teófilo Braga	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Homenagem ao grande sábio Teófilo Braga”	Homenagem a Teófilo Braga	Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Augusto José Vieira, França Borges, Heliodoro Salgado.	-----
106	1905	Março	22	2	A Vida Portuguesa	Cada vez pior!	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Cada vez pior!”	política portuguesa, versos satíricos	José Luciano de Castro, Hintze Ribeiro, Burnay	-----
107	1905	Abril	21	2	A Vida Portuguesa	Guerra dos tabacos e dos fósforos	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Guerra dos tabacos e dos fósforos”	política portuguesa, versos dedicados a José Luciano de Castro	José Luciano de Castro	-----
108	1905	Abril	23	2	A Vida Portuguesa	A primavera	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “A primavera”	Versos de G.S., política portuguesa	G.S., Assis Brasil	-----
109	1905	Abril	23	2	A Vida Portuguesa	Pares no forno	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Pares no forno”	Versos de D.Carlos	D. Carlos, conde de Arnoso, Amélia de Orleans	-----

110	1905	Maio	3	2	A Vida Portuguesa	Salada primitiva	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Salada primitiva”, Macedo Papança	Versos de Macedo Papança	Macedo Papança	-----
111	1905	Maio	9	2	A Vida Portuguesa	Homenagem a Gomes Leal	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Homenagem a Gomes Leal”	Homenagem a Gomes Leal	Gomes Leal, Gerard de Nevral	“Claridades do Sul”, “Anti-Cristo”
112	1905	Maio	9	2	A Vida Portuguesa	Epigrama	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Epigrama”	Versos de Sá de Miranda	Sá de Miranda	-----
113	1905	Maio	18	3	A Vida Portuguesa	Trovas Coimbrãs	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Trovas coimbrãs”	Trovas coimbrãs, poesia popular	-----	-----
114	1905	Maio	18	3	A Vida Portuguesa	Centenário de Antônio José (O Judeu)	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Centenário de Antônio José (O Judeu)”	Antônio José da Silva (O Judeu), Teófilo Braga	Homenagens a Antônio José da Silva (O Judeu)	-----
115	1905	Junho	1	2	A Vida Portuguesa	Cantares portugueses	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Cantares portugueses”	Quadras populares	Júlio Dantas	“Ceia dos cardeais”

116	1905	Junho	22	2	A Vida Portuguesa	Literatura	G.S	“A vida portuguesa”, resenha, “Literatura”, João Penha	resenha literária, repercussão de “Novas rimas” na Europa, crítica portuguesa, imprensa européia (jornais <i>Merchure di France e Reuve Franco-Italienne</i>)	João Penha, Tomazzo Cannizzaro, Phileas Lebesgne	“Novas rimas”, “O trovador”, “Margarida da Escócia”
117	1905	Junho	22	2	A Vida Portuguesa	O regicida	G.S	“A vida portuguesa”, nota, “O regicida”, Camilo Castelo Branco	lançamento da 4ª edição do livro “O regicida”	Camilo Castelo Branco, D. João IV, Domingos Leite	“ O regicida”
118	1905	Junho	22	2	A Vida Portuguesa	Os mártires	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “Os mártires”, Alice Moderno	Lançamento do livro “Os mártires”	Alice Moderno, Galileu, Campanela, João Huss, Inês de Castro, Abelardo, Lucrecia.	“Os mártires”
119	1905	Junho	22	2	A Vida Portuguesa	Versos íntimos/ Visconde S. Boaventura	G.S	“A vida portuguesa”, poema, nota, “Versos	Versos de G. S., carta de José Pereira Sampaio (Bruno)	Visconde de S. Boaventura/G. S., José Pereira Sampaio (Bruno)	-----

								íntimos/ Visconde S.Boaventura”			
120	1905	Julho	9	2	A Vida Portuguesa	Santo Antônio de Lisboa	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Santo Antônio de Lisboa”, João Lemos.	versos de João Lemos, homenagens à Santo Antônio de Lisboa	João Lemos, Santo Antônio de Lisboa, D. João II, Pantaleão Dias, Papa Eugêneo IV, Mateus Vicente, Pedro Alexandrino, Vieira Lusitano, Dona Margarida, Felipe III, Maria I, D. João V.	“Lua de Londres”
121	1905	Julho	14	2	A Vida Portuguesa	À Taberner	G.S	“A vida portuguesa”, poema, “À Taberner”, Acácio de Paiva	versos de Acácio de Paiva, homenagem à atriz Amparo Taberner	Acácio de Paiva, Amparo Taberner	-----

122	1905	Julho	20	2	A Vida Portuguesa	Festas populares	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “festas populares”	festejos em homenagem à São João	São João	-----
123	1905	Julho	20	2	A Vida Portuguesa	Versos íntimos	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, Versos íntimos, G. S	Homenagem de G. S. a alguns parentes	G. S., parentes de G. S.	-----

124	1905	Julho	24	2	A Vida Portuguesa	Centenário de Bocage	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “centenário de Bocage”	Homenagem ao centenário de Bocage	Bocage, Visconde de Castilho, Camões	-----
125	1905	Julho	24	2	A Vida Portuguesa	São Pedro	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “São Pedro”	homenagem a São Pedro	São Pedro	-----
126	1905	Agosto	05	02	A Vida Portuguesa	Bordallo Pinheiro	G.S.	“A vida portuguesa”, nota, “Bordallo Pinheiro”	Estátua em homenagem à Bordallo Pinheiro	Rafael Bordallo Pinheiro, Alfredo da Cunha, Magalhães Lima, Jayme Victor, Luiz Galhardo, Augusto Forjaz, Jorge Colasso, João Chagas, Alfredo Cândido	-----
127	1905	Agosto	05	02	A Vida Portuguesa	Versos lindos	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Versos Lindos”, Antônio Nobre	Versos de Antônio Nobre	Antônio Nobre	-----
128	1905	Agosto	05	02	A Vida Portuguesa	As obras de Alexandre Herculano	G.S.	“A vida portuguesa”, nota, “As obras de Alexandre Herculano”	Direitos autorais das obras de Alexandre	Alexandre Herculano, José Maria da Penha	“História de Portugal”, “Eurico, o presbítero”

									Herculano		
129	1905	Agosto	05	02	A Vida Portuguesa	Teófilo Braga	G.S.	“A vida portuguesa”, notas, “Teófilo Braga”	Mudança de endereço de Teófilo e família	Teófilo Braga	-----
130	1905	Agosto	17	03	A Vida Portuguesa	Trovas soltas	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Trovas soltas”	trovas populares	-----	-----
131	1905	Agosto	17	03	A Vida Portuguesa	Versos formosos	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Versos formosos”, Sebastião de Carvalho	Versos de Sebastião de Carvalho	Sebastião de Carvalho	-----
132	1905	Agosto	31	1	A Vida Portuguesa	Jóia antiga	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Jóia antiga”, Bernadim Ribeiro	Versos de Bernadim Ribeiro	Bernadim Ribeiro	“Ecogla”
133	1905	Setembro	06	2	A Vida Portuguesa	Fialho de Almeida	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Fialho de	Homenagem a Fialho de Almeida	Fialho de Almeida	“Os gatos”

								Almeida”			
134	1905	Setembro	11	1	A Vida Portuguesa	Ramalho Ortigão	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Ramalho Ortigão”	Homenagem a Ramalho Ortigão	Ramalho Ortigão, Eça de Queirós	“Holanda”, “Mistério da estrada de Cintra”, “As Farpas”
135	1905	Setembro	11	1	A Vida Portuguesa	Emydio Navarro	G.S.	“A vida portuguesa”, nota, “Emydio Navarro”	Nota de falecimento de Emydio Navarro	Emydio Navarro, E. de Gerardin	-----
136	1905	Setembro	11	1	A Vida Portuguesa	Trova popular	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Trova popular”	depreciação da obras de Julio Dantas	Júlio Dantas, Rostand da Feira da Ladra	-----
137	1905	Setembro	28	3	A Vida Portuguesa	Thomás Antônio Gonzaga	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Thomás Antônio Gonzaga”	Homenagens a Thomás Antônio Gonzaga	Thomás Antônio Gonzaga, José Pereira Sampaio (Bruno), Tito Augusto Duarte de Noronha, Pinho Leal, Antônio Borges do Canto Muniz, Pedro Augusto Ferreira	“Portugal antigo e moderno”
138	1905	Setembro	28	3	A Vida Portuguesa	Os burros	G.S.	“A vida portuguesa”, prosa, “Os burros”	excerto da obra “Os burros”	Ramalho Ortigão	“Os burros”

139	1905	Setembro	28	3	A Vida Portuguesa	Carta de Guerra Junqueiro	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Carta de Guerra Junqueiro”	Carta de solidariedade de Guerra Junqueiro à Manuel de Arriaga	Guerra Junqueiro, Manuel de Arriaga	-----
140	1905	Outubro	13	2	A Vida Portuguesa	Mimo poético	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Mimo poético”, Angelina Vidal	Versos de Angelina Vidal	Angelina Vidal, Magalhães Lima	-----
141	1905	Novembro	24	1 e 2	-----	Conferência literária (Saudade)	Alfredo Pujol	Conferência literária, Alfredo Pujol	Conferência literária proferida por Alfredo Pujol	Alfredo Pujol, Antero de Quental, Fagundes Varela, Olavo Bilac	“Cântico do Calvário”, “Ouvir estrelas” “Com os mortos”
142	1905	Dezembro	4	3	A Vida Portuguesa	Cantigas portuguesas	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Cantigas portuguesas”	Versos de João de Deus	João de Deus	-----
143	1905	Dezembro	9	3	A Vida Portuguesa	Primeiros versos de Pinheiro Chagas	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Primeiros versos de	versos de Pinheiro Chagas	Pinheiro Chagas	“A morgadinha de Val –flor”, “Madalena”

								Pinheiro Chagas”			
144	1905	Dezembro	20	1 e 2	-----	Conferência literária	Dr. Bettencourt Rodrigues	Conferência literária, Dr. Bettencourt Rodrigues	Conferência literária proferido pelo Dr. Bettencourt Rodrigues	Dr. Bettencourt Rodrigues, Camões, Guerra Junqueiro	“Os Lusíadas”
145	1905	Dezembro	30	1	A Vida Portuguesa	Soneto de G.Azevedo	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, Soneto de G.Azevedo	Versos de G.Azevedo	G.Azevedo	-----
146	1906	Janeiro	3	1	A Vida Portuguesa	O verbo “amar”	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “O verbo ‘amar’”	Versos de Alfredo da Cunha	Alfredo da Cunha	-----
147	1906	Janeiro	3	2	A Vida Portuguesa	Almeida Garrett	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Almeida Garrett”	Versos de Almeida Garrett	Almeida Garrett, Teixeira Lopes, príncipe d.Luís, el-rei d.Carlos I	“Camões”, “D.Branca”, “Frei Luís de Souza”, “Viagens a minha terra”
148	1906	Janeiro	8	2	A Vida Portuguesa	O centenário de Bocage	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “O centenário de Bocage”	homenagens ao centenário de morte de Bocage	Manuel Maria Barbosa du Bocage, Cristiano Muller, Camões, José Feliciano Castilho, Garrett, Teófilo Braga, Pedro Carlos Reis, barão de S.Clemente	epigramas diversos de Bocage

149	1906	Janeiro	18	2	A Vida Portuguesa	Centenário de Bocage	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “O centenário de Bocage”	homenagens ao centenário de morte de Bocage	Manuel Maria Barbosa du Bocage, Teófilo Braga, Carlos Roma du Bocage, Antônio de Azevedo Castello Branco	-----
150	1906	Janeiro	20	2	A Vida Portuguesa	Versos divinos	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Versos divinos”	transcrição de um fragmento do poema “Canção de uma alma”	Guerra Junqueiro	-----
151	1906	Janeiro	20	2	A Vida Portuguesa	Camilo Castelo Branco	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Camilo Castelo Branco”	Homenagens a Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco, Carvalho Pessoa, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, João de Deus, Castilho.	“O amor de perdição”, “A Brasileira de Prazins”
152	1906	Janeiro	20	2	A Vida Portuguesa	Teatros	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Teatros”	teatros e peças teatrais representadas em Portugal	Almeida Garrett, Artur Lobo d’Avila, Angela Pinto, Ferreira da Silva	“Frei Luís de Souza”, “O coração de Bocage”.

153	1906	Janeiro	31	2	A Vida Portuguesa	Poesia brasileira	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Poesia brasileira”	recepção da poesia brasileira em Portugal, imprensa portuguesa	Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, Luiz Mural, Assis Brasil, Fontoura Xavier, Wenceslau de Queirós, Arthur Azevedo, Basílio Machado, Carlos Gomes, César Bueno, conde de Sabugosa.	-----
154	1906	Janeiro	31	2	A Vida Portuguesa	O verdadeiro Bocage	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “O verdadeiro Bocage”	poema de Gomes Leal em homenagem a Bocage	Gomes Leal , Bocage	-----
155	1906	Fevereiro	4	2	A Vida Portuguesa	Portugal e Espanha	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Portugal e Espanha”	Relações diplomáticas entre Portugal e Espanha	Rodrigo da Fonseca Guimarães, Fontes Pereira de Mello, Barjona de Freitas, Fernandes de los Rios, Guilherme Braga, Victor Hugo	“Ecos de Aljubarrota”
156	1906	Fevereiro	4	2	A Vida Portuguesa	João de Deus	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “João de Deus”	Comentários sobre o poeta João de Deus	João de Deus, Camões	“Canção da Flores”, “Cartilha Maternal”

157	1906	Fevereiro	10	2	A Vida Portuguesa	Pró-pátria	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Pró pátria”	Versos em homenagem a D.Carlos I	Raposo de Oliveira, D.Carlos I	-----
158	1906	Fevereiro	10	2	A Vida Portuguesa	Camilo Castelo Branco	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Camilo Castelo Branco”	Homenagens a Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco, Teixeira Lopes, Júlio Mesquita	-----
159	1906	Fevereiro	20	2	A Vida Portuguesa	Rafael Bordallo Pinheiro	G.S	“A vida portuguesa”, notícia, “Rafael Bordallo Pinheiro”	aniversário de morte e carreira artística de Rafael Bordallo Pinheiro	Rafael Bordallo Pinheiro, Francisco Serra, Ramalho Ortigão	“Bismarck et la caricature”

160	1906	Fevereiro	20	2	A Vida Portuguesa	Futuro da nacionalidade portuguesa	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Futuro da nacionalidade portuguesa”	política portuguesa contemporânea e a literatura	Philéas Lebesgue, Oliveira Martins, Teixeira de Queirós, Consiglieri Pedroso, Abel Botelho, José de Magalhães, Silva Telles, Moraes de Almeida, Cristovam Ayres, João de Almeida Lima, José de Alpoim, A. J. Ferreira da Silva, Carlos Tavares, João Arroyo, Adrião de Seixas, Zepherino Brandão, Tófilo Braga, Malheiro Dias, José de Figueiredo, Eça de Queirós, Luís de Camões.	-----
161	1906	Fevereiro	20	2	A Vida Portuguesa	Almeida Garrett	G.S.	“A vida portuguesa”,	Homenagens a Almeida	Almeida Garrett	-----

								notícia, “Almeida Garrett”	Garrett		
162	1906	Março	7	2	A Vida Portuguesa	Camilo Castelo Branco	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, Camilo Castelo Branco”	Homenagens a Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco	-----
163	1906	Março	10	2	A Vida Portuguesa	Dois poetas	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Dois poetas”	Versos de Júlio Brandão e Teixeira Paschoaes	Júlio Brandão, Teixeira Paschoaes	-----
164	1906	Março	10	2	A Vida Portuguesa	Idílio lisboeta	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Idílio lisboeta”	Versos de Conde de Sabugosa	Conde de Sabugosa	-----
165	1906	Março	12	2	A Vida Portuguesa	Camilo Castelo Branco	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Camilo Castelo Branco”	Homenagens a Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco, Antônio de Azevedo Castelo Branco, Sabino de Souza.	-----
166	1906	Março	12	2	A Vida Portuguesa	Novidades literárias	G.S.	“A vida portuguesa”, rusenha, “Novidades literárias”	Resenhas literárias	José Pereira Sampaio (Bruno), Teófilo Braga, Alves Mendes, Eça de Queirós, Coelho Neto, João Grave, Edward Cloud,	“Serra da estrela (guia do touriste)”, “Poesias”, estátua de Pombal”,

									<p>Adelino de Abreu, Raymundo Corrêa, Samuel Usque, Afonso Lopes, Carolina Michaelis de Vasconcelos, José Branquinho</p>	<p>“Consolação das tribulações de Israel”, “Ar livre”, “As capelas imperfeitas e a lenda das divisas gregas”, “Os modernos publicistas portugueses”, “Portugal e a guerra das nações”, “Garrett e os dramas românticos”, “Camões”, “Gomes Freire”, “História popular de Portugal”, “Orações e discursos”, “Ecos de Paris”, “Cartas da Inglaterra”, “Romanceiro”, “O último Fauno”, “Homem primitivo”.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

167	1906	Março	24	2	A Vida Portuguesa	Teófilo Braga	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Teófilo Braga”	Homenagem a Teófilo Braga	Teófilo Braga, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, João de Deus, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Anatole France, Maxime Formont, dr.Cerra, visconde de Castilho, Luciano Cordeiro	-----
168	1906	Março	29	3	A Vida Portuguesa	Camilo Castelo Branco	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, Camilo Castelo Branco	Homenagens a Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco, Camões	-----
169	1906	Março	29	3	A Vida Portuguesa	Carnaval de 1906	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Carnaval de 1906”	política portuguesa e poesia satírica	José Luciano de Castro	-----
170	1906	Abril	4	2	A Vida Portuguesa	O Aquidaban	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “O Aquidaban”	versos de João Câmara, desastre do navio aquidaban	João Câmara, Afonso Taveira, Gervásio Lobato, José Maria de Alpoim, João Rosa, Lopes de Mendonça, João Batista de Lima Júnior, Francisco Pereira Peixoto, Ferreira da Silva,	-----

										Júlio Gama, Seraphim Ferreira Alves Bastos.	
171	1906	Abril	4	2	A Vida Portuguesa	Dois poetas	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Dois poetas”	Versos de Alberto de Oliveira e Eugênio de Castro	Alberto de Oliveira, Eugênio de Castro	-----
172	1906	Abril	10	2	A Vida Portuguesa	O desastre do “Aquidaban”	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “O desastre do “Aquidaban””	O desastre do navio “Aquidaban”, versos de Lopes de Mendonça	Lopes de Mendonça, Alberto Fialho, Manuel da Silva Pontes, Zeferino Cândido, Manuel de Arriaga, Augusto Rosa, Carlos Malheiro Dias	“O grande Cagliostro”, “Duque de Vizeu”
173	1906	Junho	18	3	A Vida Portuguesa	Teatros	G.S.	“A vida portuguesa”, notícia, “Teatros”	Teatros portugueses e homenagem a atriz Virgínia	João Câmara, Júlio Dantas, Teófilo Braga, Virginia	-----
174	1906	Julho	14	1	A Vida Portuguesa	As trovas de	G.S.	“A vida portuguesa”,	Versos populares		

						Coimbra		poema, “As trovas de Coimbra”		-----	-----
175	1906	Julho	20	3	A Vida Portuguesa	Fecho de ouro	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Fecho de ouro”	Versos de Antônio Feijó	Antônio Feijó	-----
176	1906	Agosto	3	3	A Vida Portuguesa	Nove de julho	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Nove de julho”	Versos de Guilherme Braga	Dom Miguel, Guilherme Braga	-----
177	1906	Agosto	11	2	A Vida Portuguesa	Novidades literárias	G.S.	“A vida portuguesa”, resenha, “Novidades literárias”	Resenhas literárias	João de Castro, João Chagas, H.Lopes de Mendonça, João Grave, Sílvio Romero, Manuel Airão, Coelho Neto, Júlio de Castilho	“Jornadas no Minho”, “Bom humor”, “Serões”, “O último Fauno”, “América Latina”, “Transfiguração”, “Theatro”, “Os dois Plínios”.
178	1906	Agosto	11	2	A Vida Portuguesa	História de Paulo e Virgínia	G.S.	“A vida portuguesa”, resenha, “História de Paulo e Virgínia”	Resenhas literárias	Bocage, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Eduardo de Noronha, Theófilo Braga, Gonçalves Crespo.	“História de Paulo e Virgínia”, “Ao correr do tempo”, “Na Rússia”.

179	1906	Agosto	16	1	Coisas estrangeiras	Teófilo Braga	Oliveira Lima	“Coisa estrangeiras”, ensaio, “Theófilo Braga”	Ensaio sobre Teófilo Braga	Theófilo Braga, Oliveira Lima, Anatole France, Garrett, Castilho, João de Deus, Amadis de Gaula, Bernadim Ribeiro, Herculano, Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões, Bocage, Filinto Elísio, Schelegel, Taine, Sílvio Romero	-----
180	1906	Agosto	18	2	A Vida Portuguesa	Julho em Cintra	G.S.	“A vida portuguesa”, poema, “Julho em Cintra”	Versos populares sobre a cidade de Cintra	Garrett, Byron	-----
181	1906	Agosto	31	2	A Vida Portuguesa	Versos bonitos	Visconde de S. Boaventura	“A vida portuguesa”, poema, “Versos Bonitos”	Versos de Alberto Marques Pereira	Alberto Marques Pereira	-----
182	1906	Agosto	31	3	A Vida Portuguesa	Guerra Junqueiro	Visconde de S. Boaventura	“A vida portuguesa”, notícia, “Guerra	Carta de Guerra Junqueiro/ política	Guerra Junqueiro	“Pátria”

								Junqueiro”	portuguesa		
183	1906	Setem bro	15	2	A Vida Portuguesa	D. Maria Amalia Vaz de Carvalho	Visconde de S. Boaventura	“A vida portuguesa”, notícia, “D. Maria Amalia Vaz de Carvalho”	Escritora portuguesa D. Maria Amalia Vaz de Carvalho	Maria Amalia Vaz de Carvalho, Gonçalves Crespo, Camilo Castello Branco	-----
184	1906	Outubro	14	2	A Vida Portuguesa	Poesia	Visconde de S. Boaventura	“A vida portuguesa”, poema, “Poesia”	João Penha, Eça de Queirós, Antero de Quental, Alberto Telles, Luiz de Andrade.	poemas de João Penha em homenagem a vários autores	-----
185	1906	Outubro	27	2	A Vida Portuguesa	Sinais do tempo	Visconde de S. Boaventura	“A vida portuguesa”, poema, “Sinais do tempo”	Versos de Bulhão Pato	Bulhão Pato	-----
186	1906	Novem bro	3	2	A Vida Portuguesa	Eça de Queirós	Visconde de S. Boaventura	“A vida portuguesa”, notícia, “Eça de Queirós”	Homenagem ao escritor Eça de Queirós	Antônio Teixeira Lopes, José Teixeira Lopes, Adelino Lemos, Eça de Queirós, Sthendal,	“A Ilustre Casa de Ramires”, “A Cidade e as Serras”, “Os Maias”, “Memórias

										Balzac, Flaubert, Zola, , Ramalho Ortigão, Eduardo do Prado, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, Afonso Celso, conde de Resende.	Póstumas de Bras Cubas”.
187	1907	Abril	8	1	Ecos de toda parte	Os siameses... literários	Cedef	“Ecos de toda parte”, notícia, “Os siameses...literários”	parceria literária entre os escritores “irmãos”	Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, irmãos Grimm, irmãos Goncourt, Victor e Paulo Margueritte	“Farpas”, “Mistério da estrada de Cintra”, “Prostituta”
188	1907	Julho	9	1	-----	Brasil-Portugal	-----	“Brasil-Portugal”, editorial, imprensa portuguesa	revista literária para divulgação das literaturas luso-brasileira	Carlos Malheiro Dias, Antônio Candido, João Arroyo, Aluísio de Azevedo, Coelho Neto, Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Vianna da Motta, Pedro Américo, Rodolfo Amoedo, Henrique Bernadelli, Rafael Bordallo, João da	-----

										Câmara, Lopes de Mendonça, Marcellino Mesquita, Artur Azevedo, Afonso Arinos, Paulo Barreto	
189	1907	Julho	15	2	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literaturas portuguesa e brasileira	Lirismo nas literaturas portuguesa e brasileira	Camões, Cruz e Sousa, João de Deus, Alberto Pimentel, D. José de Almada e Lencastre, conde de Vimioso, Luis d’Almeida, Augusto Hilário da Costa Alves, Dom Thomaz de Noronha, Augusto Gil, Alexandre Rey Collaço, Victor Hussia	-----
190	1907	Setembro	2	1	Coisas estrangeiras	O sr. Carlos Malheiro Dias	Oliveira Lima	“Coisas Estrangeiras”, notícia, “O sr. Carlos Malheiro Dias”, relações entre as literaturas brasileira e portuguesa	relações entre as literaturas brasileira e portuguesa	Carlos Malheiro Dias, Oliveira Lima, Garrett, Herculano, Castilho, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Eugênio de Castro, Magalhães de Azeredo, Rebelo da Silva, Dumas Pae, José Bálamo.	“Cartas de Lisboa”, “O Filho das Hervas”, “Os Teles da Albergaria”, “A paixão de Maria do Céu”, “O Grande Cagliostro”.
191	1907	Setembro	30	1	Bibliografia	Garcia Redondo,	-----	“Bibliografia”, resenha, obras de Garcia	livro de Garcia Redondo	Garcia Redondo, Mendes Leal, visconde de	“Salada de Frutas”, “O caso de abada” “O

						Redondo, “Saladas de Frutas”		de Garcia Redondo	Redondo intitulado “Salada de Frutas”.	Castilho, Camilo Castello Branco, Rebello da Silva, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Afonso Celso	do abade”, “O modelo”, “Viagem ao país da ternura”.
192	1907	Setem- bro	30	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, “Oskar Nobiling”, “Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade”	estudo crítico das “Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade”	Oskar Nobiling, Sílvio de Almeida, Carolina Micahelis de Vasconcelos, Francisco Sá de Miranda, Camões, Frederico Diez, Karl von Reinhardtstoettne r, Joan Garcia de Ghilhade, Dante, Adolfo Coelho, Boccaccio.	“Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade”, “Divina comédia”, “Cancioneiro d’Ajuda”, “Vida e obras de Luis de Camões”, “Decamerom”
193	1907	Outu- bro	13	2	-----	O mercado literário em Portugal	Visconde de S. Boaventura	“O mercado literário em Portugal”, notícia, literatura portuguesa	circulação das obras de autores portugueses em Portugal	Camões, Camilo Castello Branco, António Rodrigues Sampaio, Pinheiro Chagas, Eça de Queirós, Júlio Dinis, João de Deus, Alexandre Herculano, Oliveira	“Memórias de Bulhão Pato”, “Revolução”, “Morgadinha de Val- flor”, “O Primo Basílio”, “Os Maias”, “Amor de perdição”

										Martins, Teófilo Braga, Teixeira de Queirós, Abel Botelho, Bulhão Pato.	
194	1908	Fevereiro	6	1	-----	O pe. Antônio Vieira	-----	“O padre Antônio Vieira”, notícia, homenagem a Antônio Vieira	Homenagem ao pe. Antônio Vieira	pe. Antônio Vieira, D João IV	-----
195	1908	Fevereiro	10	2	-----	Antônio Vieira	José Feliciano	“Antônio Vieira”, artigo, literatura portuguesa	Nacionalida- de de Antônio Vieira	Antônio Vieira, André de Barros, Rocha Pitta, Mello Moraes, Silva Lobo, Romualdo de Seixas, Tiradentes, José Bonifácio	-----
196	1908	Abril	20	1	Bibliografia	“Estudos da língua portuguesa ”, por Júlio Moreira	-----	“Bibliografia”, resenha, “Estudos da língua portuguesa”, Júlio Moreira.	resenha literária da obra “Estudos da língua portuguesa”	Júlio Moreira, Gil Vicente, Camões, Padre Vieira, Teófilo Braga, Jorge	Estudos da língua portuguesa”, “Os Lusíadas”

										Ferreira, Antonio Prestes, D. Dinis.	
197	1908	Maio	4	1	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Camões	livro de Teófilo Braga acerca de Camões	Teófilo Braga, Camões, Latino Coelho, Antônio Vieira, Eça de Queirós, frei Tomé de Jesus, José Agostinho, Vasco da Gama	“Os Lusíadas”
198	1908	Agosto	10	1	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Camões	análise do canto III de Os Lusíadas	Camões, Cândido de Figueiredo, José Maria Rodrigues, Gonçalves Viana, Barbosa de Bettencourt, Bocage, D. Inês de Castro, D. Pedro	“Os Lusíadas”
199	1908	Setem- bro	16	1 e 2	Conferência literária	Os sentidos e a emoção n’alguns poetas portuguese s e brasileiros	Dr. Bettencourt Rodrigues	Conferência literária, poesia portuguesa e brasileira, Dr. Bettencourt Rodrigues	Conferência literária proferida pelo Dr. Bettencourt Rodrigues	Dr. Bettencourt Rodrigues, Luís Guimarães, João de Deus, Antero de Quental, Oliveira Martins, Camões, Gonçalves Crespo, Vicente de Carvalho, Raimundo Corrêa,	-----

										Castro Alves, Olavo Bilac, Baudelaire, Zola, Manuel Duarte de Almeida, Garrett	
200	1908	Outubro	19	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Camões	análise do canto III de Os Lusíadas	Camões, Sílvio de Almeida, José Maria Rodrigues, Cândido de Figueiredo, Gonçalves Viana, Frei Bartolomeu Ferreira, Barbosa de Bittencourt, Teófilo Braga	“Os Lusíadas”, “História da literatura portuguesa”.
201	1908	Outubro	20	1	Bibliografia	“Através da Europa” e “A inteligência dos animais e das plantas”, de Garcia Redondo	-----	“Bibliografia”, resenha, obras de Garcia Redondo	resenhas bibliográficas de obras de Garcia Redondo	Garcia Redondo, Juan Ponce de Leão, Eça de Queirós, Xavier de Maistro, Sterne, Carlos de Laet, Júlio Ribeiro	“Através da Europa” e “A inteligência dos animais e das plantas”
202	1909	Fevereiro	14	1	-----	A língua portuguesa	Oliveira Lima	“A língua portuguesa”, artigo, panorama da literatura	língua e literatura portuguesa	Oliveira Lima, Camões, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Gil	“Os Lusíadas”

								portuguesa		Vicente, Dom Manuel, Berdanim Ribeiro, Sá de Miranda, Boccaccio, Petrarca, Dante, Antônio Ferreira, conde de Azevedo	
203	1909	Março	15	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa e brasileira	Literatura de viagem	Almeida Garrett, Castilho, Alexandre Herculano, Val de Lobos, Ramalho Ortigão, Machado de Assis, Eça de Queirós, João de Deus, João Penha, Candido de Figueiredo, Simões Dias, Macedo Papança, Bettencourt Rodrigues, Bernadino Machado, Gonçalves Crespo, Garcia Redondo, Silva Ramos, Luiz de Andrade, , Antão de Vasconcelos	“Através da Europa”, “Verrinas”
204	1909	Março	29	1 e 2	-----	O poeta Crisfal	Raul Soares	“O poeta Crisfal”,	Comentários a respeito do	Raul Soares, Cristovam Falcão/	“Bernadim Ribeiro”, “Vidas

								artigo, Raul Soares	livro de Delfim Guimarães sobre Cristovam Falcão/ Bernadim Ribeiro	Bernadim Ribeiro, Delfim Guimarães, Teófilo Braga, João Grave, Epifanio Dias, Diogo do Couto, Damião de Souza Falcão, Manuel de Faria e Souza, Diogo Barbosa Machado	e obras de Camões”, “História de Menina e Moça”
205	1909	Março	29	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Crisfal	pequena análise da obra de Cristovam Falcão de Souza	Cristovam Falcão de Souza, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Bernadim Ribeiro, Diogo de Couto, Theófilo Braga, Maria Brandão,	“Trovas de Crisfal”

										Joanna Tavares, Delfim Guimarães, pe.Manuel Bernardes.	
206	1909	Abril	12	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Crisfal	análise e reprodução de alguns versos de Cristovam Falcão	Delfim Guimarães, Bernadim Ribeiro, frei Heitor Pinto, Luís de Camões, Ricardo Coração de Leão, Teófilo Braga.	“Trovas de Crisfal”, “Cancioneiro geral”, “Menina moça”

207	1909	Abril	15	2	-----	Confronto de poetas (ainda o Crisfal)	Raul Soares	“Confronto de poetas (ainda o Crisfal)”, artigo, Raul Soares	comentários a respeito do livro de Delfim Guimarães sobre as semelhanças dos poetas quinhentistas Crisfal e Bernadim Ribeiro	Delfim Guimarães, Crisfal, Bernadim Ribeiro, Sílvio de Almeida, Camões, Petrarca, Ariosto, Virgílio, Teócrito, Homero, Sá de Miranda, Olavo Bilac, Guerra Junqueiro, Carolina Michaelis, Alexandre Herculano, Teófilo Braga, Sílvio Romero, Raul Soares	“Trovas de Crisfal”, “La formation du stile”
208	1909	Abril	19	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Crisfal, Bernadim Ribeiro	Verdadeira identidade dos poetas Crisfal e Bernadim Ribeiro	Crisfal, Bernadim Ribeiro, Carolina Michaelis, Sá de Miranda, Teófilo Braga, Maria Brandoa, Anselmo B. Freire, Teixeira Bastos, Almeida Garrett, Delfim Guimarães	-----
209	1909	Junho	9	5	Bibliografia	“Terra Florida”, por João de Barros	-----	“Bibliografia”, resenha, “Terra Florida”, João de Barros	Resenha do livro “Terra Florida”, por João de Barros	João de Barros	“Terra Florida”, “Algas”, “Pomar dos sonhos”, “Palavras sãs”, “Caminhos do amor”, “Alegria”, “A Floresta”, “Cidades”,

											“Horizontes”.
210	1910	Março	7	1	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, pe. Antônio Vieira	Antônio Vieira enquanto orador	Antônio Vieira, Antônio Castilho, Georges Leroy, Dante	-----
211	1910	Março	21	1	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Maria da Cunha	lançamento do novo livro de Maria da Cunha	Maria da Cunha, Cândido de Figueiredo, Júlio Dantas, Conde de Monsaraz.	“Trindades”
212	1910	Março	28	3	-----	Alexandre Herculano	-----	Artigo, “Alexandre Herculano”, homenagem a Alexandre Herculano	Homenagem a Alexandre Herculano	Alexandre Herculano, d. Pedro IV, d. Miguel, d. João VI, Aristóteles	“Monge de Cister”, “História de Portugal”, “Os opusculos”, “Corpo diplomático português”, “Portugaliae monumenta historica”, “Estudos sobre o casamento civil”
213	1910	Abril	11	1	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Carolina Michaelis de Azevedo	novo livro de Carolina Michaelis de Azevedo, “Estudos sobre o romanceiro peninsular”	Carolina Michaelis de Azevedo, Almeida Garrett, Teófilo Braga, José Leite de Vasconcellos, Petrarca, Lamartine, Victor Hugo,	“Estudos sobre o romanceiro peninsular”, “Atenas do sul”, “Cancioneiro da Ajuda”.

								Azevedo		Chateaubriand, , Maria Goyri de Menendez.	
214	1910	Abril	28	5	-----	Alexandre Herculano	-----	Notícia, “Alexandre Herculano”, homenagens a Alexandre Herculano em São Paulo	homenagens a Alexandre Herculano em São Paulo	Alexandre Herculano, Dino Bueno, Rafael Correa, Estevam de Almeida, Alfredo de Assis, Rafael de Sampaio, Feritas Guimarães, Norberto Jorge, Armando Prado, Sá Campello, Tomaz Ribeiro de Lima, Leopoldo de Freitas, Luiz Gonzaga de de Barros Marquez, Manuel Viotti, José F. de Mello Nogueira, Haroldo de Amaral, Amadeu Amaral	-----
215	1910	Abril	29	7	-----	Alexandre Herculano na Faculdade de Direito	-----	Notícia, “Alexandre Herculano na Faculdade de Direito”, homenagens a Alexandre Herculano em São Paulo	Homenagens a Alexandre Herculano em São Paulo	Alexandre Herculano, Valério Vieira, Dino Bueno, Alcebiades Delamare, Norberto Jorge, Freitas Guimarães, João Arruda, Oliveira Coutinho, Reynaldo Porchat, Gabriel de Resende, Camargo Aranha, Estevam de	“Eurico, o presbítero”, “História de Portugal”

										Almeida, Rafael Correa, Gama Cerqueira, Brasílio Machado, Vicente de Paiva, Aristides Pompeu do Amaral	
216	1910	Maio	2	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Alexandre Herculano	homenagens ao centenário de nascimento de Alexandre Herculano	Alexandre Herculano, Garrett, Garibaldi, Byron, João de Lisboa, Sá de Miranda, Val de Lobo, Castilho, Júlio Caldas Aulete	“História de Portugal”, “Um auto de Gil Vicente”
217	1910	Maio	29	2	Exterior	Falecimen- to de um escritor	-----	“Exterior”, nota, “Falecimento de um escritor”, João de Freitas Branco	nota de falecimento do escritor João de Freitas Branco	João de Freitas Branco, Ibsen, Rudyard, Kipling, Maeterlink, Bjornson	“Casa de Boneca”, “Uma falência”, “Os penedos do inferno”, “O fim de Sodoma”, “Aranha de Ouro”, “Festa de imaginação”, “Os inocentes”, “O gatuno”, “O homen das mangas”
218	1910	Agosto	22	1	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa,	Análise de alguns versos de “Os Lusíadas”	Camões, Francisco Gomes, Freire de Carvalho, João	“Os Lusíadas”

								Camões		Ribeiro, Garrett	
219	1910	Agosto	29	3	-----	Brasil- Portugal	-----	“Brasil- Portugal”, artigo, Abel Botelho, Lobo d’Avila Lima	Relações lusobrasileira	Abel Botelho, Lobo d’Avila Lima, Consiglieri Cardoso, Ernesto de Vasconcelos.	“Mulheres da Beira”, “Jucunda”, “Vencidos da Vida”, “Claudina”, “Fruta do tempo”, “No parnaso”, “Imaculável”, “Lyra insubmissa”, “Germano”, “Barão de Lavos”, “O livro da Alda”, “Amanhã”, “Os Lázarus”, “Sem remédio”, “Fatal dilema”, “Próspero fortuna”, “Da concorrência desleal

220	1910	Agosto	29	3 e 4	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Camões	análise de alguns cantos de “Os Lusíadas”	Camões, João Ribeiro, Candido de Figueiredo, Barbosa Bettencourt	“Os Lusíadas”, “Fabordãos”
221	1910	Outubro	28	3	-----	Um soneto inédito de Antero de Quental	-----	“Um soneto inédito de Antero de Quental”, notícia	divulgação de um soneto inédito de Antero de Quental	Antero de Quental, Miguel da Costa Maya, Oliveira Martins, Batalha Reis, Alberto Sampaio.	-----
222	1910	Outubro	31	3	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, “Nau Catrineta”	Comentários acerca do poema popular “Nau Catrineta”	Teófilo Braga, pe. Mariano da Rocha, Sílvio Romero, Carlos dae Koseritz, Garrett, Carolina Michaelis de Vasconcelos	“Nau Catrineta”, “História da poesia portuguesa”, “D. Anna”, “Vida de Agrícola”, “História tragico-marítima”
223	1910	Novembro	21	3	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Eça de Queirós	Considerações sobre a Arte e Eça de Queirós como artista da linguagem	Eça de Queirós, Manuel Bernardes, Latino Coelho, Georges Leroy, Aristóteles.	-----
224	1910	Dezembro	7	3	Exterior: Portugal	Costa Goodolphim	-----	“Exterior: Portugal”, nota, “Costa Goodolphim”	nota de falecimento do escritor e jornalista José	José Cipriano da Costa Goodolphim, José Cabral da Costa Goodolphim,	“História e desenvolvimento das associações portuguesas”, “As

								Goodolphim”	Cipriano da Costa Goodolphim	Maria Isabel da Costa Freire, Manuel Cipriano da Costa	caixas econômicas escolares”, “A previdência”.
225	1910	Dezembro	12	3	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Carolina Michaelis de Vasconcelos	livro de crítica literária de Carolina Michaelis de Vasconcelos	Carolina Michaelis de Vasconcelos, Cristovam Falcão/Bernadim Ribeiro, Teófilo Braga, Delfim Guimarães, Gonçalves Viana, Raul Soares	“Cem melhores poesias líricas de língua portuguesa”, “Menina e moça”, “Cancioneiro de Resende”, “Flores várias de diversos autores lusitanos”
226	1910	Dezembro	19	1 e 2	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, polêmica Cristovam Falcão/Bernadim Ribeiro	polêmica entre os Cristovam Falcão/Bernadim Ribeiro	Cristovam Falcão/Bernadim Ribeiro, José Simões Dias, Carolina Michaelis de Azevedo, Francisco de Sá, José Maria d’ Andrade Ferreira, Teófilo Braga, Camões, Diogo Bernades	“Cancioneiro Geral”, “Trovas de dois pastores”
227	1910	Dezembro	27	3	Divagações	-----	Sílvio de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, polêmica Cristovam Falcão/Bernadim	polêmica entre Cristovam Falcão/Bernadim Ribeiro	Cristovam Falcão/Bernadim Ribeiro, Carolina Michaelis de Azevedo, Teófilo Braga, Camões,	“Menina e moça”, “Memento do Cancioneiro Geral”, “Trovas de Crisfal”

								Ribeiro		Raul Soares,	
228	1911	Janeiro	9	3	Divagações	-----	Sílvia de Almeida	“Divagações”, artigo, literatura portuguesa, Crisfal/Bernadim Ribeiro	Análise dos versos de Crisfal/Bernadim Ribeiro.	Crisfal/Bernadim Ribeiro, Correia de Oliveira, Rey Collaço, Epiphania da Silva Dias, Teófilo Braga.	“Trovas de Crisfal”
229	1911	Fevereiro	2	3	Notícias da Europa: Portugal	Homenagem a Guerra Junqueiro	-----	“Notícias da Europa: Portugal”, notícia, homenagem à Guerra Junqueiro	Homenagem a Guerra Junqueiro	Guerra Junqueiro, Nunes da Ponte, Leonardo Coimbra, Alexandre Barros	-----
230	1911	Fevereiro	19	3	-----	Guerra Junqueiro, poeta e diplomata	João Grave	“Guerra Junqueiro, poeta e diplomata”, artigo, João Crave	carreira política e literária de Guerra Junqueiro	João Crave, Guerra Junqueiro, Victor Hugo, Goethe, Antero de Quental, Kant.	“Velhice do Padre Eterno”, “Musa em férias”.
231	1911	Abril	13	3	Crônicas portuguesas	Fialho de Almeida	João Grave	“Crônicas portuguesas”, artigo, “Fialho de Almeida”	Carreira literária de Fialho de Almeida	Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Guilherme	“Gatos”, “Contos”, “Cidade do vício”, “Vida irônica”, “Lisboa elegante”,

										de Azevedo, João Crave.	“Pasquinadas”, “País das uvas”, “Madona do Campo Santo”, “A esquina”, “Pobres”, “Os ceifeiros”
232	1911	Maio	9	2	-----	Evocações literárias	João Grave	“Evocações literárias”, artigo, Eugênio de Castro	Carreira literária de Eugênio de Castro	Eugênio de Castro, Flaubert, Schopenhauer, Hegel, Kant, Spinoza, Descartes, Nietzsche, Platão.	“Belkiss”
233	1911	Junho	7	3	Notícias da Europa: Portugal	Homenagem à Camões	-----	“Notícias da Europa: Portugal”, notícia, “Homenagem à Camões”	Homenagem à Camões	Camões, Ventura Terra, Carlos Alves, Manuel E.da Silva	-----
234	1911	Junho	23	4	Notícias da Europa: Portugal	Aniversário de morte de Camilo	-----	“Notícias da Europa: Portugal”, notícia, “Aniversário de morte de Camilo”	Homenagem a Camilo Castelo Branco	Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida, Emile Zola, Eça de Queirós	-----
235	1911	Junho	28	3	Notícias da Europa: Portugal	A homenagem a Camões	-----	“Notícias da Europa: Portugal”	A homenagem a Camões	Camões, Garrett, Teófilo Braga, dr. Guimarães	“Os Lusíadas”

					Portugal	Camões		Europa: Portugal”, notícia, “A homenagem a Camões”	a Camões	dr. Guimarães Lima, João Rodrigues da Costa, Batalha Reis, Anselmo Braacamp Freire	
236	1911	Julho	12	4	-----	Os “Vencidos da Vida” (A propósito da morte de conde de Arnoso)	João Grave	“Os “Vencidos da Vida””, artigo, conde de Arnoso	Os “Vencidos da Vida”, falecimento de conde de Arnoso	conde de Arnoso, Carlos Mayer, Antero de Quental, Lobo de Moura, João Burnay, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Antonio Cândido, conde de Ficalho, Guerra Junqueiro, Carlos Valbon, Luis Soveral	“O Crime do padre Amaro”, “A Relíquia”, “Jornadas pelo mundo”, “Azulejos”, “De braços dados”
237	1911	Agosto	7	2	-----	As praias em Portugal	João Grave	“As praias em Portugal”, crônica, João Crave	imagem poética do litoral português em obras literárias	João Crave, Eça de Queirós, Almeida Garrett, Antero de Quental, Antônio Nobre, Camões.	“O Mandarim”, “Só”, “Portugalia”
238	1911	Outu- bro	10	4	Bibliografia	Criminosos e degenerado	-----	“Bibliografia”, resenha, “Criminosos e	análise das personagens camilianas	Camilo Castelo Branco, Jorge Faria	“Criminosos e degenerados em Camilo”, “Amor

						s em Camilo		degenerados em Camilo”, Jorge Faria	infradoras		de Perdição”, “A neta do Arcediágo”, “A caveira da mártir”, “Novelas do minho”, “Eusébio Macário”, “Corja”, “Mistérios de Lisboa”
239	1911	Dezembro	2	6	-----	O herói moderno na literatura	João Grave	“O herói moderno na literatura”, artigo, João Crave	A figura do herói moderno na literatura	João Crave, Platão, Victor Hugo, Veiga Simões, Eça de Queirós, S.Frei Gil, Teófilo Braga, Antônio Corrêa de Oliveira, Almeida Garrett, Goethe, Graça Barreto, Homero, Virgílio, Zola, Antero de Quental, Guerra Junqueiro	“A nova geração”, “Últimas páginas”, “Crime do padre Amaro”, “Viagens a minha terra”, “D. Branca”, “Fausto”, “Germinal”.
240	1911	Dezembro	13	5	Notícias da Europa: Portugal	O “Cantador de Setúbal”	-----	“Notícias da Europa: Portugal”, notícia, “O “Cantador de Setúbal””	falecimento do poeta popular Antônio Maria Eusébio	Antônio Maria Eusébio, Guerra Junqueiro, Henrique Naves, Paulino de Oliveira, Ana de Castro Osório.	“Versos do Cantador de Setúbal”

241	1911	Dezembro	17	1 e 2	-----	Morte do escritor Silva Pinto	João Grave	“Morte do escritor Silva Pinto”, artigo, João Grave	falecimento do escritor português Silva Pinto	Camilo Castelo Branco, Silva Pinto, João Grave, Cesário Verde, Edgar Allan Poe, Sara Bernard, Stendal	“Eclesiastes”, “Contos fantásticos”, “Dama das Camélias”, “Esqueleto”.

6- Referências bibliográficas

- ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982
- ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: SENAC, 2003.
- AGUIAR, Armando de. *Portugueses no Brasil*. Lisboa: Tip. da Imprensa Nacional, 1945.
- AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Edição Saraiva, 1960.
- AMERICANO, J. *São Paulo naquele tempo (1895 - 1915)* São Paulo: Saraiva, 1957.
- ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 4.ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- _____. *O empalhador de passarinhos*. 3.ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- ANGELO, I. *São Paulo: 110 anos de industrialização*. São Paulo: Editora Três, 1992.
- ARCOS, Joaquim Paço d'. Carlos Malheiros Dias, escritor luso-brasileiro. In: *Ocidente, LX* (274-277) (1961): 1-76.
- BAHIA, J. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4. ed. São Paulo: FFCLH USP, 1979.
- BAHIA, J. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4. ed. rev. aum. São Paulo: Ática, 1990.
- BARROS, João de. *Presença do Brasil*. Lisboa: Dois Mundos, 1946.
- _____. *Sentido do Atlântico: uma campanha luso-brasileira*. Paris: Aillaud e Bertrand, 1921.

- BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BENJAMIN, W. *Magia e tecnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, 7 v.
- BRAYNER, Sônia. *Labirinto do Espaço Romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- BOUDIEU, P.(Trad. Sergio Miceli) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOSI, A. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil republicano, sociedade e instituições (1889 - 1930)*. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- _____. *O pré-modernismo*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos tempos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BRITO, M.S. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana da Arte Moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- BROCA, B. *A vida literária no Brasil - 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- _____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo* (coord. Alexandre Eulálio). Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

- BRUNO, Ernani da Silva. *Tradições e reminiscências da cidade de São Paulo*. São Paulo: Hicitec/Secretaria Municipal de Cultura, 3 vol, 1984.
- CALDAS, W. *Literatura da cultura de massa: uma análise sociológica*. São Paulo: Musa editora, 2000.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed, Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- _____. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Heumanitas – FFLCH – USP, 2002.
- CANDIDO, A; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1974-75. v.2-3
- CARNEIRO, Pinto. *Brasil-Portugal*. Coimbra, 1955.
- CARVALHO, J.M. et alii. *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- CASTELLO, J. A. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.**
- CHARTIER, R. (Trad. Patrícia Chittoni Ramos) *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- COELHO, Jacinto do Prado (org) *O Rio de Janeiro na literatura portuguesa: coletânea*. Rio de Janeiro: Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro,. 1965.
- COELHO, N.N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

- COSTA, Luís A. Severo et. al. *Brasil:1900-1910*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1980.
- COSTA, Marta Morais da (org.) *Estudos sobre o Modernismo*. Curitiba: Criar, 1982.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro : Editora Sul-americana, 1955.
- _____. *O processo de descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- _____. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: J. Olympio; EDUSP, 1968.
- COUTINHO, C. N. et alli. *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- CRUZ, Heloisa de Faria (org). *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana (1870-1930)*. Coleção Memória, Documentação e Pesquisa. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- DEL FIORENTINO, T. A. *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900 - 1920)*. São Paulo: Hucitec; Secretaria do Estado da Cultura, 1982.
- DE LUCA, T. R. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- DE MARCO, V. *O império da cortesã: Lucíola, um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- DIAS, Carlos Malheiros. *História da colonização portuguesa no Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1921.
- DIMAS, A. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio,88).

- DUARTE, Paulo. 127 anos de imprensa paulista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 jan.1954. Suplemento do IV centenário, p.84)
- FADUL, A. *O futuro no presente? Perspectivas para uma teoria dos meios de comunicação de massa*. São Paulo: FFLCH-USP, 1980. (Tese de Doutorado)
- FORJAZ, Augusto. *Portugal e Brazil*. Lisboa: Typografia C. Irmão, 1894.
- FRANÇA, Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Horizonte, 1965.
- FREYRE, Gilberto. *A integração portuguesa nos trópicos*. Lisboa: Ministério do Ultramar; Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1958.
- _____. *O Luso e o trópico*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do infante D. Henrique, 1961.
- _____. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940.
- _____. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- FREITAS, A. A. *A imprensa periódica de São Paulo: dos seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1915.
- FREITAS, A. A. *Tradições e reminiscências paulistas*. São Paulo: Governo do estado, 1978.
- GLEZER, R. As transformações da cidade de São Paulo na virada dos séculos XIX e XX. In: *Cadernos de História de São Paulo*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, out. dez. 1994/ ago.out. 1995, n. 3 e 4, p. 17-28.
- GOES, Fernando. *Panorama da poesia brasileira*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1959
- GOLDESTEIN, Gisela T. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo, Summus, s/d.

HABERMAS, Jürgen. Do jornalismo literário aos meios de comunicação em massa. In: FILHO, Ciro Marcondes (org). *Imprensa e capitalismo*. São Paulo: Kairós, 1984.

HALL, M. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, P. (org) *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. (vol 3) São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. (Trad. Johannes Kretschmer). São Paulo : editora 34, 1999.

IVO, Ledo. *Modernismo e modernidade*. Rio de Janeiro : São José, 1972.

JAUSS, Hans Robert. (Trad. de Luís Costa Lima). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

_____. *Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik*: Frankfurt, Suhrkamp, 1982 _____ . *Aesthetic experience and literary hermeneutics*: Minneapolis, University of Minnesota Press, 1982

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: uma análise de conteúdo*. Rio de Janeiro : Eldorado, 1973.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003. 3ª edição.

LEITE, S. H. T. A. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900 - 1920)*. São Paulo: Editora Unesp, 1996. (Prismas).

LIMA, A. A. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com - Arte; EDUSP, 1990.

LIMA, L. C. (org) *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

_____. (org) *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: paz e Terra, 2002, 6^a edição.

LIVERMORE, H.V. *Portugal and Brazil*. Oxford: Clarendon

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870 – 1930*. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1973.

MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977. v. 5.

_____. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

MATTA, J. Caeiro da. *A comunidade luso-brasileira*. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1955.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. (Trad. Luiz Paulo Rouanet). São Paulo: Loyola, 2002.

McLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, s/d.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro :Topbooks, 1996.

METZNER-LEONE, Eduardo. *O Brasil e o colonialismo português*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1962.

MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOLES, A. *Sociodynamique de la culture*. Paris, Haia: Mouton, 1967.

MORIN, E. et alii. *Cultura e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

- MORSE, R.M. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.
- MOURA, Carlos E. M. de (org). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ateliê/Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado/Secretaria do Estado da Cultura, 1978.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura, 1952.
- NEVES, João Alves das. *As relações literárias de Portugal com o Brasil*. Lisboa: Icalp, 1992.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01 jan. 1900-31 dez. 1922.
- O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 01 jan. 1939, p.1.
- OLIVEIRA, Alberto de. Os portugueses no Brasil. In: *Atlantida I*, 3 (1915) : 195-204.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PADILHA, M. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.
- PASSIANI, E. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: Edusc, 2003.
- PEIXOTO, A. *Panorama da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- _____. “O sorriso da sociedade”. In: SENNA, H. *República das letras. Entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 75-90
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1997.

- PINTO, A. M. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.
- PIRES, D. *Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX*. Lisboa: Contexto, 1986.
- PORTA, P. (org) *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. (vol 3) São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- PRADO, P. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. (org. Carlos Augusto Calil). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (8ª edição)
- RABAÇA, C. A; BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- RABAÇA, S.R. *Variantes críticas: a dialética do esclarecimento e o legado da escola de Frankfurt*. São Paulo: Annablume, 2004.
- REBELLO, A. V. *As primeiras tentativas de Independência do Brasil*. Lisboa: 1915.
- REMATE DE MALES. (Revista do Departamento de Teoria Literária)- Universidade Estadual de Campinas- Instituto dos Estudos da Linguagem- Campinas- São Paulo – n.24- 2004 (Número especial sobre Oliveira Lima)
- ROMERO, Sílvio . *O elemento português no Brasil*. Lisboa: 1902.
- SANDES, N. F. *A invenção da nação entre a monarquia e a república*. São Paulo: FFLCH – USP, Tese de doutoramento, 1997.
- SANT’ANNA, B.C.L. *A imprensa Romântica de língua portuguesa (uma leitura comparativa entre os periódicos O Panorama (1837-1868) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2002 (Dissertação de Mestrado)
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de SP, 1978.

SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas: UNICAMP, 2004

SARAIVA, A. J. ; LOPES, Ó. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto, 1996.

SARAIVA, H. J. *História concisa de Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1987. (Saber, 123).

SCHWARZ, R. (org). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, N. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, M. *O Sorriso da Sociedade: Literatura e academicismo no Brasil na virada do século (1890-1920)*. São Paulo : FFLCH-USP, 2001
(Tese de Doutorado)

SILVA, M. B. N. da. *A primeira gazeta da Bahia. Idade d'ouro do Brasil*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

SILVEIRA, Pedro da. *Últimos luso-brasileiros*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.

SIMÕES, Nuno. *Atualidade e permanência do luso-brasilismo*. Lisboa: Simões, 1960.

SODRÉ, N. W. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002. 10ª ed

- SOUZA, Okky de. *São Paulo 450 anos luz: a redescoberta de uma cidade*. São Paulo: Editora de Cultura, 2004.
- SUSSEKIND, F. *Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. O figurino e a forja. In: *Sobre o pré-modernismo*, p. 33.
- TELES, Gilberto M. *Vanguarda européia e o Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. (Trad. Grupo de Estudos sobre Teologia- PUCRS). Petrópolis: Vozes, s/d.
- THORGA, Miguel. *Traço de união: temas portugueses e brasileiros*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1969.
- TRIGUEIROS, L.T.; DUARTE, L.P. (org). *Temas portugueses e brasileiros*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro : Alves & Cia, 1929.
- _____. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.
- VIANNA, H. *Contribuição à história da imprensa brasileira, 1812-1869*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- _____. *Capítulos de história luso-brasileira*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1968.
- _____. *D. Pedro I, jornalista*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca – o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

WEBER, M. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. 2ª ed

YAMASHIRO, José. *Trajetória de duas vidas: uma história de imigração e integração*. São Paulo: Cultura Editores, 2001.

ZILBERMANN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989

_____. et alii. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.